



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Guilherme Mazui Roesler

Manoel de Barros e o jornalismo:
O poeta e a imprensa escrita

Brasília, 2024

Guilherme Mazui Roesler

**Manoel de Barros e o jornalismo:
O poeta e a imprensa escrita**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro

Brasília, 2024

(página reservada para a ficha catalográfica)

Guilherme Mazui Roesler

Manoel de Barros e o jornalismo:

O poeta e a imprensa escrita

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro

Banca examinadora

Prof. Dr. Gustavo de Castro da Silva (orientador e presidente da banca)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho (membro interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Leandro de Bessa (membro externo)
Universidade Católica de Brasília (UCB)

Prof. Dra. Danielle Naves de Oliveira (suplente)
Universidade de Brasília (UnB)

Brasília, 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Gustavo de Castro, meu orientador, que me apresentou uma nova perspectiva para, como filosofou Manoel de Barros, “transver” o mundo. Os conselhos, a oportunidade de pesquisar a trajetória do poeta, as leituras dos últimos dois anos e as reflexões sobre arte e biografias deixaram ensinamentos que vão além desta dissertação.

Sou grato ao Professor Gustavo e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB) por viabilizarem a realização do sonho de estudar em uma universidade pública e de excelência. Agradeço aos colegas do portal g1, sobretudo ao meu editor Vitor Matos e à minha dupla Pedro Henrique Gomes, pelo apoio e pela compreensão nesta jornada de repórter e pesquisador.

Dedico este trabalho a Maria Luísa e Vanessa, minhas inspirações e motivações diárias; aos meus pais, Rogério e Helri, que incentivaram o gosto pela leitura e frisaram a importância da educação; ao meu irmão Giuliano; às minhas tias Cláudia e Vera pelo exemplo de dedicação acadêmica; aos meus avós Helg, Ari, Marlene e Harry; aos meus sobrinhos e afilhados; e à família Beltrame, que me acolheu há tantos anos.

OS DOIS

Eu sou dois seres.

O primeiro é fruto do amor de João e Alice.

O segundo é letral:

É fruto de uma natureza que pensa por imagens,

Como diria Paul Valéry.

O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades.

*O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades
frases.*

E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

Manoel de Barros, *Poemas rupestres*

RESUMO

Esta pesquisa investiga publicações de jornais e revistas sobre o poeta Manoel de Barros (1916-2014) e aspectos da vida e obra do autor que foram destacados. A pesquisa mapeia a presença do escritor mato-grossense no jornalismo impresso e identifica perfis usados pela mídia para descrevê-lo, movimento que alimentou o imaginário do artista. Para encontrar os perfis e atualizar a fortuna crítica de Manoel nos jornais e revistas, foi realizado levantamento bibliográfico de registros que mencionaram o poeta (notícias, entrevistas, notas, textos opinativos e fotografias), publicados entre as décadas de 1920 e 2020. O acervo reuniu 1.848 registros, publicados por 126 veículos. O conteúdo foi organizado em um inventário digital, que fornece imagens/rastros/hologramas da vida do autor, material analisado sob a perspectiva do pensamento complexo. A pesquisa foi dividida em três etapas: busca de registros em acervos jornalísticos e acadêmicos; descrição e catalogação dos itens; escolha de categorias e análise da coletânea. O método permitiu descrever as aparições de Manoel de Barros no jornalismo impresso, listar e analisar 114 entrevistas do poeta, listar e analisar colaborações do escritor para imprensa e apontar descrições preferencias veiculadas pela mídia impressa (o poeta-caramujo; o poeta rosiano; e o poeta das infâncias). A pesquisa ainda oferece subsídios para checagens de informações e para estudos de cunho biográfico do autor.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Jornalismo; Mídia impressa; Entrevistas; Estudos biográficos; Imaginário.

ABSTRACT

This research investigates newspaper and magazine publications about the poet Manoel de Barros (1916-2014) and the aspects of the author's life and work that have been highlighted. The study maps the presence of the writer from Mato Grosso in the journalism and identifies profiles used by the media to describe him, a movement that has shaped the artist's imagery. To find these profiles and update the critical fortune of Manoel in newspapers and magazines, a bibliographic survey was conducted to gather records that mentioned the poet (news articles, interviews, notes, opinion texts, and photographs) published between the 1920s and 2020. The collection included 1,848 records published by 126 media outlets. The content was organized into a digital inventory that provides images/traces/holograms of the author's life, material analyzed through the lens of complex thought. The research was divided into three stages: searching for records in journalistic and academic collections; describing and cataloging the items; choosing categories and analyzing the collection. The method allowed for the description of Manoel's appearances in printed journalism, the listing and analysis of 114 interviews with the poet, the listing and analysis of the writer's contributions to the press, and the identification of preferred descriptions conveyed by the media (the poet-snail; the Rosian poet; and the poet of childhoods). The research also provides support for information verification and biographical studies of the author.

Keywords: Manoel de Barros; Journalism; Print media; Interviews; Biographical studies; Imaginary.

LISTA DE IMAGENS

Reproduções 1 – Obituários de Manoel de Barros em jornais	33
Reproduções 2 – Manoel com a mãe, na escola e na fazenda.....	39
Reproduções 3 – Manoel de Barros em registros de jornais	47
Reproduções 4 – Manoel de Barros em registros de Marcelo Buainain	53
Reproduções 5 – Manoel em registros da imprensa escrita	56
Reproduções 6 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1920	62
Reproduções 7 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1930	63
Reproduções 8 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1940	65
Reproduções 9 – Manoel de Barros em foto e ilustração dos anos 1940.....	66
Reproduções 10 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1950	68
Reproduções 11 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1960	69
Reproduções 12 – Manoel de Barros em fotografias nos anos 1960	71
Reproduções 13 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1970	72
Reproduções 14 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1980	75
Reproduções 15 – Manoel em fotos de Marcelo Buainain na revista <i>Manchete</i>	77
Reproduções 16 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1990	79
Reproduções 17 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1990	81
Reproduções 18 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 1990	82
Reproduções 19 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2000	84
Reproduções 20 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2000	86
Reproduções 21 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 2000	87
Reproduções 22 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2010	88
Reproduções 23 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2010	91
Reproduções 24 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 2010	92
Reproduções 25 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2020	95
Reproduções 26 – Entrevistas de Manoel de Barros nos anos 1980.....	101
Reproduções 27 – Entrevistas de Manoel de Barros à imprensa	108
Reproduções 28 – Entrevistas de Manoel de Barros à imprensa	119
Reproduções 29 – Entrevistas de Manoel de Barros por escrito.....	125
Reproduções 30 – Colaborações de Manoel de Barros à imprensa	131

Reproduções 31 – Coluna Viola de Côcho	136
Reproduções 32 – Colaborações de Manoel de Barros à imprensa	140
Reproduções 33 – Crônicas de Manoel de Barros na imprensa.....	146
Reproduções 34 – Manoel de Barros em registros vinculados ao Pantanal.....	152
Reproduções 35 – Manoel de Barros em registros de poeta-caramujo	157
Reproduções 36 – Manoel de Barros em registros de poeta-caramujo	160
Reproduções 37 – Manoel de Barros em registros de poeta rosiano	162
Reproduções 38 – Manoel de Barros em registros de poeta rosiano	168
Reproduções 39 – Manoel de Barros em registros de poeta das infâncias	172
Reproduções 40 – Manoel de Barros em registros de poeta das infâncias	174

SUMÁRIO

Introdução	13
1 Manoel de Barros nas páginas de jornais e revistas	29
1.1 Resumo biográfico.....	36
1.2 Um inventário de jornais e revistas (1920-2020)	46
2 Três fases de Manoel de Barros nos jornais e revistas.....	61
2.1 Pré-fama: 1920 a 1970	61
2.1.1 <i>Anos 1920</i>	62
2.1.2 <i>Anos 1930</i>	62
2.1.3 <i>Anos 1940</i>	63
2.1.4 <i>Anos 1950</i>	66
2.1.5 <i>Anos 1960</i>	68
2.1.6 <i>Anos 1970</i>	71
2.2 Reconhecimento tardio: 1980 a 1990	72
2.2.1 <i>Anos 1980</i>	73
2.2.2 <i>Anos 1990</i>	77
2.3 Consagração: 2000 a 2020	82
2.3.1 <i>Anos 2000</i>	83
2.3.2 <i>Anos 2010</i>	87
2.3.3 <i>Anos 2020</i>	92
3 Manoel de Barros em entrevistas no jornalismo impresso.....	95
3.1 Características das entrevistas de Manoel.....	107
3.2 Entrevistadores	110
3.3 Espaço de invenção e autoficção	113
3.4 Entrevistas (poéticas) por escrito.....	119
4 Manoel de Barros como colaborador de jornais	126
4.1 Escritores no jornalismo impresso	130
4.2 Colunista da “Viola de Côcho”	133
4.3 Amostras do trabalho poético.....	137

4.4	Cronista poético	142
4.5	Laboratório de criação poética.....	147
5	Perfis de Manoel de Barros em jornais e revistas	150
5.1	Perfis e imaginário no jornalismo impresso	153
5.2	O poeta-caramujo.....	156
5.3	O poeta rosiano	161
5.4	O poeta das infâncias.....	169
	Conclusão	176
	Referências	184
	Apêndice	210

Introdução

Manoel de Barros (1916-2014) se notabilizou pela sensibilidade e originalidade da obra que utilizou memórias da infância, cenas do cotidiano, referências do Pantanal e coisas e seres “desimportantes” para tratar da experiência do ser humano e buscar formas de “transver” o mundo, de vasculhar os “deslimites” (Barros, 2010). Ciscos, caramujos, insetos, pássaros, árvores, pedras, águas, paredes, crianças e andarilhos constaram nos versos e apareceram na cobertura da imprensa dedicada ao escritor que considerava a “poesia a loucura das palavras” (Barros, 2010, p. 153). O artista transgrediu gramática e sintaxe, explorou significados, praticou neologismos e desafiou a lógica, reforçando a virtude da poesia de ser livre, um caminho para recorrer às formas não desgastadas e vulgarizadas da língua (Castro; Dravet, 2014). Como ensina Morin (2005, p. 9), que vê religação de saberes entre arte e ciência, a poesia é mais do que a expressão literária, é um estado do “Ser” que “nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além delas”.

Manoel morreu aos 97 anos, em 13 de novembro de 2014, querido por leitores, premiado e celebrado como “um dos maiores poetas brasileiros”, segundo registrou *O Estado de S. Paulo* no obituário do escritor (Brasil, 2014, C1). Em 2024, a morte do artista completou dez anos, efeméride que incentivou a pesquisar e a refletir sobre sua vida e obra. Neste trabalho, desenvolvemos pesquisa em arquivos jornalísticos e acadêmicos, a fim de formar um novo inventário de notícias, reportagens, notas, entrevistas, perfis, textos de opinião e fotografias de Manoel publicadas entre as décadas de 1920 e 2020. Com mais de 1,8 mil registros catalogados, foi possível mapear a presença do autor no jornalismo impresso e identificar aspectos destacados pelos periódicos. Um conjunto de imagens, aparições, fragmentos, hologramas que alimentaram o imaginário do senhor encaramujado, erudito e adorador da natureza, criado no Pantanal, que estudou no Rio de Janeiro (RJ), perambulou por Nova York e se tornou pecuarista ao se estabelecer entre a Nhecolândia e Campo Grande (MS). Um “advogado de formação, fazendeiro por herança da família e poeta de profissão”, nas palavras de Mirelle de França n’*O Globo* (2008, p. 10).

Iniciamos esta pesquisa curiosos por saber quem era Manoel aos olhos de jornais e revistas, um homem que se autodividia em dois seres, um “letral” e outro “fruto do amor de João e Alice” (Barros, 2010, p. 437). O pé no Pantanal, o ínfimo, o olhar infantil, as reflexões existenciais, as invenções e as associações a João Guimarães Rosa ocuparam páginas que

mencionaram o autor que envergava a “máscara de filósofo popular”, que incentivava o leitor a “subverter a ordem, destelhar nações, desnorrear noções” e que elaborava a “gramática das coisas inúteis”, conforme descreveram José Lino Grünwald, Lucia Castello Branco e Frederico Barbosa n’*O Globo* (1996, p. 4), *Suplemento Literário Minas Gerais* (1984, p. 1) e *Folha de S. Paulo* (1990, F7), respectivamente.

A cadeia do jornalismo recorta e relata partes da realidade. Seus participantes – fontes, repórteres e editores – formulam representações dos fatos abordados que chegam aos leitores (Lage, 2005). Tomando emprestado o que Alberca (2021, p. 174) afirma das biografias, gênero das histórias de vidas no qual “conhecemos um homem por meio de outro”, fomos apresentados a Manoel graças à mediação de vários narradores. Na imprensa, o escritor deu testemunhos autobiográficos, que passaram por edições, e teve obra e personalidade descritas e comentadas. A mídia o retratou pela perspectiva de repórteres, editores, críticos, colunistas, fotógrafos e do próprio poeta. No entendimento de Traquina (2005), os jornalistas – e demais profissionais que assinam e editam textos e fotos na imprensa – têm participação ativa na definição e na construção do conteúdo noticiado. Logo, influenciam a percepção da realidade pelo público, na formatação do imaginário que “complementa, critica, consoma e realimenta” o real, segundo descreve Castro (2012, p. 13).

Ana Barros (2010, p. 128) situa que, nos estudos do imaginário, a imagem é o “modo de a consciência (re)apresentar objetos que não se apresentam diretamente à sensibilidade”. Essa imagem está associada à ideia, à representação que se faz de algo ou alguém. Não se trata de sinônimo de imagem iconográfica, que apresenta a percepção visual de determinado ser, objeto, paisagem. A pesquisadora identifica que, na Comunicação, o imaginário conecta dimensões política, social, histórica e cultural dos fenômenos, é “o lugar dos entressaberes, o tecido conjuntivo que liga as disciplinas entre si” (Ana Barros, 2010, p. 127).

Ana Barros (2010, p. 129) relata que, na definição de Thomas (1998), o imaginário não é uma simples “coleção de imagens”, mas, sim, um “sistema” dinâmico, um “organizador de imagens que lhes confere profundidade e as liga entre si”, um sistema que gera significados. O entendimento de Silva (2006, p. 9) é similar: o imaginário não é, para esse autor, um “mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social”; o imaginário mescla racional e não racional; é um sistema complexo, “uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente”, que influenciam a forma como pessoas idealizam, formatam e interpretam os fenômenos.

Maffesoli (2003) vê comunicação, informação e imaginário conectados. Para o sociólogo, a imagem é um “fragmento do mundo”, um recorte do cotidiano; e o imaginário “é a partilha, com outros, de um pedacinho do mundo” (p. 17). O pensador francês (2001, p. 75), em entrevista a Silva, usou o termo “aura”, de Walter Benjamin, para descrever como “construção mental” o imaginário que ultrapassa os indivíduos e impregna o coletivo: “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra”.

Maffesoli (2001, p. 76) entende que o imaginário é determinado pelo conjunto de imagens e dá como exemplo a cidade de Paris com seus jardins, restaurantes e prédios retratados em vídeos, fotografias e pinturas: “O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens”.

A mídia escrita é parte desse fenômeno. Silva (2006, p. 104-106) ressalta que o jornalismo “produz versões” dos acontecimentos, seguindo a técnica de “construção da notícia, reconstrução do acontecimento, dramatização, leveza, pitoresco, fragmentação, identificação”; o relato publicado afeta o olhar do público, alimentando uma “bacia semântica” que influencia, com o tempo, os imaginários; a imprensa incentiva o fluxo de leituras do cotidiano em um contexto pós-moderno de identidades fluídas e não acabadas.

Nesta pesquisa, identificamos que o jornalismo impresso compartilhou, de forma intermitente, fragmentos que contribuíram para a formação e atualização ao longo dos anos do imaginário de um poeta. Estudos com tais peculiaridades nos fascinam por exigirem mergulhos em arquivos de periódicos e por mesclarem jornalismo, trajetórias biográficas e imaginários. Vivenciamos uma primeira experiência em 2009, no trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), no qual nos debruçamos sobre a marca da cidade como capital gaúcha do basquete¹. A pesquisa iniciou a apuração e redação do livro-reportagem *Corinthians do Ary Vidal* (Roesler, 2019)². A obra recuperou a trajetória da Pitt/Corinthians, equipe gaúcha que conquistou o campeonato brasileiro de basquete em 1994. O livro exigiu levantamento

¹ ROESLER, Guilherme Mazui. *O jornal Gazeta do Sul e a construção da cidade de Santa Cruz do Sul como capital gaúcha do basquete*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul/RS, 2009.

² Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Corinthians-Ary-Vidal-brasileiro-basquete-ebook/dp/B0B786RGWM>. Acesso em: 24 set. 2024.

biográfico do técnico Ary Ventura Vidal³, que comandou o time, e incentivou um segundo livro, *7 mil dias* (2023)⁴, a respeito da situação do clube 29 anos após o título.

A experiência de repórter, pesquisador, autor e leitor despertou o desejo pelos estudos biográficos no âmbito da academia. A intenção de nos aprofundarmos em temas de artes, estética e linguagens, somada ao espaço para pesquisas que conectem poesia e imprensa, conduziu a escolha a Manoel, opção reforçada após a leitura mais atenta de *Poesia completa*, antologia publicada em 2010. A proximidade do 10º aniversário da morte do escritor consolidou nossa curiosidade de entender as imagens que surgem quando se pensa no artista e como ele foi descrito por jornais e revistas no transcorrer das décadas. Assim, a formação de um inventário de mídia escrita se iniciou em 2023 e foi concluída em 2024.

Para dissecar a dinâmica de representação de Manoel no jornalismo impresso, focamos a coleta na mídia escrita, apoiados pela complexidade teorizada por Morin (2008), cujo método pensa informação (*computo*), comunicação (*cogito*) e conhecimento (*complexus*) na perspectiva da religação dos saberes. Dividimos, assim, a pesquisa de cunho documental (Severino, 2007) em três etapas: (i) busca em arquivos jornalísticos e acadêmicos; (ii) catalogação e descrição do material; (iii) escolha de categorias e análise dos registros. Optamos por formar um inventário organizado em linha do tempo para verificar de forma longitudinal a crítica de mídia do poeta e constatar a evolução das aparições e descrições. O inventário atualizou a fortuna crítica do escritor no jornalismo impresso e integra um projeto de pesquisa biográfica do escritor mato-grossense, desenvolvido na Universidade de Brasília (UnB) pelo grupo Biocom – Comunicação e Estudos Biográficos⁵.

Apesar de ter publicado livro de estreia, *Poemas concebidos sem pecado*, em 1937, aos 21 anos, Manoel só ganhou visibilidade e reconhecimento de crítica e público cinco décadas depois, em meados dos anos 1980, com auxílio do escritor e ilustrador Millôr Fernandes, do filólogo Antônio Houaiss, do editor Ênio Silveira e do poeta Carlos Drummond de Andrade. O impulso foi registrado pela imprensa, a exemplo da reportagem de Eva Spitz na edição de 8 de dezembro de 1988 do *Jornal do Brasil*, na qual a jornalista

³ Ary Vidal (1935-2013) foi técnico da seleção brasileira de basquete masculino em duas Olimpíadas (1988 e 1996) e conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis (1987).

⁴ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/mil-dias-volta-Santa-basquete-ebook/dp/B0BVWJTS48>. Acesso em: 24 set. 2024.

⁵ Grupo de pesquisa liderado pelo Professor Dr. Gustavo de Castro na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), que visa pesquisar e produzir biografias. Disponível em: <https://sirui.com.br/agency/biocom/>. Acesso em: 24 set. 2024.

escreveu que o artista de 72 anos, com “oito livros difíceis de serem encontrados”, era “o maior poeta do Brasil” na opinião de Drummond. Um autor que relatou à amiga e jornalista Anna Accioly, no *Jornal do Brasil*, o desejo de ser visto como “fazedor de inutensílios”.

A desfortuna crítica me incomoda, sim, eu seria hipócrita se morresse que não. Temo que por ser a minha poesia tão boca própria, ela não alcance mais do que a minha tribo. Eu gostaria de ser mais reparado como um inventor do que como um poeta. Eu inventei, entre outros objetos cantantes, os seguintes: o alicate cremoso, o abridor de amanhecer, o homem adequado à lata, uma fivela de prender silêncios etc. Queria ser visto como um artesão menor. Um fazedor de inutensílios (Barros *apud* Accioly, *Jornal do Brasil*, 1993, p. 8).

A reportagem de Spitz e a entrevista de Accioly constam no inventário sobre Manoel, composto por 1.848 registros publicados entre 1928 e 2024 por 126 jornais e revistas. Cada notícia, reportagem, entrevista, artigo, nota e coluna foi tratada como um registro acerca do poeta, aparições na linha da alegoria que Didi-Huberman faz com os vaga-lumes (2011, p. 86) ao abordar a intermitência da imagem, caracterizada pelo “intervalo de aparições, de desaparecimentos, de reaparições e de red desaparecimentos incessantes”. O fenômeno, segundo o pensador francês, produz conhecimento e envolve a memória, que “decanta o passado de sua exatidão” e “humaniza e configura o tempo” (Didi-Huberman, 2015, p. 41). O poeta teve cinco décadas de poucas aparições, seguidas de três de alta constante na visibilidade e de uma de queda, com oscilações dentro dos decênios.

Alternando luz e sombra, visível e invisível, os jornais e revistas apresentaram Manoel para um público amplo. Buscamos mapear e compreender esse processo de representação. Quais aspectos biográficos foram destacados? Como o poeta foi retratado em fotografias? Como sua personalidade e tipo físico foram descritos? Quais passagens de vida foram narradas com frequência? O que o próprio artista contou? Quais eram seus gostos? Manoel tinha manias? Quem escreveu a respeito do autor? Quando falou sobre ele? O que a imprensa disse de sua poesia? Quais palavras e imagens eram mais frequentes nas publicações? A representação foi estável ou mudou com o avançar das décadas?

A visibilidade do poeta na imprensa se deu pelo discurso midiático que, na opinião de Adriano Rodrigues (2012, p. 236), faz a mediação com outras formas de discursos e garante às descrições “permeabilidade por todo o tecido social” e presença no “imaginário social”. Uma das marcas de Manoel foi explorar o “deslimite”, entendido por Souza (2010,

p. 15) como a inclusão, na essência ou compreensão de algo, de uma virtualidade que abre portas a novas interpretações, que reinventa sentidos e torna o fazer poético “um laboratório que nos permite vislumbrar a gênese da própria linguagem”. Apesar de o artista criar e incentivar que pensemos influenciados pelos deslimites, a mídia escrita ajudou a delimitar um imaginário com suas variáveis e que passa por atualizações constantes.

A mídia deu sentido de existência a Manoel para os leitores com interpretações da obra e do que ele contou ou contaram de sua vida. As imagens do poeta tímido e de reconhecimento tardio, do sábio e do pantaneiro que valorizava natureza e objetos descartáveis apareceram em diferentes épocas, como mostram títulos de registros: “O poeta que poucos conhecem” (Spitz, *Jornal do Brasil*, 1988), “O poeta do Pantanal mato-grossense” (Soares, *O Estado de S. Paulo*, 1989), “O poeta do lixo” (Correia, *Jornal do Brasil*, 1990), “A poesia febril de Manoel de Barros” (Castello Branco, *O Tempo*, 1997), “O homem que é um dialeto” (Andrade, *Estado de Minas*, 1998), “O poeta que queria ser árvore” (Freitas, *O Globo*, 2010), “Poeta dos detalhes” (Brasil, *O Estado de S. Paulo*, 2014) e “O grande poeta das pequenas coisas” (*O Globo*, 2014).

Diante da variedade de descrições, partimos da hipótese de que seria possível identificar perfis que fizeram leituras preferenciais de Manoel, já que esse tipo de texto foca período determinado da trajetória do protagonista e escolhe um ângulo para contar essa história de vida (Vilas-Boas, 2014). Na definição de Edvaldo Pereira Lima (2002, p. 100), o perfil é uma forma de contar histórias de vida com foco distinto das biografias, pois se concentra em “desenhar o retrato de um momento selecionado” do personagem, sem a pretensão de narrar toda uma vida. Elementos do passado auxiliam a contextualizar, mas o foco central da narrativa é o presente, a ocasião em que o texto é publicado na imprensa.

Segundo Paniago (2008), o perfil tem faceta interpretativa, apresenta mais do que os eventos nos quais o protagonista se envolveu, já que deve tentar capturar a visão de mundo do indivíduo. A condução da narrativa é feita por meio do personagem, em um texto que ressalta as singularidades do perfilado. No caso de pessoas que alcançam fama, a mídia escrita veicula matérias de variados formatos ao longo dos anos e documenta, de tempos em tempos, uma trajetória em curso. Foi o que verificamos com Manoel. O conjunto de registros em jornais e revistas, assinados por centenas de autores em dezenas de periódicos, formou o que Sodré e Ferrari (1986) nominam de multiperfil com vários narradores. A gama de informações gerou um multiperfil que influenciou um imaginário. Aspectos da obra foram

pinçados e cruzados com a imagem física do poeta, com descrições de sua personalidade e com relatos e autorrelatos de acontecimentos. Um caso de influência entre poesia e comunicação em que arte e estética alimentaram “o imaginário por meio do real e o real por meio do imaginário”, conforme aponta Morin (2017, p. 103).

Intermitentes, as descrições e imagens seguiram o que argumentam Moura (2012) e Castro (2012). Para a autora, a construção da imagem se dá na narrativa, sendo que, na imprensa, a notícia é o ritual por meio do qual pessoas trocam valores e dão significados. Castro (2012, p. 47) afirma que as mídias permitem a produção e a recepção do imaginário, incentivando uma leitura de mundo que “procura unir a multiplicidade dos pontos de vista a uma descrição possível”. Essa dinâmica de leitura, na qual o imaginário complementa o real, aplica-se à trajetória de Manoel contada pela mídia impressa, uma construção que interconecta e reúne conhecimentos de diferentes áreas – comunicação/jornalismo, poesia, literatura, histórias de vida – com distintos graus de complexidade (Castro, 2018).

Morin (2011) explica que *complexere*, no latim, oriundo do grego *complexus*, significa “o que é tecido junto”. A complexidade trata da união de acontecimentos, ações, interações, acasos; reúne o que está disperso; tenta ordenar e clarificar fenômenos e auxiliar na busca de soluções. É o pensamento complexo, auxiliado pela intermitência das imagens de Didi-Huberman (2011; 2012; 2015) e pelo poder da descrição, metáforas e intuição da razão sensível de Maffesoli (1998), que usamos para compreender a presença de Manoel no jornalismo impresso. Com mais de 70 anos de produção literária, ele foi de artista pouco conhecido a poeta celebrado. Viveu um processo de representações sob a perspectiva de Hall (2015) a respeito das identidades, que permanecem em construção por meio da linguagem que acessa sistemas culturais e dá significados.

A obra de Manoel pode ser revisitada sob novos olhares, influenciados por mudanças sociais e culturais, prática estimulada por efemérides e pelos lançamentos de novas edições de livros e de espetáculos inspirados no escritor. Praticamos e incentivamos esse exercício com a formação de um inventário de mídia impressa. Fizemos nossa leitura da trajetória do artista e deixamos novas contribuições à disposição de pesquisadores interessados na linha do tempo quase centenária que construímos com a ideia de fortuna crítica de Carpeaux (1951, p. 12): “a história das opiniões” sobre um autor, “uma história literária documentada”, que reúne momentos de “glória”, “esplendor” e “miséria”.

A coletânea que organizamos instiga percepções por sua força de arquivo, que, na reflexão de Derrida (2001), oferta dados do passado para novas interpretações. O filósofo franco-argelino (2001, p. 21-23), contudo, alerta para a “pulsão de morte”, a face “arquiviolítica” que ameaça um arquivo de destruição ou de disfarce/maquiagem da realidade para atender determinado interesse. Escolhe-se o que preservar e o que será esquecido. Em nosso estudo, esse fenômeno passa por Manoel, que enfatizou à imprensa passagens da vida e ocultou outros pontos; por repórteres e editores que, diante da limitação física das páginas e de decisões pessoais, decidiram o que publicar e o que descartar; e pela capacidade dos veículos de mídia de preservar e disponibilizar edições para consulta digital.

Na definição de Maciel (2009, p. 27), inventários têm o mérito de levar itens dispersos para um sistema de classificações e passível de compreensão e consulta, um contexto que serve de “espécie de antídoto contra o esquecimento”. Derrida (2001) afirma que reunir peças em um repositório não enclausura informações no passado porque, ao preservá-las e organizá-las, abre-se uma janela para o futuro. Em um momento indeterminado (uma semana, um ano, uma década ou mais), o leitor poderá consultar o material, ativar memórias e formar opiniões. As páginas arquivadas permitem que diferentes imagens de Manoel ressurgam para os espectadores que consultarem o material, seguindo a metáfora de Didi-Huberman (2011): o vaga-lume desaparece do campo de visão de um observador para, talvez, ser percebido por outra pessoa e em outro lugar.

A alegoria do vaga-lume também se aplica à pesquisa acadêmica. O termo “Manoel de Barros” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) registra 68 teses e 123 dissertações publicadas entre 1988 e 2024, a maior parte em programas de pós-graduação em Educação, Letras, Literatura, Linguística e Geografia – três trabalhos foram concluídos no programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e um no Programa de Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG). O interesse seguiu o reconhecimento tardio, com estudos a partir dos anos 1980, quando o poeta acumulava cinco décadas de criação literária, sete livros e dois prêmios nacionais (Castro, A., 1991; Silva, 1998; Béda, 2002; Yamamoto, 2016; Fraga, 2017).

Em 1983, José Fernandes assinou o artigo “O Tropicalismo Telúrico de Manoel de Barros” na *Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras* da UFG. No mesmo ano, Clóvis Assumpção publicou “Manoel de Barros: conferência crítica”, que ajudou a divulgar o poeta no meio acadêmico (Lopes, *O Estado do Paraná*, 1987, s/p). Em 1987, pela

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Fernandes lançou o livro *A loucura da palavra*, que analisou a imagem na poesia barriana (Yamamoto, 2016). No artigo “A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros”, Fraga (2017) situa duas dissertações na UFG entre os estudos iniciais do poeta: *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguardas*, de Maria Adélia Menegazzo (1987), e *A poesia alquímica de Manoel de Barros*, de Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo (1988). Segundo Fraga (2017), que localizou mais de cem estudos, essa produção analisou, entre outros temas, a poesia de Manoel comparada à de outros autores; aspectos gramaticais da obra; o espaço da memória e da natureza; componentes autobiográficos; e a influência do autor no cinema e nas salas de aula.

Manoel foi objeto de poucos levantamentos a respeito do que foi publicado sobre ele na imprensa. Na tese *Memória e identidade na poética de Manoel de Barros*, Yamamoto (2016) cita que Afonso de Castro (1991), em “Poética de Manoel de Barros”, fez uma pequena listagem de reportagens, enquanto o primeiro estudo de fortuna crítica foi executado por Kelcilene Grácia Silva (1998), seguido de bibliografia catalogada por Walquíria Béda (2002), que reuniu 549 textos (teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, reportagens, correspondências e homenagens) publicados entre 1942 e 2002. Metade desse material era jornalístico. A pesquisadora organizou e descreveu o acervo de matérias escritas em lançamentos de livros, recebimento de prêmios ou homenagens, que abordaram “mais o lado pessoal e social do poeta”, sem enfoque no trabalho estético. Os textos reciclaram ideias citadas em jornais e pesquisas acadêmicas e replicaram rótulos de “poeta do Pantanal”, “Guimarães Rosa da poesia”, “poeta das coisas ínfimas” e “poeta do chão” (Béda, 2002, p. 38).

A coletânea *Gramática expositiva do chão – poesia quase toda*, feita em 1990 pela editora Civilização Brasileira, incluiu no final do livro entrevistas por escrito do autor mato-grossense. Adalberto Müller (2010) lançou *Manoel de Barros: entrevistas*, um perfil/ensaio baseado em entrevistas concedidas por escrito. O livro não citou os veículos que publicaram os questionários. Rauer Rodrigues e Kelcilene Grácia-Rodrigues (2019), no projeto *A Recepção às Obras de Manoel de Barros*, do Grupo de Pesquisa Literatura e Vida (GPLV), listaram 236 registros em uma fortuna crítica de Manoel, entre notas, reportagens, entrevistas, resenhas, artigos acadêmicos, comentários e análises. Marcelo Marinho, por sua vez, liderou na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), de Campo Grande, a pesquisa da Gleba Expositiva Manoel de Barros, que reuniu material de jornais e revistas publicado

entre as décadas de 1940 e 2000. O acervo, utilizado por Béda, foi um dos pontos de partida do novo inventário que formamos⁶.

Segundo Maciel (2009, p. 30), enciclopédias, coleções, listas e inventários, com diferenças no processo de classificação, são “formas com que buscamos organizar a ordem desordenada da vida”, funcionalidade pertinente em uma pesquisa guiada pela complexidade. A tradição enciclopédica no Ocidente remonta à Antiguidade, em especial a Aristóteles; ganhou impulso no século XVIII, na França, com a pretensão de ser um repositório completo de todos os saberes; e chegou aos dias atuais sem caráter totalizante, apostando em um modelo de conhecimento fragmentado em blocos e que não cai em desuso.

Verbos como acomodar, agrupar, catalogar, classificar, dispor, dividir, distribuir, enumerar, etiquetar, ordenar etc. nunca deixarão de ser imperativos para nossa necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade. [...] Classificar é, antes de tudo, escolher entre outras ordenações logicamente possíveis (Maciel, 2009, p. 16).

Adotamos o termo inventário, que se entrelaça à coleção e que se diferencia da enciclopédia em razão dos limites de sua circunscrição. Maciel (2009, p. 30) explica que o inventário é “uma espécie de levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo”. A coleção é um modelo mais específico porque agrupa itens que mantêm relação por terem características afins. Para a autora, coleções podem integrar um inventário. Optamos pelo inventário porque entendemos que nosso arquivo é uma soma das coleções pesquisadas: Gleba Expositiva Manoel de Barros; inventário bibliográfico de Béda; acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁷; acervos digitalizados dos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Valor Econômico* e *Zero Hora*; acervo de cartas, entrevistas, cadernos e documentos da família Barros digitalizados por Gustavo de Castro; acervo da Casa Manoel de Barros; acervo do Museu Casa do Dr. Gabi; acervo do

⁶ A coleção formada pelo Professor Dr. Marcelo Marinho foi compartilhada com o Professor Dr. Gustavo de Castro, orientador desta pesquisa e responsável por conduzir o estudo do perfil biográfico de Manoel de Barros no grupo Biocom/UnB.

⁷ Vinculada à Fundação Biblioteca Nacional, a hemeroteca digital permite a consulta *online* de versões digitalizadas de periódicos publicados desde o século XIX, incluindo veículos que saíram de circulação ou que migraram para versão digital, a exemplo do *Correio da Manhã*, *O Estado de Mato Grosso*, *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Revista Manchete*, *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*.

jornal *Correio do Estado* pesquisado por Thais Pompêo; acervos de jornalistas que escreveram sobre Manoel; e repositórios digitais com matérias de jornais⁸.

A procura por material em diferentes fontes, a fim de formar o próprio banco de dados, é uma característica da pesquisa bibliográfica ou documental. Severino (2013, p. 96) considera documento o suporte que se torna “fonte durável de informação sobre os fenômenos pesquisados”. Appolinário (2009, p. 67) trata por documento “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade que possa servir para consulta, estudo ou prova”, o que inclui impressos, manuscritos, registros audiovisuais, fotografias e outros. No inventário desta dissertação, os documentos são as páginas de jornais e revistas, cujas reproduções foram salvas em formato digital (PDF ou JPG), seguindo a ideia de Derrida (2001), para quem um arquivo não existe sem um espaço instituído para si.

A coleta⁹ do material começou em março de 2023 com a consulta na produção catalogada por Béda (2002), na Gleba Expositiva Manoel de Barros e no acervo de Castro. Para encontrar material que ficou de fora dessas coleções e acrescentar ao levantamento a produção jornalística mais recente, pesquisamos nos acervos digitalizados de jornais e da Biblioteca Nacional. Revisamos artigos de fortuna crítica do poeta e contatamos veículos e jornalistas que publicaram registros que não constavam em nosso banco de dados. O acesso de Castro, em 2024, ao arquivo da família do artista nos permitiu refinar a busca de entrevistas porque Manoel conservou respostas datilografadas que enviou a jornalistas. Fomos em busca de novas entrevistas e incluímos no levantamento somente registros cuja versão publicada obtivemos. Esse garimpo prosseguiu até o segundo semestre de 2024.

Não trabalhamos com a ilusão de localizar todos os textos e fotografias de Manoel veiculados na imprensa. Perseguimos o maior número de registros, conduzidos pela totalidade descrita por Morin (2011, p. 7), que reconhece a “incompletude de qualquer conhecimento” e a permanente busca de informações para compreender fenômenos. Limitamos a procura aos repositórios abertos para consulta *online* por permitirem coleta sem a necessidade de viagens até as sedes de periódicos e museus, o que atrasaria a conclusão

⁸ Acervos de Anna Accioly, Bianca Magela Melo, José Eduardo Agualusa e Vicente Cecim e registros localizados na internet dos periódicos *A Gazeta*, *Cult*, *Estado de Minas*, *Jornal de Poesia*, *Leia Brasil*, *MEC*, *Mood Conceito*, *O Imparcial*, *O Tempo*, *Revista Literária Pernambuco* e *Veja*.

⁹ Os registros em PDF e JPG foram distribuídos em pastas por coleções. As coleções da Biblioteca Nacional e dos jornais/jornalistas foram reunidas em uma pasta, dividida em subpastas por décadas. Adotamos nas subpastas o padrão para nomear os arquivos e facilitar consultas, seguindo nome do veículo de comunicação, data e página. Exemplo: o arquivo FSP-04-04-2002-E3 corresponde ao registro publicado pela *Folha de S. Paulo* na edição de 4 de abril de 2002, página E3.

desta dissertação. O conteúdo reunido contemplou publicações de grande circulação nacional de diferentes épocas, as quais apresentaram a um número maior de leitores fragmentos, rastros, hologramas que alimentaram o imaginário de Manoel, tornando-se, assim, um recorte representativo da presença do poeta no jornalismo impresso.

A estratégia para coletar e organizar os mais de 1,8 mil registros, em um esforço de documentação, visou enfrentar a “mistura de ordem e de desordem” dos sistemas complexos (Morin, 2011, p. 35). Para Severino (2013), a documentação envolve coleta e sistematização de material, separado em condições que permitam análise posterior. Uma das etapas desse trabalho foi a descrição dos itens. Maffesoli (1998, p. 123) afirma que, metodologicamente, a descrição é uma “boa maneira de perceber, em profundidade”, o que constitui a “especificidade” de um grupo. “Tal descrição, pondo em jogo metáforas, analogias, poderá ser um vetor de conhecimento, muito precisamente estabelecendo grandes formas que permitam fazer sobressair os fenômenos”, afirma o sociólogo (Maffesoli, 1998, p. 128).

No inventário, abrimos arquivo de texto com os registros incluídos do mais antigo ao mais recente para formar a linha do tempo dividida em décadas. Cada registro foi descrito por data, veículo, seção e página, com reprodução de título e linha-fina, identificação do autor, sinopse e coleção em que foi localizado. Além da descrição, a documentação exigiu operações de quantificação e codificação. De acordo com Lopes (2003), a quantificação transforma informações em indicadores empíricos e estes em variáveis e fatores mensuráveis; a codificação dá traços significativos de objetos reunidos em categorias; e a descrição organiza fenômenos em tipos empíricos, por meio de inferências indutivas. Por isso, também abrimos uma planilha com os registros do inventário distribuídos em lista. Preenchemos células que identificaram informações das matérias e que aplicaram aos registros a classificação Marques de Melo (2009), que separa a produção jornalística em gêneros informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista); opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta); interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê); diversional (história de interesse humano e história colorida); e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço).

Definimos categorias complementares na tabela, como indicação de fotos com autor e descrição da imagem, e anotação se o registro tratava diretamente sobre Manoel (entrevista, perfil, resenha de livro, nota de agenda) ou se o item se referia a ele (menções em entrevistas com outros autores e citações de versos em textos). Nas 1.848 linhas, cada registro foi

identificado por título, linha de apoio, veículo, unidade da Federação, década, data, seção, contexto da publicação, autor do texto, gênero e formato. Os aspectos de identificação foram inseridos nas colunas. Em cada linha, cruzada às colunas, apontamos se os itens tratavam de pontos biográficos do poeta e características da obra¹⁰. Adotamos a mesma estratégia para catalogar, descrever e analisar as 114 entrevistas de Manoel que localizamos, informando, ainda, se o questionário foi respondido por escrito, pessoalmente ou por telefone.

A documentação permitiu avançar à análise fenomenológica do material, com avaliações micro e macro das aparições do escritor. O trabalho encontrou paralelo no ofício do biógrafo descrito por Edel (1990): traduzir em palavras fragmentos de vida, organizando as peças disponíveis. “Os mosaicos, antes de serem acomodados, não são ficção; são um acumulado de pequenos pedaços da realidade, ordenados para formar uma imagem”, diz o teórico (Edel, 1984, p. 11). Nossa pesquisa, dividida em cinco capítulos, debruçou-se sobre conjuntos de peças e sobre o mosaico que surgiu da presença do poeta na mídia escrita.

No capítulo 1, apresentamos um relato macro do material publicado entre 1928 e 2024. Abordamos os textos, a prática do jornalismo de recortar e interpretar partes da realidade e o contexto dessa indústria de comunicação de massa no século de aparições de Manoel. Fizemos um resumo biográfico do artista com informações extraídas dos periódicos e expusemos, com comentários, dados do inventário: números de registros por década; lista de veículos que mencionaram o poeta, lista de autores que citaram o artista; lista de veículos e fotografos com mais imagens de Manoel; divisão dos registros por gênero na classificação Marques de Melo; divisão do conteúdo por contexto de publicação; relação dos incentivadores do poeta; relação dos escritores que ele disse ter lido as respectivas obras e dos escritores aos quais foi associado; e aspectos de vida e obra destacados na cobertura.

Mantivemos essa metodologia no capítulo 2, porém com descrições e dados que enfatizaram três recortes temporais da carreira do poeta: pré-fama (até a década de 1970), reconhecimento tardio (anos 1980 e 1990) e consagração (a partir dos anos 2000). Dentro dos períodos, apresentamos informações separadas por década. Utilizamos essa estratégia para melhor analisar a evolução das aparições e atualização das imagens do poeta na mídia.

¹⁰ Informações da família; vivência na fazenda; citações do Pantanal; vida no Rio de Janeiro; militância comunista; preferência religiosa; viagens à Bolívia e aos EUA; gostos literários e musicais; reconhecimento tardio; incentivadores; timidez; comparações com autores; encontros com Guimarães Rosa; adjetivos usados para descrever Manoel; personagens de livros; tom da crítica; e referências na poesia à natureza, andarilhos, coisas pequenas, inutensílios, olhar infantil e inovações linguísticas.

O capítulo 3 tratou de entrevistas de Manoel publicadas nos veículos de imprensa. Apresentamos a relação de 114 entrevistas catalogadas; discutimos as características desses questionários aos olhos das tipologias de Morin (1973), Medina (2000) e Lage (2005); abordamos a entrevista como espaço para registrar informações biográficas; analisamos o exercício de autobiografia e autoficção do poeta nas entrevistas, atuando para construir uma imagem de si na mídia escrita; mencionamos os temas mais abordados nas respostas; tratamos da relação do escritor mato-grossense com os principais entrevistadores; e nos debruçamos sobre o laboratório de criação poética do artista nas entrevistas por escrito.

O capítulo 4 foi dedicado à atuação de Manoel como colunista/colaborador, que teve início em 1934 no *Boletim da Nhecolândia*, antes do lançamento de *Poemas concebidos sem pecado*. Descrevemos a curta experiência da coluna “Viola de Côcho”, publicada em 1961 pelo jornal campo-grandense *Correio do Estado*, além de colaborações pontuais em jornais de Cuiabá e do Rio de Janeiro, ainda na fase pré-fama da carreira, e de jornais e revistas de grande circulação do Sudeste após alcançar o sucesso editorial. Concentramos a abordagem em 31 textos publicados por Manoel, mas também mencionamos poemas veiculados como material extra de reportagens, resenhas, entrevistas e perfis assinados por jornalistas/críticos. Tratamos do esforço do autor para divulgar seu trabalho e do uso das colaborações como rascunho de poemas. Ainda discorremos sobre a relação de escritores com o jornalismo e analisamos as colunas e crônicas do poeta pelo viés de autores, entre os quais Moisés (1978), Beltrão (1980), Marques de Melo (1994) e Coutinho (1997).

No capítulo 5, avançamos na discussão sobre o imaginário de Manoel a partir da sua presença no jornalismo impresso. Discutimos aspectos dos perfis e das biografias, com autores como Paniago (2008), Edel (1990), Caballé (2021), Lima (2002) e Vilas-Boas (2014) e tratamos de imaginário, identidades e recortes do jornalismo pelas reflexões de Ana Barros (2010), Maffesoli (2003), Silva (2006), Hall (2003; 2015; 2016), Damasceno (2002), Moura (2012) e Castro (2012, 2018). Congregamos o material do inventário e as análises dos capítulos anteriores para identificar três perfis, três conjuntos de imagens que descreveram o autor mato-grossense com ângulo de abordagem: poeta-caramujo, poeta rosiano e poeta das infâncias. Discutimos as apostas de perfis mediante entrevistas de Manoel, descrições sobre ele de jornalistas e críticos e reflexões de quem estudou o poeta na academia – Fernandes (1983), Afonso de Castro (1991), Camargo (1996), Gracia-Rodrigues (2006) e

Béda (2007). Galharte (2007), Bachelard (1988) e Cain (2012) nos auxiliaram com avaliações sobre Guimarães Rosa, infância e timidez.

Ao atualizarmos a fortuna crítica de Manoel, avançarmos no tratamento de entrevistas e colaborações na imprensa e discutirmos perfis que influenciaram seu imaginário, contribuímos com novas informações e perspectivas. Junto, concluímos uma pesquisa sobre um poeta pelo viés da Comunicação nas ciências sociais aplicadas. Castro (2012, p. 6) ressalta que as linguagens da criatividade, da estética e da sensibilidade “costumam ser tratadas como questões menores à comunicação, ocupando por vezes pouco do nosso tempo”. Apostamos no elo entre jornalismo e arte. No livro *Comunicação e poesia: itinerários do aberto e da transparência*, Castro e Dravet (2014, p. 13) incentivam esse casamento, já que a poesia é, diante das teorias da comunicação, “uma mídia aberta por abarcar e dar passagem à universalidade dos saberes humanos”.

Castro e Dravet (2014) concordam com Arrigucci Júnior (1990), que vê o discurso jornalístico como apoético. Contudo, os autores identificam proximidades entre jornalismo e poesia, mesmo que os campos discursivos tenham preocupações distintas no emprego das palavras. A poesia não se reduz a um formato e tem espaço para constar na prosa ou nos diálogos, enquanto um mesmo acontecimento pode ser contado em forma de poema ou de notícia. A relação entre jornalismo e poesia envolve sentidos e imagens sobre acontecimentos e coisas, reflete na produção jornalística, que é influenciada pela arte. O fenômeno foi observado nas aparições de Manoel nos jornais e revistas.

A mídia impressa deu visibilidade ao poeta, serviu de porta de entrada ao real e ao imaginário, articulando saberes no dueto mídia-imaginário e convidando a procurar leituras que costuraram pontos de vista sobre o artista mato-grossense. Conforme Dione Moura (2012), o jornal funciona feito vitrine variada de parte da realidade construída por repórteres e editores, os quais dão ênfase a pontos de vista, contextualizam fatos, destacam e descartam trechos de falas de entrevistados. Hall (2003, p. 366) argumenta que há um contexto de mão dupla na comunicação: emissor e receptor se influenciam, mas a mídia aponta uma leitura preferencial que nunca é “completamente bem-sucedida”, por isso trata-se de uma “tentativa de hegemonizar a leitura da audiência”. No caso de Manoel, uma leitura feita ao costurar fragmentos publicados em quase cem anos de cobertura jornalística.

Ao final deste trabalho, concluímos uma descrição da presença de Manoel no jornalismo impresso. Também mostramos que o escritor procurou a mídia desde o começo

da carreira para exercitar escrita e fomentar ideias; para obter reconhecimento de público e crítica; para tentar conduzir a forma como foi comentado. O autor não teve controle total da representação, mas a influenciou. Conseguiu emplacar na mídia a ideia de que foi amigo de Guimarães Rosa, mas não escapou do rótulo pantaneiro, do qual dizia discordar por se dedicar à linguagem, e não ao registro documental da região. Ele não se aproximou do ofício de repórter, mas encontrou nos jornais e revistas visibilidade e espaço de experimentação. A imprensa o projetou a partir dos anos 1980 como artista diferenciado e consagrado, descrito com ênfases que variaram de tempos em tempos – ora o Pantanal, ora a infância, ora a inovação linguística, ora as invenções, ora a exploração dos sentidos das palavras.

Segundo Castro (2018, p. 8), trajetórias de vida vistas a partir de arquivos implicam justamente “hologramas, imagens-ideias ou ideias-forças” que derivam de “cruzamentos de dados, imbricamentos e linhas de fuga”. Organizado o inventário com milhares de fragmentos, identificamos perfis complexos que mesclaram os seres letral e biológico de Manoel de forma recursiva, dialógica e hologramática (Morin, 2003). As interações entre escritor, jornalistas/comentadores e periódicos se complementaram e se opuseram, produziram leituras de vida e obra e legaram ao público imagens que contêm informações do poeta, um autor que se representou e foi representado nas páginas de jornais e revistas.

1 Manoel de Barros nas páginas de jornais e revistas

Em outubro de 2009, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o poeta Manoel de Barros respondeu por escrito à pergunta do repórter Ubiratan Brasil: o verdadeiro Manoel é o que “surge da poesia” ou o homem “em carne e osso”?

Sim, somos dois. Um é biológico, outro é letral. Ambos somos verdadeiros. Um é de sangue. Outro é de palavras. O de sangue é comum: come, bebe água e até quebra copos. O ser letral gosta de fazer imagens pra confundir as palavras. E gosta de usar palavras pra destroncar as imagens (Barros *apud* Brasil, *O Estado de S. Paulo*, 2009, C1).

Fazendeiro, advogado e poeta, o autor mato-grossense já havia mencionado a divisão em dois seres no livro *Poemas rupestres*, lançado em 2004. Dez anos depois, o crítico José Castello voltou ao tema no jornal *Valor Econômico* (2014, p. 34-35): havia o poeta, “íntimo, secreto”, e o senhor quase centenário que se vestia com elegância e vivia em uma casa confortável em Campo Grande, cercado de objetos de arte. “Direito e avesso do mesmo homem. Mas não tenham dúvidas: quem manda é o poeta”, publicou o jornalista em fevereiro de 2014, nove meses antes da morte de Manoel, aos 97 anos.

Jornais e revistas¹¹ retrataram e comentaram, entre períodos de visibilidade e de sumiços, as versões letral e biológica do artista por meio de notícias, reportagens, entrevistas, perfis, resenhas, artigos, colunas, notas, fotografias e textos do próprio Manoel, conforme mostram os mais de 1,8 mil registros catalogados no inventário de mídia impressa desta pesquisa, que reuniu material publicado entre as décadas de 1920 e 2020, maior parte veiculado a partir de meados dos anos 1980, quando o escritor começou a ter a obra elogiada e divulgada, processo consolidado nos anos 1990. A imprensa, sobretudo após o reconhecimento tardio, apresentou o autor de “velhice infantil” (Ventura, *O Globo*, 2006), considerado um “Guimarães Rosa da poesia” (Rodrigues, C., *Jornal do Brasil*, 1994) e citado como um dos maiores poetas brasileiros (Marino, *Correio Braziliense*, 1989; Gutkoski, *Zero Hora*, 2000; Soares, *O Globo*, 2017).

¹¹ “Jornais são veículos de tiragem regular e periodicidade definida, impressos em tabloide ou *standard* em folhas soltas e arrumadas em cadernos temáticos” (Lage, 2006, p. 72). Revistas, cujas folhas são grampeadas, têm características similares às dos jornais e podem ser especializadas ou tratar de assuntos do cotidiano.

A relação de Manoel com o jornalismo se iniciou nos anos 1920 e 1930, com poucas notas de passagens da juventude e colaborações para jornais mato-grossenses; desenvolveu-se pelas quase oito décadas de carreira literária, em especial a partir da segunda metade dos anos 1980; e prossegue nas publicações sobre o legado do artista cuja morte completou dez anos. O poeta obteve espaço em, ao menos, 126 veículos, rol que abrange mídias regionais, grande imprensa do Sudeste – jornais como *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* – e imprensa especializada – revistas *Caros Amigos*, *Suplemento Literário Minas Gerais*, *Cult*, *Bravo!* e *Poesia Sempre*¹². O artista teve livros comentados, foi comparado a outros autores, concedeu entrevistas e assinou crônicas e poemas. Vivenciou uma experiência comum a escritores que buscam há séculos a legitimidade e a publicidade que as aparições na imprensa garantem.

O vínculo entre escritores e jornais remonta aos primórdios do jornalismo, nos séculos XVIII e XIX, período de “ebulição do jornalismo político-literário”, na descrição de Marcondes Filho (2000, p. 11-12), marcado por publicações eruditas e moralistas, com fins mais pedagógicos do que financeiros, nas quais literatos e políticos divulgavam obras e ideias. A relação, com mudanças históricas e sociais, segue em voga. Nas últimas décadas, após a setorização do conteúdo em editoriais, os jornais acompanharam, com seções de cultura/variedades, as novidades do mercado editorial, que se preocupou em oferecer obras capazes de se enquadrar na lógica jornalística para ter espaço na mídia. Jornais e editoras passaram a perseguir equilíbrio entre qualidade e consumo. “Concatenar qualidade estilística e quantidade de vendas vem a ser o sonho de todos os editores e, obviamente, dos escritores. É o famoso sucesso de público e crítica”, explica Pena (2006, p. 41).

Manoel obteve essa chancela de forma exponencial na segunda metade da carreira, sucesso que se refletiu no espaço concedido em jornais e revistas e nas descrições feitas por repórteres e críticos que influenciaram o imaginário do poeta. O jornalismo impresso não narrou em detalhes a totalidade da vida do autor, tarefa que compete ao gênero biografia (Lima, 2002), porém publicizou partes dessa trajetória por meio do discurso midiático. Adriano Rodrigues (2012, p. 236) explica que esse discurso é o principal resultado do funcionamento da mídia e espalha ideias no “tecido social” e no “imaginário social”. A imprensa incentiva leituras de fatos e acontecimentos porque faz “uma representação social

¹² Lage (2006, p. 51) define imprensa como “conjunto de jornais e revistas de um lugar, categoria, gênero ou assunto”. O autor identifica a grande imprensa, os veículos tradicionais e de maior circulação, e a imprensa especializada e alternativa, que pretendem ser uma opção de leitura.

da realidade”, diz Alsina (2009, p. 16). Os epítetos atribuídos a Manoel ilustram o processo de representação: “encantador de palavras” (Gonçalves, *O Tempo*, 1998), “poeta das miudezas” (Barsanelli, *Folha de S. Paulo*, 2019), “poeta das pequenas coisas” (Castello, *Valor Econômico*, 2012), “poeta ecológico” (Menezes, *Folha de S. Paulo*, 1998) e, o mais repetido, “poeta do Pantanal” (Aragão, *Jornal do Brasil*, 1987; Costa, *Manchete*, 1989; Couto, *Folha de S. Paulo*, 1993; Lamego, *O Tempo*, 1998; Pereira, *O Popular*, 2002; Veiga, *O Estado de S. Paulo*, 2017; Moreira, *Zero Hora*, 2020). O escritor relatava que não gostava do rótulo pantaneiro, porém a imagem se consolidou e ajudou a divulgá-lo.

Sabemos nós que poesia mexe com palavras e não com paisagens. Por isso não sou poeta pantaneiro, nem ecológico. Meu trabalho é verbal. Eu tenho o desejo, portanto, de mudar a feição da natureza, pelo encantamento verbal. (Barros *apud* Sousa, *Cult*, 2010, s/p

As descrições feitas em textos informativos e de opinião captaram imagens/rastros da vida e obra de Manoel, característica que marca o trabalho jornalístico executado por profissionais que interpretam a “realidade de acordo com a sua enciclopédia” (Alsina, 2009, p. 14). Diferentes gerações de autores teorizaram sobre o jornalismo como prática que escolhe retratar parte do dia a dia, que oferece representação quebrada do cotidiano, um instrumento de construção social da realidade (Marcondes Filho, 1986; Lage, 2005; Traquina, 2005; Alsina, 2009; Moura, 2012; Motta, 2012). Medina (2000, p. 34) afirma que, enquanto as ciências humanas “maturam a pesquisa do real” para se aproximar da “verdade possível”, o jornalismo foca o presente e a periodicidade (diária, semanal, mensal), trabalha com o imediato, com aproximações superficiais e sujeitas a erro, mas que “salvam o presente histórico da morte”, fornecendo material para futuras análises da academia.

O jornalismo, que influencia a sociedade na medida em que obtém credibilidade junto ao público, está calcado em um pacto de não ficção, uma vez que “os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas”, conforme observa Traquina (2005, p. 20). Para Marcondes Filho (1986, p. 50), no entanto, o recorte da realidade apresentado ao leitor passa por escolhas conscientes dos repórteres e editores sobre título, enfoque do texto, foto e posição na página, sobre divulgar ou não um acontecimento: “O jornalista extrai da realidade o que lhe interessa (ou aos seus leitores) e isso se transforma em notícia: da realidade é extraída somente uma parte útil, sendo que essa utilidade é avaliada segundo objetivos puramente particularistas”.

Jornais e revistas veiculam informações guiados por critérios de noticiabilidade, uma trama complexa que mescla aspectos de relevância, audiência, comportamento, geografia, interesses comerciais, rotinas produtivas, subjetividades dos jornalistas e planos dos proprietários das empresas de mídia (Marcondes Filho, 1986; Lage, 2006; Alsina, 2009). Esses critérios congregam conjuntos de valores-notícias, como novidade, relevância, controvérsia e concorrência, que são elementos centrais da cultura das redações. Os critérios orientam a seleção do que será divulgado e com qual espaço (Traquina, 2008).

Manoel apareceu no jornalismo impresso no contexto de produção de conteúdo e de efeito social descritos acima. A relação acompanhou os avanços tecnológicos para transmitir notícias às redações e publicá-las, o surgimento de novas plataformas (rádios, TVs, *sites*, redes sociais) e as mudanças sociais que marcaram a indústria de comunicação de massa e a circulação da informação desde o século passado. Em 1928 e 1929, quando as notas do futuro escritor e de seus colegas de escola constaram em informes no *Jornal do Commercio* e no *Correio da Manhã*, as páginas dos jornais eram blocos de textos em preto e branco com raras fotografias, o rádio caminhava para se popularizar e não havia TV. O poeta, que publicou crônicas e poemas nos anos 1960 nos jornais regionais *Correio do Estado* e *O Estado de Mato Grosso*, passou a ter visibilidade no eixo Rio-São Paulo nos anos 1980, década anterior à chegada da internet e dos celulares ao Brasil. Seus obituários, em novembro de 2014, foram publicados em época na qual jornais com páginas coloridas e abundância de fotos ainda batiam recordes de tiragem, porém já discutiam como lidar com a atual perda de receita e relevância para o jornalismo *online* e, sobretudo, para redes sociais digitais administradas pelas gigantes do mercado de internet e armazenamento de dados, as chamadas *big techs*.

A presença do poeta na imprensa teve início no período que Marcondes Filho (2000) classifica de “terceiro jornalismo” (1900 a 1960), com aumento das tiragens, da influência das ações de relações públicas e da organização das grandes empresas de mídia. Já o reconhecimento do escritor ocorreu no “quarto jornalismo” (1970 a 2000), marcado pelo uso progressivo da tecnologia, pela velocidade na transmissão das informações e pela maior valorização de aspectos visuais dos produtos. Manoel lançou os últimos livros, morreu e tem a obra lembrada na fase que Medeiros e Bochembuzo (2021) nominam de “quinto jornalismo” (2000 em diante). As pesquisadoras partiram da divisão de Marcondes Filho para descrever o momento recente do jornalismo, caracterizado pela informação digital,

instantânea e compartilhável em múltiplas plataformas; pelo investimento em dispositivos tecnológicos; pelas transmissões ao vivo; e pela interação de rede sociais.

Reproduções 1 – Obituários de Manoel de Barros em jornais



Fontes: *Folha de S. Paulo*, 2014; *O Estado de S. Paulo*, 2014; *O Globo*, 2014.

A maior parte das aparições do poeta ocorreu com o texto básico das notícias consolidado no formato de pirâmide invertida, que relata uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante (Lage, 2006), e foi publicada em cadernos ou seções de cultura/variedades dos jornais, em um período no qual esses espaços deixaram de ser dirigidos por grandes intelectuais ou escritores. O movimento de profissionalização da atividade jornalística levou às redações safras de profissionais diplomados em faculdades de Comunicação, o que, de acordo com José Marques de Melo (2009, posição 531), auxiliou a gerar suplementos para atender “demandas de consumo cultural das classes médias”, com mescla de conteúdos das sete artes (literatura, teatro, música, pintura, escultura, arquitetura e cinema) e de entretenimento (televisão, *shows*, palestras e *reality shows*).

Os cadernos de cultura/literatura/variedades foram criados para ampliar o leque de assuntos tratados pelos jornais e para facilitar a procura do leitor pelas matérias da área, distribuídas em uma seção específica, separada do corpo principal do veículo, onde constam as notícias sobre cotidiano das cidades, política nacional e internacional, economia e crimes. Os suplementos, recorda Pena (2006), seguiram mudanças estilísticas e gráficas da imprensa moderna. A cobertura se submeteu ao texto regido por objetividade, clareza e concisão, bem como à busca de audiência e ganho financeiro dos veículos, que focaram a pauta nas

novidades e nos casos inusitados. O lançamento de um livro tem maior probabilidade de ser destacado na edição porque envolve o valor-notícia da novidade.

De acordo com Pena (2006), os suplementos passaram a abrigar uma gama eclética de colaboradores – jornalistas, intelectuais, escritores, professores, estudantes e representantes de outras categorias – e concentraram o espaço de crítica de livros, filmes, músicas, espetáculos e outras formas de arte. A crítica dita o que é considerado de boa qualidade e visa moldar os gostos do público, interferindo nas vendas e no imaginário dos autores. A evidência que Manoel alcançou na segunda metade da carreira o colocou em cadernos de veículos de grande circulação, a exemplo do Ideias e Caderno B (*Jornal do Brasil*), Prosa & Verso e Segundo Caderno (*O Globo*), Ilustrada e Mais! (*Folha de S. Paulo*), Caderno2 (*O Estado de S. Paulo*), Eu & (*Valor Econômico*), ApArte e Diversão e Arte (*Correio Braziliense*); Pensar (*Estado de Minas*); Segundo Caderno e Cultura (*Zero Hora*).

As aparições do escritor mato-grossense foram influenciadas pela longevidade de vida e produção literária e pelo sucesso de público que o colocou entre os autores mais vendidos do país, outro valor-notícia relevante para garantir menções nas páginas de jornais e revistas. Após completar 70 anos, Manoel lançou 19 livros, recebeu prêmios nacionais e internacionais e viu se proliferarem espetáculos baseados em seus versos. Também concedeu mais de cem entrevistas, conforme o material catalogado nesta pesquisa. O dado chama atenção diante de um artista descrito por repórteres, colunistas, críticos e por si próprio como um homem fechado e refratário a badalações, um sujeito de “timidez excessiva”, nas palavras de Castello n’*O Estado de S. Paulo* (1997, p. 1).

Ao abordar a relação entre escritores e meios de comunicação de massa, com características que se aplicam à relação de Manoel com o jornalismo impresso, Sérgio de Sá (2010, p. 147) ressalta que “ao escritor também interessa ser entrevistado para aparecer na mídia”, pois “estar na mídia é existir”. O professor e pesquisador menciona a figura do “personagem-escritor”, cuja imagem advém da combinação entre obra e aparição na mídia. A imprensa é um espaço no qual jornalistas e leitores dividem o interesse sobre o que o autor tem a dizer a respeito da própria obra. Também é o local em que os escritores se projetam menos pelo que escrevem e mais pelo que dizem nas entrevistas, fenômeno que envolve componentes de performance.

Arfuch (2010) e Kingler (2012) abordam a performance dos escritores, que constroem uma imagem de si perante o público. O indivíduo representa um personagem em

entrevistas, crônicas e autorretratos veiculados na obra e na imprensa. A imagem pública de artista das letras é projetada pela presença nos veículos, divulgação que Manoel buscou desde jovem. Na década de 1930, publicou crônicas e poemas no *Boletim da Nhecolândia*, que circulava em Corumbá. Nos anos 1940 e 1950, enviou poemas para avaliação de suplementos literários de jornais de Mato Grosso e do Rio de Janeiro. Ainda assinou, em 1961, coluna no jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande. Segundo Pena (2006), a colaboração na imprensa dá prestígio, reconhecimento intelectual e pode atrair editoras, além de abrir oportunidades em outras carreiras, a exemplo da política e do próprio jornalismo.

Manoel apareceu na mídia escrita como entrevistado, poeta comentado, autor homenageado e colaborador de jornais e revistas. Em quase cem anos, com momentos de sumiço e de visibilidade, a imprensa veiculou hologramas, imagens-vaga-lumes, fragmentos, rastros que ligaram passado, atualidade e futuro e incentivaram interpretações (Didi-Huberman, 2011) sobre o escritor. Essa composição de peças ajudou a forjar seu imaginário perante o público. O imaginário, segundo argumentam Maffesoli (2003), Ana Barros (2010), Castro (2012) e Silva (2006), não deve ser tratado como contrário de realidade. Castro (2012, p. 13) usa o conceito na perspectiva de complemento ao real: jornais e revistas “são espaços de produção e recepção imaginativa”.

“Narrativa”, “trama”, “ponto de vista” são termos usados por Silva (2006, p. 8) para definir imaginário: “todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção”. O autor vê um “reservatório/motor”, que agrega e faz circular na sociedade “imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado” (Silva, 2006, p. 11-12). O jornalismo participa desse fluxo. A técnica e os critérios que recortam acontecimentos e os transformam em notícias fabricam visões de mundo, complementa Silva (2006, p. 106): “a formatação do acontecimento modifica a percepção do destinatário e irriga a sua bacia semântica de modo a influir, com o tempo, no seu imaginário”.

Ana Barros (2010, p. 131), ao citar Durand (1998), aborda o imaginário pelo viés de um “reservatório coletivo de imagens no qual o ser humano, individual e coletivo, busca soluções”. Esse espaço é alimentado pelas artes, filosofia, ciência, religião, porém é a Comunicação que o dinamiza, “colocando em circulação suas imagens”. A autora trata a imagem para além do ícone ou da fotografia, como uma ideia, uma representação. Maffesoli (2003) aponta a imagem como fragmentos organizados em informações e compartilhados.

A imagem não passa disso: um fragmento do mundo. A informação serve, então, para fornecer elementos de organização do puzzle de imagens dispersas. Assim, as tribos de cada cultura, partilham de pequenas emoções e imagens, organizam um discurso dentro do grande mosaico mundial (Maffesoli, 2003, p. 17).

Maffesoli (2001, p. 75-76) argumenta que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário”; o imaginário existe graças ao conjunto de imagens, de informações, que moldam essa “atmosfera”, uma “aura” que não é visível ou quantificável, mas que é “perceptível”. Ao organizar e compartilhar fragmentos de Manoel, a mídia escrita contribuiu para construir um imaginário, uma atmosfera que representou o poeta.

Maffesoli (2003) também ressalta o caráter fragmentado desse processo, no qual a informação circula em grupos específicos e a emissão não controla efetivamente a recepção. Os jornais, mesmo os que anunciam pretensões nacionais, informam públicos regionais de forma mais direta, vinculados às cidades ou aos estados em que estão as sedes dos periódicos. Nesse recorte, o leitor ainda busca as informações que lhe interessam, distribuídas nas editorias. A informação na mídia dissemina imagens para “microgrupos, microcosmos, universos segmentados” (Maffesoli, 2003, p. 15).

Um personagem que alcança fama nacional, como Manoel a partir dos anos 1980, circula em um maior número de “microcosmos”, com tamanhos distintos, conforme a tiragem e a abrangência dos veículos de comunicação. No inventário que formamos, a maior parte dos registros foi publicada no Sudeste, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, mas a coletânea reuniu material das cinco regiões do Brasil, logo, informações, imagens, interpretações e fragmentos da realidade foram compartilhados em variados “universos segmentados” e em diferentes épocas. Construído com os registros de mídia escrita que catalogamos, o resumo biográfico a seguir ilustra uma projeção do imaginário feita a partir da presença do poeta no jornalismo impresso.

1.1 Resumo biográfico

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá (MT), na região da Travessa da Marinha, banhada pelo rio que batiza a capital mato-grossense. Segundo dos seis filhos de João Wenceslau Leite de Barros e Alice Pompeu Leite

de Barros, Nequinho, como era chamado na infância, mudou-se ainda bebê para Corumbá (MS)¹³, cidade na região de tríplice fronteira (Brasil-Paraguai-Bolívia) que fica às margens do rio Paraguai e encrustada no Pantanal¹⁴, bioma plano e de extensas áreas alagadas que abriga jacarés, araras, onças-pintadas, tuiuiús, capivaras, dourados etc.

A família Leite de Barros foi uma das pioneiras no povoamento da Nhecolândia¹⁵, na zona rural de Corumbá, um rincão pantaneiro de nome inspirado no antigo senhor daquelas terras, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco. José de Barros Maciel, tio de Manoel e genro de Nheco, convidou João Wenceslau para fundar uma fazenda na região (Rosa; Duncan; Menegazzo, 1992). Segundo Manoel, o pai fez as cercas e organizou a propriedade até obter a própria fazenda e se tornar um próspero pecuarista.

Meu pai foi chamado para trabalhar numa fazenda, onde sua primeira função foi a de arameiro. Ele se instalava com a família num rancho e a partir dali iniciava a construção de uma cerca de arame, demarcando a propriedade. Uns 15, 20 quilômetros adiante, transferia o rancho para onde estava o final da cerca, e recomeçava. Vivíamos ali até a próxima transferência. Fui criado no terreiro, entre bichos do chão e sapos (Barros *apud* Gonçalves, *O Tempo*, 1998, p. 4).

Nequinho passou a infância no campo, sua fonte de inspiração para versos que falavam de rastros, bichos, plantas, águas e homens. “A fazenda do menino é que sustenta o poeta. A de hoje só tem gado. A do menino tinha cheiros de passarinhos”, relatou o escritor ao *Diário de Notícias*, em 1960, quando foi anunciado vencedor do prêmio de poesia Orlando Dantas por *Compêndio para uso dos pássaros*, lançado no ano seguinte.

Manoel foi alfabetizado na fazenda pela tia materna Rosa Pompeo de Campos, concluiu os estudos primários como aluno interno do Gymnasio Municipal de Campo Grande e seguiu para o Rio de Janeiro, então capital federal, onde foi interno nos colégios Lafayette e São José (Nogueira, *Correio Braziliense*, 1987). Em 1934, o jovem introspectivo formou-se no São José, educandário marista no qual encontrou seu “diretor espiritual”, o irmão francês Henri-Antoine que, além de lhe ensinar latim e francês, apresentou-lhe aos

¹³ Cidade criada em 1878. Mais informações: <https://corumba.ms.gov.br/paginas/ver/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 24 set. 2024.

¹⁴ Mais informações em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/biomas/pantanal>. Acesso em: 24 set. 2024.

¹⁵ Região do Pantanal no Mato Grosso do Sul entre os rios Paraguai, Taquari, Negro e a Serra da Alegria com mais de 2 milhões de hectares, dividida por fazenda de gados que começaram a ser criadas entre final do século XIX e metade do século XX (Domingos, 2005).

autores portugueses – Padre Antônio Vieira, Luís de Camões, Manuel Bernardes, Camilo Castelo Branco, Sá de Miranda – e franceses – Rousseau, Montesquieu, Voltaire, Baudelaire, Mallarmé e Rimbaud. O religioso ganhou o nome de Padre Ezequiel nos versos e entrevistas do pupilo (Gonçalves, *O Tempo*, 1998).

Entre 1935 e 1939, Manoel fez a graduação na Faculdade de Direito de Niterói, atual Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 1937, aos 21 anos, publicou o primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, feito em edição artesanal de poucos volumes na prensa do amigo e diplomata Henrique Valle (Rizzo, *Folha de S. Paulo*, 2014). O poeta de cabelo curto e preto, nariz adunco, óculos de aro redondo e bigode fino se tornou segundo-tenente de infantaria após o curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do Exército (*Diário Carioca*, 1941; *A Manhã*, 1944). O contexto da caserna e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) influenciou o livro *Face imóvel*, lançado em 1942 pela editora Século XX, que rendeu ao mato-grossense o elogio de “poeta moderno”, “moderníssimo” em crítica veiculada pelo jornal *O Globo* (1942).

A juventude no Rio de Janeiro também foi marcada pela militância comunista entre 1935 e 1945, período de clandestinidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB)¹⁶. Segundo Manoel, a adesão se deu “apenas para contestar”, por influência de Apolônio de Carvalho¹⁷, natural de Corumbá (Nogueira, *Correio Braziliense*, 1987, p. 6). O poeta morou em uma pensão na Rua do Catete e relatou que, graças à húngara que cuidava do local, escapou da polícia da ditadura de Getúlio Vargas¹⁸. Os policiais invadiram a pensão atrás dos responsáveis por pintarem em monumentos frases de apologia ao comunismo.

Eu estava com 18 anos e ainda tinha cara de menino. Mas os policiais não se convenciam. Então a húngara usou o argumento decisivo: ‘ele até escreveu um livro de poesia’. Um policial, sem acreditar, pediu o livro. Eu mostrei então o livro que tinha acabado de escrever. Chamava-se Nossa Senhora da Minha Escuridão. Era um livro de sonetos, feito ainda no colégio. Produziu um efeito avassalador. O policial leu os títulos: Para Nossa Senhora, A Fala de Jesus Cristo, coisas assim. Fechou o livro, botou debaixo do braço e disse: ‘você pode ficar’. Fui salvo pelos sonetos (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997, p. 3).

¹⁶ Partido fundado em 1922, com inspiração soviética, que teve Luís Carlos Prestes como líder. O PCB ficou de 1930 a 1945 sem disputar eleições, período que contempla a militância de Manoel (Abreu, 2015).

¹⁷ Apolônio de Carvalho (1912-2005) integrou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), o PCB e foi um dos fundadores do PT. Participou da Intentona Comunista de 1935, da Guerra Civil na Espanha, da resistência francesa aos nazistas e da guerrilha contra ditadura brasileira. (*Folha de S. Paulo*, 2005, A10).

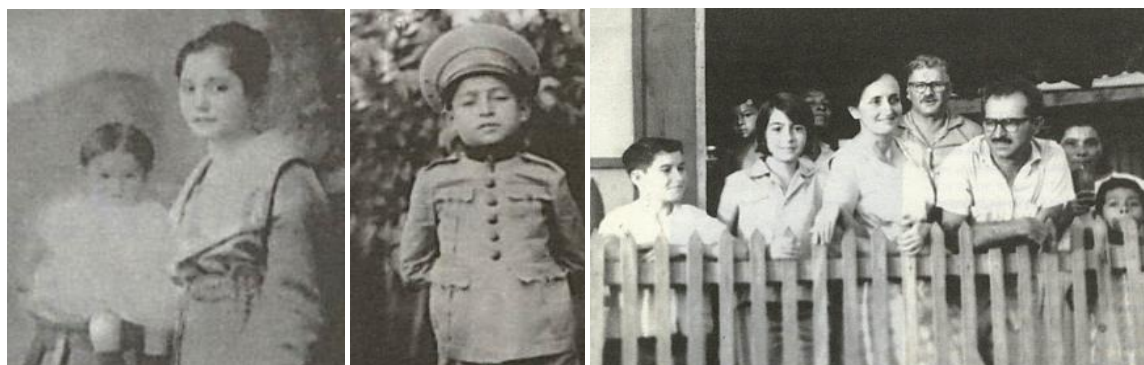
¹⁸ Getúlio Vargas (1882-1954) governou o Brasil de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Manoel foi militante comunista durante o período do Estado Novo (1937 a 1945).

O escritor jamais recuperou a obra de exemplar único e contou ter abandonado a vida de “comuna” após se decepcionar com o apoio de Luís Carlos Prestes a Vargas, cujo governo prendeu o líder comunista. Vargas ainda deportou à Alemanha de Adolf Hitler, em 1936, a mulher de Prestes, a judia alemã Olga Benário, que estava grávida. “Vomitei o comunismo e toda espécie de obediência canina ou cavalariça”, relatou o mato-grossense ao jornal *A Crítica* (Brambilla, 1986, p. 11). Ao longo da vida, ele reafirmou que se considerava um “homem de esquerda” (Couto, *Folha de S. Paulo*, 1993, p. 8), mas sem militância partidária.

Após se afastar do PCB, Manoel passou uma temporada com o pai no Pantanal e viajou pela Bolívia. Em 1947, seguiu para os Estados Unidos a fim de aprender mais sobre cinema e pintura. Entrou no país por Miami, estudou inglês em Coral Gables e desbravou Nova York, onde frequentou o Museu de Arte Moderna, encantou-se com os quadros de Paul Klee, Pablo Picasso, Van Gogh, Georges Braque e Joan Miró, ouviu música clássica e leu os escritos de Ezra Pound, Stephen Spender, Walt Whitman, Emily Dickinson, William Blake, Virginia Woolf e T.S. Elliot (Rosa; Duncan; Menegazzo, 1992).

De volta ao Rio de Janeiro, Manoel conheceu a mineira Stella dos Santos Cruz, com quem se casou em 1947 e teve três filhos: Pedro (1948), Martha (1951) e João (1955). O autor lançou *Poesias* em 1956, mesmo ano em que teve a timidez, marca da sua personalidade desde menino, abordada na *Tribuna da Imprensa* (p. 3), que o citou como “uma das mais esquivas figuras da geração de 45, mas uma das mais importantes”. O artista discordava do rótulo de modernista da geração de 45¹⁹ e alimentou e conviveu com o passar dos anos com a fama de recluso e arisco, de “caramujo do Pantanal” (Neto, *O Globo*, 1987).

Reproduções 2 – Manoel com a mãe, na escola e na fazenda



Fontes: Acervo pessoal do autor, *Poesia sempre*, 1991.

¹⁹ Terceira geração modernista surgida após a II Guerra, com poetas que prezavam ideais estéticos, entre os quais, “o formalismo, a depuração estilística e o retorno às formas clássicas” (Siqueira, 2023, p. 2).

O filho caçula de Manoel recebeu o mesmo nome do pai do poeta, João, que morreu em dezembro de 1949 e deixou fazendas no Pantanal para os herdeiros. Coube a Manoel uma área de cerca de 16 mil hectares, terras que ele cogitou vender para permanecer no Rio de Janeiro. Stella, contudo, conseguiu convencê-lo a mudar-se para Nhecolândia. A propriedade foi batizada de Santa Cruz, em referência à fazenda em que Stella cresceu em Minas Gerais. “Ficamos dez anos aqui, eu só saía para renovar título no banco”, disse o autor mato-grossense em *O Tempo* (Gonçalves, 1998, p. 5).

O poeta-advogado assumiu o ofício de pecuarista no final da década de 1950. Construiu casa com placas de fibra de eucalipto compensado, cercou a propriedade, contratou peões, formou rebanho, tratou de bezerros, cavalgou para salgar cochoss, admirou corixos e viveu com a família na fazenda que só recebia visitas de barco ou avião nos meses de verão, quando as chuvas transbordam os rios e alagam o Pantanal. A experiência “serviu para amadurecer” e “dar um rumo” à obra poética repleta de seres e histórias da região, na descrição do jornalista Fernando Granato (*Folha de S. Paulo*, 2019, A4 e A5).

O isolamento não impediu o artista de mandar os originais de *Compêndio para uso dos pássaros* ao Rio de Janeiro para disputar o Prêmio Orlando Dantas, distinção literária nacional. O regulamento exigia pseudônimo, e Manoel assinou Pedro Bacurau. “Um concorrente de Corumbá, Mato Grosso, de nome desconhecido para o grande público, conquistou por unanimidade o Prêmio Orlando Dantas”, anunciou na edição de 24 de julho de 1960 o *Diário de Notícias* (p. 1), organizador do certame. O poeta soube da vitória por telegramas enviados à Fazenda Santa Cruz (*Folha da Tarde*, 1960).

Ao final da década, em 1969, Manoel conquistou o prêmio de melhor obra inédita de poesia concedido pela Fundação Cultural do Distrito Federal por *Gramática expositiva do chão*. A honraria foi entregue ao escritor durante o IV Encontro Nacional de Escritores, realizado em Brasília. “O critério para a escolha baseou-se em localizar nos livros apresentados o que apresentasse uma contribuição realmente nova à poesia brasileira”, informou o *Jornal do Brasil* (1969, p. 3) a respeito do veredito da comissão julgadora formada por Lago Burnett, Domingos Carvalho da Silva e Ciro Pimentel. Os jurados premiaram em outras categorias Marques Rebelo, Dinah Silveira de Queiroz, Leodegário de Azevedo Filho e Péricles Eugênio da Silva.

Em 1974, Manoel publicou *Matéria de poesia*, obra com verso que marcou sua arte: “Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para poesia” (Barros, 2010, p. 146). O livro ganhou elogios do crítico Ismael Cardim, impressionado com a capacidade “de reconstrução do mundo a partir da sua escória, dos seus dejetos, da sua esterilidade” e com o fato de especialistas ignorarem o autor (Cardim, *Crítica*, 1974, p. 15).

Manoel dedicou *Matéria de poesia* ao filólogo Antônio Houaiss²⁰, entusiasta do seu trabalho, cuja divulgação ampla veio após o sétimo livro, *Arranjos para assobio*, lançado em 1982 pela Civilização Brasileira em edição financiada com recursos do poeta. A editora era comandada por Ênio Silveira, nome decisivo na carreira do mato-grossense. Outro responsável pelo impulso foi o escritor, humorista e ilustrador Millôr Fernandes²¹, que, em outubro de 1984 na revista *Isto É* (p. 13), revelou aos leitores, em tom irônico, o artista quase septuagenário, dono de uma “poesia única, inaugural, apogeu do chão”.

Lago Burnett, Fausto Wolff e João Antônio, em suas colunas n’*O Pasquim* (1984), reforçaram o coro que foi ampliado após a publicação, em 1985, de *Livro de pré-coisas*. A obra recebeu elogios de Carlos Menezes (*O Globo*, 1985) e Paulinho Assunção (*Estado de Minas*, 1986). Os versos nasceram de crônicas impressas no *Boletim do Fazendeiro* – informe da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul) – e apresentaram Bernardo, alterego do poeta que reapareceu nos livros seguintes. O personagem é a versão letral de um funcionário da fazenda Santa Cruz, chamado Bernardo, que cuidava de uma tia do autor considerada “agressiva”. O homem negro fumava cachimbo e bebia cachaça, pouco falava, mas demonstrava intimidade com animais, plantas e águas.

Segundo integrantes da família Barros, o velho e amado empregado da fazenda costumava passar horas diante do rio em entretido diálogo com a água corrente e com os ventos. Passarinhos pousavam em seu ombro e outros animais se deixavam pegar por ele, sem oferecer resistência. Foi essa relação com a natureza que Manoel de Barros invejou (Moura, *Bravo!*, 1998, p. 37).

²⁰ Antônio Houaiss (1915-1999) foi professor, diplomata, titular da Academia Brasileira de Letras (ABL) e ministro da Cultura (1992-1993). Mais informações em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-houaiss/biografia>. Acesso em: 10 jan. 2024.

²¹ Millôr Fernandes (1924-2012) foi cartunista, artista gráfico, tradutor, humorista, escritor e jornalista. Um dos fundadores do *Pasquim*, teve colunas em *O Cruzeiro*, *Veja*, *Isto É* e *Jornal do Brasil*. Mais informações em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-millor-fernandes>. Acesso em: 10 maio 2024.

Carlos Drummond de Andrade²² também colaborou para a fama de Manoel ao permitir que a imprensa publicasse que considerava o escritor o maior poeta brasileiro vivo. O elogio, que havia sido proferido por João Antônio (*O Pasquim*, 1984), foi reproduzido por jornais e revistas que publicaram matérias sobre o poeta que completava 70 anos de idade e 50 de poesia (Nogueira, *Correio Braziliense*, 1987; Spitz, *Jornal do Brasil*, 1988; Fucuta, *O Estado de S. Paulo*, 1990; Accioly, *Correio da Manhã*, 1992).

O lançamento do filme *Caramujo-Flor* (1988), dirigido por Joel Pizzini, a entrevista à revista espanhola *El Paseante* (1988) e a entrevista por cartas à revista brasiliense *Bric-a-Brac* (1989) ajudaram a ampliar o espaço de Manoel na imprensa, que divulgou com regularidade os novos livros com resenhas, entrevistas, perfis, artigos e notas (Yamamoto, 2016). A curiosidade também chegou a Portugal. Em 1994, o escritor e jornalista angolano José Eduardo Agualusa entrevistou Manoel para a revista do jornal *Público*.

O velho Manoel vive nas margens do mundo, num lugar onde a terra se confunde com o céu e com a água, o verde com o azul e o sonho com a vida. Vive atento aos bichos do chão, às coisas miúdas, ao lodo dos charcos. Apresenta-se a si próprio como um fazedor de inutensílios. Diz que só se preocupa com as coisas inúteis e que tudo o que serve para o lixo serve para a poesia. Um dia, confessou ser de profissão encantador de palavras. Manoel de Barros, 77 anos, é hoje um dos nomes maiores da poesia em língua portuguesa. Os brasileiros, que o descobriram tarde, já o idolatram. Os portugueses ainda não sabem quem é (Agualusa, *Público Magazine*, 1994, p. 45).

O espaço concedido na mídia escrita também deu visibilidade à timidez do poeta. “Arredio”, “encaramujado”, “tímido” e “inacessível” foram os adjetivos usados para descrever o autor em reportagem de 1989 de João Borges n’*O Estado de S. Paulo*. O mato-grossense evitava congressos e preferia conceder entrevistas por escrito, já que detestava “falar com ferros”, em alusão ao microfone dos repórteres (Castro, 2021).

Manoel conquistou a fama na década seguinte à divisão de Mato Grosso em dois estados²³. Campo Grande e Corumbá, cidades nas quais os Leite de Barros mantinham residência e fazenda, ficaram em Mato Grosso do Sul. O poeta das coisas desimportantes

²² Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Publicou livros de poesia, prosa e crônicas. Foi colunista do *Jornal do Brasil*. Mais informações em: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Cronologia>. Acesso em: 10 jan. 2024.

²³ Lei Complementar nº 31/1977, assinada pelo então presidente Ernesto Geisel, determinou a criação de Mato Grosso do Sul.

permaneceu rico, a exemplo do pai, graças à empreitada rural. Criou mais de 5 mil cabeças de gado e adquiriu o próprio avião para cumprir a travessia entre campo e cidade. Mais velho, repassou a dianteira dos negócios ao filho João e cultivou a imagem de homem pouco prático. Dizia que não aprendeu a dirigir carros e que “teria morrido de fome” caso precisasse trabalhar para sobreviver. No entanto, o escritor era desmentido por Stella: “ele sempre administrou muito bem o que recebeu” (Accioly, *Revista Goodyear*, 1989, p. 52).

A tranquilidade financeira permitiu ao autor viver feito “vagabundo profissional” (Borges, *O Globo*, 1993, p. 1), com mais tempo para o labor poético e para viagens anuais de “reciclagem” ao Rio de Janeiro, onde visitava a filha Martha, ia ao cinema, frequentava livrarias, bebia chope e caminhava pelo Leblon, bairro no qual mantinha apartamento (Pinheiro, *Jornal do Brasil*, 1994). Certa vez, ele disse que preferia o Leblon ao Pantanal e destacou a importância do ócio para quem deseja fazer poesia.

Levei vários anos até conquistar o ócio, isso é importante para o poeta, ele não pode ter a cabeça virada só para coisas a resolver. Fiquei muitos anos arrumando minha vida, saldando dívidas, atendendo papagaio. [...] Agora estou vagabundo, tenho direito a isso. Herdei uma fazenda, em campo aberto, terra nua, sou fazendeiro de gado, vaca, não sou “o rei do boi do gado”, mas vivo bem (Barros *apud* Barros, A, *J. do Brasil*, 1996, p. 5).

A casa da família em Campo Grande, na Rua Piratinga, bairro Jardim dos Estados, converteu-se em principal espaço de criação. A residência com sala espaçosa, quarto com varanda ornado por uma pitangueira, jardins internos e jardim de frente cercado por muros altos reservou no segundo andar um pequeno cômodo, mobiliado com escrivaninha de madeira e estante (Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997). A chave escondida sobre o batente da porta abria o “lugar de ser inútil”. O refúgio de todas as manhãs era espaço para leitura de dicionários e livros, escuta de música clássica e confecção lenta e minuciosa de poemas nos “cadernos de caos”, caderninhos de folhas A4 dobradas feitos pelo próprio Manoel (Accioly, *Revista Goodyear*, 1989, p. 53), que confiava em seu método.

No meu quintal existem umas palavras que chamo de ‘arquissemas’ que me comandam muito. Eu não posso desprezá-las. Então, eu repito esse mundo, mas não repito o mundo de dizer. Aí está todo o meu trabalho. Escrevo diariamente nesses caderninhos a lápis. Olhe, tenho várias gavetas cheias deles. Depois vou depurando isso com a vontade estética. De cada 200 versos que eu faço, eu aproveito um que fique em pé (Barros *apud* Couto, *Folha de S. Paulo*, 1993, p. 8-9).

O escritor, que criou o verso “repetir repetir – até ficar diferente” (Barros, 2010, p. 300), apostou na rotina disciplinada: despertar por volta das 5h, seguido de guaraná em pó, caminhada e restante da manhã no “escritório de ser inútil”; dose de uísque, papo com netos, almoço e sesta; ida ao escritório para especular sobre gado, visitas ao Bar do Zé e ao Armazém do Troncoso para conversar “fiado com as pessoas e os muros”; parada na padaria e retorno à casa ao final da tarde para ficar diante da TV (Accioly, *Desfile*, 1990, p. 116-118). Manoel via novelas, noticiários, filmes e futebol, em especial, jogos do Botafogo (Piza, *O Estado de S. Paulo*, 2010, S8).

Apreciador de uísque importado e caldo de piranha, o poeta, na visão de Castello (*Pernambuco*, 2015), destoava da imagem sugerida por seus versos, do homem de pés no chão, vivendo em meio à natureza do Pantanal e isolado. Ele sustentou por décadas o mesmo visual: topo da cabeça calvo, cabelos brancos e fartos nas laterais, bigode grisalho, sobrancelhas grossas e escuras, óculos de aro grosso em tom âmbar, relógio de pulseira de couro e roupas formais e vincadas – calças sociais e camisas de manga curta de linho ou algodão. Um senhor gentil e bem-humorado, cuja timidez afluía quando encarava ambientes lotados e falava em público ou para câmeras.

A minha vergonhez explica muita coisa. Sou tímido por temperamento, é possível que só seja poeta por causa disso. [...] A poesia faz da gente uma espécie de mito, e as pessoas acabam fazendo da gente uma imagem diferente da realidade. Tem gente aqui que pensa que eu vivo isolado, sozinho, sem amigos, falam que eu sou intratável. Não sou isolado, não (Barros *apud* Barros, AL, *Jornal do Brasil*, 1996, p. 5).

Católico, Manoel declarou à revista *Nicolau* (Lopes, 1991, p. 4-6) que considerava Jesus Cristo um “grande poeta” e que acreditava em Deus porque o “homem despojado de mistérios vira um cientificista”. O mistério e a intuição de crianças e andarilhos inspiraram o artista longevo. Ele manteve produção de livros até 2011, com *Escritos em verbal de ave*, e arrebatou prêmios, entre os quais, o Jabuti de 1990 e 2002 (*O guardador de águas* e *O fazedor de amanhecer*) e o Nestlé de 1997 (*Livro sobre nada*).

Em 2010, o autor lançou *Menino do mato* e a antologia *Poesia completa*. Antes, publicou a trilogia *Memórias inventadas: a primeira infância* (2003), *a segunda infância* (2006) e *a terceira infância* (2008). Manoel ainda foi tema do documentário *Só dez por cento é mentira* (2008), de Pedro Cezar, e se tornou membro da Academia Sul-mato-grossense de

Letras em 2013. Ao todo, publicou 18 livros de poesia, três de prosa poética e quatro obras infantis. Criou sem amarras e se considerou um eterno menino, em especial durante a velhice (Millen, *O Globo*, 1998). A liberdade para escrever pode ser vista, entre tantos exemplos, no título e nos versos de *O livro das ignorâncias*:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos – o verbo
tem que pegar delírio (Barros, 1993, p. 17).

Com partes traduzidas em inglês, espanhol, alemão e francês, a obra de Manoel rompeu com a ideia de considerar verdadeiro apenas o que é cognoscível, lastreado na razão operativa. O autor buscou a gama de significados das palavras para escrever retratos do cotidiano e criar, também, uma espécie de surrealismo pantaneiro. Berta Waldman, em 1989 no *Jornal do Brasil*, salientou que o artista não se referiu somente ao Pantanal, não foi apenas documental. A natureza serviu de “matéria-prima” para reflexões universais.

Descentrando o homem de seu papel de dominação sobre os seres da natureza, o poeta o nivela à condição de coisa entre coisas: miúdo, ele é submetido a uma ordem comum que vale para todos os seres. Todos, sem exceção, vivem, morrem e se transformam continuamente. Assim, os temas centralizadores dessa poesia são a vida e a morte, tratados sem nenhum travo de niilismo (Waldman, *Jornal do Brasil*, 1989, p. 4).

Os versos do mato-grossense também chamaram atenção pelo recurso à sintaxe que reproduzia a linguagem oral dos pantaneiros e pelos neologismos que renderam comparações à prosa de Guimarães Rosa (França, *Correio Braziliense*, 1990; Junior, *Valor Econômico*, 2014, A12). Fã do escritor mineiro, Manoel incentivou essa relação ao relatar em entrevistas que esteve com Rosa no Pantanal e no Rio de Janeiro, encontros que não foram comprovados. A invenção foi outro pilar do artista que filosofou que “as coisas que não existem são mais bonitas” (Barros, 2010, p. 299) e que se via como poeta da palavra.

O que marca um estilo literário é a maneira de mexer com as palavras. Poesia é um fenômeno de linguagem. De minha parte, confesso que fujo do regionalismo que não dê em arte, que só quer fazer registro. Não gosto de descrever lugares, bichos, coisas da natureza. Gosto de inventar. Quem descreve não é dono do assunto: quem inventa é. Não tenho compromisso com as verdades consagradas (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1996, D12).

Sucesso de vendas nas últimas décadas de vida, com livros distribuídos em escolas e sendo tema de questões de vestibulares (Saldaña, *O Estado de S. Paulo*, 2012, A17), Manoel teve a obra completa reeditada em 2014, incluindo “A Turma”, seu último poema. Ele seguiu acompanhado de Stella, porém sofreu com as perdas dos filhos. João morreu em um acidente aéreo em 2007. Pedro faleceu em 2013 em decorrência de um AVC, fato que “silenciou” e “desabou” o poeta, segundo Martha: “Papai sofreu um baque. E tem o problema da idade. Ele está se apagando como se fosse uma velinha” (Rodrigues, K., *O Globo*, 2014, p. 2).

Manoel morreu em 13 de novembro de 2014 de falência múltiplas dos órgãos, no hospital Proncor, em Campo Grande, onde foi internado para uma cirurgia de desobstrução intestinal. Deixou esposa, filha, sete netos, cinco bisnetos e “uma infinidade de versos a serem descobertos pelas novas gerações”, como grifou o jornal *O Globo* (2014, p.1). “Um dos principais poetas brasileiros” (Brasil, *O Estado de S. Paulo*, 2014, C1), “um dos poetas mais populares do Brasil” (*Zero Hora*, 2014, p. 5) e “um dos mais aclamados poetas contemporâneos brasileiros” (Junior, *Valor Econômico*, 2014, A2) foram descrições de obituários que sintetizaram o reconhecimento do artista mato-grossense ao final da vida.

1.2 Um inventário de jornais e revistas (1920-2020)

A presença de Manoel de Barros no jornalismo impresso foi mapeada a partir da construção de um inventário de mídia escrita, no qual catalogamos material publicado entre as décadas de 1920 e 2020. A pesquisa reuniu 1.848 registros publicados por 126 jornais e revistas nos quais o poeta foi citado. Trata-se, como reflete Ginzburg (2007, p. 7), de uma massa de rastros que necessita de organização para narrar histórias não ficcionais, conectadas pelo “fio do relato”, que nos orienta no “labirinto da realidade”. Um arquivo composto por textos jornalísticos e fotografias que operam para a construção de um imaginário com fragmentos, hologramas, imagens da vida e obra do autor cuja visibilidade na imprensa foi intermitente, conforme os números de registros localizados por década.

1920: 3 registros	1960: 47 registros	2000: 558 registros
1930: 5 registros	1970: 15 registros	2010: 637 registros
1940: 28 registros	1980: 114 registros	2020: 66 registros
1950: 13 registros	1990: 362 registros	

Reproduções 3 – Manoel de Barros em registros de jornais



Fontes: *Estado de Minas*, 2013; *A Gazeta*, 2014; *Valor Econômico*, 2003.

Encontramos registros de Manoel dispersos em arquivos acadêmicos ou particulares e acervos de mídia impressa digitalizados²⁵. O inventário agrupou, descreveu e classificou os itens das coleções, levou os múltiplos fragmentos para um contexto de compreensão (Maciel, 2009). Quase a totalidade do acervo catalogado foi publicada por periódicos brasileiros, com exceção de conteúdo do jornal português *Público* e da revista espanhola *El Paseante*, e contempla títulos que saíram de circulação, como *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa*, *Manchete*, *O Pasquim* e *Isto É Senhor*.

O olhar macro no material veiculado entre 1928 e 2024 identifica que o escritor foi mencionado pela mídia escrita nas cinco regiões do Brasil, com predomínio de jornais do Sudeste, em especial do Rio de Janeiro e de São Paulo, que respondem por quase 90% dos registros reunidos²⁶. *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* foram os veículos com maior número de menções a Manoel inventariadas. As quatro publicações são representantes do que Lage (2006) chama de grande imprensa, que reúne

²⁵ Ferreira (2002, p. 260) frisa a importância dos catálogos e repositórios digitais – mantidos por universidades, bibliotecas e fundações – para estudos bibliográficos, pois permitem filtros por autor, assunto, data, instituição, área, entre outros. Os repositórios acumulam conteúdo no mesmo espaço (digital ou físico), o que otimiza o trabalho de mapeamento da produção e facilita a circulação de conhecimento.

²⁶ O predomínio de jornais de grande circulação do Sudeste passa por terem acervos de consulta *online*.

títulos de grande circulação e que influenciam o debate dos principais temas do cotidiano do país, entre os quais, o cultural.

O jornal *O Globo*²⁷, com sede no Rio de Janeiro e integrante do maior conglomerado de mídia do país, publicou mais da metade dos registros catalogados, em especial por incluir espetáculos inspirados no poeta nas dicas de programação cultural. O autor viveu por cerca de 30 anos no Rio de Janeiro e manteve rotina de viagens anuais à cidade para visitar a filha Martha, rever amigos, comprar livros e ir ao cinema. Artistas que produziram atrações sobre o escritor viviam no Rio de Janeiro e trabalhavam em empresas do Grupo Globo, a exemplo da atriz Cássia Kis, da jornalista Bianca Ramoneda e do diretor Cláudio Savaget.

Manoel também foi divulgado por revistas especializadas na cobertura cultural (*Caros Amigos, Bravo!, Cult, Lector, Leia, Nicolau, Poesia Sempre, Suplemento Literário Minas Gerais, Pernambuco*), por jornais de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul (*Correio do Estado, Diário de Cuiabá, O Estado de Mato Grosso, O Progresso, O Momento, A Cruz, Jornal do Comércio*) e por veículos líderes de circulação em seus estados, entre os quais, *Zero Hora* (RS), *O Povo e Diário do Nordeste* (CE), *O Liberal* (PA), *Estado de Minas e O Tempo* (MG), *Correio da Bahia* (BA) e *Correio Braziliense* (DF).

Veículos com mais registros catalogados

O Globo: 815 registros

O Estado de S. Paulo: 260 registros

Folha de S. Paulo: 149 registros

Jornal do Brasil: 147 registros

Correio Braziliense: 62 registros

Outros²⁸: 415 registros

Total: 1.848 registros

²⁷ Jornal fundado em 1925 por Roberto Marinho, integra o *Grupo Globo*, formado pela *TV Globo* (maior emissora de TV aberta do país, com cinco emissoras e 118 afiliadas), canais por assinatura, rádios, jornais, sites, produtora de filmes, plataforma de streaming, fundação e ações em outros negócios. Mais informações em: <https://globoir.globo.com/show.aspx?idCanal=AKIvCadri0mhYD5XLFFLew==&linguagem=pt>. Acesso em: 24 set. 2024.

²⁸ São 121 jornais e revistas que publicaram registros nos quais Manoel aparece, como *Zero Hora, Valor Econômico, Manchete, O Povo e O Tempo*. Periódicos citados no “Índice de jornais e revistas”.

Índice de jornais e revistas (126)

A Cidade	Correio do Povo SC	Jornal de Letras	O Povo
A Crítica	Correio Paulistano	Jornal de Shopping	O Progresso
A Cruz	Crítica	Jornal do Brasil	O Semanário
A Fortaleza	Desfile	Jornal do Comércio	O Tempo
A Gazeta	Diário Carioca	Jornal do Commercio	Panorama
A Gente	Diário da Noite	Jornal do Commercio AM	Pasquim
A Manhã	Diário da Serra	Lector	Pernambuco
A Notícia	Diário de Cuiabá	Leia	Pioneiro
A Tarde	Diário de Notícias	Leituras	Poesia Sempre
A Tribuna	Diário do Nordeste	Letras e Artes	Princípios
Afinal	Diário do Pará	M Cultura	Público
Anuário de Corumbá	Diário Popular	Manchete	Revista Cult
Beira-Mar	El Paseante	Mato Grosso do Sul	Revista da Cultura
Boletim da Nhecolândia	Estado de Minas	Monitor Campista RJ	Revista do Livro
Boletim do Fazendeiro	Executivo Plus	Mood Life	Revista Goodyer
Brasileiros	Expresso Popular	Município	Revista Nacional
Bravo!	Folha da Tarde	Nicolau	Revista Palavra
Bric a Brac	Folha de Hoje	O Dia	Sup. Lit. Minas Gerais
Cad. de Leit. Compartilhadas	Folha de S. Paulo	O Estado	Terra e Gente
Cad. do Terceiro Mundo	Folha do Povo	O Estado de Mato Grosso	Teyu'í
Carioca	Folha do Sul	O Estado de S. Paulo	Tribuna
Caros Amigos	Gazeta de Alagoas	O Estado do Paraná	Tribuna da Imprensa
Carta Capital	Gazeta de Curitiba	O Fluminense	Tribuna de Minas
Caxias Notícias	Grifo	O Globo	Última hora
Cidade de Santos	Isto É	O Imparcial	Valor Econômico
Ciência e Cultura	Isto É Senhor	O Jornal	Vanguarda
Correio Braziliense	Jornal Brasil Central	O Liberal	Veja
Correio da Bahia	Jornal da Cidade	O Lutador	Veja Centro-Oeste
Correio da Manhã	Jornal da Orla	O Momento	Visão
Correio da Manhã	Jornal da Tarde	O Nacional	Zero Hora
Correio de Notícias	Jornal da USP	O Norte	
Correio do Estado	Jornal de Brasília	O Popular	

O material impresso nas páginas dos jornais e revistas, que reproduzimos em formato digital nesta pesquisa documental (Severino, 2013), foi escrito e editado nas redações. Os responsáveis por esses registros foram agentes importantes na relação de Manoel com o jornalismo impresso e na construção do imaginário do poeta. Na ótica de Traquina (2005, p. 26), os jornalistas “são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”. Os redatores usaram parte da realidade para retratar o escritor mato-grossense mediante o filtro de editores, que, na análise de Marcondes

Filho (1986, p. 14), são tradutores e transformadores da realidade social por darem formato final a textos e páginas publicados, orientados por suas opiniões e bagagem cultural e pelos interesses das empresas em que trabalham: “Na mão do editor está a definição política de como o fato deverá repercutir na sociedade”, atesta o pesquisador.

Como a imprensa não informa o responsável pela edição específica das matérias, não foi possível identificar quem editou cada registro. A situação é diferente quanto aos autores, cujos nomes circularam junto ao conteúdo produzido. O inventário agrupou textos feitos por 529 autores com diferentes ofícios: repórteres, colunistas, críticos, escritores, atores, professores universitários. Ubiratan Brasil e José Castello assinaram o maior número de registros: 25 e 24, respectivamente. Brasil, então repórter da seção cultural d’*O Estado de S. Paulo*, publicou reportagens sobre livros, entrevistas com Manoel e notícias com menções ao autor. Castello fez o mesmo n’*O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Valor Econômico*, além de publicar um perfil do poeta no livro *Inventário das sombras*²⁹ (1999).

Outros jornalistas se destacaram na divulgação do poeta na mídia escrita. Mânia Millen, n’*O Globo*, assinou reportagens e colunas, enquanto Antonio Gonçalves Filho publicou reportagens e entrevistas na *Folha de S. Paulo*. Colunistas se interessaram, em determinados momentos, pelo escritor e veicularam notas sobre ele, a exemplo de Ricardo Boechat, à época no *Jornal do Brasil*; e Joaquim Ferreira dos Santos, Cesar Tartaglia e Tania Neves, Cléo Guimarães e José Eduardo Agualusa, todos n’*O Globo*. Tostão, na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*, com frequência, citou versos do mato-grossense para ilustrar opiniões a respeito de jogos de futebol. Daniela Name, Elisabeth Orsini, João Borges e José Geraldo Couto são outros repórteres que aparecem entre os que mais citaram Manoel.

Autores com mais textos publicados que citam Manoel³⁰

Ubiratan Brasil: 25	José Eduardo Agualusa: 8	Wilson Martins: 6
José Castello: 24	Rachel Bertol: 8	Sérgio Medeiros: 6
Mânia Millen: 15	Ancelmo Gois: 7	Anna Accioly: 5
Antonio Gonçalves Filho: 12	Cecília Costa: 7	Guilherme Freitas: 5
Ricardo Boechat: 11	Cleo Guimarães: 7	Lívia Deodato: 5
Joaquim Ferreira dos Santos: 10	José Geraldo Couto: 7	Terezinha Tagé: 5
Cesar Tartaglia e Tania Neves: 9	Douglas Diegues: 6	Paulo Roberto Pires: 5
Elisabeth Orsini: 9	João Antônio: 6	Valdemar Cavalcanti: 5

²⁹ Castello reuniu perfis de grandes escritores no livro *Inventário das sombras* (Record, 1999), entre os quais Manoel de Barros, Clarice Lispector, Bioy Casares, Hilda Hilst, Nelson Rodrigues e Saramago.

³⁰ A relação completa dos 529 autores se encontra no apêndice deste trabalho.

Tostão: 9
Daniela Name: 8

Leonardo Lichote: 6
Severino Francisco: 6

Washington Novaes: 5
André Luiz Barros: 4

Ao observarmos somente textos opinativos, 117 autores assinaram colunas, artigos, comentários, resenhas de livros e críticas da obra do artista. José Castello se destacou com seis textos, seguido por Douglas Diegues, João Antônio, José Geraldo Couto e Vicente Cecim, com quatro registros cada. A poesia de Manoel ganhou elogios de escritores e intelectuais, entre os quais, Antônio Houaiss, Ismael Cardim, José Maria Cançado, Lago Burnett, Sérgio Sossella, Sérgio Medeiros, Berta Waldman, Millôr Fernandes e Lucia Castello Branco. Estudiosos na academia, Maria Adélia Mengegazzo, Olga Maria Castrillon e Adalberto Müller publicaram críticas em jornais e revistas.

Os textos opinativos nas seções de cultura/variedades da imprensa são manifestações críticas sobre o trabalho de artistas. O escritor, poeta e compositor Antonio Cicero (2017) recorda que o vocábulo “crítica” deriva do grego *kritiké* com a ideia de “separar, distinguir, julgar, decidir”. A ação de separar é chamada de *krísis*, que originou no português a palavra crise e, também, significa juízo. No meio literário, a crítica separa quais obras passam e quais não passam no filtro de qualidade, avaliação com poder de recomendação ao leitor. “O cânone poético consiste num conjunto de textos e/ou autores considerados exemplarmente excelentes e dignos de serem lembrados”, explica Cicero (2017, p. 70).

Pena (2006) ensina que a crítica literária se divide entre a acadêmica, feita nas universidades e mais voltada ao ensaio do que ao juízo de valor, e a jornalística, com predomínio de resenhas que analisam obras de forma mais rápida. A crítica nos jornais pode ser feita por jornalistas, professores, intelectuais e outros profissionais com visibilidade pública – músicos, atores, políticos, celebridades. “Ter o nome veiculado nas páginas dos jornais legitima tanto os autores quanto os críticos”, destaca o autor (Pena, 2006, p. 42).

O crítico, segundo Pena (2006, p. 39), articula conceitos e sensibilidades, mescla racionalidade e intuição, para mostrar ao leitor “o motivo de existência da obra”, explicar o valor estético e indicar virtudes e defeitos. A atividade influencia o consumo da sociedade e a criação de muitos escritores, que buscam a chancela da crítica. Manoel, mesmo antes de alcançar a fama, recebeu mais comentários elogiosos do que depreciativos. Ao longo das décadas, o tom majoritário dos críticos do poeta no jornalismo impresso foi positivo, porém há exemplos de comentários negativos de Eloy Pontes, Marcelo Coelho, Miguel Sanches Neto, Manoel Ricardo de Lima e José Nêumanne.

A quem possa estranhar o paralelo é bom esclarecer que o autor dos minicontos do Grogotó [Evandro Affonso Ferreira] não se aventou a deambular em veredas trilhadas por imitadores de Rosa, menos talentosos, embora alguns sejam mais badalados que ele, caso do pantaneiro Manoel de Barros, que tentam seduzir o leitor pelo uso da fartura léxica da prosopopeia matuta (Nêumanne, *O Estado de S. Paulo*, 2003, D4).

Os textos opinativos na imprensa influenciaram a forma como o público viu, principalmente, a qualidade da obra de Manoel. Outra variável que compôs a equação do imaginário do poeta reúne as fotografias, que ofereceram opções de leitura preferencial do corpo do autor mato-grossense. O jornalismo trabalha com imagens iconográficas que ofereceram ao leitor uma percepção visual do poeta e auxiliaram o leitor a formular um imaginário, a ter uma construção mental para acionar quando pensar no artista. Na visão de Ana Barros (2010), os ícones no jornalismo (fotografias/vídeos/caricaturas) podem contribuir para complexificar as imagens e o imaginário.

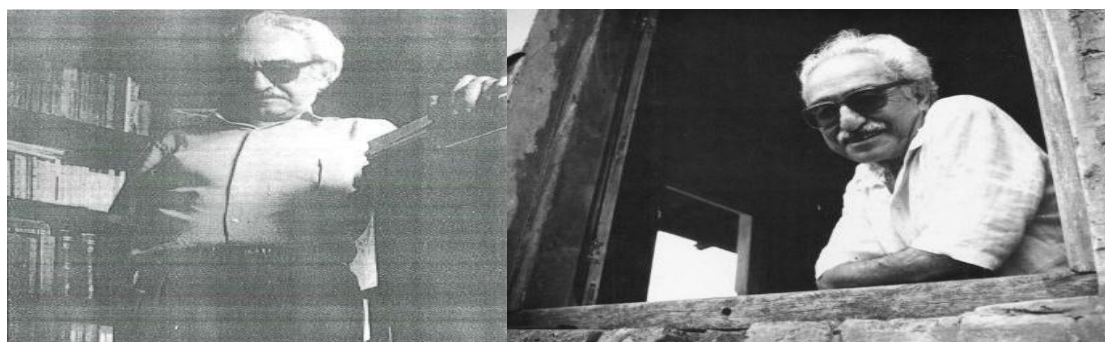
Catalogamos no inventário 224 registros com fotografias do escritor, das quais 214 publicadas a partir dos anos 1980. Os veículos com mais registros de imagens foram *O Globo* (39), *O Estado de S. Paulo* (32), *Jornal do Brasil* (26), *Correio Braziliense* (16), *Folha de S. Paulo* (16) e *Zero Hora* (9). Os cenários mais utilizados seguiram modelos que, no fotojornalismo, idealizam escritores em geral (mesas de trabalho e estantes com livros) e que estão no imaginário do autor mato-grossense (Pantanal, árvores e muros velhos). A fotografia é influenciada pelos hologramas, pelas imagens-ideias já existentes, e passa a inspirar as futuras fotografias, exemplo da “aura” do imaginário. “A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens”, afirma Maffesoli (2001, p. 76).

A maior parte das fotografias retratou Manoel idoso, o que condiz com o reconhecimento tardio que impediu o leitor de acompanhar a evolução da imagem do autor da juventude até a velhice. Segundo Rouillé (2009, p. 132), a fotografia captura e documenta corpos e coisas em um determinado momento, porém “não reproduz sem produzir, sem inventar, sem criar, artisticamente ou não, uma parte do real – nunca o real em si”. Mesmo no jornalismo, guiado pelo pacto de não ficção, a fotografia não representa automaticamente o real. Os fotógrafos produziram uma representação do poeta.

A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real (Rouillé, 2009, p. 77).

A longevidade de Manoel o fez ser fotografado por máquinas analógicas, que utilizavam filmes e só apresentavam a imagem após a revelação da fotografia em formato físico; e máquinas digitais, que oferecem ícones instantâneos do objeto capturado. Com diferentes tecnologias, instantes da vida do poeta foram recortados pela “fotografia-documento”, que informa associada ao texto nas páginas e fica preservada em arquivos (Rouillé, 2009, p. 97) que possibilitam consultas e/ou reproduções. Quase metade dos registros com fotografias foi publicada sem identificar o autor³¹. Nos itens com crédito, catalogamos 51 fotógrafos. Marcelo Buainain teve 21 registros com fotos publicadas. Natural de Campo Grande, ele fez o ensaio da entrevista do poeta à revista *El Paseante* (1988) e imagens do autor na fazenda usadas pela revista *Manchete* (1989). A revista *Bric-a-Brac* (1989) utilizou uma foto do profissional para ilustrar a entrevista com o artista. O material de Buainain integrou *releases* e foi publicado mais de uma vez e por diferentes veículos – ao menos 16 periódicos utilizaram suas peças. A reprodução de imagens também ocorreu com os fotógrafos Ana Branco, Mirian Fichtner e Jonne Roriz.

Reproduções 4 – Manoel de Barros em registros de Marcelo Buainain



Fontes: *Folha de S. Paulo*, 1989; *Bric-a-Brac*, 1989.

Fotógrafos com mais imagens creditadas em registros publicados de Manoel³²

Marcelo Buainain: 21	Tuca Vieira: 6	Alaor Filho: 4
Ana Branco: 7	Jone Roriz: 5	José Geraldo Couto: 3
Mirian Fichtner: 7	Marlene Bergamo: 5	Warren Nabuco: 3
Renata Caldas: 6	Stefan Hess: 4	

³¹ Imagens sem crédito ou creditadas como de arquivo, divulgação e acervo pessoal.

³² A relação completa dos 51 fotógrafos se encontra no apêndice deste trabalho.

A documentação do acervo do inventário (Lopes, 2003) permitiu observar o material em diferentes categorias. Utilizamos a classificação Marques de Melo (2009) para melhor compreender a presença de Manoel nos jornais e revistas³³. Os gêneros informativo e utilitários foram majoritários. Os registros de serviço, roteiro, indicação e cotação foram publicados devido aos espetáculos e filmes inspirados ou baseados na obra do poeta, que se proliferaram a partir dos anos 1990³⁴. O gênero informativo englobou entrevistas em formato pingue-pongue ou em tópicos, nem todas concedidas pelo poeta – há casos de escritores que citaram o autor ao responderem perguntas de jornalistas. O inventário catalogou 114 entrevistas de Manoel: 44 concedidas por escrito, 26 pessoalmente, sete por telefone e outras 37 sem informação no texto sobre como se deu o diálogo entre repórter e fonte.

Registros que citam Manoel por gênero jornalístico

Informativo: 737	Utilitário: 715	Opinativo: 353	Interpretativo: 31	Diversional: 12
Notícia: 379	Indicador: 639	Coluna: 120	Perfil: 20	História colorida: 12
Nota: 175	Roteiro: 57	Resenha: 80	Dossiê: 11	
Entrevistas: 105	Serviço: 18	Comentário: 61		
Reportagens: 78	Cotação: 1	Artigo: 48		
		Crítica: 26		
		Carta: 4		
		Crônica: 12		
		Editorial: 2		

A presença de Manoel no jornalismo impresso não ocorreu somente quando ele foi o assunto principal das matérias. Em 829 registros, houve referências ao poeta – comparações com escritores e citações de versos famosos. Outros 1.019 registros trataram diretamente do autor, cujas aparições seguiram critérios de noticiabilidade, definidos por Traquina (2008, p. 63) como “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia”. Os acontecimentos são selecionados desde que atendam à combinação, que varia de caso a caso e sofre influência da política editorial do veículo e da

³³ Marques de Melo (2009) define cinco gêneros com respectivos formatos: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista); opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta); interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê); diversional (história de interesse humano e história colorida); e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço).

³⁴ Espetáculos, audiovisuais, discos e exposições foram inspiradas na obra de Manoel, como *Caramujo-Flor* (1988), *Deslimes da Palavra* (2000), *Inutilizas* (2002), *Paixão pela Palavra* (2008), *Só Dez Por Cento é Mentira* (2008), *Crianças* (2012), *Nada* (2013), *Perto do Rio Tenho Sete Anos* (2014), *Meu Quintal é Maior do que o Mundo* (2018) e *Ocupação Manoel de Barros* (2019).

rotina de produção. O contexto que motivou a publicação dos registros, chamado de “gancho” no jargão das redações, é elemento importante da relação com a mídia escrita³⁵.

Quase metade das aparições foi motivada pela cobertura e pelo serviço de espetáculos e filmes inspirados ou sobre o poeta. Essa predominância tem relação com o gênero utilitário por meio de notas em seções com dicas de programação cultural. Lançamentos de livros, críticas e prêmios também impulsionaram Manoel na mídia impressa, nesses casos, com mais espaço nas páginas. Elogios, referências a frases ou versos do autor garantiram menções em blocos de textos. O senso de novidade como valor-notícia, seja por livros ou espetáculos, atraiu a cobertura, sobretudo após o poeta se tornar sucesso de venda, conversão influenciada pela troca, nos anos 1990, da editora Civilização Brasileira pela Record, dotada de maior estrutura de *marketing* e distribuição (Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1996, D12).

Contexto de publicação dos registros que mencionaram Manoel

Espectáculo baseado na obra: 635	Prêmio: 86	Família: 24
Lança ou prepara novo livro: 269	Homenagem: 85	Programa de TV: 22
Filme sobre Manoel: 180	Registro regional: 42	Efeméride: 16
Análise da obra: 120	Sugestão de livro: 40	Obra no Exterior: 17
Citação de verso ou frase: 118	Obituário: 33	Infância e juventude: 14
Artista elogia Manoel: 110	Texto de Manoel: 28	Elogio de Manoel: 9

Manoel foi descrito de formas variadas na mídia impressa, que buscou ângulos para diferenciá-lo, para torná-lo noticiável, a exemplo da referência geográfica ao Pantanal (distante do eixo Rio-São Paulo); da personalidade tímida; do reconhecimento tardio; do apreço à natureza, às miudezas e ao olhar infantil; das inovações linguísticas. No inventário, 307 registros fizeram menções gerais ao Pantanal, dos quais 79 apresentaram o poeta/autor/escritor do Pantanal. Em outros 230 registros, ele recebeu tratamento de autor consagrado, premiado e um dos maiores nomes da poesia brasileira. A timidez foi mencionada em 142 registros; o olhar infantil, em 341; e menções à natureza, em 463. Foram catalogados 43 registros que se referiram ao cômodo onde o poeta escrevia como “lugar de

³⁵ Traquina (2008) identifica valores-notícia substantivos (morte, proximidade geográfica e cultura, relevância/impacto na vida das pessoas, novidade, tempo/quando ocorre, notabilidade, inesperado, conflito/controvérsia e infração/escândalo), contextuais (disponibilidade, equilíbrio, visualidade/oferta de imagens, concorrência, dia noticioso/demais fatos do dia) e de construção (simplificação, amplificação, personalização, dramatização e relevância).

ser inútil” ou “escritório de ser inútil”. Relatos da vida no Rio de Janeiro constaram em 106 registros, enquanto citações a encontros com Guimarães Rosa apareceram em 47 registros.

Reproduções 5 – Manoel em registros da imprensa escrita



Fontes: Grifo, 1979; O Estado de S. Paulo, 1996; Zero Hora, 2002.

O inventário documentou os principais incentivadores de Manoel e o reconhecimento tardio, um dos acontecimentos cruciais da linha do tempo do artista nos jornais e revistas. Os registros catalogados citaram 182 nomes na gama de apoiadores, entre escritores, diretores, atores, coreógrafos, editores, professores. Destacaram-se, graças aos registros utilitários, artistas que lançaram filmes ou espetáculos e exposições inspirados no poeta, como Pedro Cezar (*Só dez por cento é mentira*) e Joel Pizzini (*Caramujo-Flor*) e as atrizes Bianca Ramoneda (*Inutilizas*) e Cássia Kis (*Meu quintal é maior do que o mundo*). O rol de apoiadores ainda trouxe escritores e intelectuais responsáveis pela divulgação do autor mato-grossense antes da fama – Millôr, Houaiss, Drummond, Ênio Silveira e João Antônio.

Incentivadores de Manoel mais citados nos registros³⁶

Pedro Cezar (129)	Zé Luiz Rinaldi (35)	Márcio de Camillo (11)
Millôr Fernandes (71)	Carlos Drummond de Andrade (29)	Egberto Gismonti (9)
Bianca Ramoneda (67)	Ênio Silveira (25)	Frederico Foroni (9)
Antônio Houaiss (48)	Jonas Bloch (20)	Geraldo Carneiro (9)
André Gardenberg (44)	Ana Portich (16)	Renato Vieira (9)
Adriano e Fernando Guimarães (41)	Fausto Wolff (15)	Tostão (9)
Joel Pizzini (37)	João Antônio (15)	Washington Novaes (9)
Cássia Kis (36)	Elisa Lucinda (11)	Mia Couto (7)

³⁶ A relação completa dos 182 incentivadores se encontra no apêndice deste trabalho.

Andrade (2017) atribui o silenciamento midiático com o qual Manoel conviveu a uma combinação de fatores influenciados pelo movimento modernista de 1922, pelo primeiro governo Vargas (1930-1945) e pela ditadura militar (1964-1985): corporativismo de escritores consolidados pelo Estado, instituições literárias dominadas por famílias tradicionais, preferências de estilo e correntes poéticas, visões de país de grupos político-partidários, dinâmicas de órgãos de imprensa e relações de amizade entre autores e comentaristas/divulgadores da obra. O pesquisador identifica nos anos 1980 uma mudança de cenário com a redemocratização do Brasil e a valorização de uma visão pró-natureza.

O efeito de sentido de “novidade” que vem à tona com a apreciação da poesia de nosso “esquecido veterano” é seguido em termos sociais pela revalorização ecológica e política do campo, em oposição aos processos de modernização que intensificaram a desigualdade social, a exploração da mão de obra operária, a violência urbana, os efeitos prejudiciais da poluição e a queda da qualidade de vida nas cidades (Andrade, 2017, p. 13).

Bosi (1995, p. 488) já havia apontado que Manoel só alcançou o êxito merecido “depois que sopraram também no mundo acadêmico os ventos da ecologia e da contracultura”. O contexto contribuiu junto com o peso das chancelas de literatos respeitados pela imprensa, que auxiliaram a justificar o espaço de mídia do mato-grossense nas últimas três décadas de carreira. Houaiss foi um incentivador-chave por “sua influência no meio intelectual” (Andrade, 2017, p. 2). Titular da Academia Brasileira de Letras (ABL), o filólogo recomendou Manoel a Ênio Silveira, colaborou com testemunhos para reportagens ou teve reproduzidos trechos do prefácio que assinou em *Arranjos para assobio* (1982): “Acompanho a poesia de Manoel de Barros humildemente: recebo-a como se em estado de graça, me comprazo com ela e – por instantes graças a ela – me comprazo com o mundo e até comigo”, citou Rui Nogueira no *Correio Braziliense* (1987, p. 6).

Na mesma reportagem, em julho de 1987, Nogueira registrou que Drummond considerava Manoel “o maior poeta vivo do Brasil”. O escritor mineiro morreu em agosto de 1987, no mês seguinte à publicação do texto. Esse aval foi reproduzido por décadas em perfis, resenhas e obituários. Joel Pizzini³⁷, diretor do filme *Caramujo-Flor*, relatou a Castro ter sido o responsável por disseminar o comentário. Informou, ainda, que, no esforço para

³⁷ Entrevista concedida ao Professor Dr. Gustavo de Castro. Pizzini não se recorda de qual veículo publicou o elogio de Drummond a Manoel pela primeira vez.

divulgar o curta, conversou por telefone com Drummond, que elogiou Manoel, mas não o colocou em pódios de poetas. A fala foi repassada com “entusiasmo” à imprensa, que publicou a declaração como se o consagrado autor mineiro tivesse dito que o mato-grossense era o “maior poeta vivo do Brasil”. Pizzini relatou ter procurado Drummond para se desculpar, contudo, o artista não teria ficado chateado e aprovou o incentivo.

Já o artista plástico Luiz Dolino³⁸, amigo e ex-procurador de Drummond, afirmou que ele lhe contou que citou Manoel como o maior poeta do país ao ser perguntado por um jornalista sobre colegas que admirava. O mineiro discordava de quem o definia como o maior poeta brasileiro e criticava debates do gênero: “Não sei qual é o maior poeta brasileiro de hoje nem de ontem. Para mim, não há maiores poetas. E cada poeta é diferente dos outros”, disse a Geneton Moraes Neto semanas antes de morrer (*Jornal do Brasil*, 1987, p. 8).

Drummond foi um dos nomes mais vezes associado a Manoel nas páginas de jornais e revistas dentre 588 autores identificados no inventário. A coletânea arquivou menções variadas, que compararam obras ou trajetórias, deram sugestões de leituras e citaram os escritores entre os mais vendidos ou presentes/discutidos/homenageados em eventos. Jerônimo Teixeira, em 1994 em *Zero Hora*, associou *O livro das ignoranças* aos versos de Drummond e João Cabral de Melo Neto, outro poeta recorrente nessas relações:

O chão férreo de Itabira comparece em alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade. Sobretudo, há o chão seco, pedregoso e severino de João Cabral de Melo Neto. Mas é de outra qualidade o sabor telúrico de *O Livro das Ignoranças*. O poeta mato-grossense Manoel de Barros, 77 anos, fez do chão alagadiço do pantanal matéria de sua poesia (Teixeira, *Zero Hora*, 1994, p. 1).

Adélia Prado, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Mario Quintana e Cecília Meirelles foram outros autores associados a Manoel com frequência. O mais citado foi Guimarães Rosa, de quem o mato-grossense era admirador e cuja comparação lhe dava prestígio. A lista de escritores citados com Manoel passa por diferentes épocas e estilos da literatura contemporânea do Brasil. Poetas e escritores de prosa apareceram, entre os quais nomes também conhecidos pela timidez e reclusão, a exemplo de Raduan Nassar, Paulo Leminski, Luis Fernando Veríssimo e Milton Hatoum.

³⁸ Entrevista concedida em 29 de abril de 2024. Luiz Dolino relatou que Drummond lhe disse nos anos 1980 que citou Manoel e Dante Milano como grandes poetas, mas que o entrevistador não conhecia o mato-grossense, por isso a ênfase de maior poeta brasileiro vivo. Dolino não se recorda para qual veículo foi concedida a entrevista. Ele relatou que narrou o episódio pessoalmente a Manoel em 1989.

Autores mais citados ao lado de Manoel nos registros publicados³⁹

Guimarães Rosa (104)	Paulo Leminski (15)	Chico Buarque (9)	Lygia Fagundes Telles (8)
C. Drummond de Andrade (65)	João Ubaldo Ribeiro (14)	Francisco Alvim (9)	Mia Couto (8)
Adélia Prado (44)	Samuel Beckett (14)	Murilo Mendes (9)	Vinicius de Moraes (8)
João Cabral de Melo Neto (42)	Cora Coralina (13)	Oswald de Andrade (9)	Ariano Suassuna (7)
Fernando Pessoa (34)	Haroldo de Campos (13)	Rubem Fonseca (9)	Ivan Junqueira (7)
Ferreira Gullar (33)	Hilda Hilst (13)	Ruth Rocha (9)	José Paulo Paes (7)
Clarice Lispector (27)	Augusto de Campos (12)	Alice Ruiz (8)	Luis F. Veríssimo (7)
Mario Quintana (27)	José Saramago (12)	Arthur Rimbaud (8)	Marques Rebelo (7)
Cecília Meireles (21)	Ana Cristina César (11)	Dalton Trevisan (8)	Nelson Rodrigues (7)
Manuel Bandeira (16)	Raduan Nassar (11)	Jorge de Lima (8)	Raul Bopp (7)

A mídia escrita também citou gostos musicais, artísticos e literários de Manoel, o que auxiliou a projetar a imagem de homem erudito (Gonçalves Filho, *Folha de S. Paulo*, 1989, G3), apreciador de música clássica (Bach, Brahms, Beethoven, Chopin, Vivaldi) e de cantores e compositores brasileiros (Cartola, Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, Paulinho da Viola, Bezerra da Silva, Chico Buarque). O poeta relatou sua admiração pelas obras de Paul Klee, Miró, Picasso, Van Gogh, Chagall, Wega e Matisse, além dos filmes de Akira Kurosawa, Federico Fellini e Luis Buñuel (Costa, *Manchete*, 1989).

Manoel se apresentou e foi apresentado como um leitor ávido e de opções variadas, com menções a 113 autores diferentes – destaque para o Padre Antônio Vieira, o poeta Arthur Rimbaud e Guimarães Rosa, três figuras importantes na formação literária do mato-grossense. A lista reúne diferentes origens, épocas e estilos, passando por gregos e romanos (Homero e Ovídio), franceses (Baudelaire, Mallarmé, Proust, Gide, Sartre, Valéry, Claudel, Voltaire, Montesquieu), ingleses (Shakespeare, Joyce), norte-americanos (T. S. Eliot, Ezra Pound), portugueses (Camões, Castelo Branco, Eça de Queiroz) e russos (Gogol e Dostoiévski). Também constaram na relação pensadores (Kant, Heidegger, Kierkegaard, Benjamin, Barthes, Adorno e outros) e uma série de brasileiros, entre os quais Machado de Assis, Oswald e Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Raul Bopp, Graciliano Ramos, João Cabral, Drummond, Augusto dos Anjos e Rubem Braga.

³⁹ A relação completa dos 588 autores citados com Manoel se encontra no apêndice deste trabalho.

Nomes mais citados como autores que Manoel leu a obra⁴⁰

Antônio Vieira (53)	João Cabral de Melo Neto (10)	Mário de Andrade (8)
Guimarães Rosa (52)	Manuel Bandeira (10)	Camilo Castelo Branco (7)
Arthur Rimbaud (43)	C. Drummond de Andrade (9)	Graciliano Ramos (6)
Charles Baudelaire (17)	Clarice Lispector (9)	Gustave Flaubert (6)
Fernando Pessoa (14)	Ezra Pound (9)	Raul Bopp (6)
Luís de Camões (12)	Stéphane Mallarmé (9)	Paul Klee (5)
Oswald de Andrade (12)	T.S. Eliot (9)	Walter Benjamin (5)
Machado de Assis (11)	Fiódor Dostoiévski (8)	Dalton Trevisan (4)

⁴⁰ A relação completa dos 113 autores citados com lidos por Manoel se encontra no apêndice deste trabalho.

2 Três fases de Manoel de Barros nos jornais e revistas

Antonio Andrade (2017) divide o reconhecimento da obra de Manoel de Barros em períodos de “anonimato” (de 1937 ao fim da década de 1970), de “transição” (da década de 1980 ao início dos anos 1990) e de “notoriedade” (dos anos 1990 em diante). A evolução das aparições do poeta nos jornais e revistas segue essa dinâmica ao aplicarmos um olhar longitudinal no inventário de mídia impressa que construímos. No entanto, identificamos variações ao analisarmos o conteúdo por décadas. Assim, analisamos os registros em três blocos⁴¹, mas com diferenças em relação ao modelo de Andrade, que nos inspirou:

- 1) Pré-fama (1920 a 1970);
- 2) Reconhecimento tardio (1980 a 1990);
- 3) Consagração (2000 a 2020).

A divisão permite captar a evolução das imagens, percepções, descrições e enfoques da presença do poeta na mídia escrita, que, de forma acumulada com o passar dos anos, forneceu informações à “bacia semântica” dos leitores, influenciando a construção do imaginário do poeta (Silva, 2006, p. 106). Esse método de olhar fracionado em blocos dialoga com o ofício do historiador, que utiliza “restos” para desmontar a história e remontá-la em “tempos heterogêneos”, conforme argumenta Didi-Huberman (2015, p. 133). A descrição fatiada também acompanha a metáfora que o autor faz sobre o relógio desmontado, o duplo regime entre queda e discernimento, que possibilita ao pesquisador compreender o funcionamento interno de uma estrutura, nesse caso, a evolução da fortuna crítica de Manoel no jornalismo impresso e do imaginário do escritor mato-grossense.

2.1 Pré-fama: 1920 a 1970

Da infância à primeira metade da carreira, que compreende a juventude e parte da idade adulta no Rio de Janeiro, a estreia como escritor e o retorno ao Pantanal do Mato Grosso do Sul para se tornar fazendeiro, Manoel teve aparições pontuais nos jornais e revistas – 111 registros, que correspondem a 6% do inventário. Um período de baixa

⁴¹ Optamos pela divisão para identificar mudanças nos relatos e opiniões e no contexto de publicação dos registros, bem como compreender a evolução do imaginário do poeta. Na biografia do escritor João Guimarães Rosa, Castro (2018) formou linha do tempo de informações, estratégia usada para lidar com a complexidade do romancista mineiro.

visibilidade, com picos em momentos dos anos 1940 e 1960, quando o autor lançou livros e recebeu prêmios que justificaram as aparições.

2.1.1 Anos 1920

Os primeiros rastros localizados de Manoel na mídia impressa foram registros discretos de desempenho escolar com o nome do poeta, então pré-adolescente, em listas de estudantes. À época, jornais publicavam notas com informações dos educandários.

1928: 1 registro

1929: 2 registros

O registro mais antigo que localizamos foi publicado em dezembro de 1928, na véspera de Manoel completar 12 anos. A edição de Campo Grande do *Jornal do Commercio* (p. 1) informou o “mappa geral” dos exames de admissão do “Gymnasio municipal” da cidade, que fazia parte à época de Mato Grosso. “Manoel W. Leite de Barros” apareceu na 18ª posição de um total de 42 aprovados, com 8 de média geral. Em dezembro de 1929, já vivendo no Rio de Janeiro, Manoel constou em dois registros no *Correio da Manhã* com nota “grau 4” nos exames dos alunos do Instituto La-Fayette.

Reproduções 6 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1920



Fontes: *Jornal do Commercio*, 1928; *Correio da Manhã*, 1929.

2.1.2 Anos 1930

A “grandiosa festa” de formatura da turma de Manoel no Colégio São José foi anunciada pelo jornal *Beira-Mar*, em novembro de 1934. Os “bacharelados” concluíram a

etapa de estudos equivalente ao atual Ensino Médio com missa, distribuição de diplomas e sessão recreativa. O então ministro da Justiça, Vicente Rao, foi o paraninfo da turma. Na década, Manoel estreou como colaborador na imprensa ao publicar textos artísticos. Assinou as crônicas “Mano” e “Campinas Velha” e o poema “O tordo” no *Boletim da Nhecolândia*, informativo da associação de pecuaristas da região pantaneira.

1934: 3 registros

1935: 1 registro

1938: 1 registro

Em 1938, o jornal cuiabano *A Cruz* mencionou a aptidão literária de Manoel, que lançou no ano anterior seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*. Em carta, o escritor Raimundo Maranhão desejou sucesso à nova diretoria da Academia Mato-grossense de Letras (AML) e fez votos para que “dia a dia, os Lobivar Matos, Iturbides Serra, Cecílio Rocha, Henrique do Vale, Manoel de Barros e tantos outros, possam a ela vir chegando e emoldurando-a com suas inteligências vivazes e fulgurantes”.

Reproduções 7 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1930



Fontes: *Beira-Mar*, 1934; *A Cruz*, 1938.

2.1.3 Anos 1940

As primeiras menções na década informaram sobre a passagem de Manoel pelo Exército, episódio pouco comentado por ele e por jornalistas/críticos. O principal gancho para as aparições na mídia impressa foi o lançamento do segundo livro do poeta, *Face imóvel*, em 1942. Ao todo, foram catalogados 28 registros publicados por oito jornais do Rio de Janeiro (*A Manhã*, *Carioca*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *O Globo*, *O Jornal e Vanguarda*), três de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul (*A Cruz*, *O Estado de Mato Grosso* e *O Momento*) e um de Alagoas (*Gazeta de Alagoas*).

1940: 1 registro	1943: 2 registros	1946: 1 registro
1941: 3 registros	1944: 4 registros	1948: 2 registros
1942: 11 registros	1945: 4 registros	

Em 1940 e 1941, Manoel estava na relação publicada pelo *Correio da Manhã* e *Diário Carioca* de alunos de infantaria que deveriam fazer as provas do CPOR do Exército. Em 1945, n' *O Globo*, o poeta apareceu na lista de segundos-tenentes convocados à Diretoria de Recrutamento. Outro registro mostrou o escritor e o sócio Hedyl Rodrigues Valle interessados em um sítio em Bananal, no interior de São Paulo (*Correio da Manhã*, 1948). A publicação de *Face imóvel* garantiu o primeiro momento de maior visibilidade como poeta. Com 25 anos e formado em Direito, Manoel residia no Rio de Janeiro, sede da editora Século XX, o que ajudou a fazer a obra circular pelas redações, enviada para colunistas. Eloy Pontes, Roberto Alvim Corrêa e Newton Correia Ramalho citaram o livro.

O primeiro comentário encontrado sobre *Face imóvel* foi publicado em outubro de 1942, n' *O Globo* (p. 4), feito por Eloy Pontes, que concluiu que o livro recolheu “provas de que prevaleceram normas e vícios contrários” aos propósitos da poesia e questionou se Manoel era capaz de escrever “alguma coisa com senso, significação, asseio verbal e eloquências, abandonando os figurinos modernistas”. O tom destoou de registros que enalteciam o “poeta moderno” e “criador de ritmos”, “liberto da tirania das métricas”, que assegurava “destacado lugar na galeria de nossos poetas contemporâneos” (*Carioca*, 1942, s/p); um “poeta de grandes possibilidades, que se preocupa tanto com a forma exterior, como com a forma interior de seus versos” (*Gazeta de Alagoas*, 1942, s/p); “talvez a mais surpreendente figura que surge no cenário da poesia brasileira contemporânea” (*O Estado de Mato Grosso*, 1942, p. 5). *O Globo* (1942, p. 4), na seção Livros e Autores, destacou poemas que tinham “a maior das virtudes, a síntese”. *A Manhã* (1946) exaltou o autor?

O nome do dr. Manuel de Barros firma-se cada vez mais nos meios literários do país, pela originalidade e força de sua poesia, que traz uma mensagem nova para a moderna literatura brasileira. [...] Em 1940 publicou o primeiro livro de versos ‘Face Imóvel’, que encontrou na crítica a melhor acolhida. Manuel de Barros foi saudado como um dos maiores valores da nova geração (*A Manhã*, 1946, p. 2).

Na imprensa mato-grossense, Mário Calábria e os escritores Gervásio Leite e Lobivar Matos apresentaram Manoel. Leite (*O Estado de Mato Grosso*, 1942, p. 5) afirmou que a poesia do rapaz se libertava de cacoetes modernistas de 1922 e vinha “nua de artifícios, marcada pelos sofrimentos deste mundo, pela angústia, quiçá indefinida que prende o espírito do homem moderno”. *O Estado de Mato Grosso* (1942, p. 5) lembrou a crítica negativa de Pontes e mencionou que Drummond enviou a Manoel carta “muito interessante, incentivando o poeta, por encontrar nele algo de importante que deve ser desenvolvido, mantido e tratado”. Lobivar (*O Estado do Mato Grosso*, 1942) elogiou a crítica à Segunda Guerra Mundial feita em *Face imóvel* e relatou que Manoel, filho de fazendeiro e bacharel em Direito, trocou a poesia regionalista pela lírica.

Reproduções 8 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1940



Fontes: *O Estado do Mato Grosso*, 1942; *O Globo*, 1942. *O Momento*, 1944.

Calábria, às vésperas de se tornar diplomata, abordou a personalidade e a qualidade dos versos de Manoel no jornal *O Momento*, em 1944 (s/p): “Todo homem, para Manuel de Barros, é seu irmão, e será duas vezes seu irmão se for um sofredor”. Calábria, natural de Corumbá e vivendo no Rio de Janeiro, relatou que o conterrâneo escreveu “Olhos Parados” em uma manhã de domingo, à mesa da sorveteria Americana, enquanto ouvia um disco de Chopin. O poema, dedicado a Calábria, saiu em 1944 n’*O Jornal*. O veículo carioca publicou no ano seguinte outro poema de Manoel, “Canção da menina, com luar”.

Na década, apareceram as primeiras fotografias de Manoel que localizamos – três fotos e uma caricatura, todas sem identificar autores. As imagens, em estilo 3x4, retrataram o autor de cabelo e bigode preto, camisa social branca com gravata e paletó pretos. O poeta, de cabelo curto e topete, usava óculos de aro redondo e posou sério nos registros.

Reproduções 9 – Manoel de Barros em foto e ilustração dos anos 1940



Fontes: *A Manhã*, 1946; *Correio da Manhã*, 1940.

2.1.4 Anos 1950

Manoel teve a obra comentada em colunas, colaborou com poemas em cadernos culturais, participou do júri de um concurso, lançou livro e respondeu um questionário, conforme os 13 registros catalogados nos anos 1950, publicados por sete veículos do Rio de Janeiro (*Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*, *Manchete*, *O Jornal*, *O Semanário* e *Tribuna da Imprensa*), dois de São Paulo (*A Tribuna* e *Correio Paulistano*) e uma revista de Mato Grosso (*Terra e Gente*). Sete registros foram publicados em 1956, ano de lançamento de *Poesias* pela editora Pongetti. Foi o terceiro livro do escritor, que vivia no Rio de Janeiro com a esposa Stella e os três filhos.

1951: 1 registro

1956: 7 registros

1959: 1 registro

1953: 1 registro

1957: 1 registros

1955: 1 registro

1958: 1 registro

Domingos Carvalho da Silva assinou, em 1951, no *Correio Paulistano*, análise da antologia *Panorama da nova poesia brasileira*, organizada por Fernando Ferreira de Loanda⁴². Para o crítico, Manoel era um dos “poetas de pouca projeção” incluídos junto a “nomes respeitáveis da poesia”, um autor “prejudicado por alguns truques verbais, como quando se diz desvendável, vendável, venal e de automóvel” (p. 1). Em 1956, o *Jornal do Brasil* (s/p) enalteceu a apresentação gráfica de *Poesias* – com “páginas alentadas” e de “leitura agradável” – e os versos do poeta modernista, um “conhecido artista e homem de letras”. Álvaro Augusto Lopes, em *A Tribuna* (1956, s/p), afirmou que Manoel se revelou

⁴² Poeta angolano que se radicou no Brasil e se vinculou à geração modernista de 1945 (Siqueira, 2023).

“um poeta meditativo”, que “fala do amor com simplicidade” no livro que “ressoa como expressão musical sempre renovada”. No *Correio da Manhã*, o elogio partiu de José Conde.

Manoel de Barros, em suas Poesias não se perde numa imagística hermética, como acontece com tantos modernos. Claro, límpido, sabe descobrir a poesia do cotidiano e traduzi-la em versos harmoniosos. Não é sem motivo que uma de duas composições de intitula: “Continho à maneira de Katherine Mansfield” (Conde, *Correio da Manhã*, 1956, p. 12).

Antes de lançar *Poesias*, Manoel respondeu um questionário de 11 perguntas da revista *Terra e Gente: Mato Grosso Ilustrado* (1956). O registro apresentou a única fotografia catalogada do escritor nos anos 1950, imagem similar às da década anterior: poeta magro e sério, cabelo curto, bigode, óculos de aro redondo, camisa branca, paletó e gravata.

No questionário, Manoel mencionou três personalidades mato-grossenses que considerava de destaque: o ex-senador e ex-ministro da Fazenda Joaquim Murtinho (1848-1911), o marechal Cândido Rondon (1865-1958) e o então governador paulista Jânio Quadros (1917-1992), que seria eleito presidente da República em 1960. O poeta fez a primeira referência a Guimarães Rosa que arquivamos. Elogiou *Com o vaqueiro Mariano*, “pequena obra prima do estilo” sobre o homem do Pantanal, texto publicado em capítulos no *Correio da Manhã*, entre 1947 e 1948, e transformado em livro em 1952 (Vianna, 2019, p. 13). A entrevista foi citada na coluna Hoje nas Letras, da *Tribuna da Imprensa* (1956), que reproduziu a resposta do artista a respeito de seus escritores preferidos.

Não tenho nenhum favorito. Dá-se o seguinte: quando amanheço ensolarado, gosto de ler Valery; quando estou deprimido, gosto de ler Dostoievski, quando estou com vergonha da condição humana, leio Claudel para me levantar; quando fico desarvorado, com todos os sentidos em desordem, corro para Gide ou Rimbaud; se ando muito nas nuvens e quero tomar contacto com a realidade brasileira, mergulho em Graciliano Ramos. E assim por diante. Mas há uma em que amanheço burro, burríssimo! Aí, sim, sou capaz de gostar até dos livros de Plínio Salgado. Que miséria! (*Tribuna da Imprensa*, 1956, p 3).

Manoel também apareceu nos jornais em razão da publicação pontual de poemas no *Correio da Manhã*, em 1953 e 1955, e na revista *Manchete*, em 1956. Em 1959, constou na

relação de eleitores de um concurso promovido pelo *Correio da Manhã* para escolher o “príncipe dos poetas brasileiros”, vencido por Guilherme de Almeida⁴³.

Reproduções 10 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1950



Fontes: *Correio da Manhã*, 1956; *Correio Paulistano*, 1951; *Terra e Gente*, 1956.

2.1.5 Anos 1960

Textos feitos por Manoel e a conquista de prêmios motivaram a maior parte dos 47 registros localizados nos anos 1960, publicados em periódicos de quatro unidades da Federação – oito jornais do Rio de Janeiro (*Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Letras*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *O Globo*, *O Jornal e Última Hora*), seis de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul (*Correio do Estado*, *Folha da Tarde*, *Jornal do Comércio*, *O Estado de Mato Grosso*, *O Momento e Tribuna*), dois de São Paulo (*O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*) e um do Distrito Federal (*Correio Braziliense*).

1960: 8 registros

1963: 1 registro

1969: 8 registros

1961: 30 registros

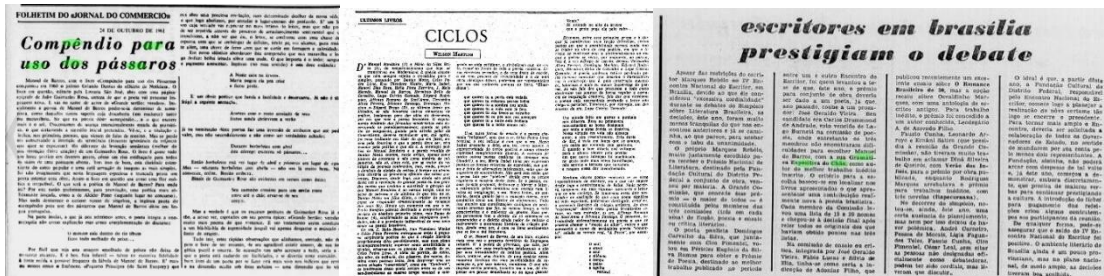
O poeta, que se tornou fazendeiro no Pantanal, colaborou para jornais da região, com poemas no suplemento dominical de *O Estado de Mato Grosso* e colunas no *Correio do Estado*. As colunas foram publicadas em junho de 1961, a maior parte sob o título “Viola de Côcho”, e apresentaram: comentários sobre escritores, entre os quais, Rosa, Raul Bopp e Mário de Andrade; causos do passado na zona rural; e opiniões sobre o fazer poético.

⁴³ Guilherme de Almeida (1890-1969) venceu o concurso do *Correio da Manhã* em setembro de 1959. Mais informações em: <https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/casa-guilherme-de-almeida/>. Acesso em: 24 set. 2024.

Poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa. Poesia é anti-discursiva. Discurso é linha reta. Poesia funciona sem limites semânticos. Portanto fora de bitolas. As palavras, em poesias, ajeitam, cocham-se para criar tensões. Poesia funciona em descargas. Seu prodígio é escapar ao real. Criar realidades novas (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 3).

Manoel venceu, em 1960, o Prêmio Orlando Dantas por *Compêndio para uso dos pássaros*, publicado no ano seguinte pela Livraria São José. Em 1969, conquistou o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal com *Gramática expositiva do chão* (Editora Tordos). Dos registros catalogados nos anos 1960, 32 trataram de prêmios e lançamentos de livros. A década teve 15 registros de gênero informativo, 25 opinativos e sete utilitários. No caso do Orlando Dantas, a mídia mato-grossense destacou o conterrâneo “laureado o maior poeta de 1960” (*Folha da Tarde*, 1960, s/p) por “um dos veículos de imprensa de maior conceito da grande imprensa diária do país” (*Jornal do Comércio*, 1960, s/p).

Reproduções 11 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1960



Fontes: *Jornal do Comercio*, 1961; *O Estado de S. Paulo*, 1961; *Jornal do Brasil*, 1969.

O *Diário de Notícias* (1960, p. 1) revelou a surpresa pela vitória do “poeta absolutamente desconhecido no Rio” no certame que reuniu 86 obras originais, avaliadas por Adonias Filho, Homero Homem e Lêdo Ivo. A comissão julgadora considerou que o autor de 43 anos apresentou poemas de “um homem voltado para sua terra natal”, com “determinada mitologia infantil” e um “halo de inocência e deslumbramento”.

Um concorrente de Corumbá, Mato Grosso, de nome desconhecido para o grande público, conquistou por unanimidade o Prêmio Orlando Dantas, conferido à melhor obra de poesia de 1960. Manoel de Barros é o poeta laureado. [...] concorreu com livro que tem título original de *Compêndio para uso dos pássaros*, usando pseudônimo Pedro Bacurau (*Diário de Notícias*, 1960, p. 1).

No mesmo ano, o jornal carioca (p. 2) apresentou o “jovem fazendeiro mato-grossense, formado em Direito, que recebeu a notícia da sua classificação como uma recompensa pelos trabalhos surdos do poeta”. Manoel contou que se mudou para Corumbá por causa da morte do pai e revelou o desejo de escrever ensaio sobre *Cara-de-Bronze*, de Guimarães Rosa. Ele relatou gostar de Fernando Pessoa, João Cabral, Manuel Bandeira, Raul Boop, Machado de Assis, Mário de Andrade, Cavalcanti Proença e Clarice Lispector.

O prêmio motivou registros na imprensa com descrições de Nequinho, apelido do escritor mato-grossense, a exemplo do texto “Sucesso de Pedro Bacurau” no jornal *Tribuna* (1960, s/p): “Era menino magro, moreno e miúdo. Chutava bola, soltava pandorga, rodava pião, mas tinha sempre aquele ar distraído de quem sonha acordado”. Nesse mesmo texto, foi relatado que Manoel se casou com Stella, “moça mineira”, e se tornou “poeta vitorioso, amigo excepcional e humorista nato”. O lançamento de *Compêndio para uso dos pássaros* rendeu notas elogiosas ao poeta. Stella Leonardos relatou em coluna no *Diário de Notícias* (1961, s/p) a sessão de autógrafos do “poeta de Mato Grosso” e teceu elogios ao livro “sábio, leve e alado” no qual “tudo é genuíno”.

Walmir Ayala, no *Jornal do Commercio* (1961, p. 6), definiu *Compêndio para uso dos pássaros* como “flor exótica e irrepetível”. O crítico, que comparou os versos aos de Bopp, alertou Manoel que, para avançar, teria de fazer “poesia pela renúncia de sua fonte, a palavra infantil”. Wilson Martins criticou a obra em *O Estado de S. Paulo*:

O sr. Manoel de Barros, de seu lado, explora mais uma vez o pequeno território da linguagem infantil. E a poesia do pitoresco que vale, por paradoxo por suas implicações intelectuais e não por suas virtualidades de catálise poética. Além disso, trata-se de uma espécie extremamente limitada em suas possibilidades de renovação e, por isso mesmo, monótona. O que não impede certos poemas, tomados um a um, de despertar um prazer semelhante ao da água gasosa: *Vento? Só subindo no alto da árvore que a gente pega ele pelo rabo...* (Martins, *O Estado de S. Paulo*, 1961, p. 2).

Em 1969, o poeta ressurgiu na mídia impressa graças ao prêmio do encontro de escritores. A honraria o garantiu na reportagem “Prêmio literário não tem valor para editoras”, de Paulo César de Araújo no *Jornal do Brasil*. Manoel, Nélide Piñon, André de Figueiredo e Rodrigues Marques foram os *cases* do texto publicado em página inteira que abriu o intertítulo “O tímido” para relatar a saga do poeta-fazendeiro. A reportagem foi um

dos três registros localizados com fotografia do autor. Aos 52 anos, Manoel apareceu com as bochechas salientes e cabelo curto de fios grisalhos e penteados para trás.

Reproduções 12 – Manoel de Barros em fotografias nos anos 1960



Fontes: *Diário de Notícias*, 1960; *Jornal do Brasil*, 1969.

2.1.6 Anos 1970

As aparições de Manoel voltaram a cair na década de 1970, com 15 registros inventariados, publicados por quatro veículos do Rio de Janeiro (*Crítica*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Letras e O Globo*), cinco de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul (*Correio do Estado*, *Folha da Tarde*, *Grifo*, *O Momento e O Estado de Mato Grosso*) e um do Ceará (*A Fortaleza*). Catalogamos 11 registros de gênero opinativo e quatro informativos.

1970: 1 registro

1974: 7 registros

1978: 1 registro

1973: 1 registro

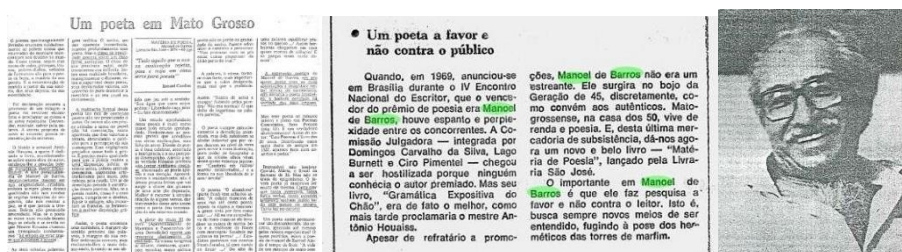
1975: 1 registro

1979: 4 registros

Em janeiro de 1970, Valdemar Cavalcanti, no *Jornal de Letras*, citou *Gramática expositiva do chão* na retrospectiva de 1969. O mesmo veículo, em 1973, mencionou que Manoel preparava o livro *Os loucos de água e estandarte*. A obra foi lançada em 1974 com o título *Matéria de poesia* (Livraria São José) e agradou críticos. Lago Burnett, no *Diário de Notícias* (1974, p. 5), elogiou o “novo e belo livro” do escritor “refratário a promoções”. Burnett lembrou que, em 1969, foi hostilizado por conceder o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal ao poeta que “ninguém conhecia”. A *Folha da Tarde* (1974, s/p) citou Burnett na nota “Manoel de Barros não administra a própria fama”. Ismael Cardim, no jornal *Crítica* (1974, p. 15), questionou a situação: “Um poeta assim permanecer tão desconhecido, tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas?”.

Cardim destacou a relevância dada pelo poeta aos escombros e anti-heróis e fez paralelo com os modernistas Oswald e Mário de Andrade. Abdias Lima (*A Fortaleza*, 1974, s/p) ressaltou os “poemas originalíssimos” que revelaram “um poeta da família de Rimbaud, sensível”. Manoel ainda constou em três textos de jornais de sua região sobre escritores locais. Em 1978, foi citado por Ivan Junqueira (*O Globo*, p. 7) na resenha de *O coração disparado*, de Adélia Prado, elogiando a experiência de estilo da poeta, que não era praticada no país, com a exceção de “Manoel de Barros, com aquele esplêndido *Compêndio para uso dos pássaros*, mas do qual ninguém mais se lembra”.

Reproduções 13 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1970



Fontes: *Crítica*, 1974; *Diário de Notícias*, 1974; *Grifo*, 1979.

Ao final da década, o autor concedeu entrevista a José Octávio Guizzo, publicada em 1979 na revista sul-mato-grossense *Grifo* (p. 50-53). Guizzo descreveu o escritor de estatura média, “íntegro, afável, de sorriso solto, humor afiado”, mas “tímido e circunspecto como todo bom poeta”. Manoel, aos 62 anos, disse não pertencer à geração modernista de 45 e que a poesia era necessária para valorizar as coisas desimportantes e arejar as palavras.

A entrevista à revista *Grifo* foi um dos dois registros com fotografias do poeta. A *Folha da Tarde* repetiu a imagem 3x4 de décadas anteriores, e a *Grifo* ilustrou a entrevista com quatro fotos, uma de página inteira e três menores. Manoel apareceu de calça social e camisa polo, sentado em uma poltrona. A calvície avançava acima da testa do artista, que passou a usar o restante do cabelo mais cheio na nuca e nas laterais.

2.2 Reconhecimento tardio: 1980 a 1990

Manoel lançou oito livros, conquistou os mais relevantes prêmios da literatura nacional, foi tema de filme e concedeu dezenas de entrevistas nas duas décadas de virada da carreira, quando alcançou reconhecimento na mídia impressa, que publicou 476 registros –

25,75% do inventário. As 114 menções nos anos 1980 superaram as 111 do período pré-fama (1920 a 1970). Nos anos 1990, os registros mais do que triplicaram, saltando para 362.

2.2.1 Anos 1980

Manoel passou a ser citado com mais frequência em jornais de grande circulação nos últimos três anos da década. Foi perfilado, entrevistado e comentado. Publicou três livros bem avaliados pela crítica: *Arranjos para assobio* (Civilização Brasileira), em 1982; *Livro de pré-coisas* (Philobliblion), em 1985; e *O guardador de águas* (Civilização Brasileira), em 1989, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de 1990, principal distinção da literatura brasileira.

O sucesso tardio ficou documentado nos registros veiculados por jornais e revistas de nove unidades da Federação: três do Distrito Federal (*Bric-a-Brac*, *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*), três de Minas Gerais (*Estado de Minas*, *Jornal de Shopping* e *Suplemento Literário Minas Gerais*), oito de Mato Grosso do Sul (*Anuário de Corumbá*, *A Crítica*, *Boletim do Fazendeiro*, *Diário da Serra*, *Jornal da Cidade*, *Jornal do Brasil Central*, *Mcultura* e *O Progresso*), oito do Rio de Janeiro (*Afinal*, *Jornal do Brasil*, *Manchete*, *O Globo*, *O Nacional*, *O Pasquim*, *Revista Nacional* e *Última Hora*) e dez de São Paulo (*Cidade de Santos*, *Diário Popular*, *Folha de S. Paulo*, *Isto É*, *Isto É Senhor*, *Jornal da Tarde*, *Leia*, *O Estado de S. Paulo*, *Revista Goodyear* e *Visão*). O *Correio Braziliense*, com 16 registros, foi o veículo com mais citações ao poeta, seguido por *Jornal do Brasil* (13), *O Globo* (11), *Folha de S. Paulo* (oito) e *O Estado de S. Paulo* (seis).

1980: 3 registros	1984: 10 registros	1987: 21 registros
1981: 1 registro	1985: 6 registros	1988: 20 registros
1983: 6 registros	1986: 6 registros	1989: 41 registros

Luis Turiba, João Borges, Berta Waldman, Lucia Castello Branco, Eva Spitz, José Carlos Avelar, Diana Aragão, Anna Accioly, Sérgio Sossélla, Sérgio Medeiros, Antonio Gonçalves Filho e Cristina Iori assinaram parte dos textos catalogados na década, que teve 60 registros informativos, 42 opinativos, seis interpretativos e seis utilitários, dos quais 69 trataram diretamente de Manoel e 45 fizeram referência ao autor, citado em entrevistas e resenhas de outros escritores. Otto Lara Resende usou versos do poeta como epígrafe de

colunas n’*O Globo*, em 1985 (p. 6) e 1989 (p. 6): “Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem” e “Não existir mais rei nem regências”, respectivamente.

Manoel abriu a década de 1980 na condição de poeta marginalizado e chamou atenção do grupo mineiro que editava *Poesia livre*, movimento que publicava poemas em saquinhos de papel pardo iguais aos usados em padarias. O autor foi patrono da sétima edição do projeto, que estampou versos de *Matéria de poesia*: “Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia”. Em 1980, o jornal *Estado de Minas* noticiou o lançamento e a tentativa de resgate do poeta:

Querendo traçar um perfil da poesia brasileira contemporânea, ‘Poesia Livre’ está resgatando do esquecimento alguns valores importantes, injustamente esquecidos. É o caso de Manoel de Barros, poeta mato-grossense praticamente desconhecido das novas gerações, que agora podem tomar contato com seu trabalho através de um poema editado em ‘Poesia Livre’ (*Estado de Minas*, 1980, p. 6).

Arranjos para assobio incentivou a divulgação do escritor no Sudeste. O *Suplemento Literário Minas Gerais*, periódico de prestígio à época, destacou Manoel em três críticas em 1983 e 1984. Paulo Vilara (s/p) registrou que o autor, maduro desde os anos 1960, permanecia “ignorado por muitos”. Paulinho Assunção (p. 11) disse que o mato-grossense praticava “poesia sem empostação, sem falsetes, avessa a qualquer tipo de retórica e grandiloquências”. Lucia Castello Branco (p. 1) afirmou que “alguns escritores conseguem fazer do insignificante, do corriqueiro, ou mesmo do prosaico, matéria poetizável”.

No mesmo período, Lago Burnett, Fausto Wolff e João Antônio elogiaram Manoel n’*O Pasquim*, veículo de imprensa alternativa que reuniu humoristas e intelectuais e se notabilizou por usar o humor na resistência à ditadura militar (Queiroz, 2009). Wolff (1984, p. 5) visitou o poeta “que conhece a língua dos bichos do Pantanal”, enquanto João Antônio (1984, p. 12) agradeceu ao colega por lhe apresentar “um poeta do lixo, do lodo e das lesmas, que sabe o ponto, conhece o quando e o onde as palavras enlouquecem”, “tão pouco conhecido neste país que se desconhece a si mesmo”. Fernando Gabeira, na revista *Afinal* (1984), mencionou o autor “que publicou dois livros de poesia discretamente e é considerado um dos maiores poetas do país” por Millôr Fernandes. Gabeira se referiu à defesa feita pelo colega dois meses antes na revista *Isto É*, um marco na divulgação do escritor.

Há dois anos fiz a capa de um livrinho seu, admirável: Arranjos Para Assobios. Dois anos! Fiquei esperando que a mídia se manifestasse. Que escritores especializados se manifestassem. O Suplemento Literário Minas Gerais (honra ao jornal!) deu duas notas elogiando. Foi só. Não é um país sério, já dizia o narigudo francês (Fernandes, *Isto É*, 1984, p. 13).

Millôr foi um dos incentivadores mais citados na década de 1980, junto de Drummond, Houaiss, Ênio Silveira e João Antônio. A assunção de Manoel ao sucesso passou por admiradores bem posicionados e respeitadas no jornalismo cultural, capazes de ampliar o valor-notícia do artista. Reportagens e textos de opinião de diferentes veículos reproduziram, sobretudo, elogios de Houaiss e Drummond. João Borges (1989, p. 12), em *O Estado de S. Paulo*, usou aspas de ambos em destaque ao final da página de um perfil do escritor: “Poeta sem-par no cenário poético nosso e diria mesmo universal”, de Houaiss; e “Manoel de Barros é o maior poeta vivo do Brasil”, de Drummond.

Reproduções 14 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1980



Fontes: *Correio Braziliense*, 1989; *Jornal do Brasil*, 1988; *Isto É*, 1984.

As referências a Manoel entre os maiores poetas do país e o rótulo de poeta do Pantanal constaram nos jornais e revistas junto com relatos da militância comunista, dos anos de aluno interno no Rio de Janeiro, do ofício de fazendeiro, do apreço à natureza e às coisas pequenas e das viagens aos Estados Unidos e à Bolívia. Elogios à sensibilidade da obra completaram descrições do autor, comparado a Drummond, Rosa, João Cabral, Fernando Pessoa e outros escritores. O tom geral da crítica foi positivo.

A curiosidade e o tom de *mea culpa* por relegar o artista também marcaram a cobertura. O reconhecimento tardio constou em 50 dos 114 registros inventariados e foi destacado em títulos: “Um poeta sai da sombra” (Albuquerque, *Jornal do Brasil*, 1987); “O poeta que poucos conhecem” (Spitz, *Jornal do Brasil*, 1988); “Manoel de Barros, o poeta

vai sair do limbo” (Turiba, *Correio Braziliense*, 1989); “Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito” (Gonçalves Filho, *Folha de S. Paulo*, 1989); “Nasce um poeta, aos 72 anos” (Fagá, *Isto É Senhor*, 1989). Aberturas de reportagens adotaram essa abordagem, a exemplo de perfil assinado por Thais Costa na revista *Manchete*:

Se hoje, aos 72 anos, com nove livros publicados, o mato-grossense do sul Manoel de Barros não tem a fama que merece no panthéon da literatura brasileira é porque este poeta, admirado por intelectuais como Guimaraes Rosa e Antonio Houaiss, sempre se esquivou da notoriedade. Sua aversão a entrevistas, gravadores e máquinas fotográficas é quase inquebrantável. Como filho do Pantanal, prefere continuar caminhando no meio da gente simples, dando-se ao “luxo de ser ninguém”. Mas agora este poeta maior comparado a Drummond e João Cabral – virou filme e se prepara para lançar suas obras completas, dando indícios de que finalmente foi envolvido pelo cortejo da fama (Costa, *Manchete*, 1989, p. 69).

A evolução do reconhecimento refletiu três acontecimentos entre 1987 e 1989: o curta *Caramujo-Flor*; a entrevista à revista *El Paseante*; e a entrevista à revista *Bric-a-Brac*. *Caramujo-Flor* recebeu cobertura das filmagens até a exibição no Brasil e no exterior. O inventário contabilizou 36 registros motivados pelo filme de Pizzini, que teve Ney Matogrosso, Rubens Corrêa, Almir Sater e Aracy Balabanian no elenco. Em 1987, Gualter Mathias Neto usou o filme de gancho para apresentar n’*O Globo* o “Caramujo do Pantanal”.

Há no Brasil um poeta de 70 anos, 30 de poesia, com oito livros publicados e dois premiados, que permanece praticamente desconhecido até mesmo de especialistas. Seu nome é Manoel de Barros, o sul-mato-grossense tema do curta-metragem “O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor”, o resgate de uma dívida nacional que começa a ser filmado pelo diretor Joel Pizzini agora em julho. [...] Além de Antônio Houaiss, contam-se entre os iniciados na obra do poeta admiradores entusiasmados como Chacal, Evandro Mesquita, Geraldinho Carneiro, Millôr Fernandes e Ênio Silveira. Seu maior fã, o escritor João Antônio, o considera o “maior poeta brasileiro vivo”. Ele, porém, permanece na semiobscuridade, em parte por ser avesso a entrevistas e publicidade (Mathias Neto, *O Globo*, 1987, p. 6).

A timidez constou em 25 registros para descrever o autor que dizia ter servido de guia de Rosa no Pantanal (Borges, *O Estado de S. Paulo*, 1989). Os relatos de encontros com o escritor mineiro apareceram em nove registros, um dos mais famosos na *Bric-a-Brac*. A saída do ostracismo midiático resultou em, pelo menos, 14 entrevistas publicadas nos anos 1980 e na exaltação aos versos do fazendeiro que se tornou, na definição da revista *Leia* (1987, p. 18), um “Rimbaud sentado nas escadas do porto de Cuiabá”, um “Heidegger

tomando o caminho do Pantanal”. A mídia seguiu critérios de noticiabilidade e singularizou o “poeta do Pantanal”, um senhor tímido e que publicou livros “semidesconhecidos”, conforme expôs Moacir Amâncio ao resenhar *O guardador de águas* (*O Estado de S. Paulo*, 1989, p. 5), cujo autor reunia “todos os ingredientes de uma boa lenda para ser consumida pelas metrópoles”, com risco de sucumbir como “requentador de receitas velhas”, o que não ocorreria porque era “um poeta por entusiasmo”.

O maior interesse por Manoel, somado ao avanço tecnológico para utilizar imagens nas páginas, refletiu-se nos 32 registros com fotografias do escritor, número superior ao do período pré-fama (1920 a 1970). Marcelo Buainain foi creditado em 12 imagens. Raimundo Alves Filho, Protásio Nene e Luciana Leal também publicaram fotos do artista, em geral, retratado calvo, cabelos e bigodes brancos, olhos protegidos por óculos de armação grossa e amarelados, sobrancelhas espessas, calça social e camisa branca e de mangas curtas. Os cenários se dividiram entre o campo aberto, no Pantanal, e ambientes com poltronas e livros.

Reproduções 15 – Manoel em fotos de Marcelo Buainain na revista Manchete



Fonte: Manchete, 1989.

2.2.2 Anos 1990

Manoel consolidou, nos anos 1990, a migração do *status* de poeta esquecido e elogiado em círculos específicos para o de autor celebrado. Na virada dos 70 para 80 anos de idade, mais dedicado à poesia do que à gestão da fazenda, publicou seis livros: *Gramática expositiva do chão – poesia quase toda* (Civilização Brasileira), em 1990; *Concerto a céu aberto para solos de ave* (Civilização Brasileira), em 1991; *O livro das ignoranças* (Civilização Brasileira), em 1993; *Livro sobre nada* (Record), em 1996; *Retrato do artista quando coisa* (Record), em 1998; e *Exercícios de ser criança* (Salamandra), em 1999.

Localizamos 362 registros, mais do que o triplo da década anterior, publicados por veículos de 12 unidades da Federação, com destaque para 14 do Rio de Janeiro (*Cadernos do Terceiro Mundo, Desfile, Jornal de Letras, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, Lector, Manchete, Monitor Campista, O Dia, O Fluminense, O Globo, Poesia Sempre, Revista Nacional e Tribuna da Imprensa*), 11 de São Paulo (*A Tribuna, Bravo!, Correio da Manhã, Folha de S. Paulo, Isto É Senhor, Jornal da USP, O Estado de S. Paulo, Princípios, Revista Cult, Veja e Veja Centro-Oeste*), seis de Mato Grosso do Sul (*Correio do Estado, Diário da Serra, Executivo Plus, Folha do Povo, Jornal do Brasil Central e Teyu'í*), quatro do Rio Grande do Sul (*Caxias Notícias, Folha de Hoje, Pioneiro e Zero Hora*) e quatro de Minas Gerais (*Estado de Minas, Letras e Artes, O Lutador e O Tempo*). Veículos do Norte e Nordeste também se interessaram pelo autor (*Jornal do Commercio-AM, Correio da Bahia-BA, A Tarde-BA, O Povo-CE e O Norte-PB*).

1990: 54 registros	1994: 20 registros	1998: 60 registros
1991: 33 registros	1995: 14 registros	1999: 55 registros
1992: 14 registros	1996: 43 registros	
1993: 22 registros	1997: 47 registros	

O Globo (82), *O Estado de S. Paulo* (81), *Folha de S. Paulo* (48) e *Jornal do Brasil* (39) foram os veículos com mais registros catalogados. Adélia Maria Lopes, André Luiz Barros, Cláudio Rodrigues, Eliane Lobato, Geraldo Mayrink, João Borges, José Castello, José Geraldo Couto, Mânia Millen, Márcio Vassallo e Wilson Martins estão entre os autores de textos reunidos, com 179 registros sobre Manoel e 183 que fizeram referência ao poeta.

Em 1995, Daniela Name publicou n' *O Globo* (p. 6) entrevista do premiado autor moçambicano Mia Couto⁴⁴, que relatou ter sido “profundamente influenciado” pelas leituras de Manoel e Guimarães Rosa. Em 1990, o poeta mato-grossense figurou ao lado de Adélia Prado, Francisco Alvim e José Paulo Paes na lista de atrações do Ciclo Artes e Ofícios da Poesia, realizado em São Paulo (Mencarelli, *Folha de S. Paulo*, 1990). A divulgação na imprensa e o contato de críticos e leitores com a obra foram facilitados pelo lançamento, também em 1990, da antologia *Gramática expositiva do chão – poesia quase toda*.

⁴⁴ É um dos mais premiados autores de língua portuguesa das últimas décadas. O romance *Terra sonâmbula* foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Mais informações em: <https://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>. Acesso em: 24 set. 2024.

Manoel iniciou a década com o interesse em alta da mídia verificado no final dos anos 1980, contexto influenciado pela atenção aos temas ambientais – o Brasil recebeu em 1992 a conferência do clima da Nações Unidas, a ECO 92 – e ao discurso crítico à sociedade de consumo (Andrade, 2017). O sucesso da novela *Pantanal*⁴⁵, exibida pela *Manchete*, favoreceu o escritor citado em reportagens a respeito do modo de vida na região e dos riscos de devastação do “paraíso ameaçado” (Ramalho, *Manchete*, 1990, p. 50). Millôr grifou no *Jornal do Brasil* (1990, p. 11) que Manoel, “consagrado como um de nossos maiores poetas”, era quem entendia mesmo do Pantanal. As referências ao bioma constaram em 101 registros, entre os quais uma coluna de Arnaldo Jabor, na *Folha de S. Paulo* (1992, p. 8), que exaltou o “grande poeta pantaneiro” e a busca dos brasileiros pela “poesia vital da lama”.

Frederico Barbosa advertiu que, mais que o poeta de uma região, Manoel era “poeta” (*Folha de S. Paulo*, 1990, F7), um artista cuja obra articulava natureza e “pesquisa linguística intensa” em busca de novas formulações. Comparado a Pessoa e Rosa, o escritor era um “poeta denso e capaz de elaborar versos dos mais sofisticados e estranhos” e, ao “mesmo tempo, claros e precisos”, um autor “longe de ser um ecologista ingênuo”.

Reproduções 16 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1990



Fontes: *O Globo*, 1990; *Jornal do Brasil*, 1994; *Folha de S. Paulo*, 1998.

As menções ao artista como um dos maiores poetas do país se mantiveram em alta nas publicações ao longo da década. Descrições da juventude no Rio de Janeiro, da passagem pelo partido comunista, do gosto por autores portugueses e franceses, do trabalho na fazenda, das manhãs dedicadas à poesia e das viagens aos Estados Unidos e à Bolívia continuaram na cobertura, que repetiu o tom de curiosidade e de resgate, conforme 46 registros que abordaram o reconhecimento tardio.

⁴⁵ Novela de sucesso exibida pela *TV Manchete* de março a dezembro de 1990, escrita por Benedito Ruy Barbosa. A trama se passou na zona rural do Pantanal. Mais informações em: <https://manchete.org/pantanal/>. Acesso em: 24 set. 2024.

A redescoberta de Manoel ecoou em Portugal. Em 1994, o jornalista e escritor angolano José Eduardo Agualusa, que vivia em Lisboa, rumou de avião até o Rio de Janeiro e seguiu de ônibus para Campo Grande a fim de conhecer o artista que o encantou na entrevista e nos poemas veiculadas pela *El Paseante*. A conversa resultou na entrevista “Um poeta no Pantanal”, publicada em cinco páginas, com fotos de Marcelo Buainain, na edição de 26 de junho da *Público Magazine*, revista de variedades do jornal *Público*. Para Agualusa (1994, p. 46), o “velho fazendeiro” escrevia, no “silêncio do seu escritório”, “uma das obras mais notáveis da moderna literatura em língua portuguesa”.

Manoel foi comparado durante a década a diversos escritores, entre os quais Adélia Prado, João Cabral, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, Leminski, Mario Quintana, Manuel Bandeira e Clarice Lispector. O *Diário da Serra*, de Campo Grande, publicou que, “se Minas tem seu Drummond, Mato Grosso do Sul tem Manoel de Barros” (Fraga, 1992, p. 1). As comparações com Rosa, cujos relatos de encontros no Pantanal se repetiram, continuaram as mais frequentes, a exemplo da reportagem de Anna Accioly no *Jornal do Brasil*.

Comparado a Guimarães Rosa pela riqueza de seus textos e ainda por cultivar o mesmo hábito de cultivar palavras, mas quase desconhecido para o grande público, o cuiabano-pantaneiro Manoel de Barros é, aos 76 anos e com dez livros publicados, um dos maiores poetas vivos do país. O refinamento e a exuberância, sempre com profundas raízes na sabedoria popular, são as trilhas que vem percorrendo em seus 50 anos de marginalidade na poesia brasileira (Accioly, *Jornal do Brasil*, 1993, p. 8).

Contabilizamos, na década, 198 registros informativos, 90 opinativos e 65 utilitários. Pela primeira vez, o gênero utilitário se destacou, influenciado pelo surgimento de espetáculos inspirados em Manoel: *Pantanal som e imagem*, *Pré-coisas* e *O coração verde dos pássaros*. As premiações também reforçaram a divulgação do poeta, com 26 registros sobre distinções, como Jabuti (1990), Prêmio Nestlé (1997) e os prêmios da Biblioteca Nacional (1996) e do Ministério da Cultura (1998). Os lançamentos de livros serviram de gancho de 113 registros, seguidos de 40 motivados por análises da obra, com predomínio da crítica positiva. Marcelo Coelho, em 1993, na *Folha de S. Paulo*, destoou e polemizou, ao estampar no título “Barros tem sabor artificial de caipira” e afirmar que o poeta praticava “um regionalismo falsamente elevado às belezas da ontologia, da essencialidade telúrica”.

Cada vez mais ouço falar da poesia de Manoel de Barros. O número de seus admiradores está crescendo. Comparam-no a Guimarães Rosa, a Drummond. Leio sua ‘Gramática Expositiva do Chão’ (Civilização Brasileira, 1990) e ‘O Livro das Ignoranças’ (mesma editora, 1993). Minha vontade é dizer simplesmente: Manoel de Barros é uma fraude, um conto-do-vigário. O leitor tropeça em cada página com tolices, com ridículos, com falsidades e pretensões. [...] Há em Manoel outro artifício, mais pernicioso e fácil, porque puramente gramatical. Consiste em transformar adjetivos em advérbios, verbos transitivos em intransitivos, substantivos em verbos. O resultado, muitas vezes, é *nonsense*, o que só por desinformação e complacência pode se tornar ‘invenção’ da linguagem (Coelho, *Folha de S. Paulo*, 1993, p. 12).

José Geraldo Couto (1994, p. 6) divergiu na própria *Folha*, no artigo “A estética do bom-gostismo”, no qual disse que o colega revelava “limitação da sensibilidade” por ter dificuldade “de aceitar qualquer modo de aproximação com a vida que não seja o racional-discursivo”. Couto ressaltou a subjetividade e que, mesmo obras destacadas, contêm “filosofias triviais”. Coelho (1994, p. 5) fez a tréplica no artigo “Manoel de Barros não é Shakespeare”, indagando se foi “limitado” ou “justo” ao asseverar que o autor estava abaixo de Rosa e de Drummond. A divergência prosseguiu no *Jornal de Brasília*. Severino Francisco (1994, p. 3) frisou que, no ambiente marcado “pelo marasmo da crítica”, Manoel teve a “fortuna de ser alvo de debate”. Para Francisco, Coelho estava equivocado, e o poeta não era exemplar do exotismo do Pantanal, pois sua obra aparecia em conexão com Baudelaire e Rimbaud, honrando qualquer país. Três anos depois, Coelho (Santos, 1997, p. 6) comentou o episódio na *Folha*. “Me arrependo do que escrevi sobre Manoel de Barros. Saiu com uma estridência maior do que eu pensava”, admitiu.

Reproduções 17 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 1990



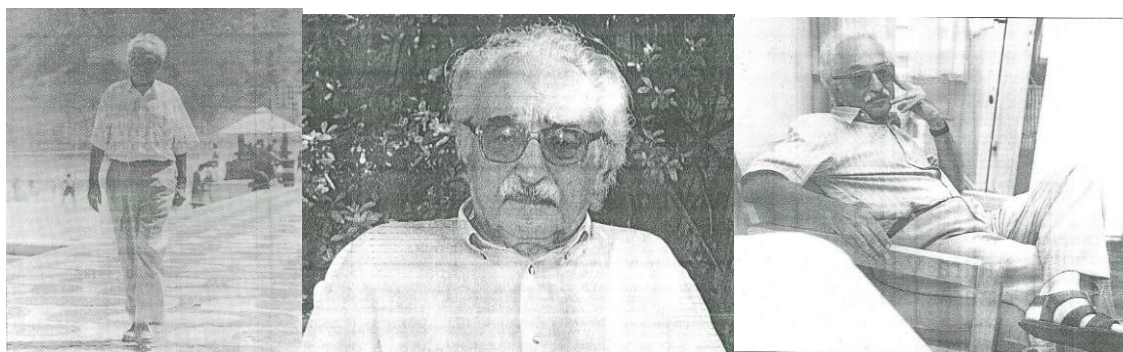
Fontes: *Folha de S. Paulo*, 1993; *O Globo*, 1997; *O Globo*, 1993.

A timidez continuou a ser abordada por repórteres, críticos e Manoel, que concedeu, pelo menos, 58 entrevistas, das quais 18 com registro de que as respostas foram enviadas por escrito. O autor admitiu ter “fobia por muita gente” (Mencarelli, *Folha de S. Paulo*, 1990, F1) e pediu para “dizer nada” diante da plateia ao receber o Prêmio Nestlé por *Livro sobre nada* (Name, *O Globo*, 1997, p. 2). Ao final da década, jornais e revistas passaram a dar maior destaque ao olhar infantil nos textos do escritor. O principal gancho foi o lançamento de *Exercícios de ser criança*, primeira obra “assumidamente voltada ao público infantil” do poeta octogenário (Neto, *O Estado de S. Paulo*, 1999, D10).

Ao longo da década, a relação de incentivadores de Manoel manteve em destaque Houaiss, Millôr, Drummond e Ênio Silveira e ganhou a atriz Cássia Kis, o músico Egberto Gismonti e o bibliófilo José Mindlin, que, via Sociedade dos Bibliófilos do Brasil, lançou edição de colecionador de *O livro das ignoranças* e a coletânea *O encantador de palavras*. A relação de autores que o poeta leu repetiu Rosa, Rimbaud, Machado de Assis, Drummond, Vieira, Camões, Pessoa e teve os acréscimos de Kant, Goethe, Nietzsche e Flaubert.

Manoel apareceu em 82 registros com fotografias, com Buainain, Alaor Filho e Mirian Fichtner como os fotógrafos com maior número de imagens creditadas. O material do período retratou o poeta, pensativo ou sorrindo, no mesmo estilo da década anterior: calça social e camisa de manga curta, bigode e cabelos brancos, calvo, sobrancelhas espessas e óculos grossos. A paisagem se manteve em ambientes de leitura ou ao ar livre.

Reproduções 18 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 1990



Fontes: *Jornal do Brasil*, 1994; *O Estado de S. Paulo*, 1997; *O Globo*, 1990.

2.3 Consagração: 2000 a 2020

Manoel de Barros lançou 12 livros, conquistou novos prêmios, voltou a ser tema de filmes/documentários, exposições e espetáculos, concedeu entrevistas e recebeu

homenagens até sua morte, em novembro de 2014. O poeta permaneceu na imprensa em razão de efemérides, dos espetáculos inspirados na obra e das citações em epígrafes e artigos. A consagração condiz com os 1.261 registros catalogados dos anos 2000 aos 2020, que correspondem a 68,23% do inventário de mídia impressa que construímos.

2.3.1 Anos 2000

Na virada de 80 para 90 anos de idade, Manoel consolidou o sucesso na década em que lançou nove livros: *Ensaaios fotográficos* (Record), 2000; *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (Record), 2001; *O fazedor de amanhecer* (Salamandra), 2001; *Memórias inventadas: a primeira infância* (Planeta), 2003; *Cantigas por um passarinho à toa* (Record), 2003; *Poemas rupestres* (Record), 2004; *Memórias inventadas: a segunda infância* (Planeta), 2006; *Poeminha em língua de brincar* (Record), 2007; e *Memórias inventadas: a terceira infância* (Planeta), 2008.

Os lançamentos serviram de gancho para 71 dos 558 registros reunidos nos anos 2000, publicados por jornais e revistas de nove unidades da Federação, com destaque para dez periódicos do Rio de Janeiro (*Cadernos de Leituras Compartilhadas, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, Monitor Campista, O Fluminense, O Globo, Poesia Sempre, Revista do Livro, Revista Nacional e Tribuna da Imprensa*), sete de São Paulo (*A Cidade, A Tribuna, Caros Amigos, Carta Capital, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Valor Econômico*), dois de Mato Grosso do Sul (*Folha do Povo e Folha do Sul*), dois do Distrito Federal (*Correio Braziliense e Leituras*) e dois do Rio Grande do Sul (*Pioneiro e Zero Hora*).

2000: 72 registros	2004: 41 registros	2008: 37 registros
2001: 48 registros	2005: 68 registros	2009: 40 registros
2002: 132 registros	2006: 30 registros	
2003: 56 registros	2007: 34 registros	

O período teve *O Globo* como veículo que mais deu espaço a Manoel, com 261 registros, seguido por *Jornal do Brasil* (86), *O Estado de S. Paulo* (84), *Folha de S. Paulo* (30) e *Correio Braziliense* (19). Foram 268 registros que fizeram referências ao poeta contra 290 que trataram diretamente dele. O poeta foi elogiado pelo escritor angolano Ondjaki (Millen, *O Globo*, 2006) e pelo coreógrafo Renato Vieira (*O Globo*, 2006). Em 2002, o ex-

jogador de futebol Tostão afirmou, em coluna no *Jornal do Brasil*, que tinha em comum com o artista mato-grossense a preferência por escrever à mão.

Contabilizamos 217 registros de gênero informativo, 58 opinativos e 275 utilitários. A prevalência do gênero utilitário se deu por novos espetáculos inspirados nos livros publicados pelo poeta: *Homem de Barros*, *Anjos de Barros*, *Chão de Barros*, *Restin*, *Pra Nhá Terra*, *Deslimites da palavra* e *Inutilizas* entraram na programação cultural de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, com matérias em cadernos e notas em guias de atrações.

Dos 558 registros localizados, 14 foram motivados pelo documentário *Só dez por cento é mentira* (2008), de Pedro Cezar, que tentou “desmistificar a ideia” de que Manoel era “um poeta da natureza” (*O Globo*, 2009, p. 7). A série de cinco episódios *Paixão pela palavra*, dirigida por Cláudio Savaget e exibida no canal *Futura* (Kogut, *O Globo*, 2008), também recontou a trajetória do autor. Os espetáculos influenciaram a relação de incentivadores de Manoel, com predomínio das atrizes Cássia Kis e Bianca Ramoneda, do ator Zé Luiz Rinaldi, de José Mindlin e dos diretores Cezar e Savaget. Drummond e Millôr perderam espaço, mas continuaram a ser citados na relação de entusiastas do escritor mato-grossense. Ocorreu a mesma dinâmica nas menções ao reconhecimento tardio do poeta.

Reproduções 19 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2000



Fontes: *O Globo*, 2008; *Jornal do Brasil*, 2002; *Folha de S. Paulo*, 2008.

Manoel conquistou um prêmio da ABL, o segundo Jabuti (*O fazedor de amanhecer*), e recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que reconheceu o “doutor em poesia” (Bueno, *Folha do Sul*, 2000, p. 17). O sucesso o levou à sala de aula, com quatro livros no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do governo federal (Prado; Nóbrega, *Leituras*, 2007). A presença teve polêmica. Pais e educadores criticaram conteúdo considerado inadequado para alunos da 6ª série do Ensino Fundamental por causa de palavrões em *Memórias inventadas* (Iwasso; Mazzitielli, *O Estado de S. Paulo*, 2009).

A crítica positiva continuou majoritária. Para Luiz Martins (*Correio Braziliense*, 2005, p. 8), Manoel explorou “com maestria os arquétipos ligados ao onírico” em *Poemas rupestres*. Contudo, houve divergências e comentários sobre o “conformismo do autor com uma fórmula, tanto de estilo quanto de tema”, segundo Luís Araújo Pereira (*O Popular*, 2002, p. 2), que citou o “enorme prestígio na cena atual da poesia brasileira” do “poeta do Pantanal”, comparado a Rosa “por explorar uma linguagem com traços regionalistas”. Wilson Martins (*O Globo*) lembrou a performance de autores para burilar a imagem ao comentar Manoel em *Inventário das sombras*, de José Castello (1999).

Alimentando com extremoso cuidado a figura do escritor genial que lhe atribuem, Manoel de Barros representa o papel do primitivo espontâneo, bom selvagem da literatura, imagem que se deve em partes iguais aos críticos e aos leitores cansados de artifícios, suspirando pelo ar fresco da floresta. É a literatura ecológica. Sua poesia é feita de aforismos populares e frases de efeito, assim como esse primitivo é homem de costumes refinados, conforme as notações ao mesmo tempo maliciosas e benevolentes de José Castello (Martins, *O Globo*, 2000, p. 4).

Castello e Ubiratan Brasil foram os autores com mais textos catalogados, relação que teve, entre outros, Ana Cecília Martins, Mânia Millen, Daniel Piza, Debora Guterman, Fausto Wolff, Fabrício Carpinejar, Martha Medeiros e Luciano Trigo. Brasil (*O Estado de S. Paulo*, 2006, D12) publicou quatro das 25 entrevistas de Manoel na década – 14, pelo menos, concedidas por escrito. O repórter ainda contribuiu para os 80 registros que abordaram o olhar infantil da obra do mato-grossense, viés de abordagem que despontou influenciado pela trilogia *Memórias inventadas*, com textos autoficcionais em prosa poética.

O contraste entre infância e velhice foi constatado por Brasil e Bosco Martins em 2009. Brasil (*O Estado de S. Paulo*, 2009, p. 1) elogiou a “vitalidade” do autor de quase 93 anos que superava “dificuldades auditivas e de visão” para preparar um livro escrito com “caligrafia caprichada e uma letra miúda”. Martins (*A Cidade*, s/p) registrou a “cerimônia do adeus” do amigo, poeta “mais lido do Brasil”, que estava quase surdo, com “olhos lacrimosos de quem pouco vê” e recém-recuperado da perda do filho em acidente aéreo.

Memórias inventadas também incentivou referências à invenção ou à mentira, junto com *Só dez por cento é mentira*, título inspirado no verso “noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira” (Barros, 2010, p. 389). Na reportagem “O cantinho do poeta”, publicada em 2006 pelo *Correio Braziliense*, Renata Caldas indagou até

que ponto memórias vividas de fato se confundiam com passagens ficcionais. Castello já havia salientado as invenções em 2000, ao resenhar *Ensaaios fotográficos*.

A realidade não importa. Para o poeta, a realidade não existe – e por isso, talvez, se pode entender por que, para escrever seus poemas, toda manhã Manoel de Barros se tranca em seu escritório, isolado do mundo, com a ordem de não ser interrompido nem pelos piores desastres, como se não estivesse ali. A poesia exige essa inexistência. [...] Que o leitor não acredite nas fotografias tomadas por Manoel de Barros. Que apenas se entregue a elas, como um menino que vê uma aranha pela primeira vez (Castello, *O Estado de S. Paulo*, 2000, C1).

A invenção de palavras pelo prazer de “molecar o idioma” motivou novas comparações com Rosa (Nina, *Jornal do Brasil*, 2001, p. 4). Em 2006, o *Jornal do Brasil* (B3) publicou que os textos de Manoel “foram comparados a doce de coco” pelo romancista. Além do escritor mineiro, Manoel apareceu em registros associado a outros nomes de sucesso – Ferreira Gullar, Adélia Prado, José Saramago, Fernando Pessoa, João Cabral, Drummond, Manuel Bandeira e Clarice Lispector. Rosa figurou ao lado do Padre Antônio Vieira e Rimbaud nas menções aos autores que Manoel leu. Mantiveram-se presentes, mas em menor frequência do que nos anos 1990, as referências ao Pantanal e ao rótulo de “poeta pantaneiro”. As referências à timidez também diminuíram nos anos 2000.

Reproduções 20 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2000



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2009; *Folha de S. Paulo*, 2004; *O Globo*, 2002.

Na década em que as máquinas digitais dominaram as redações e facilitaram os registros visuais, catalogamos 57 matérias com fotos de Manoel, maior parte em espaços de leitura. Ele foi clicado ao lado da filha Martha, do então ministro da Cultura Gilberto Gil, do diretor Cláudio Savaget e dos atores Zé Luiz Rinaldi, Bianca Ramoneda, Thiago Lacerda e

Cássia Kis. A revista *Poesia Sempre* publicou fotos do poeta bebê, criança e jovem, todas de acervo pessoal. A imprensa também manteve o uso de imagens de arquivo e divulgação.

Identificamos no inventário o crédito em registros de 15 fotógrafos na década, entre os quais Ana Branco, Warren Nabuco, Stephan Hess e Marlene Bergamo. Branco teve cinco vezes a mesma foto publicada em *O Globo*: um retrato do poeta com a cabeça inclinada à direita, olhar distante e sorriso largo, vestindo camisa quadriculada. Idoso, Manoel apareceu mais magro, com olhos pequenos protegidos por óculos grossos e amarelados, sobrancelhas ainda escuras, bigode branco, cabelo branco desgrenhado e topo da cabeça calvo.

Reproduções 21 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 2000



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2003; *Correio Braziliense*, 2006; *O Globo*, 2006.

2.3.2 Anos 2010

Nonagenário e com a saúde debilitada, Manoel lançou três livros nos últimos anos de vida: *Menino do mato* (Leya) e *Poesia completa* (Leya), em 2010, e *Escritos em verbal de ave* (Leya), em 2011. Seu último poema, “A Turma”, foi publicado em 2013 na reedição de *Poesia completa*. O autor morreu em 13 de novembro de 2014, aos 97 anos, e a editora Alfaguara lançou, em 2015, a antologia *Meu quintal é maior do que o mundo*, além de novas edições de títulos do artista, que teria completado 100 anos em dezembro de 2016.

Manoel apareceu em 637 registros catalogados, que foram publicados por veículos de 11 unidades da Federação, dos quais dez de São Paulo (*A Tribuna*, *Brasileiros*, *Ciência e Cultura*, *Cult*, *Expresso Popular*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Imparcial*, *Revista da Cultura* e *Valor Econômico*), cinco do Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *O Fluminense*, *O Globo* e *Revista da Palavra*) e três de Mato Grosso do Sul (*A Gente*, *Mato Grosso do Sul* e *Mood Life*). *O Globo* publicou 433 registros, seguido por 76 de *O Estado de S. Paulo*, 34 da *Folha de S. Paulo* e 22 do *Correio Braziliense*.

2010: 174 registros	2014: 92 registros	2018: 34 registros
2011: 34 registros	2015: 50 registros	2019: 41 registros
2012: 93 registros	2016: 60 registros	
2013: 31 registros	2017: 28 registros	

Jornais e revistas publicaram 380 registros que trataram diretamente sobre Manoel, enquanto outros 257 registros fizeram referências ao escritor. Ele foi citado em entrevista da escritora portuguesa Ana Teresa Pereira ao *O Globo* (Brandão, 2017); em enquete de *O Estado S. Paulo* (Brasil, 2010) respondida por autores africanos sobre literatura em português; e na epígrafe de artigo de opinião dos advogados Antônio Carlos de Almeida Castro e Pierpaolo Bottini, n’*O Globo* (2015, p. 18), a respeito de vazamentos à imprensa de processos judiciais sigilosos: “Só uso a palavra para compor meus silêncios”.

A década seguiu a tendência de espetáculos e filmes inspirados em Manoel, gancho para 397 registros de gênero utilitário. Em 2010, *Só dez por cento é mentira* ficou por meses em cartaz, citado na programação cultural e nas críticas. “Manoel sabe muito de síntese, produz encantos sem ser palavroso”, analisou o diretor Pedro Cezar para *O Estado de S. Paulo* (Brasil, 2010, D10). As exposições *Perto do rio tenho sete anos*, em 2014, e *Ocupação Manoel de Barros*, em 2019, também asseguraram dezenas de registros utilitários, junto de *Meu quintal é maior do que o mundo*; *Palavra brinquedo*; *Inutilizas*; *Crianceiras*; *Canto a canto*; *Nada*; *Revoada*; *O delírio do verbo*; *Passarinho à toa*; *Achaduros*; *Rumor*; *Erê*, *Piá*, *Curumim*; *Memórias inventadas*; e *Tudo que não invento é falso*.

Reproduções 22 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2010



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2019; *Folha de S. Paulo*, 2019; *O Globo*, 2015.

Na comparação com a década anterior, aumentaram os registros que reconheceram o incentivo a Manoel dado por Millôr, Drummond e Houaiss, porém os espetáculos mantiveram artistas responsáveis pelos produtos em destaque na relação de incentivadores – Cezar, Adriano e Fernando Guimarães, Jonas Bloch, Cássia Kis e Marcio de Camillo.

Contabilizamos 46 registros publicados por conta de homenagens ao mato-grossense, 34 por lançamentos de livros, dez por sugestões de leitura, seis por efemérides e quatro por prêmios. As escolas de samba Acadêmicos do Sossego (Niterói) e Império Serrano (Rio de Janeiro) desfilaram em 2016 e 2017 (*O Globo*) com enredos inspirados no escritor, que ainda foi tema de saraus e debates e foi homenageado pela festa literária do bairro carioca de Santa Teresa, a Flist, em 2010 (Tolipan, *Jornal do Brasil*). Ancelmo Gois, n' *O Globo* (2017, p. 18), registrou a confecção de uma escultura do “poeta pantaneiro”, sentado e sorrindo, feita pelo artesão Ique, em Campo Grande.

Jornais e revistas usaram espetáculos, novos livros e a idade avançada do artista para publicar material com análises da obra, passagens biográficas e relatos do próprio poeta. Inventariamos 345 registros de gênero utilitário, 77 opinativo, 16 interpretativos e 199 informativos, entre os quais 13 entrevistas, oito por escrito. A João Domingos, de *O Estado de S. Paulo* (2014, C2), Manoel disse que fazia “desconstrução linguística”, que não via “vantagem” em escrever “complicado” e que a melhor poesia que leu foi a de Rimbaud, enquanto a melhor prosa foi a de Rosa. A Guilherme Freitas, n' *O Globo* (2010), o poeta abordou, por escrito, a visão infantil, as inutilidades e o desafio à razão.

Foi ele, o Idiota, que me ensinou a desobedecer às normas da linguagem e distorcer algumas ideias para dar canto às palavras. Disse mais; não ligue para a razão. Que em poesia a razão é acessório. [...] Percebi que a visão da criança altera a natureza, tipo assim: “Eu vi a tarde correndo atrás de um cachorro”. [...] Para que eu seja um poeta, preciso de não ter o que fazer. Meu trabalho é o de fazer vadiagem com as palavras (Barros *apud* Freitas, *O Globo*, 2010, p. 1).

O olhar infantil se destacou outra vez na cobertura, abordado em 174 registros. A *O Globo* (Lichote, 2016, p. 1), o *rapper* Renan Inquérito elogiou a abordagem da infância: “Ele fala que a poesia é a infância das palavras. Isso é fantástico, adoro pensar a poesia assim”. Em outros 141 registros, foi citado o gosto do autor por inventar cenas e palavras. O jogo da verossimilhança foi citado em análise de Castello (*O Globo*, 2014, p. 5) sobre o poeta que “não se interessa nem pelo natural, nem pelo verdadeiro”, que deseja “distorcer essas duas noções, ultrapassando-as para que, enfim, a invenção se imponha como única norma”.

Castello, no mesmo texto, elogiou a obra do autor, mas abordou os comentários a respeito das repetições. Ele considerou a segunda edição de *Poesia completa* como oportunidade para refletir sobre o estigma de que Manoel “é um poeta que só se repete e, mais ainda, que confunde poesia com jogo infantil”, restrições que “não deixam de ser verdadeiras”. Manuel da Costa Pinto, na *Folha de S. Paulo* (2010, E6), destacou a longevidade do artista cuja “regularidade temática e estilística”, com valorização do anti-herói, surgiu feito novidade, mas perdeu o viço. Em cinco oportunidades n’*O Estado de S. Paulo* (2010, 2014, 2015, 2016 e 2019), Brasil fez comentários de exaltação do autor.

O poeta Manoel de Barros deixou uma obra singular – com uma linguagem artesanalmente construída, sem se ater a convenções gramaticais e sociais, mas sempre em busca da simplicidade, ele se tornou, com o passar dos anos, um cultor da palavra (Brasil, *O Estado de S. Paulo*, 2015, C5).

A morte de Manoel incentivou, em razão dos critérios de noticiabilidade (Traquina, 2008), a publicação de textos que refletiram sobre a trajetória do autor. O compilado de obituários expressa imagens levadas aos leitores: “Morre Manoel de Barros, poeta maior da vanguarda primitiva” (Junior, *Valor Econômico*); “Morre aos 97 anos Manoel de Barros, poeta das grandezas do ínfimo” (Rizzo, *Folha de S. Paulo*); “Morre Manoel de Barros, um dos maiores poetas brasileiros” (*O Fluminense*); “A poesia chora por Manoel de Barros” (*A Tribuna*); “Manoel de Barros: deixei uma ave me amanhecer” (*O Povo*); “Hora de alçar voo maior” (*A Gazeta*); “Manoel de Barros: o grande poeta das pequenas coisas” (*O Globo*); e “O fazedor de poemas se despede” (*Zero Hora*).

Pascoal Soto, que editou livros do mato-grossense, publicou artigo n’*O Globo* (2014, p. 4), questionando se, após a morte do escritor, críticos e acadêmicos que “tão pouca atenção deram ao gênio criativo Manoel” desatariam “a falar de sua importância para a poesia brasileira”. O reconhecimento tardio constou nos relatos do período, identificado em 28 oportunidades, a exemplo de obituário da *Folha de S. Paulo*:

Meio século separou a estreia de Barros – em 1937, com *Poemas Concebidos Sem Pecado* em edição artesanal de 21 exemplares – da circulação ampla da obra na segunda metade dos anos 1980, graças à divulgação por admiradores como Millôr Fernandes e Antônio Houaiss, para quem era comparável a São Francisco de Assis ‘na humildade diante das coisas’ (Rizzo, *Folha de S. Paulo*, 2014, p. 1).

As referências ao Pantanal continuaram presentes, assim como epítetos de “poeta do Pantanal” e “poeta pantaneiro”, as descrições entre os melhores poetas do país e as comparações com Rosa. O prosador mineiro permaneceu à frente das associações com Manoel, mas cresceram menções catalogadas a Mario Quintana, Drummond e Samuel Beckett. Também foram citados, entre outros, Leminski, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Mia Couto, João Cabral, Adélia Prado, Cecília Meireles e Cora Coralina.

Reproduções 23 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2010



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2010; *Folha de S. Paulo*, 2019; *O Globo*, 2016.

Rosa liderou, ao lado do Padre Antônio Vieira, as menções de autores que o poeta leu. A lista teve nomes como Rimbaud, Baudelaire, Flaubert, Heidegger, Machado de Assis, Bandeira, Fernando Pessoa, Oswald de Andrade e T.S. Elliot. “Manoel era leitor dos sermões do padre Antônio Vieira, hábito que o ensinou jovem a admirar formação e utilização das palavras”, registrou *O Estado de S. Paulo* (Brasil, 2016, C5).

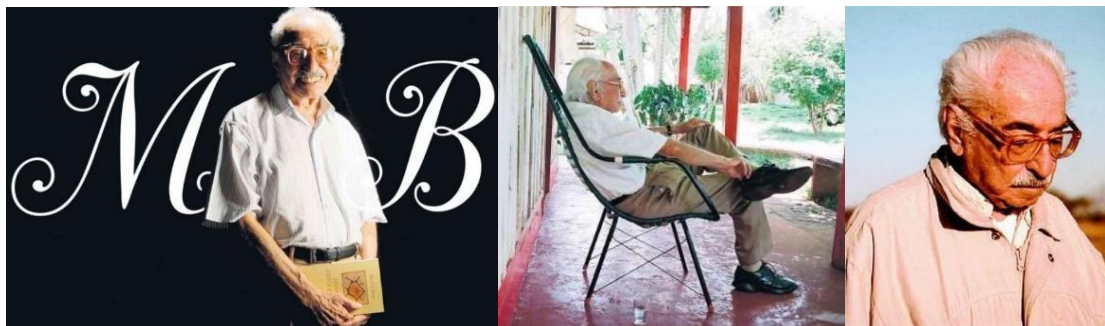
A imprensa abordou as limitações da velhice e a rotina do artista em casa. “Ele come pouco. Gosta de ovo, arroz, carne, feijão e sempre com uma fruta. Mas não tem apetite e nunca quer se alimentar”, disse Martha Barros à *Revista da Cultura* (Ranieri; Portella, 2012, s/p). A década ainda contemplou menções à timidez do escritor, à vida no Rio de Janeiro, à militância comunista na juventude, às viagens aos Estados Unidos e à Bolívia e ao gosto pela natureza e por coisas desimportantes.

Arnaldo Niskier, Nahima Maciel, Rosiska Darcy de Oliveira, Zélia Duncan, Mauro Ventura, Miguel Conde, Patrícia Kogut, Leonardo Lichote, Cléo Guimarães e José Eduardo Agualusa assinaram parte dos registros catalogados na década, que teve materiais alusivos ao centenário de Manoel, em 2016, com tom similar ao dos obituários.

Manoel de Barros gostava de dizer que escrevia em ‘idioleto manoelês arcaico’. No ano em que o poeta mato-grossense completaria seu centenário, esse idioma particular reaparece nas novas edições da obra completa, que começaram a chegar às livrarias pela Alfaguara. Morto em 2014, o autor que cantou as coisas da natureza fixou o Pantanal no mapa da poesia brasileira. Mais que isso, construiu poética em torno das miudezas do mundo, de tudo aquilo que é descartado e marginalizado pela sociedade. Costumava se definir como ‘um fazedor de inutensílios’ (Freitas, *O Globo*, 2016, p. 6).

As fotografias, localizadas em 66 registros, retrataram o poeta ancião, de cabelo e bigode brancos, calvo, sobrancelhas grossas, olhos pequenos, óculos, calça social larga e camisa de mangas curtas. O enquadramento variou entre retratos e planos abertos, apresentando a paisagem. Quatro fotografias mostraram Manoel de jaqueta, na zona rural, com olhar introspectivo para o chão. Do material creditado, listamos 16 fotógrafos, entre os quais, Mirian Fichtner, Stephan Hess, Marcelo Buainain e Jonne Roriz. As imagens de Buainain eram antigas. Roriz teve quatro reproduções do mesmo retrato: Manoel em pé com as roupas corriqueiras, sorridente, segurando abaixo da cintura o livro *Ensaio fotográficos*.

Reproduções 24 – Manoel de Barros em fotografias dos anos 2010



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2010; *O Estado de S. Paulo*, 2015; *O Globo*, 2012.

2.3.3 Anos 2020

Na década em curso, a primeira iniciada após sua morte, Manoel figurou na mídia impressa, em especial, por conta de espetáculos inspirados nos seus versos e por menções de artistas e leitores, conforme mostram os 66 registros catalogados, material impresso por jornais de três estados – três periódicos de São Paulo (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Valor Econômico*), dois do Rio de Janeiro (*O Fluminense* e *O Globo*) e um do Rio Grande do Sul (*Zero Hora*). A *Folha de S. Paulo* respondeu por 28 registros, seguida de *O Globo* (21), *O Estado de S. Paulo* (12) e *Valor Econômico* (3).

2020: 22 registros

2022: 11 registros

2024: 6 registros

2021: 10 registros

2023: 17 registros

Reportagens, perfis e críticas de livros do autor mato-grossense nos anos 2020 não foram localizados em edições impressas até a conclusão desta pesquisa, antes de novembro de 2024, quando a morte do poeta completou dez anos. Por se tratar de um inventário de mídia escrita, não catalogamos o material veiculado em páginas *online*, que se converteram na principal plataforma de consumo de conteúdo jornalístico. A redução do volume de páginas de jornais e revistas também ajuda a explicar a queda nos registros catalogados.

Seguindo a tendência iniciada nos anos 1990, os espetáculos colocaram Manoel em notícias de variedades e nas dicas de programas culturais. *Meu quintal é maior do que o mundo*; *Crianceiras*; *Os lavradores de histórias*; *Tempo de encanto*; e *O que só passarinho entende* são exemplos de atrações que ficaram em cartaz. Os artistas responsáveis pelas produções se destacaram entre os incentivadores do poeta na década em curso.

O vínculo pantaneiro de Manoel foi identificado em oito registros. Lauro Mattos, na *Folha de S. Paulo* (2022, C3), encerrou reportagem sobre o *remake* da novela *Pantanal*⁴⁶, exibida em 2022 pela *TV Globo*, com trecho do poema “Carreta Pantaneira”, do *Livro de pré-coisas* (1985): “As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo, desacontem”. O epíteto de “poeta do Pantanal” figurou em três registros, uma na coluna de Andrea Jubé no *Valor Econômico* (2021, A12), com dicas de leitura para o Natal dos postulantes à Presidência da República. “Manoel de Barros, o grande poeta do Pantanal” foi a sugestão da senadora Simone Tebet (MDB), eleita pelo Mato Grosso do Sul. O autor ainda foi citado como um dos maiores poetas do país e o “poeta das grandezas do ínfimo” (Oliva, *Folha de S. Paulo*, 2023, C5).

Catalogamos, no período, 22 registros de gênero informativo, 23 opinativos e 17 utilitários. Ao todo, 20 tratam diretamente sobre o artista, e outros 46 se referiram a ele. Em 2023, o *Estado de S. Paulo* (C2), na coluna Direto da Fonte, de Gilberto Amendola, publicou nota de um cachorro vira-lata batizado de Manoel em homenagem ao mato-grossense. O

⁴⁶ A segunda versão de *Pantanal* foi exibida de março a outubro de 2022, com direção de Rogério Gomes e Gustavo Fernandez. O *remake* manteve o nome da novela exibida em 1990, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Mais informações em: <https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/>. Acesso em: 24 set. 2024.

influenciador Pedro Vinício (Disitzer, *O Globo*, 2021) relatou ser fã do poeta. Em entrevista com a executiva de uma empresa, Isaac de Oliveira escreveu em *O Estado de S. Paulo*:

Se na literatura o poeta das ‘desimportâncias’ Manoel de Barros dizia que o que é bom para o lixo é bom para a poesia, no mundo dos negócios, Cristina Andriotti, CEO do Grupo Ambipar, vê o lixo, ou melhor, os resíduos, com extremo valor para economia’ (Oliveira, *O Estado de S. Paulo*, 2020, B13).

Citações e elogios também apareceram quando se falou de futebol. Em cinco ocasiões, Tostão⁴⁷ usou palavras de Manoel para ilustrar suas opiniões esportivas. Em 2022, inspirou-se no verso “é preciso transver o mundo” (Barros, 2010, p. 350) para argumentar que técnicos e atletas precisam ser criativos: “Parafraseando o poeta Manoel de Barros, a ciência não é capaz de medir o encanto de um craque. Ele vê, antevê e transvê, imagina o jogo. É preciso transver o futebol e o mundo” (Tostão, *Folha de S. Paulo*, 2022, B2).

Tostão constou na relação de autores de textos que mencionaram o poeta, ao lado de Marcelo Rubens Paiva, Vera Iaconelli, Martha Medeiros, Sérgio Luz e Dorrit Harazim. Os registros não apontaram autores que Manoel leu. Nas comparações, Rosa não figurou absoluto na liderança. Adélia Prado, Drummond, Manuel Bandeira, Mario Quintana, Clarice Lispector, Cecília Meireles e Fernando Pessoa apareceram entre os mais citados. “É o Brasil dos sertões de Guimarães Rosa, do Pantanal de Manoel de Barros, das Alagoas de Graciliano Ramos”, escreveu Eduardo Affonso em *O Globo* (2022, p. 3). Nelson Vasconcelos (*O Globo*, 2021, p. 5) viu no angolano Ondjaki “flertes com os nossos Clarice Lispector, Adélia Prado ou Raduan Nassar, entre outros – além do namoro firme com Manoel de Barros”.

A perda de espaço de Rosa refletiu a ausência de menções aos supostos encontros entre Manoel e o escritor. O reconhecimento tardio do poeta, citado desde o período pré-fama e destacado nos anos 1980 e 1990, não foi catalogado nos anos 2020, bem como relatos da juventude no Rio de Janeiro, da militância comunista, das manhãs no escritório e de viagens à Bolívia e ao Estados Unidos. A timidez perdeu espaço. No obituário da esposa do escritor, Stella, publicado em 2021 pela *Folha de S. Paulo*, Martha relatou que o casal se complementava, já que o pai, “poeta em tudo”, teve o apoio de uma mulher “prática”.

Professora, ela montou uma escolinha e ensinava as crianças entre os afazeres da casa. Como o marido não dirigia, ela cuidava da maior parte

⁴⁷ Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, é médico e foi jogador profissional de futebol. Ídolo do Cruzeiro, foi tricampeão mundial de futebol com a seleção brasileira na Copa de 1970.

das atividades da propriedade. ‘Ela era prática e permitia que ele tivesse o tempo para ser poeta. E ela foi muito importante para a obra dele’, lembra Martha (Soares, *Folha de S. Paulo*, 2021, A21).

Não localizamos registros impressos com fotografias de Manoel⁴⁸. Quatro registros abordaram o gosto por inovar nas palavras e na gramática, como *O Globo* (p. 43) em 2020, que citou a característica do escritor de brincar “de descobrir e inventar novos significados para as palavras”. As menções à natureza apareceram em sete registros, seguidas de seis ao drible à razão, cinco às mentiras e 18 ao olhar infantil. A psicanalista e escritora Betty Millan citou o poeta mato-grossense ao ser perguntada por Gilberto Amendola, n’*O Estado de S. Paulo* (2023, C2), se o carnaval poderia incentivar a saúde mental coletiva. “Como diz Manoel de Barros, a criança pode errar na gramática, mas ela nunca erra na poesia. E no carnaval é quando estamos autorizados a viver poeticamente”, respondeu.

Reproduções 25 – Jornais que citaram Manoel de Barros nos anos 2020



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 2023; *Folha de S. Paulo*, 2020; *O Globo*, 2023.

Na coluna “A arte de brincar com as palavras”, Mirian Goldenberg (*Folha de S. Paulo*, 2024, B8) relatou estudar pessoas com mais de 90 anos, o que a fez rever três vezes *Só dez por cento é mentira*. Ela se encantou pela fórmula de longevidade do homem que desejava “amarrar o tempo no poste”, que mesclava invenções (“minha poesia é inventada, mas absolutamente verdadeira”), memórias da infância (“no quintal a gente gostava de brincar com palavras mais do que de bicicleta”) e escrita a lápis do “dialeto manuelês” (“língua dos bocós e dos idiotas”). O amor também integrava a receita, segundo fala do poeta reproduzida na coluna: “Eu tenho muito orgulho de ser lido e de ser amado através da leitura dos meus livros. Eu sinto que sou amado por todas as pessoas que me leem.”

⁴⁸ Fotografias de Manoel de Barros foram publicadas em *sites*, porém as páginas eletrônicas de jornais e revistas não entraram no escopo desta pesquisa.

3 Manoel de Barros em entrevistas no jornalismo impresso

De Campo Grande, na esteira do lançamento de *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), Manoel de Barros aceitou conversar por telefone com a jornalista Isabel Cristina Mauad. O poeta, que preferia conceder entrevistas por escrito, disse entender a necessidade de auxiliar a editora Civilização Brasileira na divulgação do livro, mas não escondeu o desconforto no diálogo com a repórter, que fez a chamada do Rio de Janeiro:

Responder por telefone? Não gosto de telefone. Se for complicado, não respondo. [...] Não gosto de entrevista falada. É a primeira que dou, falada assim, principalmente por telefone. Uma me enganaram, gravando. Mas eu não briguei. Só gosto de dar entrevista por escrito porque elas têm o mesmo valor estético e o cuidado artístico de minhas poesias. Com você, falando assim, estou me sentindo meio ao relento (Barros *apud* Mauad, *O Globo*, 1991, p. 5).

Manoel papeou o suficiente para Maud preencher uma página do jornal *O Globo* com a entrevista “Poeta busca estética do ordinário”, publicada em 29 de dezembro de 1991. Nas respostas a 16 perguntas, o autor falou do livro e de processo criativo, rotina, timidez e reconhecimento tardio; definiu a vagabundagem da poesia como a “verdade mais profunda” da vida; elogiou João Cabral de Melo Neto; e revelou não gostar de poesia concreta. Dois anos depois, às vésperas de lançar *O livro das ignorâncias* (1993), o artista recebeu no escritório de casa o jornalista José Geraldo Couto, enviado ao Mato Grosso do Sul pela *Folha de S. Paulo*. O autor admitiu a “vergonhez” e a surpresa por estar diante do entrevistador:

Manoel de Barros – Quando você me telefonou, solicitando uma entrevista pelo telefone, eu tentei cair fora, né? Porque a palavra falada, para mim, é muito difícil. Ela é cheia de pudores e sangramentos. Então eu me neguei. Sugeriu que o jornal mandasse você até aqui. Na verdade, eu pensava que o jornal não iria mandar você. Eu nunca fiz esse tipo de entrevista falada, sabe? Mas agora que você está aqui, vou ter que falar.

Folha – Vamos fazer do modo mais indolor possível. Como *O Livro das Ignorâncias* se relaciona com o conjunto da sua obra?

Barros – A poesia, para mim, sempre foi um jogo à brinca. Nunca é um jogo à vera. Acho que a gente precisa desaprender umas oito horas por dia para chegar a adquirir um novo olho, digamos, ‘um olho infantil’, para olhar o mundo como se fosse a primeira vez. Isso é uma coisa que todo poeta diz (Barros *apud* Couto, *Folha de S. Paulo*, 1993, p. 8).

Em duas páginas, com selo de “entrevistas históricas” e título “Manoel de Barros busca na ignorância a fonte da poesia”, Couto publicou 33 perguntas e respostas na *Folha*

de 14 de novembro de 1993. O diálogo abordou a infância do poeta no campo; a juventude no Rio de Janeiro; a militância comunista; a escrita de poemas a lápis em caderninhos; o olhar para coisas desprezíveis; os relatos de encontros com Rosa; e o gosto por Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé e Lautréamont. O mato-grossense declarou que sua poesia tinha “choque do erudito com o primitivo”, que “todo sujeito que se preze deve ser de esquerda” e que sua “revolução maior” era semântica, “na mudança de contexto da palavra”.

As entrevistas são um dos elementos centrais da presença de Manoel no jornalismo impresso. Foi pelos jornais e revistas que chegaram a um público mais amplo e diversificado as falas do artista a respeito da obra, rotinas, personalidade e episódios, além de opiniões sobre diversos temas. Para Arfuch (2010, p. 178 e 183), esse tipo de entrevista é o momento no qual escritores exercitam a “construção de uma imagem de si”. O leitor tem interesse nos bastidores da criação estética, enquanto o autor consegue explicar, ilustrar, voltar atrás em declarações anteriores, passando “a limpo” a própria vida. A mídia, que não publica declarações na íntegra porque o conteúdo é filtrado por repórter e editores, torna visíveis as palavras e a figura do autor (Rodrigues, A., 2012, p. 236). O escritor compartilha autoimagens, irriga o repertório dos leitores, alimenta seu imaginário (Silva, 2006).

A entrevista é ligada à consolidação do capitalismo, do jornalismo moderno e do espaço público. Está pautada desde os primórdios pelo interesse em grandes personalidades políticas, literárias e científicas, o que criou efeito de celebridade típico da cultura de massa (Arfuch, 2010). Manoel teve, pelo menos, 114 entrevistas publicadas por 46 jornais e revistas, conforme material catalogado nesta pesquisa⁴⁹. *O Estado de S. Paulo* veiculou 17 entrevistas, seguido por *Jornal do Brasil* e *O Globo*, com 15 cada, e *Folha de S. Paulo*, com 11. O primeiro registro localizado data de 1956, um questionário de 11 perguntas da revista *Terra e Gente* aplicado a quatro autores de Mato Grosso: Manoel, Rubens Mendonça, José de Mesquita e Virgílio Correia Filho.

À revista, Manoel deu opiniões com a veia poética que repetiria por décadas e que influenciou sua obra. O poeta registrou gostar do pianista Frédéric Chopin (“sujeito cujas músicas possuíam raízes no seu corpo”), do pintor Paul Klee (“porque as coisas para ele tinham asa como os pássaros”) e de escritores variados (Valéry, Dostoiévski, Claudel, Gide, Rimbaud, Graciliano Ramos, Lobivar Matos e Guimarães Rosa). Contou que o personagem

⁴⁹ O levantamento tratou somente de entrevistas cujas versões publicadas foram localizadas. Manoel concedeu mais entrevistas à imprensa escrita, conforme arquivo da família do poeta com material bruto de perguntas e respostas, porém não localizamos as páginas publicadas. Manoel também deu entrevistas para trabalhos acadêmicos e livros, materiais que ficaram de fora do escopo deste trabalho.

de romance que mais o impressionou foi o de *Voz subterrânea*, de Dostoiévski, “aquele sujeito que não podia compreender por que dois e dois são quatro”, “que achava, certamente, mais importante fundar um verso do que uma fábrica”.

Questionado sobre como gostava de ler, Manoel respondeu que, “quando o livro é bom, até de cabeça para baixo; quando não presta, nem recostado em anca de sereia”. Relatou que escrevia “curvado sobre a mesa, com uma enorme preguiça e com uma consciência de frustração dos diabos”. Indagado se a paisagem do Centro-Oeste atrairia o romance moderno, filosofou que “toda paisagem seduz” o romancista autêntico, seja “um pedaço de muro seco” ou “quatro paredes de uma cadeia suja”, porque o importante é o impacto da paisagem. No Pantanal, na sua avaliação, um romancista poderia enfrentar a “pressão que a exuberância primitiva de nossa natureza exerce sobre o homem”. O poeta ainda apresentou visão de país ao responder se considerava os brasileiros “literariamente” independentes:

Acho. Basta que se leia um livro qualquer de Lima Barreto ou Graciliano Ramos ou Lins do Rego para que identifique neles a nossa paisagem física e humana. E mais: o caráter marcante do homem brasileiro, ungido com a tristeza do negro, a preguiça do índio e a safadeza do branco. Criamos uma arte que reflete bem uma terra exuberante dando de mamar um homem triste e miserável (Barros *apud Terra e Gente*, 1956, p. 108 e 109).

Em setembro de 1960, Manoel ressurgiu na imprensa ao comentar no *Diário de Notícias* a vitória no Prêmio Orlando Dantas. Relembrou que começou a poetar no Colégio São José, quando era um “casimiriano”⁵⁰. Em 1969, foi ouvido pelo *Jornal do Brasil* em reportagem sobre vencedores de prêmios com dificuldades para publicar livros. Dez anos depois, a revista sul-mato-grossense *Grifo* veiculou entrevista do artista a José Octávio Guizzo. O autor afirmou não pertencer à geração modernista de 1945 (“não sofri aquelas reações de retesar os versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas”), admitiu ter quase orgasmos ao salvar as palavras “da morte clichê” e disse considerar a poesia necessária “para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes” (*Grifo*, 1979, p. 50-53).

Em 1986, o escritor reapareceu na condição de entrevistado no suplemento do jornal *A Crítica* (Brambilla, p. 10-11) para falar da carreira (livros não chegaram ao público “por absoluta incompetência minha”) e temas gerais, como política (a União Democrática Ruralista é “no mínimo uma excrecência”) e religião (“a Igreja descobriu agora que a palavra

⁵⁰ Casimiro de Abreu (1839-1860) é considerado um dos poetas mais importantes do romantismo no Brasil. Mais informações em: <https://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/biografia>. Acesso em: 24 set. 2024.

de Cristo sempre foi dirigida aos pobres”). A partir de 1987, o interesse por declarações de Manoel chegou aos jornais de grande circulação. O auge desse tipo de aparição foi na década de 1990, seguido de queda nos anos 2000, porém ainda em patamar elevado. Novas entrevistas foram publicadas até 2014, ano da morte do autor.

1950: 1 entrevista	1990: 58 entrevistas
1960: 2 entrevistas	2000: 25 entrevistas
1970: 1 entrevista	2010: 13 entrevistas
1980: 14 entrevistas	

Para quem dizia padecer de “timidez escancarada” (Zappa, *Jornal do Brasil*, 1998, p. 1) e sofrer para falar em público ou diante de gravadores, Manoel acumulou número considerável de entrevistas publicadas, quase a totalidade após a fama. Driblou o perfil arredo ao responder, pelo menos, 44 questionários por escrito, sem contato em tempo real com o repórter, porém concedeu, ao menos, 26 entrevistas pessoalmente e sete por telefone⁵¹. O temor à exposição também serviu de *marketing*. A postura, segundo Sá (2010), permite que o repórter cumpra critérios de noticiabilidade para dar selo diferenciado à entrevista, a fim de buscar destaque no jornal e atenção dos leitores. Em 2002, Suzana Vernieri usou o critério no subtítulo da entrevista “O íntimo da palavra”, publicada em *Zero Hora* (p. 4): “Aos 85 anos, em uma rara entrevista, Manoel de Barros fala sobre a criação poética”.

O poeta tinha ciência de que a presença na mídia é determinante para o sucesso de público e crítica. Assim, respondeu perguntas por escrito, aceitou ficar diante de jornalistas e trabalhou para se autodivulgar. Um exemplo é o bastidor⁵² da reportagem “O poeta-andarilho do Pantanal”, assinada por Rui Nogueira e veiculada em duas páginas no *Correio Braziliense*, em julho de 1987. O repórter relatou que recebeu do jornalista e poeta Reynaldo Jardim⁵³, ex-editor do *Correio* e então dirigente da Fundação Cultural do Distrito Federal, a sugestão de publicar uma entrevista com Manoel, de quem era amigo. Jardim entregou a entrevista pronta, datilografada com perguntas e respostas. Em 1986, Martha Barros repassou as questões ao pai, que as devolveu, meses depois, respondidas a lápis.

⁵¹ Em 37 das 114 entrevistas reunidas, não há registro no texto sobre como o questionário foi respondido.

⁵² Entrevista de Nogueira ao autor desta pesquisa e de Martha a Gustavo de Castro em 28 de maio de 2024.

⁵³ Jardim (1926-2011) publicou *Sagradas escrituras* (2010) e implementou o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. Mais informações em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/01/24/interna_diversao_arte,732523/quem-e-reynaldo-jardim.shtml. Acesso em: 24 set. 2024.

Segundo a filha de Manoel, a ideia da entrevista partiu de um rompante do artista, que modificou as perguntas. No controle da situação, ele compôs sem pressa uma espécie de manifesto do seu fazer poético, que chegou até Jardim, responsável por encontrar uma redação interessada em veicular o material com o mínimo de cortes possível. Nogueira encantou-se e preparou um perfil para servir de introdução ao pingue-pongue “É preciso injetar insanidade nos verbos”, creditado a Martha. Em dez questões, Manoel disse que o “poeta é sempre um ser escaleno”, cujas “imaginações nutridas em suas obras podem fazer retratos falsos dele”. Declarou que “poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança”. Relatou que criava “como quem lava roupa suja no tanque dando porrada nas palavras” e que tudo “já foi pensado e dito por tantos e tontos”. Citou que “nosso paladar de ler anda com tédio”, por isso deveria “propor novos enlaces para as palavras” e “injetar insanidade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delírios”.

No ano seguinte, Manoel recebeu em casa o escritor Carlos Emílio Corrêa Lima e concedeu uma entrevista fundamental para deixar o ostracismo, publicada na revista espanhola *El Paseante* (1988, p. 124-128), que dedicou sua 11ª edição ao Brasil e surpreendeu críticos e jornalistas pelo destaque ao poeta até então pouco conhecido⁵⁴. Em cinco páginas, com foto vertical do autor sério e de óculos escuros, em pé diante da estante com livros, o pingue-pongue “Escritos para o conhecimento do solo” apresentou o “poeta do Pantanal”, que declarou: “engrandecer as coisas pequenas através da linguagem é uma das funções de poesia”. O artista citou a necessidade de “arejar as palavras” para que não “morreram de clichês” e repetiu que “nosso paladar anda com tédio”. Reiterou que é “preciso injetar nos verbos insensatezes para que eles transmitam aos nomes seus delírios” e destacou que, no povoado, “os vocábulo se iniciam”. Ainda contou a origem do termo “inutensílio”:

Inventei uma palavra seguindo as virtualidades linguísticas. Inutensílio é um ente de linguagem que serve para poesia como a palavra *neverness*, inventada por Wilkins e que Borges não sabia por que os poetas de língua inglesa a deixaram atirada por aí, como um pedaço de madeira nunca a usaram. Seria como a nossa palavra nadera. Inutensílio é virginal e por isso é apto para poesia (Barros *apud* Lima, *El Paseante*, 1988, p. 126).

⁵⁴ Revista lançada em 1985 que se tornou “uma das revistas culturais mais famosas da Europa” pelo cuidado visual e pela densidade dos artigos. A revista trimestral teve tiragem de 16 mil exemplares. O número 11 da revista reuniu material de Darcy Ribeiro, João Cabral, Rubem Fonseca, Raduan Nassar e João Ubaldo Ribeiro (Gonçalves Filho, *Folha de S. Paulo*, 1989, E1).

Reproduções 26 – Entrevistas de Manoel de Barros nos anos 1980



Fontes: *Correio Braziliense*, 1987; *El Paseante*, 1988; *Bric-a-Brac*, 1989.

Ainda em 1988, Manoel deu início à entrevista por escrito mais célebre da carreira, feita por cartas à revista literária *Bric-a-Brac*⁵⁵ (1989). Por sugestão de Luis Eduardo Resa, *designer* da publicação, os repórteres Luis Turiba e João Borges rumaram a Campo Grande. Em julho, a jornalista Thais Costa intermediou o encontro – sem gravador e regado a chope e uísque – para afinar o método do diálogo. Entre agosto de 1988 e janeiro de 1989, foram trocadas cerca de 20 cartas, reunidas em dez perguntas-respostas publicadas em junho. O escritor fez um longo relato fictício do encontro com Guimarães Rosa a bordo de um navio no Pantanal e relembrou infância e viagens à Bolívia e aos Estados Unidos. Ele teorizou que o “verso balança melhor com palavras curtas”, pois “os ritmos são mais variados se você trabalhar com dissílabos, com monossílabos”. Também explicou seus “arquissemas”:

As outras dez ou doze palavras que são meus arquissemas, vêm de minha infância. São elas: árvore, sapo, lesma, antro, musgo, boca, rã, água, pedra, caracol. Acho que são as palavras que me comandam subterraneamente. Arquissemas, aprendi de um filólogo, cujo nome não me lembro agora, são palavras logradas dos nossos armazenamentos ancestrais, e que ao fim norteiam o sentido de nossa escrita. Arqui, derivado do grego *archós*, é aquele que comanda. Essas palavras-chaves, portanto, orientam nossos descaminhos. Orientam nossa obra a fim que não fuçamos de nós mesmos no escrever. Essas palavras procuram meus poemas, se oferecem no maior cio (Barros *apud* Turiba; Borges, *Bric-a-Brac*, 1989, p. 38).

Manoel, por meio de respostas por escrito e ao vivo, disseminou suas palavras na mídia impressa. Concedeu sete entrevistas em 1989 e nove em 1990, conquistando o espaço

⁵⁵ Revista de poesia experimental editada em Brasília, que circulou em seis edições entre 1985 e 1992, e tornou-se respeitada no meio literário, sobretudo do Distrito Federal (Bitencourt, *Estado de Minas*, 2022). Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/08/03/interna_cultura,1384166/revista-de-poesia-bric-a-brac-tem-lancamento-amanha-em-belo-horizonte.shtml. Acesso em: 27 jun. 2024.

que o colocou, até 2014, na figura de entrevistado em veículos de grande tiragem, a exemplo de *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Correio Braziliense*, *Zero Hora*, *Valor Econômico*, *Veja e Manchete*, além de revistas culturais de prestígio, como *Caros Amigos*, *Cult*, *Bravo!* e *Poesia Sempre*. Essa presença segue o que Sá (2010, p. 20) aponta sobre o escritor da atualidade, que “se faz menos pelo que escreve e mais pelo que diz nos *media*”. A imprensa avaliza valores canônicos – no caso da literatura, quais livros e autores os especialistas recomendam. O escritor vira informação, sabe que muitos leitores consomem mais sua imagem do que seus livros. O artista compreende que o contato via entrevista pode ser anterior à experimentação pelo público da obra literária.

Os *media* prevalecem sobre outras instâncias da sociedade como determinantes de postura, de lugar de avaliação da obra (total, e não apenas o texto narrativo), de esfera solitária de difusão de ideias. Assim, o prestígio está estreitamente relacionado à capacidade individual para a performance. O escritor é convocado a falar no lançamento do livro. Concede entrevistas, ganha resenhas (Sá, 2010, p. 20).

Thais Jorge (2019) observa que a entrevista agrega credibilidade ao autor/livro, ao veículo e ao jornalista. A imprensa repassa aos leitores uma seleção hierárquica das fontes, conforme as posições que ocupam na sociedade. O escritor, para ser visto como tal pelo público, precisa aparecer desempenhando tal papel (Arfuch, 2010). Manoel trabalhou essa percepção no contato com a mídia, inclusive, na estratégia de respostas por escrito. Falas sobre palavra e poesia foram as mais frequentes nos questionários catalogados nesta pesquisa – em 76 e 66 registros, respectivamente. Para Rodrigo Brasil e Reinaldo Azevedo, na revista *Bravo!* (1998, p. 27-32), o artista asseverou ter convicção de que a “poesia começa no desconhecer” e destacou que fazia metalinguagem: “tenho a pretensão de que meu personagem principal seja a palavra, em poesia, a razão não está com nada”.

Manoel também falou aos jornais e revistas sobre processo criativo (64 respostas), rotinas (32), relação com a gramática e sintaxe (45), invenção (49), leituras (75) e gostos de música (13), pintura moderna (13) e cinema (22). “Chaplin descobriu o encanto dos vagabundos, queria celebrar o ínfimo, o pobre coitado, o homem jogado fora, o João-ninguém”, discorreu diante de José Castello (*O Estado de S. Paulo*, 1997, p. 3). O poeta ainda usou termos eróticos e sensuais para descrever o “relacionamento voluptuoso”, “quase depravado” com as palavras (Accioly, *Revista Goodyear*, 1989, p. 50). “Já escrevi que as palavras entram no cio quando eu faço carícias para elas. Elas chegam a me convidar. Eu aceito os convites”, afirmou a Fabrício Carpinejar em *Zero Hora* (2003, p. 4).

As aparições no jornalismo impresso apresentam imagens que influenciam a percepção pública do artista, seu imaginário (Castro, 2012). No caso de Manoel, vemos descrições de poeta pantaneiro, poeta das coisas pequenas/desimportantes, tímido e inventor de palavras, além das comparações com Guimarães Rosa. A timidez, que constou em, ao menos, 47 entrevistas, foi destacada pelo próprio artista em seus testemunhos. Para Ivan Junqueira, em 1999 na revista *Poesia Sempre* (p. 197), o autor reconheceu que a personalidade atrasou o sucesso que desejava: “queria, quero e gosto, não sou diferente dos outros nesse desejo de atrair admirações”, disse, ao citar que Ênio Silveira lhe abriu as portas da Civilização Brasileira por recomendação de Antônio Houaiss. Manoel, apesar do gosto pela fama, frisou ao *Jornal do Brasil* (Maria, 2002, p. 3) que não postulava vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL): “Aprendi no colégio que a ABL foi criada para ser a guardiã da língua pátria, e eu tenho medo de ser preso, porque eu ofendo a gramática”.

Respostas que trataram da natureza ou da relação com o chão e as águas estiveram entre as mais frequentes nas entrevistas, em mais de 70 registros catalogados. O escritor explicou a Bianca Ramoneda (*Cadernos de Leituras Compartilhadas*, 2001, s/p) que os rios figuravam entre as fontes da poesia “porque o menino, em cujas margens o rio corre, guarda no olho as coisas que viu passar”. Manoel tratou do Pantanal em, ao menos, 51 questionários. Para André Luiz Barros, no *Jornal do Brasil* (1996, p. 5), afirmou que não se isolou na região para compor porque viveu lá e sabia descrevê-la: “O tema da minha poesia sou eu mesmo e eu sou pantaneiro”. Outro assunto recorrente foi Rosa, citado em, ao menos, 17 entrevistas. O poeta mencionou supostos encontros e a relação entre as obras, o que incentivou as comparações, fator que lhe agregou valor-notícia. Ao responder Ana Cecília Martins, na *Poesia Sempre* (2005), contou ter recebido elogios do romancista no Rio de Janeiro.

Conversamos sobre o nosso desgosto pelo mesmal na escrita. Ele disse: ‘Eu fujo do mesmal pela renovação sintática. E você foge por imagens. Se alguém enxerga semelhança entre nós é porque trazemos para a escritura nosso caipirismo’. Fiquei inflado de voar (Barros *apud* Martins, *Poesia Sempre*, 2005, p. 11-17).

Manoel respondeu jornalistas sobre as desimportâncias (31 entrevistas) e os deslimites (45) citados em seus poemas. Ele também romantizou o apreço pelos andarilhos, gosto registrado em, ao menos, 28 oportunidades: “Concordo com Nietzsche. Toda a ausência de rumo indica um desejo de ser livre”, declarou a Severino Francisco, no *Jornal de Brasília* (1994, p. 1). Apesar de cultivar essa imagem de ser lírico, de homem crítico ao

estilo de vida capitalista, o poeta-fazendeiro reconheceu em entrevista ao *Jornal do Brasil* (Lucinda, 1997, p. 3) que, fora da vida artística, é preciso dinheiro para sobreviver: “poesia pode enriquecer a alma, mas o alforje, não”. O escritor ainda tratou de religião, ao menos, 14 vezes. Ele relatou ser um católico que desconfiou da espiritualidade, mas que necessitava do mistério no seu dia a dia. “Acredito no Cristo humano, que viveu na Terra e entendeu os problemas da gente comum”, afirmou a Thais Costa na revista *Executivo Plus* (1993, s/p).

Medina (2000, p. 92) identifica nas entrevistas jornalísticas uma tendência à “espetacularização”, um esforço para singularizar a fonte ao selecionar traços para explorar “ângulos espetaculares” que possam atrair o interesse do público. Alguns títulos de entrevistas de Manoel ilustram a tentativa: “Um poeta pantaneiro rebelde a métricas e rimas” (França, *Correio Braziliense*, 1990), “Alma infantil” (Cecília, *O Dia*, 1999), “Manoel de Barros faz do absurdo sensatez” (Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997), “O poeta entortador de versos” (Vasconcellos, *Jornal do Brasil*), “O poeta que veio do chão” (Piza, *O Estado de S. Paulo*, 2010, S8) e “Voar fora da asa” (Wilker, *Cult*, 2010).

O olhar infantil na poesia (44 entrevistas) e o avanço da velhice (27) são exemplos de abordagens que ajudaram a singularizar Manoel no jornalismo impresso. Os dois aspectos ganharam espaço nos questionários feitos a partir dos anos 1990. Em 2012, José Castello assinou no *Valor Econômico* (p. 26-28) o texto “O presente de um poeta”, após receber por escrito a resposta a um pedido de entrevista. Aos 95 anos, o artista valorizou o contato com as crianças, que, na sua opinião, o “enriqueceram mais do que Sócrates”. No mesmo ano, Bianca Magela Melo foi recebida na casa da família Leite de Barros, em Campo Grande. A entrevista, após cerca de três horas de conversa e doses do uísque Dimple, transformou-se em perfis na revista *Brasileiros* (2012) e no jornal *Estado de Minas* (2013).

Na revista, o foco do texto de Melo foi Bernardo, que morreu em 2003, em Campo Grande, mas, como personagem poético, foi sepultado em 2011, no livro *Escritos em verbal de ave*. “O verso é mais ou menos recente, veio em consequência da morte dele”, admitiu o escritor, que falou sobre a poesia no país (“o Brasil tem mais poeta do que mosca”), relatou a angústia de ver o filho Pedro acamado por causa de três AVCs (“como é ruim ver o filho inerte”) e comentou a velhice (“só a mente presta”). No *Estado de Minas* (2013, p. 1-3), Melo descreveu a rotina caseira do ancião que preparava novo livro, lia Vieira e pregava o amor: “Eu sou um ser humano cristão. Já fui comunista. Amar o próximo como a si mesmo é o negócio mais importante pra mim”.

Entrevistas de Manoel de Barros publicadas por jornais e revistas

Título	Jornal	Formato	Conversa	Ano
Quatro autores para onze perguntas	<i>Terra e Gente</i>	Pingue	Não informa	1956
Prêmio Orlando Dantas é recompensa para o poeta	<i>Diário de Notícias</i>	Notícia	Pessoalmente	1960
Prêmio literário não tem valor para editoras	<i>Jornal do Brasil</i>	Notícia	Não informa	1969
Manoel de Barros – sobreviver pela palavra	<i>Grifo</i>	Pingue	Por escrito	1979
Manoel de Barros: sou um tremendo Caramujo	<i>A Crítica</i>	Pingue	Pessoalmente	1986
O escárnio e a ternura	<i>Leia</i>	Perfil	Não informa	1987
O poeta-andarilho do Pantanal	<i>Correio Braziliense</i>	Pingue	Por escrito	1987
Anônima flor do Pantanal	<i>Visão</i>	Notícia	Não informa	1987
Surrealista, primitivo. Cinema descobre M. Barros	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1987
Escritos para o conhecimento do solo	<i>El Paseante</i>	Pingue	Pessoalmente	1988
O poeta que poucos conhecem	<i>Jornal do Brasil</i>	Perfil	Pessoalmente	1988
Manoel de Barros	<i>Bric a Brac</i>	Pingue	Por escrito	1989
Nasce um poeta, aos 72 anos	<i>IstoÉ Senhor</i>	Perfil	Não informa	1989
A lírica concisa que vem do Pantanal	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Perfil	Pessoalmente	1989
Manoel de Barros, o poeta vai sair do limbo	<i>Correio Braziliense</i>	Perfil	Pessoalmente	1989
Manoel de Barros: a palavra redescoberta	<i>Revista Goodyer</i>	Perfil	Não informa	1989
Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito	<i>Folha de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	1989
Manoel de Barros: o poeta do Pantanal	<i>Manchete</i>	Perfil	Não informa	1989
Poetas convergem para São Paulo	<i>Folha de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1990
O poeta expõe sua obra em paredes	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por telefone	1990
Poeta de pés no chão	<i>O Globo</i>	Perfil	Não informa	1990
Pantanal: O paraíso ameaçado	<i>Manchete</i>	Perfil	Não informa	1990
Manoel de Barros – O Poeta	<i>Desfile</i>	Perfil	Não informa	1990
O murmúrio das palavras	<i>O Globo</i>	Pingue	Por escrito	1990
A visão de um bugre	<i>IstoÉ Senhor</i>	Perfil	Não informa	1990
Poemas contra a fragmentação	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Perfil	Não informa	1990
Um poeta pantaneiro rebelde a métricas e rimas	<i>Correio Braziliense</i>	Pingue	Por escrito	1990
Concerto a céu aberto para solo de poeta	<i>Nicolau</i>	Pingue	Por escrito	1991
Poeta busca estética do ordinário	<i>O Globo</i>	Pingue	Por telefone	1991
M. Barros: o poeta que responde com poesia	<i>Jornal da USP</i>	Pingue	Por escrito	1992
O poeta vive do mistério	<i>Executivo Plus</i>	Pingue	Não informa	1993
Gramática remota da pureza perdida	<i>O Globo</i>	Pingue	Pessoalmente	1993
Novos poemas de Manoel ganham edição de luxo	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Notícia	Pessoalmente	1993
M. Barros busca na ignorância a fonte da poesia	<i>Folha de S. Paulo</i>	Pingue	Pessoalmente	1993
A natureza num amor de ignorante	<i>O Globo</i>	Tópicos	Por escrito	1993
O fazedor de ‘inutensílios’	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Não informa	1993
Com lama, suor e solidão	<i>Veja</i>	Perfil	Pessoalmente	1994
‘Conversamentos’ de Manoel de Barros.	<i>Jornal do Brasil</i>	Notícia	Pessoalmente	1994
Desencontro com Manoel	<i>Jornal de Brasília</i>	Pingue	Por escrito	1994
Um poeta no Pantanal	<i>Público Magazine</i>	Pingue	Pessoalmente	1994
A desconstrução da palavra	<i>C. Terceiro Mundo</i>	Pingue	Não informa	1994
A ‘fortidão’ de Rosa	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Não informa	1994

O desconcertador de linguagens	<i>Zero Hora</i>	Pingue	Por escrito	1994
Conversa com poeta que não degenerou em adulto	<i>Teyu'í</i>	Pingue	Por escrito	1995
Manoel de Barros sai do retiro para encontrar Rasi	<i>O Globo</i>	Notícia	Pessoalmente	1995
Manoel de Barros salva palavras da mesmice	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	1995
Poesia de Manoel de Barros está de volta	<i>Folha de S. Paulo</i>	Tópicos	Por telefone	1996
Um inventor de palavras	<i>O Globo</i>	Pingue	Não informa	1996
Manoel de Barros busca o sentido da vida	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	1996
Manoel de Barros mostra o nada	<i>Folha de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1996
O tema da minha poesia sou eu mesmo	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Por telefone	1996
O universo pantaneiro de Maria Baptista	<i>O Globo</i>	Notícia	Não informa	1996
'Só vejo exuberância no ínfimo'	<i>O Globo</i>	Pingue	Por telefone	1996
A descoberta da precisão de um verso carioca	<i>O Globo</i>	Notícia	Não informa	1996
Nada é tão poético quanto a inutilidade	<i>Lector</i>	Pingue	Por escrito	1996
Poesia em comunhão	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Por escrito	1997
O encanto luxuoso de Manoel de Barros	<i>Jornal do Brasil</i>	Notícia	Não informa	1997
Manoel de Barros faz do absurdo sensatez	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Pessoalmente	1997
Sociedade dos poetas novos	<i>Folha de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1997
O homem que é um dialeto	<i>Estado de Minas</i>	Pingue	Não informa	1998
O traidor da natureza	<i>Bravo!</i>	Pingue	Pessoalmente	1998
Poesia é voar fora da asa	<i>Diário de Cuiabá</i>	Pingue	Por escrito	1998
Coisas do pantaneiro gentil	<i>Jornal do Brasil</i>	Perfil	Pessoalmente	1998
Entrevista Manoel de Barros	<i>Revista Cult</i>	Pingue	Por escrito	1998
Manoel de Barros ganha prêmio literário nacional	<i>O Tempo</i>	Notícia	Não informa	1998
Um poeta em plena infância	<i>O Globo</i>	Notícia	Pessoalmente	1998
Encantador de Palavras	<i>O Tempo</i>	Perfil	Pessoalmente	1998
Homem puro em estrofes	<i>Folha de S. Paulo</i>	Perfil	Pessoalmente	1998
Gosto de usar os deslimes das palavras	<i>Correio da Bahia</i>	Pingue	Por escrito	1998
Alma infantil	<i>O Dia</i>	Pingue	Por escrito	1999
Barros quer relançar sua poesia pantaneira	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1999
Meu clássico	<i>O Globo</i>	Comentário	Não informa	1999
Manoel de Barros exercita sua poesia de criança	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Não informa	1999
Entrevista Manoel de Barros	<i>Poesia Sempre</i>	Pingue	Por escrito	1999
Manoel de Barros lança seu primeiro livro infantil	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Notícia	Não informa	1999
Poeta estreia na literatura infantil	<i>Folha de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	1999
O poeta entortador de versos	<i>Jornal do Brasil</i>	Perfil	Não informa	2000
Autores de adultos enveredam mundo das crianças	<i>Valor Econômico</i>	Notícia	Por escrito	2000
Deslimes da poesia	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Não informa	2000
M. de Barros conversa com Bianca Ramoneda	<i>Leit. Compartilhadas</i>	Pingue	Por escrito	2001
Manoel de Barros para crianças	<i>Folha do Povo</i>	Notícia	Não informa	2001
Não dá para entender nonada no idiomaterno	<i>Jornal do Brasil</i>	Notícia	Por escrito	2001
Manoel de Barros cisca "Grandezas do Ínfimo"	<i>Folha de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	2001
'Gosta da palavra na ponta do lápis'	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Não informa	2002
Divina Adélia	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Comentário	Por telefone	2002
Um prêmio para o ócio criativo de M. de Barros	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Notícia	Por telefone	2002
O íntimo da palavra	<i>Zero Hora</i>	Pingue	Por escrito	2002
Tudo o que não invento é falso	<i>Valor Econômico</i>	Pingue	Por escrito	2003

Construtor de mitos	<i>Folha de S. Paulo</i>	Perfil	Por escrito	2003
Manoel de Barros lança primeira obra em prosa	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	2003
A linguagem é minha concubina	<i>Zero Hora</i>	Pingue	Não informa	2003
Retrato do artista quando coisa	<i>Folha de S. Paulo</i>	Pingue	Pessoalmente	2004
A prática poética da infância	<i>Poesia Sempre</i>	Pingue	Não informa	2005
A eterna infância de Manoel de Barros	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	2006
O cantinho do poeta	<i>Correio Braziliense</i>	Pingue	Pessoalmente	2006
Três momentos de um gênio	<i>Caros Amigos</i>	Pingue	Por escrito	2006
Noventa anos de tardes e garças no Pantanal	<i>Jornal do Brasil</i>	Pingue	Por escrito	2006
‘Minha velhice é infantil’	<i>O Globo</i>	Notícia	Por escrito	2006
O canto dentro das palavras	<i>Leituras</i>	Pingue	Por escrito	2007
Aos 92, M. Barros celebra a cerimônia do adeus	<i>A Cidade</i>	Pingue	Não informa	2009
Bilhete poéticos	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Por escrito	2009
‘A palavra transcende’	<i>O Globo</i>	Pingue	Por escrito	2010
O poeta que veio do chão	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Perfil	Pessoalmente	2010
Manoel de Barros tem um desvio de poeta na voz	<i>Mood Life</i>	Perfil	Pessoalmente	2010
O poeta que queria ser árvore	<i>O Globo</i>	Notícia	Por escrito	2010
‘Esse escudo é poesia’	<i>Correio Braziliense</i>	Pingue	Por escrito	2010
Voar fora da asa	<i>Revista Cult</i>	Pingue	Por escrito	2010
‘A razão é a última coisa que deve entrar na poesia’	<i>Revista Palavra</i>	Pingue	Por escrito	2011
O presente de um poeta	<i>Valor Econômico</i>	Perfil	Por escrito	2012
Tudo a dizer	<i>Revista Cult</i>	Pingue	Pessoalmente	2012
Manoel de Barros, 96 anos	<i>Revista da Cultura</i>	Pingue	Por escrito	2012
Lirismo dos Dias / O poeta e Bernardo	<i>Est. Minas/Brasileiros</i>	Tópico	Pessoalmente	2012
Palavras desconstruídas	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Pingue	Pessoalmente	2014
Conversa entre passarinhos	<i>O Povo</i>	Pingue	Por escrito	2014

3.1 Características das entrevistas de Manoel

Morin (1973) e Medina (2000) pontuam que a entrevista não é uma técnica exclusiva do jornalismo, pois também é utilizada em pesquisas de ciências sociais. A base da prática é o diálogo entre entrevistador e entrevistado, quem pergunta e quem responde. No jornalismo, há um terceiro elemento – o leitor/receptor, que consome em texto, vídeo ou áudio o conteúdo, editado ou não, da conversa. Entrevista, segundo Thais Jorge (2019, p. 39), é o “procedimento jornalístico básico que envolve a coleta de dados e informações de outra pessoa”. Repórteres entrevistam políticos, celebridades, especialistas e pessoas comuns, tornam-se mediadores entre personagem e comunidade. Nessa dinâmica, o foco está no entrevistado, e não no repórter, pois a voz da fonte é que deve alcançar o público.

Nilson Lage (2005, p. 73) tem posição similar ao tratar a entrevista no jornalismo como “procedimento clássico de apuração de informações”. A palavra “entrevista”

representa a consulta às fontes para checagens, coleta de opiniões e reconstituição de fatos, ou a conversa com “personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”. As entrevistas de Manoel catalogadas nesta pesquisa se encaixam na segunda opção citada por Lage, publicadas em registros de gênero informativo, interpretativo e diversional (Melo, 2009).

A entrevista – para obter, checar ou aprofundar informações – é feita diariamente por jornalistas. O que varia são os subgêneros, “estruturas formais que o gênero entrevista adota nos meios de comunicação”, e os modelos de publicação (Jorge, 2019, p. 47). Catalogamos 65 entrevistas de Manoel em pingue-pongue e 49 em texto corrido. O pingue-pongue é um formato célebre, com perguntas e respostas em sequência, precedidas de texto de abertura com os fatos mais importantes no início do relato, o que pode incluir dados biográficos do entrevistado. O conteúdo da conversa, contudo, pode ser veiculado em texto corrido, opção adotada em perfis, reportagens, depoimentos e repercussões (Jorge, 2019).

As entrevistas podem ser exclusivas ou coletivas⁵⁶ – o material reunido de Manoel foi exclusivo, respostas dadas a um jornalista de determinado veículo. No geral, contexto e método⁵⁷ das entrevistas variam conforme oportunidade e disposição da fonte: conversa presencial ou virtual (vídeo, áudio ou *chat*) com hora marcada, encontro inesperado ou o envio de questionário. Manoel preferia responder por escrito, mas também conversou com jornalistas pessoalmente e por telefone. O lançamento de livros foi o gancho para publicar entrevistas em 61 oportunidades, 54,4% do material catalogado. Análises da carreira, prêmios/homenagens, filmes/espetáculos inspirados na obra e elogios a outros escritores também serviram de mote para estampar declarações do artista mato-grossense.

Reproduções 27 – Entrevistas de Manoel de Barros à imprensa



Fontes: *Bravo!*, 1998; *Jornal do Brasil*, 1969; *O Estado de S. Paulo*, 1996.

⁵⁶ Modelo no qual a fonte fala ao mesmo tempo com vários repórteres/veículos (Jorge, 2019).

⁵⁷ Lage (2005) define as circunstâncias das entrevistas em ocasional (não programada), de confronto (repórter assume papel de inquisidor), coletiva (com repórteres de diferentes veículos ao mesmo tempo) e dialogal (marcada com antecedência e com repórter e fonte em ambiente controlado).

Morin (1973), Lage (2005) e Medina (2000) conceberam categorias para melhor compreender a dinâmica das entrevistas. As classificações têm diferenças, porém também se entrelaçam. Medina (2000) agrupa as entrevistas em tendências de espetacularização e de compreensão⁵⁸. Nos registros de Manoel, a quase totalidade do material arquivado tenta compreender o poeta, com aposta majoritária na estratégia de buscar um perfil humanizado.

Morin (1973) separa as entrevistas em abertas (sem ordem rígida de perguntas e com respostas complexas) ou fechadas (perguntas fixas e respostas claras e simples). Entrevistas pessoalmente ou por telefone, em formato pingue-pongue ou perfis de Manoel, se encaixam no modelo aberto, enquanto consultas pontuais ilustram o formato fechado. Identificamos no inventário 45 entrevistas abertas e 69 fechadas. Consideramos fechados os registros de pingue-pongues respondidos por escrito, já que o método usa ordem definida de questões e não permite interação em tempo real entre repórter e autor.

Morin (1973) também classifica quatro tipos de entrevista segundo o grau de comunicabilidade: rito (atleta após competir), anedótica (mexericos de celebridades), diálogo (conversa aprofundada com trocas de percepções) e neoconfissões (relato longo no qual o entrevistador pouco fala). Um exemplo de rito é a entrevista de Manoel por telefone a Ubiratan Brasil, em *O Estado de S. Paulo* (D3), após vencer o Prêmio Jabuti de 2002 com *O fazedor de amanhecer*: “Fico honrado com a escolha, mas não posso negar que é bom também um tutu no bolso”, afirmou o poeta ao citar o dote de R\$ 25 mil.

A categorização de Lage (2005) é similar à de Morin e aponta quatro modelos de acordo com objetivos: ritual (declaração breve, jogadores de futebol após uma partida), temática (posição da fonte sobre assunto que ela domina), testemunhal (relato de algo que a fonte participou ou assistiu) e em profundidade (foco no entrevistado e na representação de mundo dele). Assim, classificamos 83 entrevistas em profundidade, uma vez que a definição não indica necessidade do diálogo em tempo real entre fonte e jornalista. Na classificação de Morin (1973), das 114 entrevistas do poeta inventariadas, 47 foram de diálogo, 44 de neoconfissão e 23 de rito. Catalogamos como diálogos somente entrevistas presenciais ou por telefone, nas quais foi possível o jornalista conversar com Manoel. Questionários longos rebatidos por escrito foram avaliados como neoconfissões.

⁵⁸ Espetacularização por perfis pitoresco, inusitado, condenação e ironia intelectualizada. Compreensão atende perfis conceitual, enquête, investigativa, polemização e perfil humanizado (Medina, 2000).

Manoel desafia catalogações estanques e demonstra que, mesmo sem a troca *tête-à-tête* de impressões, premissa de uma entrevista que visa desvendar um autor, é possível ser profundo. A paciência para formular ideias, escrever e reescrevê-las, trabalhou a favor das reflexões, como na resposta enviada a Severino Francisco, do *Jornal de Brasília*, ao ser indagado sobre ter o universo poético circunscrito ao Pantanal e à natureza.

Não me encostei à natureza por convicção. Não fiz propósito de ser um poeta do meu pequeno quintal. Estar circunscrito a um pequeno quintal não acho que seja uma prisão. Importante é tirar matizes novas do mesmo assunto. Também penso um negócio que às vezes compensa. Compensa essa estreiteza do pequeno mundo. Resulta que uma das maneiras de se criar um estilo é não ter quase nada para contar. A gente precisa tirar o suco só das palavras. Meia dúzia de obsessões repetidas ao sangue pode criar um estilo. Quem tem muitas ideias para expor não acha tempo para expor-se. É preciso ser pobre de ideias para o artista aparecer. Precisamos de sempre chegar às mesmas coisas por caminhos diferentes. Eu só quero me ser (Barros *apud* Severino, *Jornal de Brasília*, 1994, p. 1).

3.2 Entrevistadores

Para que Manoel aparecesse na imprensa na condição de entrevistado, foi necessário responder às questões dos entrevistadores. Lage (2005, p. 23) define o repórter como “agente inteligente”, um profissional que “está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar” e que dispõe de aval tácito para “ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”. No caso do poeta mato-grossense, exerceu essa função quem esteve diante dele ou lhe enviou perguntas por carta ou *e-mail*.

No inventário, identificamos 95 entrevistadores de Manoel – repórteres, críticos, escritores, pesquisadores e professores. Agentes que compartilharam com os leitores o interesse pela fala do artista a respeito do texto, pelas experiências vividas, pelo bastidor das escolhas de nomes e cenas. Sá (2010, p. 147) aponta o entrevistador como “colaborador direto” do escritor no “desenho de si mesmo” por viabilizar a aparição na mídia. Ele embasa a posição pela teoria do *Agenda Setting*, já que repórteres e editores escolhem quando produzir novo material sobre determinado escritor, seguindo critérios de noticiabilidade.

Anna Accioly, João Borges, José Castello e Ubiratan Brasil foram os repórteres com mais entrevistas catalogadas – quatro cada. Os quatro jornalistas têm experiência na cobertura de cultura/variedades e atuação em grandes veículos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Eles fizeram questionários nos quais usaram bagagem de informações, curiosidade e espírito aberto para extrair respostas do autor que deu entrevistas por décadas. A cada

aparição no jornalismo impresso, Manoel agregou elementos ao que Arfuch (2010, p. 178) chama de “diálogo inconcluso” com entrevistadores e leitores, “sempre aberto ao novo” e ancorado em um “patrimônio reconhecível”, que contempla a obra publicada e opiniões/imaginários tecidos e reproduzidos pela imprensa.

Embora em muitos casos o jornalista ou crítico apareça como verdadeiro “leitor modelo”, capaz de perceber os matizes mais sutis da obra do escritor, seu caráter de mediador faz com que seu questionário não deva refletir somente a opinião pessoal, mas também certas hipóteses – mais ou menos estandardizadas – de leitura, aportando assim informação, mesmo indireta, sobre o perfil imaginado do destinatário ou sobre a resposta efetiva dos leitores. [...] A entrevista ecoa, recolhe o que está no ambiente, certo “murmúrio” do discurso social (Arfuch, 2010, p. 218).

Accioly publicou perfis e entrevista com Manoel no *Jornal do Brasil* e nas revistas *Desfile*, *Goodyear* e *Cadernos do Terceiro Mundo* durante os anos 1980 e 1990. No mesmo período, Borges, que se tornaria comentarista de economia no canal de TV paga *GloboNews*, assinou, em 1989, em *O Estado de S. Paulo*, o perfil “A lírica concisa que vem do Pantanal” e conduziu, ao lado de Luis Turiba, a entrevista por cartas da revista literária *Bric-a-Brac*. Foi graças ao periódico brasiliense que o bibliófilo José Mindlin se tornou amigo e incentivador do poeta. Borges registrou um encontro dos dois, n’*O Globo* (p. 1), em 1993, antes do lançamento de *O livro das ignorâncias*, no qual Manoel foi questionado por Mindlin se Bernardo existia: “Ele é um puro, conversa com os peixes, as águas. Passarinho pousa nele, por isso digo que ele é quase árvore”, respondeu.

Brasil e Castello foram os principais divulgadores do poeta no jornalismo impresso por assinarem resenhas, perfis e entrevistas. Um dos repórteres de cultura mais experientes de sua geração, Brasil publicou entrevistas e reportagens sobre Manoel n’*O Estado de S. Paulo* a partir dos anos 2000, em especial a respeito do foco na infância com *Memórias inventadas*. Castello, como repórter, colunista e crítico literário, assinou entrevistas com o mato-grossense para *O Estado de S. Paulo* e *Valor Econômico*. Em 1997, Manoel disse a Castello que se enganou sobre o risco poético de virar fazendeiro no Pantanal:

Eu tinha medo de voltar porque o interior pode mumificar a gente. Eu achava que ia ficar emburrecido, paralisado. Mas aconteceu o contrário. Quando retornei ao Pantanal, minha imaginação desabrochou. Isso foi um deslumbramento. Aqui tinha sossego, silêncio. Aqui a imaginação pode dar saltos. Não posso ir às grandes exposições ou frequentar cinematecas. Mas vou sempre ao Rio. Tenho um apartamento no Leblon (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997, p. 1-3).

Manoel criou uma boa relação com os quatro repórteres. Trocou cartas com Accioly, atendia Brasil por telefone e recebeu em casa Castello e Borges. De acordo com Sá (2010, p. 163), no jornalismo cultural, a “relação entre repórter e escritor é mais distendida” do que nas outras editorias dos veículos. O contato é permeado por interesse profissional, pois o “escritor simpatiza com o repórter para angariar leitores”, enquanto o jornalista tem acesso à fonte para publicar conteúdo na empresa jornalística em que trabalha (Sá, 2010, p. 78).

Manoel foi amigo dos jornalistas Bosco Martins e Pedro Spíndola e do poeta Douglas Diegues, precursor do *portunhol selvagem*, que produz e traduz obras na junção de português, espanhol e guarani. Bosco e Diegues, ao lado de Cláudia Trimarco, assinaram o compilado de entrevistas do escritor na revista *Caros Amigos* (2006) sob o título “Três momentos de um gênio”. Diegues também fez uma das últimas entrevistas do artista, veiculada na *Cult*, em 2012, e o pingue-pongue poético “Conversa com o poeta que não degenerou em adulto”, publicado em 1995 na revista literária *Teyu’í*. O professor e poeta Sérgio Medeiros, a professora Lucia Castello Branco, os jornalistas Luis Turiba, Thais Costa, Márcio Vassallo, José Geraldo Couto, Daniela Name e Régis Gonçalves também conquistaram a confiança de Manoel e puderam entrevistá-lo.

Medina (2000, p. 15) frisa que o repórter, “intermediador na sociedade”, não necessita ser especialista no tema da entrevista, mas, sim, na técnica de entrevistar e reportar. Para Morin (1973), cabe ao repórter deixar a fonte falar, fazendo intervenções para guiar o raciocínio ou o desabafo. Diante de Manoel, em um hotel de São Paulo, em 2004, o crítico Marcelo Pen aproveitou ganchos das respostas para avançar no diálogo publicado pela *Folha de S. Paulo*. Indagado se era perfeccionista, o escritor admitiu que procurava “burilar ao máximo o ritmo, a harmonia”, mas que era “forçoso pôr um ponto final”. Ele foi lembrado que Paul Valéry também se angustiava quando tinha de enviar um livro à edição. “Sim, e Flaubert [também], grandes estilistas da língua francesa, importantes na minha formação”, emendou o autor para, em seguida, ser questionado sobre destino.

Folha – O sr. acredita no destino?

Manoel – Creio nas coincidências.

Folha – Embora Freud afirme que não haja coincidências...

Manoel – Os lacanianos dizem que sou um prato cheio para eles, pois tudo o que se esconde aparece no que se inventa. Como poeta, sou apenas o inventor (Barros *apud* Pen, *Folha de S. Paulo*, 2004, E4).

3.3 Espaço de invenção e autoficção

Morin (1973, p. 120) destaca que a entrevista se funda na palavra, a “mais duvidosa e mais rica das fontes”, por isso representa o “risco permanente de dissimulação ou da fabulação”. A característica faz das entrevistas de escritores espaço propício para autobiografia, autorreflexão e autoficção. Um autor mescla ficção e não ficção na obra e na composição de sua imagem em espaços autobiográficos, entre os quais as declarações a jornais, rádios, TVs e canais digitais, descreve Arfuch (2010).

A combinação de acontecimentos reais e invenção marca a autoficção, termo cunhado pelo escritor francês Serge Doubrovsky (2014) nos anos 1970 para tratar do texto romanceado cujo autor, narrador e personagem têm a mesma identidade. Kingler (2012, p. 57) alerta que a autoficção “tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e, sim, o autor como personagem construído discursivamente”. Tal peculiaridade está nos poemas e nas entrevistas de Manoel, que explicou a Paulo França, no *Correio Braziliense* (1990, p. 4), o gosto por respostas por escrito: “Não creio de bom o só fornecer dados. Creio de melhor inventar. Posso dessa forma melhorar até a vida de um passarinho. Gostaria que uma entrevista fosse também um texto poético”.

Ao considerar a entrevista extensão da obra poética, Manoel liberava-se do compromisso do jornalismo com relatos não ficcionais e divulgava na imprensa a narrativa de construção de si, que dialogava com os versos “tudo que não invento é falso” e “noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira” (Barros, 2010, p. 345 e 389). Estudioso da trilogia *Memórias inventadas*, Linhares (2006, p. 47) registra que, “no universo diegético manoelino, a invenção não se opõe à verdade”. O poeta apresentou esse raciocínio em 1995 a Roberta Jansen, repórter de *O Estado de S. Paulo*:

Achei muito real uma frase que li de John Ruskin. Que as maiores verdades são inventadas. Acho que tudo que nós inventamos é inerente. Só a imaginação revela nosso íntimo. Somos o que está mais no fundo (Represente que o homem é um poço escuro, aqui de cima não se vê nada, mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada). Eu quero dizer: a gente vê a essência. Por isso acho que a invenção é mais verdadeira e autêntica. Mentira é outra coisa. Mentira é fazer pose (Barros *apud* Jansen, *O Estado de S. Paulo*, 1995, D1).

Camargo (1996, p. 205) observa que, nas entrevistas de Manoel, “a ambiguidade própria da poesia” se expande para um tipo de texto jornalístico que presume linguagem referencial, o que pode confundir o público. As entrevistas do autor, na opinião da

pesquisadora, “são híbridas, ambíguas, quase nada elucidam sobre a sua poética”, reforçando ideias expressas em versos. A abordagem poética nas declarações à mídia incentiva o leitor a acreditar em relatos fantasiados como se fossem verídicos.

A entrevista busca o efeito de “fazer crer”, usa estratégias de autorrepresentação e de construção narrativa para referendar a história que alguém conta de si mesmo (Arfuch, 2010, p. 73). Nos jornais e revistas, encontra-se compromisso similar ao do pacto autobiográfico cunhado por Lejeune (2014), no qual o leitor parte do pressuposto de que o autor narra sua vida, referência para um relato crível. Alberti (1991, p. 73 e 78), que define a autobiografia como “narrativa centrada no sujeito que a cria”, adverte que, nessa prática, o autor “produz uma imagem mítica de si mesmo”, o “eu para si” e o “eu para os outros”.

Béda (2007) considera que a autobiografia não faz registros cartoriais. O autobiógrafo trabalha a construção ficcional de seu sujeito a partir da memória, que retoma no momento da escrita acontecimentos e sentimentos do passado. O relato fica sujeito a esquecimentos, omissões, distorções, especulações, invenções e mentiras. “A verdade de quem escreveu, de quem viveu, pode não ser a mesma de outro espectador do mesmo fato”, pontua Béda (2007, p. 26). Essa problemática se verifica em entrevistas à imprensa que abordam aspectos biográficos dos entrevistados.

A entrevista à mídia contempla o retorno do foco ao sujeito e a busca da autenticidade, marcas da pós-modernidade. O formato que conhecemos tem origem incerta, por volta da segunda metade do século XIX, e se revelou “um meio inestimável para o conhecimento das pessoas, personalidades e histórias de vidas ilustres e comuns” (Arfuch, 2012, p. 151). A prática oferece ao leitor a ideia de um retrato fiel.

O que a entrevista fornece, então, para a construção, mesmo fragmentária e anedótica, de um relato de vida? Em primeiro lugar, ela encena a oralidade da narração, essa marca ancestral das antigas histórias, que encontra assim uma réplica na era midiática. Em segundo, torna visível a atribuição da palavra, gerando um efeito paradoxal de espontaneidade e autenticidade. Paradoxal, na medida em que não somente se trata, na maioria dos casos, de uma interlocução cuidadosamente preparada pelo entrevistador, mas também pelo entrevistado (Arfuch, 2012, p. 167).

Arfuch (2010) situa a entrevista midiática no que Lejeune (2014, p. 48) denominou “espaço biográfico”, conjunto de práticas adotadas para narrar vidas, deixar rastros, impressões e descrições da experiência do ser humano em determinado tempo e espaço. A cultura de mídia colocou entrevistas, perfis, textos de autoajuda, autoficções, romances, filmes, teatro, variantes de *shows* (*talk show* e *reality show*), relatos das ciências sociais e

trabalhos acadêmicos ao lado de modelos canônicos das histórias de vida – biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários e correspondências. O viés biográfico não é inerente a todas as entrevistas, pois nem sempre abordam a vida da fonte. Arfuch (2012, p. 163) identifica no diálogo entre entrevistado e repórter um “conjunto de momentos autobiográficos” com “centelhas de vida, lembranças, asseverações, experiências”. Essas partículas de Manoel apareceram de forma intermitente na imprensa em um exercício no qual o artista escolheu o que contar para guiar a leitura da sua imagem.

O poeta deu à mídia relatos de vocação lírica. Contou que brincava com pedras, ciscos e sabugos no Pantanal e que os pais identificaram um “*dão* diferente dos outros filhos” no menino que “não tinha rumo, objetivos, queria ver tudo, mas não fixava em nada” (Costa, *Executivo Plus*, 1993, s/p). Reforçamos a ideia relatos dos tempos no Colégio São José, citados em, ao menos, 20 ocasiões. “Não estudava, abúlico, amorfo, vivia me esgueirando. Um padre disse: ‘Não presta pra nada: há de ser poeta! Mas é que eu não enxergava as coisas no quadro negro, era míope. Depois me botaram óculos e virei um menino alegre”, relatou à *Bric-a-Brac* (Turiba; Borges, 1989, p. 36). O padre lhe apresentou Camilo, Vieira, Camões e Bernardes: “Eu queria era aprender a desobedecer na escrita. Esse desobedecer teria a ver com os dez anos obedecendo bedéis, diretores, padres, muros de colégios internos?”.

Em 1994, Manoel abordou, em conversa com José Eduardo Agualusa, na *Público Magazine* (1994, p. 44-48), a leitura de Rimbaud, “aquele jovem que pregava a dissolução de todos os sentidos, a mistura, a promiscuidade”, que o incentivou a explorar sentidos. Agualusa narrou que o escritor achou curioso um africano admirar sua obra e o autorizou a gravar em áudio a entrevista na qual falou, também, de subversão gramatical; influência da infância pantaneira; filologia; deslimites da palavra e do ser; apreço por loucos, crianças e andarilhos; rotina; viagem à Bolívia e juventude comunista. O autor atribuiu o gosto pelas coisas pequenas à “contestação” contra “grandezas, riquezas e solenidades” feita na mocidade. “Depois que entrei para a Faculdade de Direito a minha leitura era muito de fundo social. Eu tinha vontade de salvar o mundo, tinha uma revolta contra as desigualdades”.

O mato-grossense construiu nas entrevistas a imagem presente nos seus versos: um sujeito que não se encaixava nas regras sociais, admirador das coisas desprezadas, das ressonâncias verbais, da natureza e da infância. Grande proprietário rural, o poeta afirmou à revista *Cult* (Godoy; Câmara, 1998, p. 5-9) que era “legítima a luta dos trabalhadores sem-terra”, apesar de discordar das invasões (“esbulho”), porque as terras ociosas deveriam ser “legitimamente desapropriadas”, a fim de garantir uma “função social”.

Manoel declarou à atriz e poetisa Elisa Lucinda (*Jornal do Brasil*, 1997, p. 3) ser “um caipira de linguagem refinada” que nasceu “encostado à natureza” e viajou para ver a civilização: “Minha linguagem se equilibra nessas fontes. Sou por isso Proust e sapo”. O autor dizia não levar jeito para trabalhar, apesar de ser um fazendeiro rico, e chamava de “lugar de ser inútil” o cômodo onde escrevia, contraposição ao escritório em que vendia e comprava gado, o “lugar de ser útil” (Fucuta, *O Estado de S. Paulo*, 1990, p. 3).

O autor – nos livros e na imprensa – opôs-se à razão crítica, apostou na ode à contemplação. Antonio Cicero (2017, p. 30) frisa que poetas costumam ser chamados de “preguiçosos” por banqueiros, professores e outros profissionais que não compreendem que a “gestão do poema” tem sentido distinto do “trabalho utilitário cotidiano”. Cicero (2017, p. 25) cita como exemplo T. S. Eliot⁵⁹, poeta americano elogiado por Manoel em diversas ocasiões, que considerava a preguiça “condição necessária da produção poética”.

A projeção controlada da imagem – sobretudo na entrevista por escrito – consta na reflexão que Trilling (2014, p. 37) faz do sujeito da autobiografia, o autor que está determinado a se revelar “na plenitude de sua verdade”, “a mostrar aquilo que nele deve receber admiração e confiança”. O biógrafo Lira Neto (2020, p. 87), que frisa a necessidade de desconfiar de relatos em primeira pessoa, registra que esses testemunhos conferem à narrativa “detalhamento, vivacidade e sabor cotidiano” e revelam a “autoimagem construída” pelo autor. Manoel usou a entrevista para criar um mito de si, que influenciou a percepção sobre sua vida. Operou uma identidade, um imaginário a partir das repetições. Tomaz Silva (2000, p. 37) argumenta que a “eficácia produtiva dos enunciados” que tratam de identidades depende da repetição e, em especial, da possibilidade de repetição. No preparo de uma entrevista ou reportagem, jornalistas costumam ler entrevistas e reportagens antigas sobre a fonte. Logo, uma série de falas tende a ser reabordada pela imprensa.

Manoel foi perguntado e narrou episódios sobre a juventude comunista em, pelo menos, 15 entrevistas, contudo não mencionou nas respostas catalogadas nesta pesquisa que foi oficial da reserva do Exército, tampouco foi indagado sobre. O poeta comentou a timidez em, ao menos, 47 entrevistas, inclusive, com descrições de cenas para reforçar o testemunho. Contou que, no Rio de Janeiro, foi até o apartamento de Manuel Bandeira, tocou a campainha e fugiu: “Deu-me um medo, sabe, me deu um pavor. Saí correndo e desci pela escada abaixo.

⁵⁹ T. S. Eliot (1888-1965), poeta americano, considerado um dos maiores poetas e críticos do século XX. Recebeu o Nobel de Literatura em 1948. Mais informações em: <https://tseliot.com/>. Acesso em: 24 set. 2024.

Não conheci o Bandeira. Eu fui para conhecê-lo, mas não o conheci por medo” (Martins, *A Cidade*, 2009, s/p). Tais enfoques operam a construção do mito de si citada por Alberti:

E o que faz o escritor de autobiografia senão imprimir descontinuidades à sua vida, selecionando episódios “significativos” que se encaixem na “estrutura” do texto, para elaborar (no texto e de si mesmo) uma síntese (um concebido)? Isso acontece num movimento tal que esse “semelhante” de si mesmo torna-se “indivíduo” único e totalizado, o sujeito “psicológico” (Alberti, 1991, p. 77).

Adalberto Müller, que estudou livros e entrevistas de Manoel, frisou n’*O Globo* (2014, p. 2) que o autor “não gostava da verdade” porque “prezava a invenção”: “O criador de gado e advogado que atendia por Manoel Wenceslau Leite de Barros inventou para si um poeta desocupado e errante, que assinava como Manoel de Barros”. Para Müller (2010, p. 14), o artista, que colecionava alteregos, usava a “arte do disfarce” nos poemas e nas entrevistas, sobretudo, por escrito. “Deixo aos meus alteregos a tarefa de realizar os sonhos meus frustrados”, revelou o escritor à *Folha de S. Paulo* (Alves, 2001, s/p).

Kingler (2008) afirma que textos ficcionais e atuação na vida pública são faces complementares da produção da figura do autor, considerado sujeito dessa “performance”, termo cuja tradução em inglês significa atuação, desempenho e rendimento. Sá (2010) também identifica a performance na construção do que chama de “personagem-escritor”.

O personagem-escritor faz a autobiografia ficcional do autor. Alter ego. Pode se portar como um. O personagem-escritor constrói uma autobiografia intelectual. E também a do autor. O personagem-escritor é personagem ficcional, autor de uma obra ficcional. *Mise em abîme*. O personagem-escritor está sempre com uma obra em construção, que é também o próprio texto que lhe confere vida (Sá, 2010, p. 88).

Um fator que facilita a performance e a autoficção nas entrevistas midiáticas tem a ver com o ecossistema do jornalismo. Para Sá (2010, p. 149), é preciso desconfiar do relato jornalístico, focado no presente e no imediato. A imprensa usa metonímias e hipérboles, toma partes para representar o todo, método que gera a tendência de “apostas equivocadas” para repetir “representações” e “cristalizações generalizadoras” que justifiquem o gancho das matérias. A entrevista com escritores também dificulta a checagem da informação, preceito básico da elaboração de notícias. A pressão nas editorias de cultura para atestar as informações não é a mesma de outras editorias, a exemplo de política e polícia, que publicam matérias com denúncias de irregularidades e acusações.

Nesse contexto, Manoel encontrou campo aberto nos jornais e revistas para disseminar invenções⁶⁰ e mentiras⁶¹. Como checar, com a urgência do *deadline* das redações, os relatos do poeta sobre viagens na América do Sul e nos Estados Unidos, nos anos 1940? Ele abordou os dois roteiros em, pelo menos, 15 entrevistas. À repórter Brenda Fucuta, n’*O Estado de S. Paulo* (1990, p. 3), disse ter sido “hippie, um andarilho do meu tempo”, que visitou cerca de “vinte cidades decadentes do Peru e da Bolívia” durante seis anos em “estado de indigência vegetal” antes de seguir até Nova York para estudar música e cinema. O escritor citou o *tour* para Castello ao tratar do amor pelas coisas sem importância.

Quando eu era jovem, fiz uma longa viagem pela Bolívia. Viajei sem rumo por Puerto Suárez, Oruru, Chiquitos, vivendo sempre no meio da indigência. Eu não fazia nada, eu simplesmente vivia – e bebia muita chicha, a aguardente que os índios bolivianos fazem com o milho. Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. [...] A minha viagem à Bolívia, procurei as cidades decadentes, as mais miseráveis. Ficava o dia todo encostado, pescava, bebia, passava os dias misturado com os bugres, os descendentes diretos dos índios americanos. Eu vivia no meio deles, empenhado apenas em conhecer aquelas pequenezas (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997, p. 1 e 3).

A mesma dificuldade se aplica aos relatos de encontros com Guimarães Rosa, presentes em, ao menos, 17 entrevistas, publicadas duas décadas após a morte do romancista. Em 2019, Vianna (p. 169) entrevistou Abílio Barros, irmão do poeta, que admitiu ter sido ele, e não Manoel, quem esteve com Rosa no Pantanal em 1947. Castro⁶² colheu depoimentos que confirmaram a invenção da viagem e de outros causos contados à imprensa, como o relato de uma noitada com Vinicius de Moraes no Rio de Janeiro (Martins, *A Cidade*, 2009) e a troca de cartas com Clarice Lispector (Rahe, *Revista Mood*, 2010). O pesquisador entrevistou Pedro Spíndola, que relatou que Manoel confidenciou o gosto por incrementar a biografia por considerá-la sem graça. A opinião foi emitida em 1987 pelo autor à filha, Martha: “Minha vida você conhece, não tem episódios edificantes e nem heroicos. Nada mencionável nem por anedota” (Nogueira, *Correio Braziliense*, 1987, p. 5).

⁶⁰ *Houaiss* define invenção: imaginação produtiva ou criadora, capacidade criativa; descoberta ou criação de algo, geralmente de utilidade social; faculdade de criar ou de pôr em prática ideia, concepção; criação; coisa imaginada que se dá como verdadeira; invencionice, fantasia; toda criação humana inédita que possa ser aproveitada industrialmente. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 22 jun. 2024.

⁶¹ *Houaiss* define mentira: ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude; hábito de mentir; afirmação contrária à verdade a fim de induzir a erro; ideia, opinião, juízo falso ou equivocado; por extensão, aquilo que é enganador, ilude. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 22 jun. 2024.

⁶² Checagens de Gustavo de Castro na pesquisa biográfica realizada no grupo Biocom (UnB/CNPq).



Fontes: *Folha de S. Paulo*, 2003; *O Globo*, 1996; *Correio Braziliense*, 2006.

A narrativa de vida do poeta nas entrevistas apresentou muitos elementos verídicos, como informações de locais de nascimento (Cuiabá), estudos (Colégio São José) e residência (Corumbá, Rio de Janeiro e Campo Grande), ocupação (advogado no Rio de Janeiro e fazendeiro no Pantanal), família (esposa e três filhos), rotina, temas mais abordados na obra e reconhecimento tardio. A combinação de fatos, invenções e mentiras, repetidos por décadas na mídia escrita, gerou um imaginário crível. Para Trilling (2014, p. 143), no período pós-moderno, há uma influência da valorização do orgânico como “principal critério de autenticidade na arte e na vida”.

Antônio Brasileiro (2012, p. 99) cita Valéry⁶³, outro autor apreciado por Manoel, para explicar que a arte recorre à invenção para idealizar o mundo e o homem: “é nesse sentido que a arte é a grande mentira sem a qual os homens não estarão felizes”. A verdade ou a mentira se tornam interessantes quando tocadas pela poesia. Morin (2017) entende que verdade e mentira podem se complementar na arte. Manoel construiu seu mito, operação que mencionou em entrevista a Rogério Eduardo Alves, publicada em 2003 pela *Folha de S. Paulo* (p. 10): “Acho que mitologizar é uma das funções da poesia. Através das imagens o que aparece é o mito de mim. Sempre que escrevo, escrevo a criação de um mito”.

3.4 Entrevistas (poéticas) por escrito

Em 1990, Manoel incluiu, ao final da antologia *Gramática expositiva do chão – poesia quase toda*, quatro entrevistas sob o título “Conversas por escrito”. Para Müller (2010, p. 14), a decisão sinalizou que o autor usava os questionários respondidos a lápis

⁶³ Paul Valéry (1871-1945) foi filósofo, escritor e poeta francês, um dos principais nomes das letras franceses no século XX (Pimentel, 2008).

como pretexto para compor e pré-texto: “A ‘conversa por escrito’ é, ao mesmo tempo, gênero literário e laboratório de criação”, analisa o pesquisador. O artista admitiu em 1991, ao telefone com a repórter d’*O Globo* (p. 5) Isabel Cristina Mauad, que a entrevista poderia “ser uma obra de arte” incorporada à suas “obras completas”. Em 1998, voltou ao tema diante de Régis Gonçalves, repórter d’*O Tempo*: (p. 1-6): “Escrever é o meu ofício, e nele fico mais à vontade, entendo que posso fazer da entrevista um gênero literário, com valor estético”.

O poeta, que também creditou à timidez a preferência por receber questões e respondê-las sem pressa, concedeu, ao menos, 44 entrevistas por escrito, mais de dois terços dos registros do gênero catalogados nesta pesquisa. Ele utilizou o método antes da massificação da internet e dos *e-mails*, a exemplo do pingue-pongue publicado pela *Bric-a-Brac* após meses de troca de cartas entre o autor e os repórteres Luis Turiba e João Borges. A revista foi o primeiro contato de Alberto Pucheu com Manoel. Poeta e professor de Teoria Literária, Pucheu (2015, p. 290) identificou que o mato-grossense manifestava a intenção de tornar a entrevista “uma possibilidade poética”, de apresentar “entrevistas-poemas”.

Manoel de Barros reinventava os modos da entrevista e da poesia: a primeira era a continuação da segunda, e nesta uma gramática como a Língua Portuguesa não havia escutado se fazia na construção de frases inteiramente inesperadas. Criava-se ali, ou pelo menos ali se radicalizava ao extremo, um novo gênero: o das entrevistas (poéticas) por escrito, que Manoel de Barros soube explorar como nenhum outro escritor, levando-o a um pensamento inteiramente singular (Pucheu, 2015, p. 281).

Vogel (2005, p. 126) destaca as entrevistas literárias, que abrem à arte o texto veiculado em “lugar que não é literário por estatuto”. O modelo, popularizado pela revista *Paris Review*, exige diálogo analítico com escritores para discutir obras, temas, rotinas, inspirações, credos estéticos e biografia, dando origem a um texto “marcado por qualidades estéticas e reflexivas” (Vogel, 2005, p. 125). Nos questionários, Manoel comentou métodos e perseguiu a ideia de usar a escrita poética em formatos diferentes do poema. “As palavras querem me ser”, “certas palavras estão doentes de mim” e “meu olho entra nas águas sem roupas” são frases extraídas das respostas à *Bric-a-Brac* (Turiba; Borges, 1989, p. 34-49). O escritor considerou essa entrevista um “exercício de metalinguagem” e a incluiu por sugestão de Houaiss na antologia de 1990, lançada pela Civilização Brasileira no esforço para torná-lo mais conhecido (Turiba, *Correio Braziliense*, 1989, p. 4).

As respostas do poeta também revelaram a presença de ideias que viriam a figurar nos livros. A produção final de *O guardador de águas*, lançado em abril de 1989, coincidiu

com a troca de cartas da *Bric-a-Brac*. No livro, o autor descreveu Bernardo da Mata, aquele que “prende o silêncio com fivela” (Barros, 2010, p. 240), enquanto na revista redigiu: “quem tem vocabulários parcos tem que subir uns termos por miúdas mágicas. Boto rios no bolso. Prendo silêncios com fivela”. A “fivela de prender silêncios” ainda constou entre os “desobjetos” mencionados em *Ensaaios fotográficos*, publicado em 2000.

A entrevista por escrito na função de “laboratório de criação”, citada por Müller (2010, p. 14), é observada em outras ocasiões. Em abril de 1995, o poeta Douglas Diegues publicou em pingue-pongue, na revista *Teyu’i* (p. 4-7), o resultado de um ano e meio de perguntas e respostas com Manoel. No diálogo por escrito entre Ponta Porã e Campo Grande, o entrevistador questionou: “por que você escreve?”. O autor explicou: “A gente escreve para se descobrir. Todo invento meu é uma aproximação de mim. Nossas maiores verdades são inventadas – alguém já disse”. A ideia lapidada em definitivo apareceu em 1996 em *Livro sobre nada*: “tudo que não invento é falso” (Barros, 2010, p. 345).

Livro sobre nada também trouxe a sentença “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê / É preciso transver o mundo” (Barros, 2010, p. 350). O verso fermentava havia tempos. Em 1987, na entrevista a Martha veiculada pelo *Correio Braziliense* (Nogueira, p. 5), Manoel escreveu que “aos poetas é reservado transmitir a essência”, “vem daí que é preciso humanizar as coisas e depois transfazê-las com versos”. Em 1993, pessoalmente a José Geraldo Couto (*Folha de S. Paulo*, p. 8-9), o autor disse que “poesia é sempre um refazer, um transfazer o mundo”. No ano seguinte, Anna Aciolly publicou no *Cadernos do Terceiro Mundo* (1994, p. 17-19) ideia semelhante: “a lembrança revê, mas só a transfiguração dessas lembranças através da linguagem poderá me dar poesia”.

Em 1979, José Octávio Guizzo publicou na *Grifo* (p. 53) uma entrevista incluída na antologia de 1990, em que Manoel considerou a poesia necessária “para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes”, reflexão similar que aparecera em *Matéria de poesia* (1974) e que entraria em *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001) e *Memórias inventadas: infância* (2003). Sobre a função da poesia, o artista respondeu a Guizzo: “Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas”. Seis anos depois, no *Livro de pré-coisas*, o artista mato-grossense grafou: “Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem” (Barros, 2010, p. 219).

O escritor também afirmou a Guizzo que sentia “quase orgasmo” em busca de novos usos para palavras, a fim de “salvá-las assim da morte clichê”. No *Correio Braziliense*, em

1987 (Nogueira, p. 5), reafirmou o desejo de “perverter a linguagem” e de “molecar o idioma para que ele não morra de clichês”. A construção ressurgiu na entrevista, concedida pessoalmente, à revista *El Paseante*: “Penso que cabe ao poeta a tarefa de arejar as palavras. E não deixar que elas morram de clichês” (Lima, 1988, p. 125). Em *O guardador de águas*, em 1989 (Barros, 2010, p. 265), o escritor poetou que “o sentido normal das palavras não faz bem ao poema / Há que se dar um gosto incasto aos termos / Haver com eles um relacionamento voluptuoso”.

Manoel escreveu em *O livro das ignorâncias*, de 1993, que “poesia é voar fora da asa” (Barros, 2010, p. 302), verso semelhante ao da resposta à *Teyu’í*, em 1995, sobre o que é poesia: “Passarinho que voa fora da asa é poesia. Girassol que de noite se adorna de águas, também” (Diegues, p. 4). A repetição de ideias e fórmulas é uma marca do trabalho estético do escritor, que também apostava no método lento de composição. Maffei, no livro *Elogio da lentidão* (2018, p. 104 e 108), afirma que o pensamento é uma “conversa entre as áreas cerebrais” que exige tempo. A criatividade usa a intuição, o pensamento veloz para um *insight*, porém sem os reparos feitos pelo pensamento lento, “murcha e desaparece”.

Manoel negou, em diferentes questionários, que a poesia seja fruto somente da inspiração. “Acredito antes, como o nosso Drummond, que o poema não se constrói com inspiração, mas com trabalho, com transpiração”, disse a Suzana Venieri em *Zero Hora* (2002, p. 4-5). Brasileiro (2012, p. 42) encontra essa mesma opinião na teoria poética de Baudelaire⁶⁴, outro escritor de referência do mato-grossense, que desaconselhava o dueto orgia-criação artística: “inspiração é, decididamente, trabalho, rotina”.

A preferência pela entrevista por escrito favorece o pensamento lento. O poeta recebia um conjunto estanque de perguntas para rebater sem pressa. Segundo Jorge (2019, p. 54), o método costuma conquistar a antipatia dos repórteres, que entendem ser um meio de “tutelar a entrevista”. O modelo, contudo, segue em voga em circunstâncias que variam, conforme a disponibilidade do entrevistado e a pressa do repórter. No caso de Manoel, muitas vezes, foi uma exigência. Em maio de 1995, ele iniciou a conversa pessoalmente com a repórter Roberta Jansen, d’*O Estado de S. Paulo*, mas recuou e pediu para responder às questões por escrito. “Dizer com imperfeição meus desperdícios me causa aniquilamento”, justificou. A jornalista considerou o resultado “uma peça literária”. Um exemplo:

⁶⁴ Baudelaire (1821-1867) foi poeta e ensaísta francês. Autor de *As flores do mal* e *O spleen de Paris*. Mais informações em: <https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Baudelaire,%20Charles>. Acesso em: 24 set. 2024.

O poeta que desenha o cheiro das árvores adorna o homem que sente o cheiro das árvores. O que desenha o cheiro é ainda um ser bocó, que confunde as palavras, não sabe direito a função dos verbos. O bocó não sabe que o cheiro não é desenhável assim como a criança não sabe que a cor de um passarinho não se escuta (Barros *apud* Jansen, *O Estado de S. Paulo*, 1995, p. 1).

Sá (2010, p. 156) recorda que a revista literária *Paris Review*, a partir dos anos 1950, antecipava perguntas aos escritores para que eles tivessem tempo de se preparar, método que confere ao escritor “maior controle sobre a transmissão” de dados e opiniões, diminui o risco de imprecisões, porém elimina a “espontaneidade, uma das principais marcas da entrevista”. Jorge (2019) descreve que jornalistas preferem fazer entrevistas de fôlego de forma presencial, depois por telefone e, no último caso, por *e-mail*, ferramenta com a qual não se tem a garantia de que as respostas foram dadas pela fonte. Telefone, *e-mail* e *chats* facilitam apurações rotineiras, mas tiram do repórter o comando da conversa e a chance de captar reações do entrevistado, observa Lage (2005).

Os questionários rebatidos por escrito impediram repórteres de emendarem questões a partir da resposta e de voltarem aos temas que Manoel evitou/desconversou. A estratégia garantiu o controle das palavras ao poeta, que, em fevereiro de 1996, recebeu de José Castello uma lista de indagações e alertou: “vou responder devagar e do meu jeito”. Cinco meses depois, o repórter recebeu pelo correio as folhas grampeadas de papel ofício com as questões que o artista escolheu para se debruçar. Um conjunto de respostas numeradas, datilografadas e com ajustes em caneta esferográfica, acompanhado de um bilhete: “Aí está o que pude; peço desculpas pela demora”. *O Estado de S. Paulo* publicou em agosto o pingue-pongue “Manoel de Barros busca o sentido da vida”, no qual o autor falou, entre outros temas, sobre viver em Campo Grande, afastado do eixo Rio-São Paulo:

Isolado não me sinto, juro. Às vezes me isolo, me tranco na minha toca para escrever, para ler, para imaginar. Parece que, no fechado, o imaginário se solta melhor. O que sinto mesmo é incompletude: essa falta de explicação para o sentido da vida. O que tenho é solidão. Mas solidão é opulência da alma. Tudo isso parece que destila amargor e sol na minha poesia (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1996, D12).

Manoel argumentou, em mais de uma oportunidade, redigindo ou falando, que a preferência por respostas grafadas também visava evitar erros: “A palavra oral não dá rascunho. Como não tenho a possibilidade de corrigir os erros cometidos na fala, fico descompensado”, disse a Marcelo Pen (*Folha de S. Paulo*, 2004, E4). Outra justificativa que

se repetiu foi a de não falar com “ferros”, leia-se, gravadores. Para Elisa Lucinda (*Jornal do Brasil*, 1997, p. 3-5), relatou ter dado a sentença a um jornalista, que disse se tratar de microfone de plástico: “Mudei a frase. Pois então eu não falo com plástico”, escreveu.

Morin (1973, p. 131) reflete que a “força inibitória” do microfone é igual à “força exibitória”. Estar diante do gravador aumenta a tendência de a fonte ficar na defensiva, uma vez que as palavras serão passíveis de reprodução, mas também pode incentivá-la a divulgar sua mensagem. Manoel seguia a primeira via, conforme abordou em *Zero Hora* (1994, p. 9): “Como dizer ao ferro que estou perdido? O tal do microfone é implacável”, escreveu a Tagore Biram. “Quando tem gente me olhando, me ouvindo, sou igual lesma, me enfio pra dentro. Eu sou meu indizível pessoal. Só com as letras me prefiguro”, acrescentou.

Para Pucheu (2015), a posição de Manoel levava-o a se projetar na mídia na função de escritor. O imaginário de poeta ficava acima do ofício de fazendeiro e advogado. A peculiaridade ainda reforçou o *marketing* do autor, citada em reportagens e destacada em títulos, como no pingue-pongue por escrito feito com Sérgio Medeiros para o *Jornal da USP* (1992, s/p): “Manoel de Barros: o poeta que responde com poesia”.

A publicação de respostas enviadas datilografadas ofereceu aos leitores dos jornais e revistas amostras do que poderia ser encontrado nos livros do escritor mato-grossense. De acordo com Sá (2010, p. 156), em termos gerais, a entrevista não tende a ser encarada como criação literária, já que o “jornalismo trabalha com veracidade, e a arte, não”, mas, no caso de escritores, a prática abre essa perspectiva. Mesmo que o poema não tenha a prosa densa do texto da mídia impressa, o leitor é sensível à beleza, acredita Müller (2010).

A entrevista por escrito potencializou o espaço na imprensa para autoficção, pois permitiu a Manoel narrar com arte suas vivências. Segundo Candido (1987, p. 56), nas escritas de si, “a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo” e desemboca em “heterobiografia”, um texto que também conta histórias dos outros e da sociedade. Manoel criou imagens de si e do seu mundo. Ao jornal *Zero Hora* (Biram, 1994, p. 9), o poeta contou que, na juventude comunista, quis “salvar o mundo da miséria e da opressão”, porém desgostava de “chefes e chefetes” e viu que não levava jeito para combates: “Acho que iria fugir se me mandassem brigar. Eu seria se tanto uma barata: se me pisassem a carcaça eu sairia pelos cantos arrastando substâncias”.

Reproduções 29 – Entrevistas de Manoel de Barros por escrito



Fontes: *Folha de S. Paulo*, 1989; *Teyu'í*, 1995; *Jornal do Brasil*, 1997.

Béda (2007, p. 19 e 22) argumenta que, para Manoel, “o verbo serve para a criação”, tem “o poder de reinventar” a vida. O poeta transportou essa característica para jornais e revistas com as entrevistas-poemas. Ele descreveu para Antônio Gonçalves Filho (*Folha de S. Paulo*, 1989, G3) o empregado Bernardo, “bandarra velho, andejo, fazedor de amanhecer e benzedor de águas”, que “aduba os escuros do chão, conversa pelo olho e escuta pelas pernas como os grilos”. Bernardo, alterego mais famoso do escritor, morava na fazenda dos Barros “em cujo quintal montou uma Oficina de Transfazer Natureza”.

Béda (2007, p. 60) identifica em Manoel o indivíduo que busca seu “eu” e se volta ao passado para encontrar o menino que brincava com as palavras, um ser “estranho para algumas pessoas”, que prezava “entrar no reino da despalavra, ser um fraseador”. O autor enfatizou nas entrevistas a centralidade da palavra na poesia. “Eu tenho pela palavra a mesma fascinação que a lesma tem pelas pedras” e “que os lagartos têm pela solidão das pedras”, redigiu a Ubiratan Brasil em 2009 (*O Estado de S. Paulo*, p. 1).

Manoel manteve esse fascínio até os últimos anos de vida, quando já tinha dificuldade para ler e se alimentava pouco. Em 2012, enviou em letra miúda a Castello o relato poético de que sempre foi “tido como um parvo” porque “queria mudar a feição das coisas com as palavras” (*Valor Econômico*, 2012, p. 26-28). Essa busca norteou o autor que, em 2010, se deparou com a questão do repórter Wilker Sousa (2010, s/p): “Como o poeta Manoel de Barros gostaria de ser lembrado?” Ele respondeu: “Gostaria de ser lembrado como um ser abençoado pela inocência. E que tentou mudar a feição da poesia”.

4 Manoel de Barros como colaborador de jornais

Na edição de 6 junho de 1961 do jornal campo-grandense *Correio do Estado*, Manoel de Barros abriu a coluna “Viola de Côcho” com elogios a um dos escritores que influenciou sua formação literária: “Ninguém mais do que Mário de Andrade sabia a gostosura da fala simples, da língua suja das feiras, da língua torta do povo”. Publicada no canto superior direito da página 2, a exaltação ao escritor modernista⁶⁵ expôs aos leitores o apreço pelas falas dos moradores dos rincões. Também expôs a admiração pela busca artística do autor de *Macunaíma* (1928), que, na opinião do colunista, sonhava entregar à literatura brasileira uma “linguagem nova que fosse a soma de todos os regionalismos”:

Toda sua linguagem é a de quem fez, o que Vieira mandava – “aplicar o ouvido à boca do bárbaro”. Macunaíma está em língua brasileira. Mistura de todos os falares de norte sul do Brasil. Do seringueiro do Amazonas ao gaúcho; do jeca paulista ao arigó; das quituteiras da Bahia aos nossos cozinheiros de comitiva. Tudo Mário de Andrade ouviu com aquela sua paciência de pesquisador (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 2).

A coluna, que na mesma edição reproduziu os poemas “O gramático” e “Azorrague”, de Oswald de Andrade⁶⁶, outro ícone do movimento modernista, foi veiculada por poucas semanas no “diário vespertino de maior circulação em Mato Grosso”. A curta experiência à frente da “Viola de Côcho” compõe outro elemento da presença de Manoel no jornalismo impresso. Na função de colunista/cronista/colaborador de jornais regionais ou de circulação nacional, ele publicou poemas, crônicas e comentários, divulgou trabalho artístico e ajudou a construir um imaginário, disseminando imagens para “microgrupos, microcosmos, universos segmentados” (Maffesoli, 2003, p. 15), sobretudo, do Centro-Oeste e do Sudeste.

Manoel assinou, nessas aparições, conteúdo opinativo. Os textos de opinião na imprensa foram alvo de reflexões de diferentes teóricos (Moisés, 1978; Beltrão, 1980; Candido, 1992; Coutinho, 1997; Lage, 2006; Castro, 2010), entre os quais Marques de Melo (1994, p. 25), que afirma que, historicamente, a sociedade identifica o jornalismo como responsável por “relatar as notícias e oferecer interpretação e opinião baseada nas notícias”. O autor classifica coluna, crônica e artigo entre os formatos do gênero opinativo no Brasil,

⁶⁵ Mário de Andrade (1893-1945) foi poeta, escritor, músico, crítico, gestor e um dos ícones da Semana de Arte Moderna, em 1922. Mais informações: <https://www.casamariodeandrade.org.br/institucional>. Acesso em: 24 set. 2024.

⁶⁶ Oswald de Andrade (1890-1954) foi escritor e jornalista. Participou da Semana de Arte Moderna. Escreveu o *Manifesto antropófago*.

ao lado de resenha, caricatura, carta, comentário e editorial (Melo, 2009). Esse tipo de material apresenta o que determinada pessoa ou organização pensa a respeito de um assunto, mas também pode ter aberturas à arte, como foi o caso majoritário de Manoel.

O poeta fez participações esporádicas em periódicos, diferente de outros escritores, a exemplo de Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade, que por décadas escreveram colunas para veículos de grande circulação. O autor assinou textos em, pelo menos, 12 jornais e revistas de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, conforme o material que inventariamos nesta pesquisa. Foram localizados 31 registros publicados entre 1934 e 1998 cujos ganchos foram somente os textos em verso e prosa do artista⁶⁷.

As primeiras aparições foram anteriores à estreia na literatura do jovem matogrossense que, em 1937, lançou *Poemas concebidos sem pecado*, já recorrendo ao modelo do “poema-retrato” e do “poema-crônica”, que recuperam e recriam episódios de forma lírica (Castro, A., 1991, p. 11). Em setembro de 1934, antes de completar 18 anos e prestes a se formar no Colégio São José, Manoel publicou a crônica “Mano”⁶⁸ na segunda edição do *Boletim da Nhecolândia*, informativo editado em Corumbá pelo centro de criadores de gado da região, entidade da qual a família do poeta fazia parte⁶⁹. Manoel Wenceslau Leite de Barros assinou com o nome completo a crônica que recordou o “afamado gaiteiro Germano-preto”, o Mano dos “tempinhos de vagabundagem” no Pantanal, seu “irmão de criação”.

O aspirante a poeta narrou na crônica os dias ao lado do menino negro que, órfão ainda bebê, cresceu com os demais filhos de João e Alice Leite de Barros na fazenda, porém responsável por labores domésticos na condição de “mão de vassoura”. O jovem escritor relembrou que os meninos ajudavam Germano a concluir as tarefas para brincar e dividiam com ele pastéis, sobremesas, chineladas e culpas por louças quebradas. O saudosismo do texto também registrou preconceitos da época sobre pessoas negras.

Do nosso viver de criança eu me recordo do dia em que *elle* quebrou o braço. *Papae* não estava em casa. E nós amávamos *aquelle* mano de criação e a prova estava a minar em nossos olhos. Mano é preto mas tem coração branco. *Soffria* quieto, deitado numa rede *cuyabana* estreita, com os dois olhos arregalados. Segurava com uma das mãos o braço dolorido, enquanto mamãe preparava um remédio. E nós crianças como ele sentávamos ao redor da rede engolindo os soluços que vinham de longe (Barros, *Boletim da Nhecolândia*, 1934).

⁶⁷ Não computamos a publicação de poemas em boxes de entrevistas, perfis e resenhas.

⁶⁸ “Mano” e “O Tordo” foram encontrados por Gustavo de Castro no Museu Casa do Dr. Gabi em Corumbá.

⁶⁹ Afonso de Castro (1991) registra que Manoel publicou “Mano” e “Bugrinha” em 1932, no *Boletim da Nhecolândia*. Gustavo de Castro localizou “Mano” em uma edição de 1934 do boletim.

Em 1996, passados 62 anos da publicação da crônica, um personagem chamado Mano Preto apareceu em trechos de *Livro sobre nada*, nos versos sobre a família que cultivava a “desutilidade poética” e fabricava “brinquedos com as palavras”: “Mano Preto aproveitou: Grilo é um ser imprestável para o silêncio / Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal. / (Seria um defeito de Deus?)” (Barros, 2010, p. 330).

Manoel também assinou no *Boletim da Nhecolândia*, em 1935, o poema “O Tordo”: “Passarinho da mea terra / É uma noite sem luar / É preto mas é gracioso / É preto e sabe cantar / Aqui chamam-no de melro / De tordo chamamos lá”. O pássaro tordo apareceria em, pelo menos, 15 oportunidades nos livros lançados até os anos 2010. Outro tema recorrente na obra do artista, o saudosismo da infância, figurou na crônica “Campinas Velha”, reproduzida por Luiz Alfredo Magalhães (2012), no livro *Mato Grosso do Sul – Fazendas*, com registro de que foi publicada em 1934 no boletim corumbaense.

O texto recordou a infância na fazenda Campinas, cujas cercas foram feitas pelo pai do autor. Nequinho relatou que contava araras, recolhia bezerros e brincava com laço torcido, cavalo de pau e bola de bexiga de boi com Mano, até que “inventaram que era tempo de eu estudar”. Alfabetizado pela tia Rosinha, “arrendia o ABC no abc da vida” e partiu para ser aluno em colégio interno. Nas férias, regressou ao Pantanal e não encontrou a Campinas Velha. “Pobre Campinas, não escuta mais os seus bezerros chorarem tristemente, saudosamente”, contou. “A fazenda morreu, a tapera viveu. Campinas Velha, que já foi Campinas nova, ao menos nestas linhas você há de viver como em minha alma.”

Os três registros localizados mostram aparições iniciais de Manoel no jornalismo impresso, o começo da construção da imagem pública de autor/escritor/poeta. Klinger (2008, p. 16) afirma que a crítica literária considera como autor quem permite explicar a “presença de certos acontecimentos” na obra e quem garante “o princípio de uma certa unidade de escritura”. Segundo Alberti (1991), no século XVII, o termo “escritor” começou a designar criadores com objetivo estético, diferente de escribas e copistas. Escritor se consolidou como autor com “valor a mais”, que mescla criação e arte no texto, faina executada por Manoel.

O jovem mato-grossense, que na década de 1930 vivia no Rio de Janeiro, procurou o informativo de sua cidade para publicar os textos que escreveu ainda no colégio, onde, segundo seus próprios relatos, consolidou a paixão pelas palavras e arriscou os primeiros sonetos. A busca de espaço na imprensa permaneceu nas décadas seguintes, nos períodos de

pré-fama e de reconhecimento tardio do poeta, com o envio de textos avulsos e livros para avaliação dos editores e colunistas de suplementos de cultura/variedades de jornais e revistas.

O autor que remete material à imprensa na esperança de publicá-lo, ou que aceita se tornar colaborador de determinado veículo, segue o procedimento descrito por Sá (2010) a respeito das entrevistas midiáticas. É necessário que o escritor esteja presente na mídia para existir perante o público. O conteúdo publicado divulga o nome do artista e pode ter efeito de amostra grátis para o leitor, servindo de trampolim até os livros.

Colaborações de Manoel de Barros publicadas em jornais e revistas⁷⁰

Título	Veículo	Formato
Mano	<i>Boletim da Nhecolândia</i>	Crônica
Campinas Velha	<i>Boletim da Nhecolândia</i>	Crônica
O Tordo	<i>Boletim da Nhecolândia</i>	Poema
Olhos parados	<i>O Jornal</i>	Poema
Canção da menina, com luar	<i>O Jornal</i>	Poema
Três Poemas	<i>Correio da Manhã</i>	Poema
Rua Mário de Andrade	<i>Correio da Manhã</i>	Poema
Mancha Distante	<i>Manchete</i>	Poema
O Abstrato e o Concreto	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
O Abstrato e o Concreto	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Viola de Côcho	<i>Correio do Estado</i>	Coluna
Continho para a Maneira de Katharine Mansfield	<i>O Estado de Mato Grosso</i>	Poema
A boca	<i>O Estado de Mato Grosso</i>	Poema
A volta	<i>O Estado de Mato Grosso</i>	Poema
Duas poesias de Manoel de Manoel de Barros	<i>O Estado de Mato Grosso</i>	Poema
Do Pantanal: Loisa & Coisa	<i>Boletim do Fazendeiro</i>	Crônica
Os caramujos-flores	<i>Revista Nacional</i>	Poema
Abraço no poeta	<i>Revista Nacional</i>	Carta
Paisagens de água e de árvores	<i>Veja Centro-Oeste</i>	Crônica
Como fiz um retrato de andarilho	<i>Poesia Sempre</i>	Crônica
Primeiro encontro com Rosa	<i>Teyu'í</i>	Crônica
Carta ao Joel	<i>Teyu'í</i>	Poema
Descascar as palavras	<i>Teyu'í</i>	Crônica
Brincação com as palavras	<i>Jornal do Brasil</i>	Crônica

⁷⁰ A relação de textos de Manoel com referências completas consta no apêndice deste trabalho.

4.1 Escritores no jornalismo impresso

As aparições intermitentes de Manoel nos jornais e revistas como colunista/cronista/colaborador representam sua faceta de menor visibilidade na mídia impressa – localizamos 31 textos em prosa ou verso, em um universo de mais de 1,8 mil registros catalogados entre as décadas de 1920 e de 2020. De acordo com o levantamento, o autor foi retratado de forma majoritária na condição de entrevistado e de assunto principal ou secundário de notícias, reportagens, perfis, resenhas, notas e colunas.

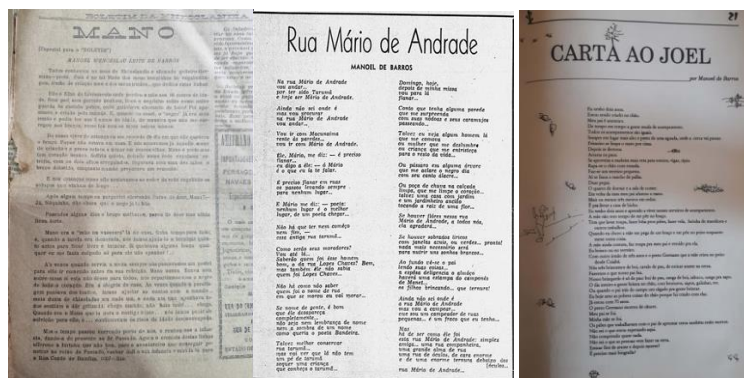
Com publicações esporádicas, o poeta ensaiou seguir um caminho rotineiro para os homens das letras que encontram prestígio e legitimidade ao aparecerem na imprensa. A relação entre escritores e jornais remonta à evolução do romance moderno e do jornalismo. Nos séculos XVIII e XIX, conforme Pena (2006), autores de prestígio perceberam a força dos jornais, que se consolidavam como meio de comunicação. Os jornais incorporados à lógica capitalista, em especial na França e no Reino Unido, perceberam o interesse do leitor e o consequente impacto nas vendas ao publicarem narrativas literárias. Os escritores obtiveram nova fonte de renda e de divulgação de seus nomes e histórias.

A dinâmica também foi observada no Brasil. Cristiane Costa (2005) estudou os “escritores jornalistas” entre 1904 e 2004 e compilou exemplos de diferentes gerações, entre os quais, Machado de Assis (1839-1908), João do Rio (1881-1921), Graciliano Ramos (1892-1953), Monteiro Lobato (1882-1948), Oswald de Andrade (1890-1954), Nelson Rodrigues (1912-1980), Erico Verissimo (1905-1975), Caio Fernando Abreu (1948-1996) e Carlos Heitor Cony (1926-2018). Dividida em cinco partes, a linha do tempo vai dos primeiros jornais e livros no país, entre 1808 e 1830, até o período de 1980 a 2004, quando escritores nos jornais se “afastam das editorias de *hard news*, como Política e Polícia, e passam a preferir as editorias de Cultura, dialogando diretamente com o mundo intelectual e o meio editorial” (Costa, 2005, p. 12-13). Atualmente, as seções culturais de jornais apostam em uma gama de colaboradores variada, que inclui jornalistas, escritores, intelectuais, professores e outros.

Segundo Costa (2005, p. 169 e 202), escritores apontam vantagens e desvantagens no ofício de jornalista: entre as vantagens, a possibilidade de “abrir portas no mercado editorial” e de se tornar “conhecido no meio literário”; por outro lado, a normatização do texto, o espaço predeterminado de diagramação e a necessidade de dialogar com mais

leitores podem “fazer com que o texto jornalístico diminua o repertório e até mesmo bloqueie a capacidade de expressão e a imaginação do escritor”.

Reproduções 30 – Colaborações de Manoel de Barros à imprensa



Fontes: *Boletim da Nhecolândia*, 1934; *Correio da Manhã*, 1955; *Teyu’i*, 1995.

Manoel não foi um escritor jornalista, de acordo com o critério de Costa (2005). O autor pode ser enquadrado no grupo dos “colaboradores avulsos”, que reúne articulistas, cronistas e críticos. São profissionais que não trabalharam efetivamente de repórter, pauteiro, chefe de reportagem, redator e editor em redações. Fazendeiro e advogado, o poeta não manteve vínculo formal de trabalho com jornais e revistas, não tirou parte da renda do sustento de textos publicados pela imprensa. Ele buscou no jornalismo vitrine para obra, divulgação da imagem pública de homem das letras e laboratório de criação poética.

O critério adotado por Costa (2005) identifica escritores presentes no dia a dia das redações, contudo a relação com jornais e revistas é maior em razão da publicação de textos em espaços de opinião. A presença na mídia impressa de escritores – como funcionários ou colaboradores avulsos – é mais um elemento do diálogo entre jornalismo e literatura. Para Castro (2010), as duas áreas são sistemas de conhecimentos úteis à sociedade e estão unidas porque obras literárias também comunicam informações, experiências, novidades e histórias. Escritores e jornalistas participam do universo da narração, descrevem cenas, lembranças e contam histórias por escrito com as nuances de cada ofício. As palavras para o jornalista servem de matéria-prima efêmera para o registro no jornal. O escritor usa as palavras para criar uma obra com intenção de perdurar.

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer

da memória a fonte da sua escritura, tornar eventos pouco jornalísticos significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura (Castro, 2010, p. 38).

O enlace entre as áreas resultou na “Literatura de Complexidade”, termo usado por Castro (2010, p. 6) para tratar do jornalismo literário, que “lida simultaneamente na escritura com o real e o irreal, o falso e o verdadeiro, o ficcional e o não ficcional”. Essa vertente praticada por escritores e/ou jornalistas em livros, revistas e jornais leva o jornalismo à arte e traz a literatura para o dia a dia. O jornalismo literário contempla hibridismo entre fatos e ficção, porém sem aval para falsear ou mentir. Manoel, em parte das colaborações à imprensa, lidou com real e irreal, mas sem se comprometer com a não ficção.

Guimarães Rosa, um dos escritores mais admirados pelo poeta, publicou contos, crônicas e poemas em jornais de circulação nacional⁷¹. Ele também utilizou a imprensa como rascunho para futuros livros, segundo mapeou Vianna (2019). A pesquisadora catalogou a colaboração de Rosa para 18 veículos, entre os quais, *O Globo*, *A Manhã* e *Pulso*. *O Correio da Manhã* publicou, entre 1947 e 1948, “Com o vaqueiro Mariano”, perfil do vaqueiro José Mariano da Silva, entrevistado e acompanhado no trabalho no campo por Rosa durante expedição à Nhecolândia. O texto é considerado por Vianna (2019, p. 13) o “exemplo mais eloquente de umas das facetas da aproximação de Rosa com o jornalismo”. A autora cita Antônio Olinto (2008, p. 13), que considera o texto de Rosa um conto-reportagem, além de defender que o “jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte”.

A parca experiência de Manoel como colaborador de periódicos revela dedicação à fermentação de ideias e à tentativa de levar a arte ao leitor, sem preocupação com a veracidade dos acontecimentos que marca os registros de gênero informativo. Por meio de poemas, crônicas, comentários e versos de outros autores, o poeta se concentrou no gênero opinativo e na construção do imaginário de escritor. Na edição de 3 de junho de 1961 do *Correio do Estado*, o escritor elogiou a diretora do Colégio Pequenópolis por expor desenhos de alunos de 4 a 12 anos, reproduziu o poema “Vício na fala”, de Oswald de Andrade, e mostrou seu trabalho estético. Optou por ser artista nas páginas do jornal:

⁷¹ João Guimarães Rosa publicou 135 contos, crônicas, poemas e uma reportagem literária em 18 periódicos entre 1947 e 1967. *Com o vaqueiro Mariano* saiu no *Correio da Manhã* (Vianna, 2019).

Bugre Neto me contava as histórias do preto Tucum. Preto Tucum, cantando cururu, arrastava sua voz mole, ‘arrodeia arrodeia / arrodeia o tôco...
Eu não posso me alembá
do tempo que era menino
pra hoje vive chorando...
Ai ai
só eu
que nasci pra passá trabaio... (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 2).

4.2 Colunista da “Viola de Côcho”

A coluna que elogiou Oswald de Andrade e a diretora da Pequenópolis foi a primeira de nove textos opinativos localizados por Thais Pompêo⁷² no acervo do *Correio do Estado*⁷³, sete deles batizados de “Viola de Côcho”. O periódico de Campo Grande publicou o material entre as edições de 2 e 20 de junho de 1961, período inferior a três semanas.

Na edição de 5 de junho (p. 2), a “Viola de Côcho” mesclou uma minicrônica, uma nota/comentário e a reprodução de dois haikais de Pedro Xisto: “a criança, nua / de todo, cata no lôdo / farrapos de lua” e “Ris de meu abrigo: / Estrelas e borboletas / dormirão comigo”. A nota informou que Rosa receberia o prêmio da ABL pelo conjunto da obra e citou que Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) comparou o escritor mineiro a Machado de Assis: “Se Machado criou o estilo translúcido, criou ele o estilo opaco dos diamantes negros, inquebrável, impenetrável, escuro”. A crônica abriu a coluna com a recriação artística de um antigo papo de compadres pantaneiros.

Julho tirava os frios. Está fazendo 20 anos. O menino voou, vum... pegou uma lua, disse – lua é bola? Havia os mais velhos sentados. Parece que diziam coisas graves, pelo feitio das bocas. Negra Margarida trouxe cafezinho. Vagalumes piscavam por perto. Papai perguntou à visita como ia Cuiabá. Que ia bem, progredindo... Tudo era melhor na sua terra, de tudo havia mais que que por ali. Nos brejos mais próximos a saparia cantava. Papai arriscou. E sapo nhô Mané, tem mais por lá? Pensou.
– Olha, cumpadre, sapo eu não digo que tenha mais, porém os poucos de lá cantam mais bonito... (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 2).

⁷² Jornalista e mestre em Estudos de Linguagens, pesquisou no arquivo digitalizado do *Correio do Estado*.

⁷³ Jornal/site em circulação, integra o Grupo Correio do Estado, que também mantém as rádios *Mega 94 FM* e *Rádio Hora*, a empresa AgiumSoft, o portal de imóveis Vem pra Casa, o portal de veículos Vip Marcas e a produtora Macaw. Mais informações em: <https://correiodoestado.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 24 set. 2024.

Aos 44 anos, fazendeiro e prestes a lançar o quarto livro de poesias, Manoel se tornou colunista do principal diário de Campo Grande, vespertino fundado em 1954 por políticos da União Democrática Nacional (UDN), partido conservador e de oposição ao getulismo (Schwengber, 2005)⁷⁴. Em 1961, o jornal, que circulava com quatro a seis páginas de formato tabloide, era administrado pelo professor e jornalista José Barbosa Rodrigues, que manteve a ligação com famílias pioneiras da região e políticos tradicionais.

A primeira coluna de Manoel foi publicada em 2 de junho (1961) com o título “O Abstrato e o Concreto”. O colaborador relatou o acordo com Barbosa Rodrigues e lembrou que mal conhecia Campo Grande, pois se mudara havia pouco para a cidade. “Onde fui me meter”, escreveu o poeta que, após três dias de meditação e conversas com “pessoas, comigo e com os bichos”, decidiu criar a coluna literária sobre revistas, bibliotecas, museus, folclore, poesia, teatro, música, artes plásticas, associações e grupos estudantis. “Só não farei política. Digo, farei política literária. Entendo que temos o dever de lutar pela renovação das artes”, pontuou. Interessado em “novas conquistas no terreno da linguagem e da técnica poéticas”, o colunista indicou o endereço da Rua Rui Barbosa, 334, para remessa de informações e livros. Também reproduziu o poema “Lenda Brasileira”, de Manuel Bandeira.

Manoel foi o titular relâmpago de um espaço tradicional do jornalismo que permite mesclar informação e opinião. Para Rabaça e Barbosa (2001, p. 148), a coluna é uma “seção especializada de jornal ou revista publicada com regularidade, geralmente assinada e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”. O formato é variado, pode utilizar notas, tópicos, crônicas, artigos e textos-legendas. A seção costuma ter cabeçalho constante e posição fixa a fim de facilitar a localização pelo leitor nas páginas do jornal ou revista. A “Viola de Côcho” circulou no terço superior direito das páginas, ocupando duas das sete colunas verticais da diagramação.

Marques de Melo (1994) relata que o termo coluna passou a ser usado justamente por conta da diagramação vertical das páginas, com os textos distribuídos em colunas de cima para baixo. A fim de atrair mais leitores, os veículos reservaram espaços fixos a jornalistas, intelectuais, especialistas e celebridades. As colunas, no transcorrer das décadas, acompanharam a separação dos jornais em editoriais, publicadas conforme as seções adotadas por cada veículo para distribuir seu conteúdo: coluna social, política, econômica,

⁷⁴ Os mentores do jornal foram Fernando Corrêa da Costa, então governador de Mato Grosso, José Manuel Fragelli e José Inácio da Costa Moraes. O PSD mantinha o jornal *O Progresso* (Schwengber, 2005).

cultural, policial. Em muitos casos, a coluna se especializou dentro da editoria, a exemplo de colunas sobre livros, cinema, televisão, carros ou determinado esporte.

Sem um caderno de cultura à época, o *Correio do Estado* incluiu um artista local no rol de colaboradores e tratou de divulgá-lo. Antes da estreia, o jornal publicou, na primeira página da edição de 27 de maio, abaixo da manchete sobre a busca da Petrobras por petróleo no Pantanal, a nota “Um Poeta”. Manoel, que preparava o lançamento do premiado *Compêndio para uso dos pássaros*, colocou à venda nas livrarias de Campo Grande exemplares de *Poesias*, “livro moderno, de um estranho subjetivismo”, capaz de conduzir “ao solitário mundo desse poeta de âmbito nacional e, no entanto, quase desconhecido entre nós”. Em 14 de junho, a nota “Dr. Manoel de Barros” (1961, p. 1) reforçou as unidades de *Poesia* à venda e informou que “nosso colaborador responsável pela seção Viola de Côcho” viajou ao Rio de Janeiro para receber o Prêmio Orlando Dantas.

Manoel assinou as nove colunas antes da entrega da distinção e do lançamento de *Compêndio para uso dos pássaros*, em 28 de junho de 1961. Na coluna de 20 de junho (p. 4), publicou o comentário “Os sons gotejantes” para explicar o motivo de o espaço se chamar “Viola de Côcho”, nome de uma viola esculpida em tora de madeira⁷⁵. O poeta relatou que encontrou a descrição da “violinha de sons gotejantes” no livro *Roteiro de Macunaíma* (1955), de Manuel Cavalcanti Proença. “Quando eu pensava um título para esta coluna, lembrei-me dos sons gotejantes. E da rudeza do instrumento. Achei que me calhava. E me calha”, redigiu o escritor, que contou ter assistido à viola em ação pela primeira vez em um rancho de vaqueiros na volta da Vila Mercedes, a quatro léguas do porto da Manga.

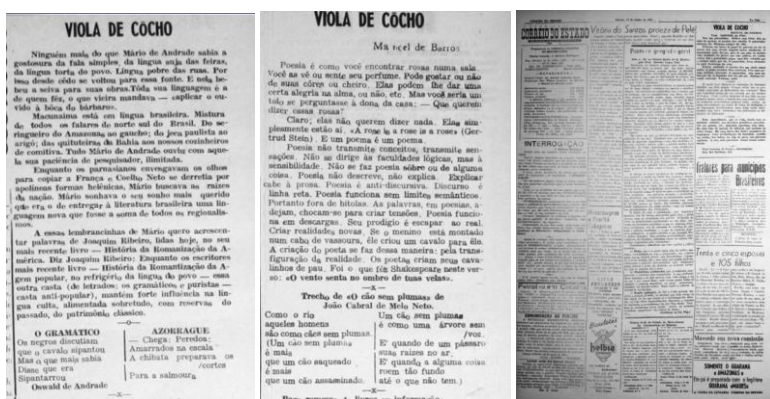
Luar no terreiro. Ventão alisando o pixaim dos moleques. Mulheres com abanico de acuri espantando mosquitos. Negros e bugres dansando de roda e cantando com voz arrastada: caracachá caracachá / fumo bão fumo ruim / Eu queria sê garampo / pra morá nos seus cabelos / fumo bão fumo ruim... Um deles arranhava uma viola fanhosa. Sobe serem as cordas feitas de tripa de bugiu (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 4).

As colunas do poeta no *Correio do Estado* concentraram-se em oferecer olhar diferenciado e lírico aos leitores. Marques de Melo (1994) destaca que a coluna tem viés informativo, por relatar acontecimentos do cotidiano, e opinativo, já que emite juízos a respeito desses fatos. O formato é marcado pela agilidade e pela busca do “furo”, termo

⁷⁵ Instrumento artesanal de cordas, típico de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, produzido com matéria-prima do Pantanal e do Cerrado. O nome “cocho” é usado porque a caixa de ressonância da viola é escavada em uma tora de madeira inteiriça – as madeiras preferidas são a ximbuva, o sarã-de-leite e o cedro. A viola-de-cocho é usada nos gêneros musicais cururu e siriri (Iphan, 2009).

utilizado no jargão jornalístico para se referir a informações exclusivas. A coluna visa à informação diferenciada – antecipar anúncios governamentais e fatos que estão para acontecer, dar bastidores de decisões, fornecer opiniões e recuperar histórias curiosas e/ou exemplares. Manoel seguiu pelas duas últimas opções. Mirou relatos poéticos de passagens recentes ou antigas, teceu comentários sobre arte e divulgou seus autores preferidos.

Reproduções 31 – Coluna Viola de Côcho



Fontes: *Correio do Estado*, 1961; *Correio do Estado*, 1961; *Correio do Estado*, 1961.

Na edição de 9 de junho (1961, p. 3), o colunista fez o exercício de metapoesia que repetia em versos e entrevistas: “poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa”. Para ele, “um poema é um poema” como “*rose is a rose is a rose*”, conforme disse a poeta Gertrude Stein⁷⁶. A poesia, na visão do artista, era similar ao encontro de rosas na sala: “você seria um tolo se perguntasse à dona da casa: – Que querem dizer essas rosas? Claro; elas não querem dizer nada. Elas simplesmente estão aí”. O colaborador encerrou a coluna com o poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto: “Um cão sem plumas / é como uma árvore sem voz”.

Marques de Melo (1994) entende que as colunas, com o avanço das décadas, dividiram-se em quatro categorias: padrão (assuntos de menor importância), miscelânea (assuntos variados, podendo misturar prosa e verso), mexericos (foco em celebridades e ricos) e bastidores da política (revelações e curiosidades sobre o poder). A “Viola de Côcho” foi espaço de miscelânea, com a característica híbrida citada por Marques de Melo (1994), que vê no formato abertura à literatura e a notícias.

⁷⁶ Gertrude Stein (1874-1946), poeta e escritora norte-americana. Publicou *A autobiografia de Alice B. Toklas* (1933) e outros. Mais informações em: <https://www.moma.org/artists/14581#exhibitions>. Acesso em: 24 set. 2024.

Manoel, em 10 de junho de 1961 (p. 2), dedicou a coluna a Raul Bopp⁷⁷ e ao poema “Cobra Norato”, um “cipoal de metáforas” que “amontoa de encantos o mato encharcado da Amazônia”, que revela “um ser-coisa-árvore-bicho”, “homem que é quase planta”. Uma semana depois, afirmou em nota que estava na “moda” exposições de desenhos infantis e incentivou os leitores a colecionarem histórias de crianças. “Copie você as histórias de seu filho na sua própria língua (dele) e mande-nos com nome e idade”, disse.

Manoel, que seguiu a fórmula de poetar em cima das sintaxes tortas dos filhos, então crianças, na composição de *Compêndio para uso dos pássaros*, incentivou os leitores a adotarem o mesmo procedimento. Ele defendeu na “Viola de Côcho” a ideia por observar a “sede de pureza, de infância, nos artistas de nosso tempo”, junto à “busca das fontes populares da linguagem” e à “revalorização da inocência contida nas lendas dos índios, na fala do povo, nas pinturas ingênuas”. A coluna usou de exemplo “historinha de João”, a respeito da amizade entre um menino e um passarinho.

O menino saiu montado no jacaré que não pulava, só corria. Daí o passarinho jogou uma fita colorida que o menino subiu por ela. O passarinho ficou abraçado no guri. Gostaram da vida. Foram andando. O menino deu um chute numa pedra. A pedra acendeu. Eles correram. Veio menina loirinha chorando. O passarinho deu uma baleia para ela. O biquinho dele fez piu piu. Saíram correndo correndo. Viraram vento (Barros, *Correio do Estado*, 1961, p. 2).

4.3 Amostras do trabalho poético

A edição de 8 de outubro de 1944 da *Revista do O Jornal* estampou, no centro da página 3, o longo poema “Olhos parados”, com um elogio ao final: “Temos o prazer de destacar, neste número, este poema de um colaborador da Província de Corumbá, Mato Grosso, o qual tomamos a liberdade de chamar a atenção dos leitores”. O colaborador saudado era Manoel de Barros, então com 28 anos, dois livros de poesias lançados, formado em Direito e vivendo no Rio de Janeiro.

O autor mato-grossense enviava suas criações às redações na tentativa de divulgar sua criação e nome. O esforço foi recompensado com a presença no suplemento cultural de *O Jornal*, um dos principais periódicos do Rio de Janeiro à época e órgão-líder da cadeia

⁷⁷ Raul Bopp (1898-1984) foi poeta e diplomata. Escreveu sobre Amazônia e publicou o aclamado poema “Cobra Norato”. Mais informações em: <https://www.record.com.br/produto/cobra-norato-2/>. Acesso em: 24 set. 2024.

dos Diários Associados de Assis Chateaubriand⁷⁸ (2007). A *Revista do O Jornal* era editada pelo poeta e escritor Vinicius de Moraes⁷⁹. A colaboração de Manoel circulou na edição de domingo entre textos de Alina Paim, Alfredo Mesquita e Otto Maria Carpeaux.

O poema elogiado falava de uma pessoa que ouve “mazurcas de Chopin num velho bar, domingo de manhã” e reflete sobre saúde; infância; vida na “pequena terra em que nasceu” e na cidade grande; viagens e leituras. O ser olha “para todos os lados” e “para as coisas mais pequenas” e descobre “em todas uma razão de beleza”. Doze anos depois, “Olhos parados” foi incluído no livro *Poesias* (1956) e dedicado ao diplomata Mário Calábria.

Manoel conseguiu novo espaço na edição de 2 de setembro 1945. Outra vez com posição centralizada na página 3, a *Revista do O Jornal* veiculou o poema “Canção da menina, com luar”, que também constou em *Poesias*, como uma das partes do poema “Fragmentos de canções e poemas”: “Que Rosa esplendente é o amor! / Que maravilha adorar! / Tenho certeza que ando perdida / E que o senhor me perdoará”.

A busca de escritores por espaço em cadernos e revistas mira aval de crítica para se mostrar ao leitor. A construção do imaginário não se dá somente nos meios de comunicação, porém a crítica especializada dá visibilidade ao indivíduo como autor, faz essa tentativa de leitura da realidade (Hall, 2003). De acordo com Cicero (2017), a manifestação crítica serve para dar nome, definir e classificar, enfim, distinguir as coisas. No meio literário, tem poder de recomendação. “A crítica põe de um lado o que passa pelo seu crivo e de outro o que não passa por ele”, explica o poeta (Cicero, 2017, p. 70).

A crítica no jornalismo, recorda Lage (2005, p. 118), originalmente, pretendia “orientar o gosto do público para socializá-lo em padrões estéticos considerados mais altos pela sociedade em geral”. O poder de recomendação passou por ajustes constantes, influenciado pelas mudanças sociais e culturais, mas se manteve com o avanço da indústria de mídia. Ter um poema publicado representa que o autor passou por um filtro de qualidade. O leitor tende a confiar na credibilidade do veículo, que endossou o conteúdo.

Manoel obteve aval e visibilidade em, ao menos, três oportunidades da década de 1950 no *Correio da Manhã*⁸⁰, outro dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro e

⁷⁸ Francisco de Assis Chateaubriand (1892-1968), o Chatô, foi empresário, jornalista e escritor, proprietário da rede de Diários Associados, que chegou a ser a maior rede de veículos de comunicação do Brasil.

⁷⁹ Vinicius de Moraes (1913-1980) foi poeta, escritor, compositor e diplomata. Dirigiu o suplemento literário de *O Jornal* nos anos 1940. Mais informações em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso em: 24 set. 2024.

⁸⁰ *Correio da Manhã* foi fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt e se notabilizou pela cobertura de política e por reunir expoentes das letras, como Costa Rego, Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda. Álvaro Lins e Antonio Callado atuaram como redatores-chefes do jornal.

reconhecido pela qualidade dos textos. Em 7 de março de 1953, o escritor mato-grossense assinou na seção de literatura os poemas “Infância”, “A botina” e “Confidência”, publicados em um *box* no pé da página 7. “Infância” e trechos de “A botina” também constaram em *Poesias*, a exemplo de “Na Rua Mário de Andrade”, veiculado pelo *Correio da Manhã*, em 28 de maio de 1955, um mês depois de a Prefeitura do Rio de Janeiro batizar uma rua com o nome do autor modernista, morto dez anos antes. “Na rua Mário de Andrade / vou andar / por ter sido Tarumã / e hoje ser Mário de Andrade”, escreveu Manoel.

O livro *Poesias* rendeu elogios de José Conde na coluna “Escritores e Livros”, de 14 de novembro de 1956. O crítico afirmou que o autor mato-grossense “sabe descobrir a poesia do cotidiano e traduzi-la em versos harmoniosos” e reproduziu os versos “Como um homem exposto numa mesa / Como um rio cria o seu lodo e o afoga” (p. 12). No mesmo ano, porém em março, na revista *Manchete*, Rubem Braga publicou na íntegra em sua coluna o poema “Mancha Distante”, que também circulou em *Poesias*.

Era fonte fria?
Rosa entreaberta?
Pássaro canoro? Era
Boca?
Se era fonte,
Se era boca,
Me esqueci (Barros *apud* Braga, *Manchete*, 1956, p. 58).

Em 1961, cinco anos depois de ser lançado, *Poesias* ganhou espaço no suplemento dominical do jornal *O Estado de Mato Grosso*⁸¹, diário que circulava na capital Cuiabá. Em três edições, a seção de literatura reproduziu os poemas “Continho para a Maneira de Katherine Mansfield”, “A boca” e “A volta”. Em fevereiro de 1963, o caderno voltou a recorrer a *Poesias* com dois trechos amorosos: “Ferido de amor e morte / Ando à procura de paz. / Cadê teu rosto de brumas, / Para meu ombro desabado?” e “Ele terá minhas cicatrizes. / E as colinas de meu corpo. Lívida, / Lívida ele me possuirá”. A mesma edição publicou o poema “Hino nacional”, com inspiração política: “Getúlio deu um tiro no coração. / João Café virou presidente. / Coisas da vida, / êta destino besta!”.

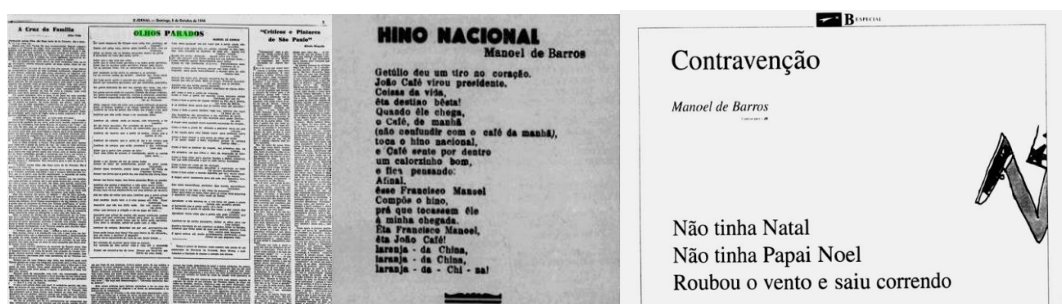
A reprodução de poemas de Manoel na imprensa reapareceu em 1984, já no período de reconhecimento tardio do poeta, mais uma vez, na coluna de Rubem Braga, porém na *Revista Nacional*, que circulava encartada aos domingos na edição fluminense do *Jornal do*

⁸¹ *O Estado de Mato Grosso* circulou de 1939 a 1996, fundado por Archimedes Pereira Lima, responsável pelo Departamento de Imprensa e Propaganda de Mato Grosso na ditadura Vargas (Andrade, D. 2015).

Commercio e em outros 13 periódicos de 13 estados. O cronista e escritor publicou o poema “Os caramujos-flores”, retirado do livro *Arranjos para assobio* (1982), na seção “A poesia é necessária”, da coluna que manteve de 1978 a 1990. Em agosto de 1986, Manoel retribuiu a atenção. Publicou na seção de cartas da revista a nota “Abraço no poeta”, após ler um texto no qual Braga relatava estar triste. “Abraço os 400 anos de prazer literário, de prazer do texto, com que você me presenteou”, afirmou. “Você é um poeta para qualquer lugar do mundo e para todas as pessoas do mundo. Tem que ser amado”, acrescentou.

Em dezembro de 1998, já na condição de autor aclamado, Manoel vivenciou outra experiência como colaborador. Foi convidado pelo *Jornal do Brasil* para participar de um caderno de Natal que veiculou textos de Antônio Torres e Alcione Araújo e entrevistas com Leonardo Boff e Dom Estevão Bettencourt. O poema “Contravenção” saiu na página 10: “Não tinha Natal / Não tinha Papai Noel / Roubou o vento e saiu correndo.”

Reproduções 32 – Colaborações de Manoel de Barros à imprensa



Fontes: *O Jornal*, 1944; *O Estado de Mato Grosso*, 1963; *Jornal do Brasil*, 1998.

Apesar de não ser alvo principal da nossa análise neste capítulo, consideramos pertinente abordar, na ideia de divulgação da arte de Manoel, poemas que acompanharam resenhas, matérias, perfis e entrevistas do autor mato-grossense. As publicações reforçaram a amostra do trabalho estético ao público, a busca da imagem do escritor/autor/poeta responsável pela obra (Klinger, 2008). O destaque na página de versos selecionados pela edição ou de poemas inéditos que o artista cedeu aos periódicos ampliou o valor-notícia do conteúdo e permitiu ao leitor verificar a criação que repórter e crítico decidiram destacar. Real e imaginário se cruzaram (Morin, 2017). Manoel alimentou o imaginário de poeta com versos que alimentaram a visão da imprensa e do público.

Em 1988, a entrevista a *El Paseante* ocupou quatro páginas, seguidas de outras seis com poemas de Manoel em português, acompanhados da tradução em espanhol feita pelo

escritor Mario Merlino⁸². A revista reproduziu “Páginas 13, 15 e 16 dos Escritos para o conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis”, retirado de *Gramática expositiva do chão* (1969); “Agroval”, que constou em *Livro de pré-coisas* (1985); e “Sabiá com trevas”, de *Arranjos para assobio* (1982). Antes, em 1984, “Sabiá com trevas” teve trechos destacados por Lucia Castello Branco no *Suplemento Literário Minas Gerais*. Millôr Fernandes, em 1984 e 1985, fez o mesmo na *Isto É* e no *Jornal do Brasil*.

No chão, entre raízes de inseto, esma e cisca o sabiá.
É um sabiá de terreiro.
Até junto de casa, nos podres dos baldrames, vem
apanhar grilos gordos.
No remexer do cisco adquire experiência de restolho.
Tem uma dimensão além de pássaro, ele!
Talvez um desvio de poeta na voz.
Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de
ser uma pequena coisa infinita do chão (Barros, *Isto É*, 1984, p. 13).

As entrevistas às revistas *Grifo* (1979) e *Bric-a-Brac* (1989) adotaram o mesmo expediente, com destaques nas páginas para “Dorowa”, de *Face imóvel* (1942), e “Peixe-cachorro”, de *Livro de pré-coisas* (1985). *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Valor Econômico* e *Zero Hora* estão entre os veículos de grande circulação que utilizaram poemas de Manoel de forma auxiliar nos registros, estratégia repetida por revistas especializadas, a exemplo de *Bravo!*, *Caros Amigos* e *Cult*.

Em 1989, a *Folha de S. Paulo* (G3) incluiu no alto da página de uma entrevista a Antônio Gonçalves Filho o poema “Não sou biografável”, no qual Manoel diz ter passado a “vida fazendo coisas inúteis” e aguardar “recolhimento de conchas”. Em 2003, no *Valor Econômico* (p. 6), José Castello destacou trecho de *Memórias inventadas*: “por motivo do ermo não fui um menino peralta”. Sete anos depois, Daniel Piza incluiu em perfil publicado n’*O Estado de S. Paulo* (201, S8) o verso “eu queria usar palavras de ave para escrever”, retirado de *Menino do mato* (2010). O mesmo jornal, em matéria de Ubiratan Brasil, de 2019, sobre um espetáculo teatral, utilizou “é mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez”, que consta em *Livro sobre nada*.

O guardador de águas, *Livro de pré-coisas*, *Arranjos para assobio*, *O livro das ignoranças*, *Livro sobre nada*, *Retrato do artista quando coisa* e *Memórias inventadas* estão

⁸² Mario Merlino (1948-2009), escritor e tradutor argentino, radicado na Espanha, onde recebeu o Prêmio Nacional de Tradução (2004). Traduziu autores de língua portuguesa como Jorge Amado, Clarice Lispector, Nélda Piñón, Eça de Queirós, Mia Couto e Antonio Lobo Antunes. (*El Confidencial*, 2009).

entre os livros com trechos mais vezes reproduzidos na imprensa, que também veiculou material repassado como inédito. *A Folha de S. Paulo* (1993), em entrevista de Manoel a José Geraldo Couto, grifou como inédito o poema “O militante”. Inspirado na juventude comunista do escritor, o poema mencionou a ideia de “transver o mundo” que três anos mais tarde ficou entre os versos célebres de *Livro sobre sada*.

Foi assim:
Eu era do Partidão.
Um dia precisei de fazer uma autocrítica.
Fi-la.
Mas não fui aprovado pela direção.
A autocrítica estava muito subjetiva – disseram.
Expliquei que eu também não era tão objetivo assim.
Me chamaram de pequeno burguês filhinho do papai.
Isso eu era.
Vai daí me afastei do Partido.
Fui mexer com palavras.
Vi que a palavra é uma coisa que não pode ficar na boca de militantes
Sob pena de morrer por clichê.
Passei a estudar o assunto.
Comecei a transver o mundo.
Inclusive só andava pelo lado esquerdo da tarde.
O que era visivelmente um vício adquirido na militância.
(Barros *apud* Couto, *Folha de S. Paulo*, 1993, p. 9).

4.4 Cronista poético

Manoel assinou na edição de estreia da revista *Poesia sempre*, em janeiro de 1993 (p. 213-214), o texto “Como fiz um retrato de um andarilho”, publicado na seção “depoimentos”: “O começo de um poema é quase sempre cego. Depois é que piora”, relatou. “Diante do papel em branco sou agora um pobre indigente. Procuo um poema. Converso com letras, maluquinhos de mosca, com nódoas de parede”.

O artista recriou, ao seu modo, os bastidores da confecção do poema que integrou o livro *Concerto a céu aberto para solos de aves* (1991). “Procuo coisas no meu caderno de rascunhos. Toda palavra é plissada – ele me diz. Tem muitos desdobramentos”, prosseguiu o autor na revista lançada pela Biblioteca Nacional, que reuniu na edição um time notável de poetas e escritores, liderados por Antônio Carlos Secchin⁸³.

⁸³ Secchin era o editor-chefe, com Ivan Junqueira e Jorge Wanderley de editores-adjuntos. Ferreira Gullar, Marco Lucchesi, Moacyr Félix, Suzana Vargas e Thomaz Albornoz formaram o conselho editorial. Em janeiro de 1993, a Fundação Biblioteca Nacional era presidida por Affonso Romano de Sant’Anna, subordinado ao ministro da Cultura Antônio Houaiss (*Poesia Sempre*, 1993).

A construção em prosa permite considerar o depoimento uma crônica que, segundo Castro (2010), tem a característica de, muitas vezes, recriar a realidade de forma “mágica”, com olhar poético e prosaico, a fim de tentar compreender a existência humana. Lage (2006) aponta o sentido amplo que a palavra “crônica” alcançou no jornalismo brasileiro, já que nomina um gênero de texto, bem como textos especializados, a exemplo de crônicas esportivas, políticas e policiais.

Segundo Paulo Rodrigues (2007), o termo “crônica” deriva do grego *chronos*, que se relaciona com a ideia de tempo. A crônica opera com a narrativa que conta histórias marcadas pela sucessividade. Manoel recriou quadro a quadro a angústia da produção de um poema. O autor queria “montar uma indústria de fazer flautas mágicas”, ouviu “o silêncio das moscas”, recorreu aos dicionários e rabiscou até ler o conto “Jogo do Bicho”, do “mestre” Machado de Assis. O funcionário público Camilo ganha um prêmio, mas é impedido pelo chefe de sair mais cedo do trabalho. “Camilo teve vontade de prorrogar o chefe até o mar, se lhe era lícito dar tal uso ao verbo e ao regulamento”, criou Machado. O poeta identificou o neologismo com prorrogar e pensou em um velho andarilho. “Me veio o primeiro verso, que tinha alguma coisa a ver com espichar alguém até uma água. Eis o poema. Retrato de Andarilho. Quando menino encompridava rios”.

Como eu estava dizendo. É saudável fazer que os verbos delirem. É necessário que as palavras desatinem. Ó açucenas arregaçadas! É preciso prorrogar os chefes até o mar. É preciso molecar o idioma. Fazer neologismos semânticos. Fazer nascimentos linguísticos. (Ah, os artistas existem para fazer nascimentos!). Eu desandei? (Barros, *Poesia Sempre*, 1993, p. 214).

O texto do mato-grossense levou a arte ao jornalismo, seguiu vertente literária. A crônica brasileira, afirma Castro (2010), tem viés literário – fatos cotidianos descritos em relato poético/literário – e/ou jornalístico – retranscreve na página que trata do assunto principal da matéria. Lastreada em temas do cotidiano, a crônica apresenta relatos com toque pessoal do autor. Por meio da poesia, do humor, da ironia e da abstração, o lirismo se associou à crítica social, a notícia à literatura, o dado objetivo ao subjetivo (Castro, 2010).

A crônica é executada no limiar entre jornalismo e literatura, assim pode tratar de fatos jornalísticos ou ficcionalizados, explica Paulo Rodrigues (2007). Beltrão (1980) classifica as crônicas no jornalismo por assunto e tratamento das informações. Pelo assunto, separa-as em gerais (assuntos variados), locais (cotidiano de uma cidade/estado/país) e especializadas (assuntos específicos de uma atividade). Pelo tratamento, podem ser

analíticas (pequeno ensaio acadêmico), sentimentais (busca a sensibilidade do leitor) e satíricas (crítica para advertir e entreter). Coutinho (1997) trabalha com as categorias narrativas (estória ou episódio), metafísicas (reflexões de caráter filosófico), de poemas em prosa (textos líricos sobre a vida), de comentários (fatos variados) e de informações (fatos comentados sem se aprofundar). No material que catalogamos nesta pesquisa, Manoel elaborou crônicas locais, sentimentais e de poemas em prosa.

Segundo Moisés (1978), as crônicas caminham para o conto ou poesia, a depender da centralidade do autor no texto. O texto poético trata do próprio narrador, explora o “eu”, enquanto o texto que se aproxima do conto foca o acontecimento que chamou atenção do autor. Coutinho (1997, p. 109) lembra que muitos estudiosos consideram a crônica um “gênero literário de prosa”. Ele coloca o formato ao lado dos ensaios, cartas, discursos e memórias, que apresentam pontos de vista do autor, enquanto nos romances, novelas, contos e poemas, o autor não busca de forma direta os leitores.

Manoel, bem-sucedido com *Livro de pré-coisas* e *Memórias inventadas* em prosa poética, explorou formatos em três textos na revista *Teyu’í* (1995). Em “Descascar as palavras” (p. 22), recriou bastidores do fazer poético: “Quando usei a expressão descascar a palavra deve ter sido pensando nas viagens das palavras. Algumas viajam pelo tempo desde a boca do povo até o dicionário”, escreveu, reconhecendo admirar o caminho que mantém ou acrescenta letras, sílabas e significados. “Não sou filólogo. Toco essas viagens de ouvido e viola tosca”, declarou o poeta antes de narrar a “viagem” dos “Dentecurtos”.

Conheci o tronco da família quando aportou na zona. Chamava-se Bitencourt e não tinha convicção nem chapéu. Bitencourt, de difícil pronúncia, ficou sendo Bentencu – que lembrava bentevi e cu. Mas esse Bentencu durou pouco. O dono não aceitou porque a última sílaba o desmoralizava. Então aplicaram Dentecurto, que dura até hoje. Talvez por aí se possa dar noção de como pode uma palavra ser descascada pelo tempo (Barros, *Teyu’í*, 1995, p. 22).

A revista reproduziu “Carta ao Joel”, escrita por Manoel para Joel Pizzini, cineasta que dirigiu *Caramujo-Flor*. O poema rememorou a infância “criado no chão” em acampamentos no Pantanal, enquanto o pai montava cercas e a mãe lavava roupa, costurava, fazia vela, farinha de mandioca e “bóia pros piões”. “Eu hoje amo as pobres coisas do chão porque fui criado com elas”, escreveu o artista para, em seguida, citar a morte dos pais, do irmão de criação Germano e dos peões: “Não sei o que as pessoas vêm fazer na terra. / Esticar fios de arame e depois morrer? / É preciso mais biografia?”.

A revista ainda publicou “Primeiro encontro com Rosa”, fragmento do que seria o livro *No sertão do Pantanal: conversamentos com Guimarães Rosa*, projeto que Manoel não finalizou. No texto, ele voltou a relatar um encontro com o escritor no vapor Fernandes Vieira a caminho de Corumbá, em uma noite quente e cheia de mosquitos. “Rosa saíra cedo do camarote. Estava sentado no tombadilho tomando fresca. Do bolso da paisagem borboletas queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas saíram”, descreveu o poeta, que disse ter fabricado coragem para puxar conversa:

Eu disse para o Rosa ouvir: O canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Gostou que eu estava fraseando no vento. Quer dizer que esse anhumá diminui a manhã? – ele perguntou. Eu disse: um homem que não tem ensino me ensinou. Ele não tem informação das coisas, mas adivinha. Rosa disse: Quem acumula muita informação pode perder o dom de adivinhar. São as obscuridades coerentes do povo (Barros, *Teyu’i*, 1995, p. 11).

Candido (1992) aponta nas crônicas características da obra de Manoel, como a intenção de mostrar beleza em coisas consideradas sem importância. O cronista não tem o dever de dar aos fatos o mesmo tratamento da imprensa nos textos informativos e interpretativos. Ele pode buscar acontecimentos antigos ou até fantasiados para relacioná-los a temas atuais ou incentivar reflexões de cunho filosófico e existencial. O mato-grossense, como cronista, não se concentrou na informação. Ele buscou autonomia estética, franqueou o texto em prosa à poesia para expressar sentimentos.

O leitor da crônica, devido à abertura do modelo à poesia e ao relato fantasiado, tende a não exigir do autor a mesma veracidade de fatos esperada nas entrevistas midiáticas e nas notícias. Brasileiro (2012) ensina que “poesia é percepção do mundo enquanto forma”. Essa percepção funciona como exercício, uma busca do artista, que não está livre das amarras das coisas tangíveis. O poeta, ao seu modo e visão, faz a escrita da “realidade”, que é “alguma coisa posta entre aspas”, reflete Brasileiro (2012, p. 143).

Reproduções 33 – Crônicas de Manoel de Barros na imprensa



Fontes: *Veja Centro-Oeste*, 1991; *Poesia Sempre*, 1993; *Jornal do Brasil*, 1997.

A crônica “Paisagens de água e de árvores”, publicada em outubro de 1991 pela versão da região Centro-Oeste da revista *Veja* (p. 6-10), pode ser vista nesse contexto. Convidado a redigir um texto sobre o homem pantaneiro, Manoel criou, em cinco páginas, entre fotos grandes e poemas, uma excursão em 1953 com Guimarães Rosa pelo rio Paraguai. O roteiro começou por Corumbá, “Cidade Branca e Capital do Pantanal”, onde “quem aperta o botão do amanhecer é o araquã”. “Atoando nas ruas que nem moscas sem tino”, os dois chegaram ao porto do local. “Estou mostrando ao Rosa os descampos que a enchente faz. Na seca isto aqui é diferente. E o rio fica esticado de rãs até os joelhos”, contou, antes de ouvir: “Vamos abrir as paisagens? – convida o Rosa. Quando um olho está sujo dos ciscos da civilização, nasce dentro dele um desejo de árvores e de paisagens”.

Manoel redigiu que “as pré-coisas dormem nas águas” e que Rosa quis saber mais de Lúcio, um amigo do poeta que abandonou o trabalho como professor de Física, em São Paulo, para viver em Corumbá. O amigo depois seguiu para “São Saruê – lugar onde tudo dá se chover”, a fim de viver com uma indígena, aldeado na beira do rio, próximo à cidade de Ladário. Felisdônio indicou o caminho da aldeia, onde Lúcio tocou cururu com viola-de-côcho. Rosa se dirigiu ao músico: “A linguagem só vem para nos socorrer. A linguagem se mune de truques, corrompe os caminhos, sai por desvios – para nos socorrer”. Rosa e Manoel se despediram de Lúcio e voltaram de canoa para Corumbá.

O silêncio era mais espesso pro lado de dentro. Tudo é sério demais como um brinquedo. Disse Rosa. Passamos por um sarã (ilhota de pedra que se forma no meio do rio). Está úmido de pássaros o perfume destes sarãs. Acho que estamos apalpando as intimidades... Agora os jacintos nos sonham... (Barros, *Veja Centro-Oeste*, 1991, p. 6-10).

Manoel criou outro encontro com Rosa, de forma lírica, na crônica “Brincadeira com as palavras”, que integrou material veiculado pelo *Jornal do Brasil*, em novembro de 1997,

para marcar os 30 anos da morte do prosador mineiro. “A gente gostava de brincar sobre palavras. A gente gostava de examinar o corpo fônico das palavras”, escreveu o poeta, que narrou ter ouvido de Rosa que “tuiuiú é três vezes você: tu, uma vez; you, outra vez; e you, de novo”, como se a ave apontasse o “dedo para a gente: és tu, és tu, és tu”.

Manoel disse ter apresentado a palavra “gravanha” ao colega, que, em Minas Gerais, só conhecia guanha. Os dois termos significam “lugar de mato fechado”, segundo o poeta, que emendou: “Saracura só bota ovo no gravanha”. No relato, Rosa perguntou sobre *Compêndio para uso dos pássaros*, livro do mato-grossense. “Do que seu livro fala, Manoel, será de alpistes? E se riu. Eu respondi: é só de palavra de ave de criança”.

4.5 Laboratório de criação poética

Manoel usou as colaborações no jornalismo como laboratório de criação poética, mesmo método adotado nas entrevistas por escrito (Müller, 2010). Nos anos 1980, o poeta publicou uma série de crônicas poéticas⁸⁴ no *Boletim do Fazendeiro*, informativo da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul), veículo de imprensa alternativa. Os textos foram os rascunhos de *Livro de pré-coisas*, lançado em 1985 (Viegas, *g1*, 2014).

Uma das crônicas com o cabeçalho “Do Pantanal: Loisa & Coisa” apresentou um personagem célebre: “Este é Bernardo, Bernardão, que dá testemunho dele. Pois ainda vive inteiro em fazenda do Pantanal”. O peão que “viaja de longe com a sua pré-história” usava chapéu de “repositório de chuva e bosta de ave” e guardava nos cabelos “seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelinhos – nascem pregos primaveris”. “Caminhante das beiras de corixos”, tinha fala “quase inaudível” e conversava com bichos de escamas. O texto foi publicado em 1981, quatro anos antes da estreia de Bernardo na obra de Manoel.

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com velas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento.

Agora faz rastros neste terreiro. Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Sementes de capim, algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-de-porco entrou cresceu e já voou de asa e ferramentas.

De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelinhos – nascem pregos primaveris! (Barros, 2010, p. 211).

⁸⁴ Pedro Spíndola, jornalista e amigo do poeta, contou que cerca de 30 crônicas foram publicadas no *Boletim do Fazendeiro* (Viegas, *g1*, 2014). Tivemos acesso a uma das crônicas.

Paulo Rodrigues (2007, p. 122), ao analisar a confluência entre poesia e crônica na obra de Manoel, afirma que a poesia do autor é “fecundada pela crônica” desde os primeiros livros. Entre os exemplos analisados pelo pesquisador está o poema “Olhos Parados”, publicado em 1944, n’*O Jornal*, e em 1956, em *Poesias*. Ele identificou aspectos da crônica no poema que está “calcado na vida cotidiana” e trabalha com descrição do ambiente, noção de tempo e lembranças da infância. O texto é de “teor altamente discursivo, em tom descontraído e prosaico” e convida o leitor a participar “desse estado pleno da alma” (Rodrigues, 2007, p. 93).

Manoel redigiu crônicas sentimentais e de poemas em prosa inspirado em fatos e pessoas da sua vivência. A carreira do escritor como colaborador de jornais e revistas reforça o argumento de Cícero (2017), para quem não se deve opor poesia a prosa, pois ambas são formas de arte. O mato-grossense se valeu da prosa para ensaiar poemas desde jovem. “Mano”, publicada no *Boletim da Nhecolândia* de 1934 a respeito do irmão de criação do poeta, registra que, “quando a peraltagem passava dos limites”, os meninos da casa ajustavam “as contas com a mamãe” e apanhavam. *Poesias*, de 1956, circulou com o seguinte verso: “A mãe bateu no Mano Preto. Falou que eu não apanhava porque não dei motivo. Subi no pico do telhado para dar motivo. Aqui de cima do *telhado* a lua prateava. A mãe disse que aquilo não era motivo” (Barros, 2010, p. 334).

Quase 40 anos depois, em 1994, Manoel cedeu ao jornal *Zero Hora* o poema inédito “A palavra e o poeta”, com versão escrita à mão e versão datilografada, publicado ao lado de uma entrevista. O poema começou com “Uma palavra abriu o roupão pra mim”, verso presente em *Livro sobre nada e Poemas rupestres* (2004). O registro ilustra o método descrito pelo autor à *Poesia Sempre* (1999, p. 190): “Cumpro meus dias de trabalho, de leituras, de anotações, de invenções de versos solteiros – tudo em meus pequenos cadernos de rascunho. Chega uma hora acho que devo começar a armar os poemas”. A explicação foi similar à dada durante entrevista à revista *Bravo!*.

Mudo bastante, lapido os poemas. Não acredito em inspiração. Primeiro, anoto tudo em meu pequeno caderninho, juntando minhas experiências existenciais e linguísticas. Quando termina essa fase, que dura dois, três, quatro anos, vou aos cadernos para catar os poemas e dar-lhes a forma definitiva. Escrevo a mão e a lápis. Jamais rabisco. Escrevo as coisas, junto durante algum tempo e depois cato os trechos e monto o poema (Barros *apud* Brasil; Azevedo, *Bravo!*, 1998, p. 28).

O autor declarou a Daniel Piza que tinha cerca de 200 cadernos nas gavetas da escrivaninha e estimou não ter aproveitado “nem 2% destes textos” (*O Estado de S. Paulo*, 2010, S8). Ao compor e lapidar sem pressa, com uso do pensamento lento (Maffei, 2018), Manoel transportou ideias, palavras e sentenças de entrevistas, crônicas e colunas para os caderninhos e vice-versa, até encontrar os versos e os poemas que avaliou aptos a constarem nas coletâneas que foram publicadas em forma de livros.

A coluna “Viola de Côcho”, no *Correio do Estado*, tem mais exemplos desse laboratório. Em 7 de junho de 1961, o escritor incluiu em uma minicrônica o papo dos compadres Ventura e Amaro. “Irmão, vai chover.../ – Saracura tá cantando... / – Proquê irmão? – Ué, pô saracura é deusi?”. A conversa com poucos ajustes entrou, oito anos depois, no poema “Desarticulados para viola de cocho”, do livro *Gramática expositiva do chão*.

Compadre Amaro: – Vai chuvê, irmão
Compadre Ventura: – Pruquê, irmão?
Compadre Amaro: – Saracura tá cantando
Compadre Ventura: – Ué, saracura é Deusi?,
se fosse imbusi, sim... (Barros, 2010, p. 141).

A inspiração nos “sons gotejantes” para batizar a coluna do *Correio do Estado* (1961) reapareceu em 1998 no livro *Retrato do artista quando coisa*: “Quero o som que ainda não deu liga / Quero o som gotejante das violas de cocho. / A palavra que tenha um aroma ainda cego” (Barros, 2010, p. 368). Manoel também fermentou por anos as imagens dos poetas que “criam seus cavalinhos de pau” e de Shakespeare mencionadas em uma das colunas (1961). Em 2000, *Ensaio fotográfico* trouxe o poema “O Vento”, que se recorda “do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare” (Barros, 2010, p. 384). Ao comentar o livro no *Jornal do Brasil* (Maciel, 2000, p. 1), o artista explicou o verso: “Aproveitei a imagem de Shakespeare de ‘um menino montado no cavalo do vento’ para fotografar o cavalo. Fotografei o vento de crinas soltas. Fotografei imagens poéticas”.

O uso de crônicas para rascunhar futuras obras remete ao que Bosi (2000, p. 13) afirma sobre o modelo de crônica aberto à criação artística: as imagens estão em uma trama multidimensional na qual o eu lírico “vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças”. A linguagem da poesia, segundo Bosi (2000, p. 132), é “mais singularizada” e busca variadas formas, sons e cores. Essa linguagem “recebe uma espécie de efeito mágico”, como foi possível identificar nas crônicas e colunas de Manoel.

5 Perfis de Manoel de Barros em jornais e revistas

Em novembro de 2014, os obituários de Manoel de Barros descreveram a trajetória do homem que dedicou oito décadas à arte em quase 98 anos de vida. “Era um filósofo que pensava e repensava o mundo por via da poesia”, disse o escritor Mia Couto à *Folha de S. Paulo* (p. 1). N’*O Estado de S. Paulo* (C1), Ubiratan Brasil registrou que, na velhice, o artista “garantia viver uma nova ascensão para a infância”. Gonçalo Junior lembrou, no *Valor Econômico* (A2), que o poeta “recorria a uma sintaxe que reproduzia a linguagem oral” das pessoas do campo, método que permitiu compor “neologismos que remetiam à prosa de Guimarães Rosa”. *O Globo*, na ocasião, citou como o “autor recluso” se via e era visto:

Manoel de Barros dizia ver-se desta forma: um fazendeiro do Pantanal, que usa bota e chapéu. Que anda no cerrado como quem anda na rua. Que desvia da cobra como quem desvia do automóvel. Que acha uma tristeza profunda no mugido dos bois. Via a si mesmo com essa simplicidade, mas era visto pelos outros como grande poeta. Defendia que os verbos “pegassem delírio”. Por isso, dizia assim: eu escuto a cor dos passarinhos (*O Globo*, 2014, p. 1).

Os obituários, que comungam, ao seu modo, com perfis e biografias a intenção de registrar histórias de vida, mostraram a visão da imprensa sobre Manoel logo após a morte do poeta, há dez anos. Esses textos integram a linha do tempo das aparições do autor na mídia impressa, ajudam a contar a “história das opiniões” sobre ele (Carpeaux, 1951, p. 12). Jornais e revistas apresentaram, no transcorrer de quase um século, uma gama de imagens com diferentes ângulos e frequências. Por meio de notícias, reportagens, entrevistas, resenhas, artigos, colunas, notas e fotografias, além de textos do próprio artista, os periódicos atuaram na construção do imaginário do poeta – complementaram, criticaram, consumaram e realimentaram o real que foi registrado por leitores e críticos (Castro, 2012).

O escritor mato-grossense teve cinco décadas e meia de poucas aparições na imprensa, seguidas de outras três de maior visibilidade. Após alcançar a fama, manteve-se presente nos jornais e revistas por conta de lançamentos de obras até 2011, pelas disputas de prêmios e pela exibição de espetáculos inspirados na sua poesia. A longevidade de vida e produção se refletiu nos registros jornalísticos, que continuaram a ser publicados após a morte do artista. Os textos e as fotos de Manoel são hologramas, partículas, imagens, rastros. Oscilando sumiços e aparições, os registros que catalogamos nesta pesquisa conectaram

passado, atualidade e futuro. Como ensina Didi-Huberman (2011), incentivaram a revisitar as interpretações a respeito do escritor e de sua produção estética.

O inventário que formamos, com mais de 1,8 mil registros de jornais e revistas, abriu dados de 1928 a 2024 para novos olhares (Derrida, 2001), possibilitou identificar descrições físicas e de personalidade, relatos de rotinas e de passagens de vida, avaliações da obra, estereótipos, fotografias, testemunhos e autotestemunhos que se repetiram e se destacaram para retratar Manoel em sua complexidade aos olhos da mídia impressa. Isso nos permite apostar em perfis que congregaram elementos do imaginário do escritor no jornalismo impresso⁸⁵: o poeta-caramujo, o poeta rosiano e o poeta das infâncias.

As características costuradas na cobertura da imprensa – com ângulos distintos, a depender do autor, veículo e circunstância da pauta – trabalharam com a noção de multiplicidade. A mídia cruzou informações, descrições, interpretações, experiências, episódios e imaginários (Castro, 2018). As combinações, que resultaram em perfis/imagens/rótulos, foram adotadas a fim de tornar Manoel e seus livros noticiáveis, de enquadrá-los em valores-notícias como personalização, simplificação, notabilidade, novidade e proximidade/distância geográfica (Traquina, 2008).

Estudioso da composição das identidades, Tomaz Silva (2000, p. 37) aponta que a imprensa, por meio da linguagem, dissemina significados capazes de influenciar a construção e a atualização dessas leituras sobre acontecimentos e pessoas: “Através de suas mensagens, de sua periodicidade, a mídia trabalha com a repetição, elemento básico na construção das identidades”. Uma menção solitária no jornal não tem efeito importante em termos de produção de identidades. A influência se dá no efeito acumulativo, na repetição de descrições e ideias que ganham o imaginário de repórteres, editores e leitores.

As apostas dos perfis encaramujado, rosiano e infantil auxiliariam no mosaico de uma possível biografia de Manoel que contemplaria, também, o perfil de poeta do Pantanal⁸⁶, imagem tradicionalmente associada ao artista na imprensa e problematizada por diferentes abordagens em discussões acadêmicas. O escritor comentou, muitas vezes, que não lhe agradava o rótulo regional. “Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do Pantanal, meu negócio é com a palavra”, declarou a Thais Costa no perfil “O poeta do Pantanal”, publicado em 1989 na *Manchete* (p. 70).

⁸⁵ Utilizamos como metodologia o pensamento complexo de Morin (2011), que une o que está disperso para tentar compreender fenômenos, combinado à intermitência das imagens de Didi-Huberman (2011) e ao poder de descrição, metáforas e intuição da razão sensível de Maffesoli (1998).

⁸⁶ A pesquisa catalogou 307 registros de jornais e revistas com menções gerais ao Pantanal, dos quais 79 apresentaram Manoel como poeta/autor/escritor do Pantanal ou pantaneiro.

Reproduções 34 – Manoel de Barros em registros vinculados ao Pantanal



Fontes: Soares, *O Estado de S. Paulo*, 1989; Agualusa, *Públic*, 1994; *Pernambuco*, 2015.

Na entrevista “Um poeta no Pantanal”, assinada por José Eduardo Agualusa na *Público Magazine* (1994, p. 47), o escritor argumentou que o enlace com a palavra, somado à meninice rural, despertou o desejo de levar à arte termos da “fala do povo”, a sintaxe praticada pelos analfabetos. “Essa sintaxe do povo, bastante plural – porque eles não se orientam pela gramática e por isso podem falar de diversas maneiras –, disso eu gosto muito”, declarou o artista que, em outras entrevistas, também creditou a presença da paisagem, dos animais e dos homens rurais nos seus versos às vivências da infância na fazenda localizada na Nhecolândia. “Sou um depósito daquelas coisinhas do meu quintal”, afirmou a Anna Accioly, no *Cadernos do Terceiro Mundo* (1994, p. 17).

Os argumentos encontram guarida nas opiniões de comentadores do mato-grossense. Para Camargo (1996, p. 157), ler a obra de Manoel “nem sempre é ler o Pantanal”, já que a poesia do artista “transpõe o limite geográfico para ter o mundo como pátria”. José Fernandes (1983, p. 56), que abordou o “tropicalismo telúrico” do poeta, descreve um “regionalismo universalizado”, no qual os aspectos espaciais e culturais apenas situam personagens e histórias em uma narrativa de linguagem universal. Gracia-Rodrigues (2006) destaca a inspiração pantaneira e a recriação por meio das palavras.

A poesia de Manoel de Barros não é uma representação naturalista do Pantanal, porém recria, a partir da memória, uma parte desse cenário brasileiro: águas, bichos, árvores e pedras em um mundo de musgos e de lagartos, com palavras que bafejam halo de vida. Assim, o poeta nos traz a memória de coisas (que, de tão esquecidas, tornaram-se desconhecidas) e nos apresenta um lado insólito da vida: o olhar do poeta mapeia o chão e seus componentes; reedita a criação do mundo, ordena as formas do caos em um “logos” com a pureza da ancestralidade mítica (Gracia-Rodrigues, 2006, p. 33).

Manoel explorou as vivências pantaneiras a fim de desenvolver o trabalho estético que vislumbrou um “estado de poesia” que, nas palavras de Chaves (2017, p. 16), prega valores e ideias sobre a vida e a sociedade contrários ao utilitarismo. Esse estado de poesia está presente nas leituras sobre o autor e sua obra, que incluem os enquadramentos de poeta do Pantanal, poeta-caramujo, poeta rosiano e poeta das infâncias. Optamos por não avançar em uma análise específica – a partir do material publicado por jornais e revistas – do imaginário pantaneiro por entendermos que perpassa as demais imagens.

O jeito encaramujado do autor dialoga com a solidão na fazenda, onde ele viu desde menino lesmas, caramujos e outros seres pequenos. Foi no Pantanal que ele teve as primeiras percepções de mundo, rememoradas na forma de versos. No mesmo espaço, fantasiou o encontro com Rosa, um escritor que também buscou inspiração nas paisagens e na voz do homem rural. O Pantanal está no caramujo, na relação com Rosa e na infância, exemplo da natureza hologramática do fenômeno complexo descrito por Morin (2011, p. 74), na qual “a parte está no todo, mas o todo está na parte”.

5.1 Perfis e imaginário no jornalismo impresso

O jornalismo impresso deu sentido de existência a Manoel perante grande parcela de leitores graças ao discurso midiático. Principal produto e resultado do funcionamento da mídia, esse discurso espalha no “imaginário social” e dá legitimidade às descrições feitas e repetidas por décadas, destaca Adriano Rodrigues (2012, p. 236). Fragmentos apareceram em determinado ano, sumiram, reapareceram, sumiram outra vez na dinâmica dos vagalumes, que desapareceram no breu para, quem sabe, serem percebidos em outro local, como ilustra Didi-Huberman (2011) sobre o fluxo de aparição das imagens.

A saga de Manoel foi contada de forma intermitente na imprensa por centenas de repórteres, críticos e por ele próprio, o que torna o conjunto de aparições um multiperfil com vários narradores, seguindo a definição de Sodré e Ferrari (1986). No jornalismo, o perfil é o gênero que apresenta ao leitor o personagem da vida real, reconstruído na forma de texto, situa Paniago (2008). Diante da multiplicidade e complexidade de registros catalogados, apostamos na possibilidade de mais de um perfil do poeta porque esse tipo de texto jornalístico, como entende Sérgio Vilas-Boas (2014), concentra-se em um recorte específico da trajetória de uma pessoa.

Vilas-Boas (2014, p. 285) lembra que o perfil não é a “palavra final” sobre alguém, tampouco um retrato natural e espontâneo, e seu resultado passa pela interpretação dos fatos e testemunhos apurados por quem o redige. O biógrafo Ruy Castro (2022, p. 27) frisa que o perfil escolhe um ângulo de abordagem, pois o termo “já indica que o personagem está sendo visto de um só lado – de perfil”. O gênero, portanto, permite narrar trajetórias de vida por mais de um gancho, por mais de uma aposta de enquadramento. “O sujeito poderá ter outros perfis, exatamente porque é parte da dinâmica humana a mudança e, quem sabe, se merecedor, algum dia a biografia que tentará enquadrá-lo definitivamente na moldura da compreensão”, afirma Paniago (2008, p. 153).

Edvaldo Pereira Lima (2002) registra que perfil e biografia são gêneros usados para contar histórias de vida. A biografia busca analisar toda uma vida, enquanto o perfil, que ganhou espaço nos Estados Unidos a partir dos anos 1920 e posteriormente chegou ao Brasil, foca a fotografia do momento em que o texto será publicado. Elementos do passado ajudam a contextualizar, porém o foco da narrativa é o presente e com base em informações checadas. O repórter, na feitura do perfil, segue parâmetros comuns ao biógrafo, que não pode criar ou falsear atos e falas, pois, de acordo com Caballé (2021, p. 84), “trabalha com evidências que não permitem a ficcionalização dos fatos que desconhece”.

Paniago (2008, p. 29) ressalta que o sucesso de um perfil depende da capacidade de convencer o leitor, de transmitir sentimento de “verdade” e “verossimilhança”. O gênero explora as singularidades do indivíduo, um sujeito com passado, preferências e relações familiares e de trabalho, o que evidencia o caráter complexo da narrativa. Perfis reúnem partilhas, narrações e testemunhos. Nos multiperfis, os fragmentos são publicados de maneira intermitente com o correr dos anos. A costura de rastros nas páginas visa orientar, no “labirinto da realidade”, as compreensões em relação a Manoel (Ginzburg, 2007, p. 7).

Influenciados pela dinâmica que tornou Manoel famoso na velhice, jornais e revistas retrataram instantes da carreira do autor pelo olhar dos autores dos textos, conforme indicam os títulos de reportagens, entrevistas, perfis e resenhas: “Nasce um poeta, aos 72 anos” e “Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito”, publicaram *Isto É Senhor* (Fagá) e *Folha de S. Paulo* (Gonçalves Filho) em 1989; “Com lama, suor e solidão”, apresentou *Veja* (Mayrink) em 1994; “A eterna infância de Manoel de Barros”, noticiou *O Estado de S. Paulo* (Brasil) em 2006; “Um poeta possuído pelas imagens”, veiculou *Correio Braziliense* (Aquino; Francisco) em 2014.

As descrições da mídia escrita alimentaram o imaginário do mato-grossense. Segundo Ana Barros (2010, p. 128), o imaginário vai além de um repositório de descrições e ícones; o imaginário reúne imagens vistas como “modos de a consciência (re)apresentar objetos” que não estão diretamente diante dos indivíduos. São ideias, leituras que influenciam o que pessoas e grupos pensam sobre algo ou alguém. Para Silva (2006, p. 11-12), o imaginário combina características de “reservatório” e de “motor”. Reúne imagens, sentimentos, visões de mundo, impulsos e, ao mesmo tempo, os faz circular. Essa circulação faz parte da essência do jornalismo, que é revelar informações, produzir versões dos acontecimentos seguindo técnica própria, levando-os “do estado escondido ao não-escondido” (Silva, 2006, p. 104). A produção da imprensa afeta o olhar do público, “modifica a percepção do destinatário”, auxilia a fabricar “visões de mundo” de modo a influenciar, com o tempo e as repetições, os imaginários (Silva, 2006, p. 106).

Maffesoli (2003) lembra que a emissão, no meio midiático, não controla de forma efetiva a recepção do público, apesar de tentar induzi-la. As informações divulgadas congregam imagens e emoções dispersas, organizam representações que podem ser compartilhadas pelas pessoas em grupo segmentados. O sociólogo, que reflete acerca dos imaginários, argumenta que a realidade é marcada por uma “polissemia” que contém “parcela de quimeras, imaginações” (Maffesoli, 1998, p. 119). Esse inconsciente está em constante atualização, em um movimento dialógico, no qual imagens do passado influenciam percepções do presente ao mesmo tempo em que são atualizadas por essas constatações. Ao resenhar, perfilar ou entrevistar Manoel nos anos 1990, um repórter/crítico buscou informações e opiniões de registros jornalísticos antigos que impactaram a construção do novo texto, um movimento repetido a cada material inédito publicado pela imprensa.

Segundo Damasceno (2002, p. 64), registros de histórias de vida são produzidos em um contexto no qual “identidades não podem e não devem mais ser pensadas, estudadas, analisadas e descritas como entidades estáveis”. A autora considera essas trajetórias “sistemas complexos”, compostos por “fragmentos discrepantes”, que são integrados de forma artificial na tentativa de dar significados a dados dispersos (Damasceno, 2002, p. 55-56). A reflexão se aplica ao imaginário, que também se forma pela repetição das informações em determinado círculo social, fator que levamos em conta nas apostas dos perfis encaramujado, rosiano e infantil. O material jornalístico que mencionou Manoel possibilitou organizar mosaicos na linha do que Edel (1984) cita das biografias: acumulados de pedaços da realidade ordenados para formar imagens. A analogia dialoga com a alegoria do quebra-

cabeça (*puzzle*) usada por Maffesoli (2003). No espaço da mídia, as imagens/ideias/impulsos que estão dispersas são agrupadas pelas informações, auxiliando a compor imaginários.

A imprensa coloca em circulação, por meio do discurso das notícias, múltiplas imagens. Moura (2012, p. 208) lembra que a notícia “não é a representação transparente dos fatos, mas a articulação discursiva destes mesmos fatos”, o que leva ao surgimento de significados. Motta (2012, p. 222) comunga do alerta e afirma que a maioria dos textos noticiosos forma relatos fragmentados e mal-acabados, característica que o faz definir a narrativa jornalística como “apresentação da realidade em movimento”, vinculada a pensamentos, conteúdos e imagens num contexto histórico. Presente nos jornais e revistas, Manoel teve vida e obra descritos pela narrativa que apostou em representações.

A narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente correntes, colocá-los a prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade. Esse papel cognitivo ocorre no dia a dia do jornalismo de maneira dinâmica, em constante recorrência, identificação ou confrontação com o senso comum, que serve de referência simultânea a jornalistas e audiências (Motta, 2012, p. 233).

Agente no contexto sociocultural e porta para o universo real-imaginário (Castro, 2012), a mídia destacou aspectos do poeta a parcelas da população em diferentes locais e momentos. Os registros inventariados foram publicados por veículos de todas as regiões do país em uma linha do tempo dos anos 1920 aos 2020. Um trabalho de repetições intermitentes para formar e atualizar identidades fluídas (Hall, 2016). Jornais e revistas selecionaram, informaram, contextualizaram, avaliaram e apresentaram perfis/imagens que passaram e passam por atualizações, influenciando a construção do imaginário de Manoel.

5.2 O poeta-caramujo

Manoel apareceu nos jornais e revistas ao longo das décadas como um homem tímido, recluso, sábio e visionário. “Circunspecto como todo bom poeta” e “arredio às confrarias literárias” (Guizzo, *Grifo*, 1979, p. 50), “poeta louco” (Medeiros, *Jornal da Cidade*, 1983, s/p), “esquivo e casmurro” (Lobato, *O Globo*, 1990, p. 1) e “sempre comedido na fala” (Rodrigues, K., *O Globo*, 2014, p. 1) foram descrições publicadas a respeito do artista que viveu em “ostracismo voluntário” (Borges, *O Estado de S. Paulo*, 1989, p. 12), “buscou exílio no mundo dos bichos” (Gonçalves Filho, *Folha de S. Paulo*, 1989, G3) e

reconheceu ser um “tremendo caramujo” em entrevista ao jornal *A Crítica*: “Da imprensa falada sou um escutador, da imprensa escrita sou um bom leitor, e da TV sou quase vidiota. Em jornais já escrevi, nunca falei na TV nem apareci no vídeo. Sou um tremendo caramujo” (Brambilla, *A Crítica*, 1986, p. 10).

Manoel conviveu com a imagem de retraído e exótico, explorada por décadas pela mídia, que forneceu peças ao mosaico que nos permite vê-lo pelo ângulo de poeta-caramujo. A alegoria do molusco foi usada em 1988 por Joel Pizzini no curta *Caramujo-Flor*, cujo título remeteu ao poema “Os caramujos-flores”, publicado em *Arranjos para assobio* (1982). O caramujo foi citado em outras 11 obras do escritor mato-grossense, um caso no qual, seguindo as reflexões de Morin (2017, p. 103), arte e estética alimentaram “o imaginário por meio do real e o real por meio do imaginário”. Em 1991, Manoel concedeu entrevista a Adélia Maria Lopes, veiculada pela revista paranaense *Nicolau* (p. 4-6), na qual explicou sua “fixação” nos caramujos: os animais são “enrolados”, a espiral da concha “é um símbolo de eterna renovação” e nas escórias é que “o caramujo alimenta as suas fantasias”.

Reproduções 35 – Manoel de Barros em registros de poeta-caramujo



Fontes: *A Crítica*, 1986; *O Globo*, 1987; *Veja*, 1994.

Elemento central do perfil encaramujado, a timidez⁸⁷ é chamada por Cyrulnik (2012, p. 14-15) de “detrator interno”, o “veneno da vergonha” que impede o sujeito de falar e que o faz atribuir muita importância ao olhar externo. Cain (2012, p. 4) coloca a timidez ao lado da introversão, da sensibilidade e da seriedade na relação dos traços de “personalidade de segunda classe”, definidos em uma sociedade que valoriza o “ideal da extroversão”⁸⁸. A escritora ressalta que nem todo introvertido é tímido, já que “timidez é o medo da desaprovação social e da humilhação, enquanto a introversão é a preferência por ambientes que não sejam estimulantes demais” (Cain, 2012, p. 12).

⁸⁷ A timidez é abordada em, ao menos, 142 registros jornalísticos catalogados nesta pesquisa.

⁸⁸ Crença de que o ser ideal sente-se confortável sob a luz dos holofotes. O extrovertido prefere a ação à contemplação, a tomada de risco à cautela, a certeza à dúvida (Cain, 2012).

Pelos relatos e autorrelatos publicados, Manoel combinou introversão e timidez, em especial quando precisou falar em público ou conceder entrevistas para rádios e TVs. O escritor, que destacou a “sengraceira” do temperamento (Turiba; Borges, *Bric-a-Brac*, 1989, p. 35) e disse ser “invencível neste negócio de timidez” (Zappa, *Jornal do Brasil*, 1998, p. 1), afirmou a José Castello se considerar “esquizofrênico” por causa da combinação de “timidez excessiva” e “narcisismo”. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1997, o autor descreveu episódios de vômito em um julgamento e de desmaio em uma rádio, citados em, ao menos, sete oportunidades por jornais e revistas a partir dos anos 1990.

Imagine a cena: aquela mesa longa, o juiz postado na cabeceira, eu sentado diante dos autos. É minha vez de começar a falar. Então, antes de dizer a primeira palavra, eu me curvo sobre os documentos e vomito. [...] Um dia convidam-me para um programa na rádio em que os escritores brasileiros iam ler franceses. Eu deveria ler um poema de Aragon. O programa está no ar. É minha vez de ler. Mas, antes de dizer a primeira palavra, eu desmaio (Barros *apud* Castello, *O Estado de S. Paulo*, 1997, p. 3).

Em 2019, após a morte do escritor, Maurício Meireles, na *Folha de S. Paulo* (C3), relembrou as cenas do vômito e do desmaio que ilustraram “a proverbial timidez do autor” e mostraram “como aquele mundo jurídico e sua retórica solene em tudo diferiam do caminho que Manoel escolheu para si”. Antes, em 1990, no jornal *O Globo*, Eliane Lobato descreveu o artista que não gostava de sessões de autógrafos e, segundo Martha, dava “boa tarde de noite e boa noite de manhã”. O episódio do desmaio foi lembrado.

Manoel de Barros é considerado um homem esquisito. E não é porque ele bota ‘gravata em urubu’ ou ‘estrela em obra de borboleta’ em seus poemas. É porque ele se encaramuja de forma muito peculiar. Algumas lendas o cercam por causa disso. Uma delas conta que, há muitos anos, ele cedeu a um convite de Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto para recitar um poema num programa de rádio. O poeta ficou dias se preparando para enfrentar o microfone, mas quando chegou perto dele não aguentou: desmaiou e teve que ir para o hospital (Lobato, *O Globo*, 1990, p. 1).

No livro *O poder dos quietos*, Cain (2012) afirma que introvertidos crescem ouvindo comentários depreciativos em casa, na escola e entre amigos. Foi o que ocorreu com Manoel, conforme relatos jornalísticos. Em 1944, antes de o poeta completar 30 anos, o diplomata e amigo de infância Mário Calábria o descreveu no jornal *O Momento*, de Corumbá, como um rapaz “triste”, “solitário”, “baixo”, que usava bigode e óculos de tartaruga, que “nasceu de poesia” e só se importava com o estado poético das coisas.

Menino rico, ele se veste mal e chega a ser displicente demais. Filho de família poderosa pelo dinheiro e pelas terras, ninguém se sente menos que ele e ninguém se vê mais estranho em todos os lugares. Alguns o têm como o doidinho da família, outros o desprezam pela sua geral inaptidão para coisas práticas (Calábria, *O Momento*, 1944, s.p.).

As expressões “menino rico”, “displicente”, “doidinho da família” chamam atenção porque ajudaram a semear imagens que acompanharam o artista. Em 1979, a José Octavio Guizzo, na revista *Grifo* (p. 51), Manoel relatou a “inaptidão para o diálogo que gerou o poeta”, por isso a preferência por se expressar pela palavra escrita. “Se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio”, contou. Dez anos antes, em 1969, o *Jornal do Brasil* publicou reportagem que mencionou o autor “tímido” e premiado.

Fazendeiro em Corumbá, Mato Grosso, Manoel de Barros nunca pensou em ganhar nem ganhou dinheiro com a literatura. Antes de possuir a fazenda era advogado, “mas advogado frustrado, porque a profissão é totalmente incompatível com a minha pessoa”. Sua natureza tímida nunca lhe permitiu a convivência com os círculos literários do país e o afastou dos problemas vividos diariamente pela classe (Araújo, *Jornal do Brasil*, 1969, p. 7).

A timidez apareceu entre as justificativas do reconhecimento tardio. Em dezembro de 1988, no *Jornal do Brasil* (p. 1), Eva Spitz questionou Manoel acerca do tema. Ele respondeu que se devia, em parte, à sua própria “negligência” e por não ter “boa convivência com a glória”. A repórter registrou que o poeta se escondia no Pantanal e o qualificou como “bom administrador dos seus bens” e “discutível promotor de si mesmo”, por ser “profundamente tímido”. Por isso, era do tipo “dos que precisam ser descobertos”.

Manoel lidou ao seu modo com a vergonha e o desejo de ser reconhecido. “Eu publicava os livros e sumia para o Pantanal, me sentia desonrado porque não acontecia nada”, declarou a João Borges, em 1989. Na mesma entrevista, veiculada n’*O Estado de S. Paulo* (p. 12), o escritor admitiu que pretendia trabalhar mais para divulgar sua criação, porém evitaria comparecer às sessões de autógrafos porque “isso me violentaria muito, me causaria um sofrimento enorme”. Ele encarou a timidez, participou de sessões, mas destacou o desconforto a Ana Cristina Pereira, do *Correio da Bahia* (1998, p. 6): “Já fui a três ou quatro bienais de livros para dar autógrafos. Mas padeço muito com isso. E ao fim tenho uma espécie de descarrego que é uma doença de fraqueza que me prosta”.

Teórico dos estigmas⁸⁹, Goffmann (1981) aponta um esforço da pessoa maculada para se adaptar à expectativa normativa. Esse esforço também parte dos demais indivíduos do grupo social, caso o estigmatizado conquiste êxito profissional. Manoel e a mídia impressa se adaptaram para uma relação de benefício mútuo. E ambos incluíram a timidez do autor entre as justificativas pela demora no reconhecimento de público e crítica.

Reproduções 36 – Manoel de Barros em registros de poeta-caramujo



Fontes: *O Estado de S. Paulo*, 1987; *Diário da Serra*, 1993; *O Estado de S. Paulo*, 2010.

Cyrulnik (2012, p. 9) frisa que a vergonha não é imutável: “Pode-se passar da vergonha ao orgulho quando nossa história evolui ou conforme o modo como ocupamos um lugar em nosso grupo cultural”. Manoel orgulhava-se da obra e visou fama, honra, glória e reputação, as “quatro formas de construção do renome, da imagem de si para os outros”, citados por Coelho (1999, p. 23). O poeta não se tornou uma estrela midiática, mas obteve sucesso de crítica e de vendas, mediante estratégia ambígua que visava maior controle narrativo sobre si, com preferência por entrevistas por escrito e raras aparições no vídeo.

A mídia destacou a timidez, mas ponderou que Manoel não era totalmente fechado. Amiga do poeta, Anna Accioly assegurou na revista *Desfile* (1990, p. 117) que o autor “encanta a todos os que dele se aproximam por sua afabilidade, sua alegria, seu humor fino”. A descrição tem relação com o que Cain (2012, p. 74) diz dos introvertidos, que preferem “devotar suas energias sociais aos amigos íntimos, colegas e família”.

O perfil de poeta-caramujo contempla, ainda, uma faceta exótica abordada pela mídia nos relatos de processo criativo, com destaque para o pequeno escritório onde Manoel lia, pesquisava em dicionários e escrevia, o “lugar de ser inútil” (Abreu, *O Povo*, 2014, p. 1). No cômodo, ele passava as manhãs solitário a anotar frases de “bêbados” e de “crianças” para

⁸⁹ Goffman (1981) entende o estigma como um atributo depreciativo que torna o indivíduo “inabilitado” à aceitação “social plena”. A identidade social virtual – baseada nas expectativas normativas – é diferente da identidade social real – vivenciada no dia a dia. Alguns estigmas, pondera, não são de todo negativos, são associados ao sobrenatural, a exemplo de um “sexto sentido”.

criar “inutensílios”, “alicate cremoso” e “sanfonas para tocar o erro” (Barros, AL, *Jornal do Brasil*, 1996, p. 6). O hábito tem correspondência com outra descrição de Cain (2012, p. 74): os introvertidos “muitas vezes sentem que se exprimem melhor escrevendo do que falando” e gostam de trabalhar só porque “a solidão pode ser um catalisador da inovação”.

A imagem exótica foi alimentada por Manoel em poemas e entrevistas. Ele se apresentou como “vagabundo profissional” (Domingos, *O Estado de S. Paulo*, 2014, C1) e “bugre civilizado” (Pen, *Folha de S. Paulo*, 2004, E4) e foi chamado “sábio demiurgo” (Costa, *Diário da Serra*, 1987, p. 16), “poeta com máscara de filósofo popular” (Grünwald, *O Globo*, 1996, p. 4) e “meio santo, meio caracol” (Zappa, *Jornal do Brasil*, 1998, p. 1).

A ideia de um “sexto sentido”, conforme Goffmann (1981, p. 8), também é associada aos estigmas, porém na condição de “atributos desejáveis mas não desejados”, associados ao sobrenatural. O mato-grossense foi descrito como homem que “enxerga beleza nas coisas mais singelas e transforma em palavras o que imagina” (Guimarães, *O Globo*, 2014, p. 3), poeta que ensina “a enxergar o mundo de outra forma” (Soto, *O Globo*, 20214, p. 4), escritor “que desregrou sistematicamente a percepção, tendo se tornado vidente” (Leia, 1987, p. 18).

A marca exótica e visionária dos poetas é verificada desde as sociedades clássicas. Segundo Castro e Dravet (2014, p. 11), o poeta aparece na condição de “dizente entre mundos, médium dos deuses, das musas, dos oráculos”, “o arauto, o aedo, o louco, o sábio, o profeta ou o conselheiro”. Morin (2005, p. 9) afirma que a poesia não é apenas a expressão literária, mas um estado do “Ser”. O filósofo considera o sentimento estético uma modalidade do estado poético, que leva à contemplação e ao êxtase com o que pode parecer banal ou sem razão (Morin, 2017). A reflexão exprime pensamentos que o poeta-caramujo percorreu na imprensa: “Temos de desver a natureza para inventar outra. Assim, hoje eu vi uma garça com olhar de oceano” (Portella; Ranieri, *Revista da Cultura*, 2012, s/p).

5.3 O poeta rosiano

Em 1º de dezembro de 1990, o professor, ensaísta e poeta Frederico Barbosa elogiou Manoel, no jornal *Folha de S. Paulo* (F7), por buscar uma sintaxe elaborada, combinada a palavras precisas “que lembram em muito a prosa/poesia de Guimarães Rosa”. Oito dias depois, Paulo França registrou no *Correio Braziliense* (p. 4) que o mato-grossense “está para a poesia assim como Guimarães Rosa está para a prosa, segundo a *intelligentzia* brasileira ”.

Quatro meses antes, Anna Accioly escreveu na revista *Desfile* (1990, p. 116) que o artista tinha “para a poesia o mesmo impacto que Guimarães Rosa teve para a prosa brasileira”.

As associações ao autor de *Grande sertão: veredas* aparecem de vez na mídia escrita no final dos anos 1980, quando Manoel furou a bolha dos jornais e revistas de grande circulação. A crítica Berta Waldman afirmou à *Isto É Senhor* (Rocha, 1990) que o escritor estava mais próximo da prosa rosiana do que da poesia de Drummond e João Cabral. O poeta e jornalista Cláudio Rodrigues, no *Jornal do Brasil* (1994, p. 8), enalteceu o artista por transcender “a geografia e a palavra, recriando vocabulário como um Guimarães Rosa da poesia”. O rótulo “Guimarães Rosa da poesia” foi repetido por décadas, com exemplos na *Folha de S. Paulo* (Couto, 1996), *Poesia Sempre* (1999), *O Globo* (Ventura, 2006) e *O Fluminense* (Oliveira, 2015).

Reverências efusivas de Manoel a Rosa e relatos de uma suposta amizade também constaram na imprensa, que, por meio de repetições intermitentes de significados, via linguagem, colaborou para moldar o imaginário que relaciona os escritores (Hall, 2015). “Reivindico o lugar de leitor número um de Guimarães Rosa. Ele inventou outra língua portuguesa”, derreteu-se o poeta em resposta ao *Estado de Minas* (Andrade, 1998, p. 5).

A entrevista ao jornal mineiro consta no inventário formado nesta pesquisa, no qual o romancista foi o autor mais vezes mencionado ao lado de Manoel, em 104 registros publicados por veículos de comunicação. Os relatos de encontros entre os dois escritores foram identificados em 47 oportunidades, das quais 17 em entrevistas do autor mato-grossense. Os dados e as descrições guiaram a aposta no perfil de poeta rosiano.

Reproduções 37 – Manoel de Barros em registros de poeta rosiano



Fontes: *Jornal do Brasil*, 1994; *Correio Braziliense*, 2014; *Estado de Minas*, 1998.

Um dos motivos de jornais e revistas citarem Rosa foi avaliar a qualidade de Manoel. Em 1989, a revista *Manchete* (Costa) o colocou entre os admiradores do poeta. Luís Araújo Pereira, em *O Popular* (2002), citou a comparação para ilustrar o prestígio conquistado pelo mato-grossense. Eduardo Sterzi anotou em *Zero Hora* (1996, p. 12) que, “como na obra de Rosa, a linguagem de Manoel de Barros se desarticula e se reinventa em busca da fala pantaneira”. A relação, incentivada por Manoel, ampliou o valor-notícia do poeta e auxiliou a justificar o espaço que ele recebeu na imprensa (Traquina, 2008).

As associações também se deram no âmbito acadêmico. Fernandes (1983, p. 64) situou Manoel ao lado de Rosa e Graciliano Ramos como escritores cujas obras foram além do “registro quase etnográfico e histórico das tradições e acontecimentos de cada região”. Conforme Marinho e Magalhães (2004, p. 43), Manoel e Rosa “exploraram os dialetos regionais como fonte de inspiração” de obras universais. Camargo (1999, p. 47) avalia que o sertanejo virou “par” do bugre pantaneiro, dois seres de relação lúdica com a realidade. Segundo Gracia-Rodrigues (2006, p. 11), os autores têm “similaridades no discurso, na escolha vocabular e na reflexão metalinguística”, que causam estranhamento no leitor.

É o que percebemos em nossos dois autores: liberdade criadora, comunhão com a voz do povo, busca de novos modos expressivos, neologismos lexicais; procedimentos linguísticos que procuram recriar o existente, manipular de modo sutil os recursos poéticos conhecidos (Gracia-Rodrigues, 2006, p. 157).

A capacidade de Rosa ao explorar o sentido das palavras em um texto com a voz do homem rural chamou atenção de Manoel, que contou, em 2010, a Daniel Piza (*O Estado de S. Paulo*, S8), ter lido *Sagarana* e ficado “roseado”. A coletânea foi lançada em 1946, dez anos antes de o poeta afirmar à revista *Terra e Gente* (1956, p. 109) que *Com o vaqueiro Mariano* era uma “pequena obra prima do estilo, que fixa com grande beleza e simpatia humana, o tipo de nosso vaqueiro do Pantanal”. Na ocasião, o mato-grossense se revelou admirador do prosador, *status* que reforçou ao *Diário de Notícias* (1960, p. 2), ao citar o desejo de fazer um ensaio sobre *Cara-de-Bronze*: “Vou abordar a aproximação concreta que ele faz do mundo vivo e vegetal. Aproximação léxica, sintática, semântica”, disse.

Em 1961, Manoel elogiou o escritor na coluna “Viola de Côcho” (*Correio do Estado*). No mesmo ano, a poeta Stella Leonardos, no *Diário de Notícias* (s/p), ligou os autores depois de ler *Compêndio para uso dos pássaros*, que ofereceu poesia “companheira, pela sintaxe e o sentimento, dos vaqueiros de alma poeta de Guimarães Rosa”. O livro,

lançado graças à vitória no Orlando Dantas, recebeu epígrafe⁹⁰ com trecho de *Cara-de-Bronze* e foi enviado a Rosa com dedicatória⁹¹: “Ao meu amigo João Guimarães Rosa, esses meus inhos engenheiros, engenheirinhos. Com os agradecimentos pela pg. 10 e um abraço do seu constante admirador, Manoel de Barros” (Galharte, 2007, p. 66).

Os relatos de fascínio podem levar ao engano de que Manoel definiu seu estilo após a leitura do ídolo (Camargo, 1999; Gracia-Rodrigues, 2006; Galharte, 2007; Andrade, 2017). *Poemas concebidos sem pecado* foi lançado em 1937. *Sagarana* data de 1946 e *Grande sertão: veredas* de 1956. Gracia-Rodrigues (2006, p. 28) declara que, como Rosa obteve fama nos anos 1940, o poeta é “erroneamente considerado seu seguidor” ou “imitador”. A pesquisadora atesta que, em 1937, o mato-grossense já apresentava as bases do projeto estético que bebeu da linguagem regional. O sucesso do romancista revelou no poeta o “rosiano que já existia sem a força do original que lhe é posterior”, argumenta Gracia-Rodrigues (2006, p. 91), que registra influências similares na trajetória dos dois artistas.

Guimarães Rosa e Manoel de Barros nasceram no começo do século XX, um em 1908 no sertão de Minas, diante da imensidão dos Gerais, o outro em 1916 no sertão de Mato Grosso, tendo ao pé de si a imensidão do Pantanal. Ambos foram para as capitais, formaram-se e andaram pelo exterior. Ambos começaram a escrever muito cedo, sob o impacto das vanguardas europeias e a incorporação das novas estéticas à realidade brasileira pelos modernistas de 22. Jovens, definiram o desejo de elaborar obra inventiva, calcada na realidade de seus respectivos sertões (Gracia-Rodriguez, 2006, p. 272).

Andrade (2017, p. 14) defende que as relações pessoais e de trabalho dos dois autores, em especial no Rio de Janeiro, contribuíram para a diferença temporal na aceitação das obras, embora o estilo verbal de ambos seja “aproximável”. Manoel foi estudante e advogado de atuação discreta até retornar ao Pantanal para se tornar fazendeiro. Médico, Rosa foi diplomata – a exemplo de João Cabral, Houaiss e Vinicius de Moraes – e exerceu cargos de chefia no Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores). Ele trabalhou “na esfera pública nos mais altos postos destinados aos letrados” (Andrade, 2017, p. 14) e manteve relação estreita com intelectuais e empresários que atuaram na imprensa e no setor editorial.

⁹⁰ – Que era quê? / – Essas coisas... / ... / O vaqueiro Abel: não-entender, não-entender, até se virar menino / O vaqueiro José Uéua: jogar nos ares um montão de palavras, moedal. / O vaqueiro Noró: conversação nos escuros se rodeando o que não se sabe. / O vaqueiro Tadeu: queria era que se achasse para ele o quem das coisas! / O vaqueiro Calixto: essas coisas que o Grivo falou: – Sabiá na muda: ele escurece o gorjeio... Pássaro no mato em toda parte voa torto – por causa de acostumado com as grades das árvores... (Barros, 2010, p. 93).

⁹¹ Exemplar no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (Galharte, 2007).

As comparações não geraram somente comentários positivos. Registramos avaliações negativas da obra de Manoel, embora minoritárias. N’*O Estado de S. Paulo* (2003, D4), José Nêumanne pôs o escritor entre os “imitadores” do prosador. No artigo no qual disse que o mato-grossense tinha “sabor artificial de galinha caipira”, na *Folha de S. Paulo* (1993, p. 12), Marcelo Coelho considerou um exagero cotejá-lo a Rosa. Na academia, Bosi (1995, p. 448) ponderou que o poeta lembrou espaços e aventuras mitopoéticas, “sem ombrear, é certo, com a sustentada densidade estética do grande narrador”.

Manoel, que obteve fama duas décadas após a morte de Rosa, admitiu à *Poesia Sempre* gostar da associação. Questionado por Ivan Junqueira (1999, p. 198) acerca do juízo “Guimarães Rosa da poesia”, indicou “um certo descomportamento” com o idioma na relação. “Nossa sintaxe é desanormal. E misturamos o erudito com o nosso caipirismo”, afirmou. Para Ana Cecília Martins (2005, p. 11-17), disse ter ficado orgulhoso por ter ouvido de Rosa que “se alguém enxerga semelhança entre nós é porque trazemos para a escritura nosso caipirismo”. Ao *Correio da Bahia*, reforçou o apreço pela comparação.

Gosto muito. E me incho com ela feito sapo brabo. Penso que o Rosa é mais poeta do que prosador, pelo gosto que exhibia com as palavras. Até acho a linguagem do seu personagem mais importante. Penso que a comparação vem disto. Que o poeta era um ser de linguagem. Ele gostava das ressonâncias letrais. E eu também gosto. Ele gostava das sintaxes de retravés e eu também gosto. Creio que nisso se inclui buscar novos sentidos para as palavras (Barros *apud* Pereira, *Correio da Bahia*, 1998, p. 6).

Manoel aproveitou entrevistas para reforçar o imaginário da amizade. “Fui amigo do Rosa. Temos coisas em comum. A gente tinha uma brincadeira: arrombar as gramáticas”, declarou a Míriam Botelho, no *Diário de Cuiabá* (1998, E1). A relação foi descrita nas versões dadas pelo poeta, que comentou o tema na mídia a partir dos anos 1980, quando Rosa, que morreu em 1967, já não poderia se manifestar. Em 1956 e 1960, à *Terra e Gente* e ao *Diário de Notícias*, Manoel limitou-se a elogiar o mineiro. Em 1987, *O Globo* (Neto, p. 6) registrou que o poeta conviveu com Rosa, sem detalhar encontros. Em 1989, *Bric-a-Brac* (Turiba; Borges, p. 41) e *O Estado de S. Paulo* (Borges, p. 12) mencionaram o autor como “espécie de guia pantaneiro” do ficcionista. Por escrito, após troca lapidada de respostas com repórteres por meses, o poeta descreveu na *Bric-a-Brac* uma versão da experiência.

E passarinho, Manoel? Rosa me especulava por trás do couro, como quem sonda urubu. Queria saber de um tudo. De avoador, eu disse, só urubu, garça, cracará — esses pássaros grandes. O resto quase é inominado. Passarinho pequeno é passarinho à-toa. Rosa sabia essas coisas, só estava me sondando. Falei para ele. Isso é como a gente não saber o nome de todas as pessoas que vão atravessando o Viaduto do Chá. Rosa estrelou sua risada. É isso mesmo, Manoel. É tanta gente que não se sabe o nome. E passarinho é gente daqui. E o tordo, qual é a letra do canto que ele canta? (Barros *apud* Turiba; Borges, *Bric-a-Brac*, 1989, p. 43).

Manoel datou na entrevista o encontro em 1953 e citou que, anos depois, recebeu de Rosa exemplar com dedicatória de *Com o vaqueiro Mariano*, escrito após a expedição. O livro, contudo, saiu em 1952. O caso pantaneiro é elemento importante do mosaico da imagem de poeta rosiano. Catalogamos, ao menos, 25 registros de jornais e revistas sobre o encontro no Pantanal, dez com menções à viagem no mesmo vapor no Rio Paraguai. As datas variaram, com menções a 1946, 1947, 1952 e 1953 em *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, *Folha do Povo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Um especial da revista *Caros Amigos* abriu com a descrição de como teria sido o encontro.

O mito se encontrava apoiado na balastrada da embarcação, olhando andorinhas que se dirigiam ao pôr-do-sol. A cena se passa na década de 40 e o encontro se deu num barco no “mar paraguaio” do Pantanal sul-mato-grossense. Transbordando encantamento, o rapaz franzino se aproxima do grande escritor, que todo aristocrático se abanava num leque. “Andorinhas encurtam o dia.” Ao fazer o verso de improviso, iniciou-se a amizade entre o poeta e o seu mito. As semelhanças entre Guimarães Rosa e Manoel de Barros adquiriram formas evidenciadas em suas trajetórias literárias e pessoais, a partir daquele instante (Martins; Diegues; Trimarco, *Caros Amigos*, p. 29).

No mesmo especial (p. 30), Manoel relatou que o “mito” lhe disse ter posto o “idioma a meu jeito a fim que eu me fosse nele”. Em seguida, perguntou sua opinião: “Respondi: Eu andei procurando retirar das palavras suas banalidades”. Em 1996, o poeta apareceu, n’*O Globo* (Orsini), na notícia “Autor é lembrado por fãs famosos”, com trechos de um programa *Globo Ecologia* sobre Rosa. Foi uma das raras gravações do mato-grossense para TV. “Fui me encostando devagarinho, com medo, nervoso, eu tinha uma admiração, ele pra mim é um Deus, ele é um gênio da língua portuguesa, aprendi muito com ele”, contou.

Manoel relatou a Paulo França, no *Correio Braziliense* (1990, p. 4), que conheceu o “gênio da língua portuguesa” quando o procurou no vapor e viu que era “dócil ao primeiro encontro”. Segundo o admirador, o prosador afirmou que “se o capim treme fora do olhar tem que tremer dentro do olhar”, questionou se ele era poeta e lhe deu um abraço. “Ficamos

um pouco por conta do silêncio: queria tanto saber como Rosa encheu aquele silêncio. Estamos andando há duas horas, vejo que os rios nos entardam”, narrou. O escritor também mencionou o contato pantaneiro na revista portuguesa *Público Magazine*.

O Rosa foi o escritor que mais me marcou. Cheguei ao Rosa depois do Vieira, já maduro, e ele me arrebatou totalmente. Eu tinha uma admiração mórbida pelo Rosa. A ponto de eu, que sou uma pessoa tímida, a ponto de eu o ter procurado quando ele veio ao Pantanal, em 1953, ainda não era o Rosa de “Grande Sertão Veredas”, tinha publicado apenas o “Sagarana”. Depois disso eu o voltei a encontrar e algumas vezes caminhei com ele (Barros *apud* Agualusa, *Público Magazine*, 1994, p. 48).

As divergências de datas e detalhes levantaram dúvidas de repórteres e pesquisadores em torno do encontro. Gracia-Rodrigues (2006, p. 40) observou que Rosa não citou Manoel nos artigos escritos a respeito do Pantanal: “Propalado pelo poeta e divulgado pela imprensa escrita, o encontro de Barros e Rosa está, pois, cercado de dados e datas controversos”. Vianna (2019) e Castro (2022) atestaram que foi uma invenção do poeta para burilar a biografia. Paulo Thiago de Mello, em *O Globo* (2006), citou o caso como “anedota”.

No meio literário circula uma anedota acerca do primeiro encontro entre João Guimarães Rosa e o poeta Manoel de Barros, em junho de 1953. Encantando com a forma original como o poeta se expressava, Rosa anotava o que ele dizia sobre os pássaros, a paisagem e a vida pantaneira em sua caderneta de campo. A certa altura, incomodado com aquele anotar constante, Barros passou a dar respostas monossilábicas. Depois que Rosa foi embora, o poeta virou-se para um interlocutor e disse: ‘Quando senti que ele me especulava, me empedrei’. Se isto é verdade, não se sabe. Provavelmente não, uma vez que, longe da desconfiança, Manoel de Barros é um fã incondicional do autor de Grande Sertão: Veredas, a quem acompanhou até Corumbá numa viagem de vapor, ‘por impulso de admiração’. Ao escrever certa vez sobre essa viagem, Barros afirmou: Nossa conversa era desse feitio. Ele inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal’. E acrescentou: ‘Eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João (Mello, *O Globo*, 2006, p. 10).

Camargo (1999, p. 47) alertou que as entrevistas de Manoel, por usarem linguagem poética, deslocaram-se para ficção, portanto o bate-papo com Rosa no Pantanal “faz parte da estória” nos relatos do poeta. Manoel já havia dado pistas em 1988, conforme trecho de reportagem de Eva Spitz no *Jornal do Brasil* (p. 1): “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Mas eu garanto que dez por cento é mentira”, brinca Manoel de Barros, quando é instado a revelar como foi o seu encontro com Guimarães Rosa”.

As dúvidas também cercam os contatos presenciais no Rio de Janeiro, apesar de jornais e revistas citá-los sem desconfianças, o que passa ao leitor a ideia de que, de fato, ocorreram. O poeta contou ter ido, em 1967, à posse do romancista na ABL, três dias antes da sua morte (Turiba; Borges, *Bric-a-Brac*, 1989). O *Correio Braziliense* (Aquino, 2014) registrou um encontro nos anos 1960 no Rio de Janeiro, intermediado pelo diplomata Mário Calábria, amigo dos dois autores. Rosa teria dito a Manoel que *Compêndio para uso dos pássaro* era um “doce”, relato reproduzido por jornais, a exemplo de *O Estado de S. Paulo* (Piza, 2010, S8) e *Jornal do Brasil* (Barros, AL, 1994, p. 1).

Reproduções 38 – Manoel de Barros em registros de poeta rosiano

Fontes: *Jornal do Brasil*, 1994; *Jornal do Brasil*, 1997; *O Globo*, 2006.

Perfil publicado pela revista *Veja* (Mayrink, 1995, p. 96-97) informou que o poeta teria sensibilizado Rosa no Pantanal ao dizer que “pássaro encurta a manhã”. O texto citou uma visita dos escritores ao zoológico do Rio de Janeiro, também mencionada a José Geraldo Couto, na *Folha de S. Paulo* (1993, p. 8-9): “Eu passei muitas tardes com o Rosa. Uma tarde fomos ao jardim zoológico. Ele tinha aquela cadernetinha dele, ficava sentado na frente dos bichos, anotando tudo: gestos do bicho, olhar, cheiro”, contou. “Conversamos sobre o Pantanal. Ele queria saber como é que o bicho era lá”, acrescentou.

Se nos encontros faltaram comprovações e sobraram interrogações quanto às invenções, aos exageros e às mentiras, Manoel escancarou nos jornais e revistas a admiração por Rosa e a busca de conexões estéticas. O poeta rascunhou um diálogo literário com o prosador. O livro receberia o título “No sertão, no Pantanal, conversamentos com João Guimarães Rosa”. A sugestão do editor Ênio Silveira foi tentada e abandonada.

Pretendi mesmo fazer uma prosa em que eu falasse coisas do Pantanal e o Rosa falasse coisas do seu sertão. Pensei em inventar conversas. Eu com minhas molecagens semânticas, ele com a sua sintaxe exuberante. Então fui reler o Rosa todo. E emergi roseado. Escrevendo roseado. Fazia só pastiches dele. A força do gênio me anulou. Fiz 12 laudas do tal livro e vi que não me saíram. Saíram a ele. Vou dar um tempo para me ser de novo (Barros *apud* Name, *O Globo*, 1996, p. 1).

5.4 O poeta das infâncias

O jornal *O Globo* estampou a capa do Segundo Caderno da edição de 19 de dezembro de 2006 com o título “Minha velhice é infantil”. O texto do repórter Mauro Ventura e a fotografia vertical de Manoel sorridente, cabelos e bigode brancos, olhos apertados e mãos juntas como se estivesse a orar, preencheram a página que destacou o poeta aniversariante. Aos 90 anos, o escritor mato-grossense pensava no terceiro volume de *Memórias inventadas* para rememorar a idade adulta com olhar infantil.

Manoel de Barros tem planos. “Parece que eu deveria ficar no meu canto comendo mingau. Porém minha cabeça ferve de projetos”. Nada demais não estivesse o poeta completando hoje 90 anos. Mas, se a idade pode ter afetado o corpo, não fez qualquer efeito sobre sua imaginação criadora. “Até hoje minha velhice é infantil”, garante Barros, considerado o maior poeta brasileiro vivo, ao lado de Ferreira Gullar (Ventura, *O Globo*, 2006, p. 1).

Entrevistado por Ventura na ocasião, o diretor de cinema Pedro Cezar afirmou que o poeta “nunca envelheceu”, pois “só fez acumular infância”. O tom foi similar ao adotado por Ubiratan Brasil, no mesmo ano, n’*O Estado de S. Paulo* (2006, p. D12), na reportagem “A eterna infância de Manoel de Barros”, sobre o segundo tomo de *Memórias inventadas*. Essa imagem não se desfez com o avanço do calendário. Em 2024, dez anos após a morte do artista, a antropóloga Mirian Goldenberg reproduziu frases dele em coluna na *Folha de S. Paulo* (A19): “Eu declarei que só tive infância. Eu só sei escrever sobre a minha infância”.

A imagem do ancião que enaltece em versos a curiosidade e a inocência das crianças é uma das tentativas de leitura preferencial que a mídia escrita fez de Manoel (Hall, 2003). O vínculo com a infância⁹² é um dos aspectos marcantes da presença do poeta no jornalismo impresso, em especial a partir do final da década de 1990, com os lançamentos de livros e espetáculos dedicados ao público infantil. Esse recorte da realidade operado por jornalistas

⁹² O olhar infantil foi identificado em 341 registros catalogados no inventário desta pesquisa. Manoel citou momentos da infância em, ao menos, 32 entrevistas e falou sobre o olhar infantil na poesia em outras 44.

e editores (Moura, 2012), que costura dois momentos contrastantes da vida de qualquer pessoa, baseia a aposta no perfil de poeta das infâncias.

Morin (2003, p. 85), ao abordar a “multiplicidade sucessiva das idades”, afirma que cada pessoa carrega, sem perceber, todas as idades. Manoel, na faixa dos 80 anos, declarou à *Folha de S. Paulo* (Couto, 1996, p. 5) que “depois de velho, a minha infância voltou”. Em 1998, relatou a *O Globo* (Millen, p. 6) recorrer às memórias infantis: “Esses meus novos poemas contêm mais as lembranças provocadas pela infância, das minhas memórias da terra, do Pantanal, pois os velhos esquecem as coisas mais recentes”, afirmou na entrevista com o título “Um poeta em plena infância”. O autor retomou o tema n’*O Estado de S. Paulo* (Brasil, 2002, D3): “Como todo velho, sou uma criança nova e, com a memória mais aguda, relembro todos os bons momentos que vivi como menino”.

A relação de Manoel com a infância foi abordada pela imprensa e pela academia. David (2005, p. 135-136) constata nos versos um sujeito lírico que leva o leitor a se sentir “motivado a ver a infância do poeta reinventada como a base produtora das imagens poéticas que revelam a visão infantil”. Conforme Galharte (2007, p. 103 e 92), o autor concilia recordação e ficção em uma voz que “conta uma experiência infantil inesquecível”. Para Afonso de Castro (1991, p. 136), a infância é a “origem do ser” e retrata experiências.

A volta à infância é marcada por ser o lugar/tempo ideal da vida, o onde/quando o poeta e a realidade cotidiana igualam-se. A infância como tempo/lugar de vida ideal, como experiência marcante de um poeta, também se caracteriza por ser a representação do arquétipo da idealidade da perfeição, de um estado de vida experimentado de maneira ideal. [...] Na obra de Manoel, a infância emerge com o estado potencial de todas as invenções (Castro, A., 1991, p. 136).

Bosi (2000, p. 22) argumenta que um poeta constrói imagens a partir de “um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância”. A recriação fantástica do passado apresenta o que Bachelard (1988, p. 13) chama de “devaneio poético”, que abre o horizonte para “mundos belos”. Para o filósofo francês, que refletiu sobre os devaneios da infância, essa etapa da vida é passível de ser reimaginada. Um artista consegue compreender a criança e extrair um futuro das lembranças que formulam um “arquétipo da felicidade simples” (Bachelard, 1988, p. 118).

A infância está na origem das maiores paisagens. Nossas solidões de criança deram-nos as imensidades primitiva. [...] Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois. Elas vão a contravento de todos os devaneios de alçar voo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras (Bachelard, 1988, p. 97).

Para Bachelard (1988, p. 96), o “ser do devaneio” é capaz de atravessar “sem envelhecer todas as idades do homem”. As imagens que uma criança e um poeta podem fazer com a linguagem são “manifestações da infância permanente”. Em 2004, ao lançar *Poemas rupestres*, Manoel citou o francês ao ser questionado por Marcelo Pen, crítico da *Folha de S. Paulo*, sobre o motivo de calcar seus versos nas experiências da infância.

Gaston Bachelard disse que a infância é como um bauzinho, onde se guardam as primeiras impressões recebidas do mundo. Depois, buscamos no baú os primeiros cheiros, emanações, cores de uma época em que ainda não tínhamos a voz. Infância, etimologicamente, é ausência de voz. Ao procurar na palavra o encantamento, o poeta é obrigado a buscar a sua fonte, que está na infância. Minha obra é construída pelo que fui e recebi na infância (Barros *apud* Pen, *Folha de S. Paulo*, 2004, E4).

Afonso de Castro (1991) pontua que Manoel apresentou, desde os primeiros livros, o registro lírico do espaço em que viveu em Corumbá, que envolve o olhar da criança que descobre o mundo. Béda (2007, p. 37) reforça o ponto e entende que a infância “sempre esteve presente” na produção do autor “para dar unidade à sua existência ou fugir do tempo presente”. *Poemas concebidos sem pecado*, lançado pelo escritor em 1937, aos 21 anos, abriu com a saga de Cabeludinho, um dos alteregos do autor, que encontra no “infante mítico” uma das fontes poéticas, segundo Camargo (1996, p. 172 e 207).

A influência da voz da criança apareceu em entrevistas, colunas, resenhas, perfis e reportagens sobre Manoel. “O que me levou a escrever as historinhas foi o desejo de progredir para menino”, explicou o autor a Cláudia Cecília na entrevista “Alma infantil”, publicada no jornal *O Dia* (1999, s/p). Eduardo Fonseca da Rocha, na *Isto É Senhor* (1990, p. 88), destacou o impacto no poeta da leitura de ensaios do pintor Paul Klee, que, após aprender a técnica possível, concentrou-se em “encontrar a ingenuidade que havia perdido”. O mato-grossense, conforme Rocha (1990), seguiu a receita e passou a observar os filhos para “tentar aprender com os erros gramaticais”. João, na faixa dos cinco anos, inspirou versos e fez ilustrações de *Compêndio para uso dos pássaros*, lançado em 1961.

Reproduções 39 – Manoel de Barros em registros de poeta das infâncias



Fontes: *O Globo*, 1998; *O Globo*, 2006; *Valor Econômico*, 2000.

Em 1994, Manoel voltou a falar sobre João, que via cheiro de peixes e ouvia cores de pássaros, em entrevista a Severino Francisco no *Jornal de Brasília* (p. 1): “Suas percepções sensoriais se misturavam”. O poeta também citou João e Klee para José Eduardo Agualusa, na *Público Magazine* (1994, p. 47): “Eu explorei meu filho, de cinco anos. Passava o dia inteiro escutando a conversa dele, porque o menino tinha uma sintaxe torta que me agradava muito. Até escrevi um livro, *Compêndio para uso dos pássaros*, tentando absorver essa linguagem infantil”. A prática rendeu elogios de Mia Couto n’*O Estado de S. Paulo* (2014, C7): “Foi um mestre na aprendizagem de um outro olhar, um olhar mais próximo das coisas essenciais, essas que só entendemos por via da infância”.

Ao interpretar a visão lírica e existencial de Manoel, Chaves (2017, p. 80 e 67) afirma que, na poética do escritor, a criança vive no mundo das imagens, aberto às interpretações. A criança é um dos alteregos do artista e vive em “estado de poesia”. Afonso de Castro (1991, p. 137) analisa que, nos versos do autor, os primeiros anos de vida se mostram como momento para “inovar a língua” e explorar o lúdico na formação das palavras e frases. Também são uma etapa para expressar graciosidade, inocência e o “caráter potencial e inaugural da simplicidade e felicidade que estão nas coisas simples, inúteis, desprezíveis”.

Manoel manifestou na mídia escrita o desejo pela inovação linguística e pelo ilógico para retratar o mundo. Em 2012, ele disse ao *Valor Econômico* (Castello, p. 26) que “o absurdo é divino porque o absurdo infantiliza as palavras” e defendeu o olhar sem conceitos pré-definidos: “Eu vi um sapo com olhar de garça. Não infantilizei a beleza das garças! Para bem compreender a voz das águas, das árvores, das pedras, precisamos estudar ignoranças”.

Exercícios de ser criança, lançado em 1999, deu tração às menções à infância. O livro motivou matéria de Dib Carneiro Neto n’*O Estado de S. Paulo* (1999, D10), cujo lead

destacou que “depois de 83 anos e dez livros de versos, em que brinca com as palavras com um viço de menino levado, o poeta mato-grossense Manoel de Barros oferece a seus leitores uma obra assumidamente voltada para o público infantil”. O autor disse não planejar escrever para crianças e criticou o uso do diminutivo para atrair os jovens: “Não é preciso escrever casinha, janelinha, portinha, florzinha, só porque o leitor é menor de idade”.

Em 2000, no *Valor Econômico* (D9), Débora Guterman citou Manoel entre os exemplos de autores já consagrados que “enveredam pelo mundo das crianças”. Ao repórter Guilherme Freitas, n’*O Globo* (2010, p. 1), o poeta declarou que seus livros para adultos já eram infantis por estarem “cheios de despropósitos”. Manoel ainda enalteceu, em entrevista a Márcio Vassallo no *Jornal do Brasil*, em 1999, o ímpeto à desobediência.

Acho que a criança é mais poeta porque ignora as receitas. Quando ignora as prescrições. Essas ignorâncias subtraem as crianças dos regulamentos, do sério. A criança está disponível para a poesia. Ao ponto de poema. A criança ainda não sabe o comportamento das coisas. E pode inventar. Pode botar aflição nas pedras e assim por diante. As crianças não sabem se pedra tem aflição ou se peixes dão flor (Barros *apud* Vassallo, *Jornal do Brasil*, 1999, p. 1).

O fazedor de amanhecer, obra infantil com ilustrações de Ziraldo⁹³ e vencedor do Jabuti, deu outro impulso à imagem de poeta das infâncias, conforme os títulos de matérias de *O Globo* (Bertol, p. 3) e *Folha de S. Paulo* (Angiolillo, E6): “Literatura para crianças e jovens é a grande vencedora do Jabuti 2002” e “Títulos infantis levam maiores prêmios”. A cobertura dos três volumes de *Memórias inventadas* garantiu novas levadas de registros. “A palavra é o quintal de Manoel de Barros”, escreveu Vassallo em *O Globo* (2003, p. 4). “Barros cria uma segunda infância, adulta, vingando o que ele não conseguiu ser”, analisou Carpinejar em *Zero Hora* (2003, p. 4). “Acho que retomei a flor da infância”, avaliou o próprio artista em entrevista à *Folha de S. Paulo* (Alves, 2003, p. 10).

O constante retorno idealizado à meninice, segundo David (2005), torna a infância exemplo fundador nos livros do mato-grossense, que foram incluídos em programas estatais de incentivo à leitura nas escolas e elogiados por especialistas. Em artigo publicado n’*O Estado de S. Paulo* (A6), em 2023, Bruna Astrini e Patricia Araújo, educadoras do Centro Educativo Igarapé, ressaltaram a importância do olhar infantil no começo da formação dos

⁹³ Ziraldo Alves Pinto (1932-2024) foi um desenhista e escritor, criador do personagem O Menino Maluquinho, que dá título ao livro infantil publicado em 1980 e que, desde então, apareceu em gibis, desenhos e filmes. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2024/04/06/o-menino-maluquinho-como-nasceu-o-mais-famoso-personagem-de-ziraldo.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2024.

estudantes e elogiaram as “raízes crianceiras” de Manoel. “A sensibilidade sem perceber o extraordinário na vida simples do cotidiano é o principal fio de entrelaçamento do adulto com a criança”, registraram.

Outro aspecto da presença do poeta no jornalismo impresso, pelo olhar infantil, está nas atrações inspiradas no autor, como *Pra Nhá Terra* (2007), *Crianceiras* (2012) e *Meu quintal é maior do que o mundo* (2018), que apareceram nos cadernos de variedades e nos guias de programação cultural. Márcio de Camillo obteve boa cobertura com CD, espetáculo e aplicativo do projeto *Crianceiras*, no qual musicou poemas de Manoel (*O Globo*, 2018). A coreógrafa Paula Maracajá transformou versos do mato-grossense no musical *Tudo que não invento é falso*. “Ele tem um jeito muito lúdico de mexer com as palavras, uma verdadeira brincadeira”, opinou a artista na reportagem “Poeta com alma de criança”, publicada em 2012 por *O Globo* (Cazes, p. 1) no suplemento infantil *Globinho*.

Reproduções 40 – Manoel de Barros em registros de poeta das infâncias



Fontes: *O Globo*, 1998; *Zero Hora*, 2006; *Folha de S. Paulo*, 1999.

A ideia de brincar com as palavras e incentivar tais jogos lúdicos já apareceu em 1979, em entrevista à revista *Grifo* (Guizzo, 1979, p. 51): “A poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens, a prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico”, disse Manoel. Essa brincadeira ganhou contornos filosóficos. Para Renata Caldas, repórter do *Correio Braziliense* (2006, p. 1), o autor abordou a “ciência da poesia” que ensina que “pra não morrer temos que amarrar o tempo no poste”. “Tenho esse tesouro de permanecer na infância”, acrescentou.

A infância passou a ser uma etapa importante nos estudos biográficos. Para Arfuch (2010, p. 199), “a infância será a ancoragem obrigatória de todo devir” que, além de garantir coerência à narrativa, permite “estabelecer certa causalidade entre virtualidade e realização”. Caballé (2021) vê infância e velhice como momentos fundamentais na tentativa de

compreender uma vida. As informações da infância, que não recebiam a devida atenção antes de Sigmund Freud, auxiliam a entender o comportamento do biografado, enquanto a “velhice tem uma enorme transcendência cognitiva, pois acusa todo o impacto de uma trajetória existencial” (Caballé, 2021, p. 61).

Manoel discorreu em entrevistas sobre a senioridade com respostas voltadas aos dias de criança, que auxiliam na tentativa de compreendê-lo e reforçam o perfil de artista das infâncias. “O que me chateia é a velhice. Quem gosta de escombros é a solidão”, reconheceu a Tagore Biram, em *Zero Hora* (1994, p. 9). “A velhice é uma merda”, desabafou o escritor, aos 95 anos, a Douglas Diegues em edição da *Cult* de 2012 (p. 8), na qual descreveu que “o corpo pega dores”, porém “a imaginação flui melhor” e mais livre com o avançar da idade. “A infância é minha liberdade gramatical”, saudou o velho poeta.

Conclusão

Em fevereiro de 2014, a professora Lucia Castello Branco contou ao jornal *O Globo* que Manoel de Barros lhe confidenciou o desejo de ver sua obra mais discutida no âmbito acadêmico. “Uma vez fui fazer a fortuna crítica dele. E o Manoel brincou: ‘Eu não tenho fortuna crítica, eu tenho miséria crítica’. Ele merece muito mais”, declarou a especialista na reportagem “De cartas abertas” (p. 1-3), assinada pela repórter Karine Rodrigues, a respeito das correspondências que o artista trocou com escritores e intelectuais.

Passados dez anos da declaração de Castello Branco e da morte de Manoel, esta dissertação contribuiu para atender o anseio do poeta. Acrescentou à bibliografia científica um estudo pelo viés da Comunicação, relação que pode ser mais explorada na pesquisa acadêmica⁹⁴, e atualizou a fortuna crítica do autor na mídia escrita, agregando informações ao esforço de preservação da memória empreendido por outros pesquisadores, a exemplo de Castro, Béda, Marinho e Gracia-Rodrigues. Por meio de uma linha do tempo de quase cem anos, com mais de 1,8 mil registros veiculados entre 1928 e 2024 por 126 jornais e revistas, formamos um inventário que permitiu catalogar, descrever e analisar a presença do artista no jornalismo impresso, bem como a contribuição da imprensa à construção do imaginário do escritor ao longo das décadas. O dueto mídia-imaginário incentivou leituras por parte do público que uniram variados pontos de vista em descrições preferenciais que influíram na percepção sobre o autor mato-grossense. Poesia e jornalismo confluíram no imaginário que alimentou, foi alimentado e complementou o real (Castro, 2012).

Na mesma reportagem em que publicou o depoimento de Castello Branco, Karine Rodrigues ouviu o professor e poeta Alberto Pucheu comentar a predileção de Manoel por responder entrevistas por escrito: “Era como se dissesse: publicamente, quero sempre ser escritor”. Podemos afirmar que, na complexidade e nas intermitências das páginas de jornais e revistas, tal imagem foi costurada, repetida e consolidada. No inventário formado nesta pesquisa, foi possível encontrar um poeta, sobretudo, devoto à palavra e à arte. O ser letral teve maior visibilidade. O literato se destacou em relação ao fazendeiro e advogado.

A conclusão acima emerge desta dissertação na qual, em cinco capítulos, mapeamos e esmiuçamos as aparições de Manoel na mídia escrita. Partimos da descrição e análise geral

⁹⁴ Busca por “Manoel de Barros” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) registra 68 teses e 123 dissertações publicadas entre 1988 e 2024. A maior parte dos trabalhos foi realizada em programas de pós-graduação em Educação, Letras, Literatura, Linguística e Geografia. Três trabalhos foram concluídos no programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e um no programa em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG).

dos registros jornalísticos fichados e seguimos para abordagens específicas: a cobertura da imprensa em três fases da trajetória do autor (pré-fama, reconhecimento tardio e consagração); a catalogação e análise de mais de cem entrevistas publicadas, parte concedida por escrito; a catalogação e análise de textos do artista como colunista/colaborador; e a identificação de perfis que ajudaram a incluir no imaginário do mato-grossense as figuras do poeta encaramujado, admirador de Guimarães Rosa e afeito ao olhar infantil.

Ao final desta pesquisa, que visa contribuir com um projeto biográfico mais amplo do escritor, consideramos que os objetivos foram cumpridos. Com o inventário, criado a partir de bancos de dados existentes e da caça a novos itens, sem incluir produção acadêmica, colaboramos para uma visão mais ajustada de Manoel a partir do jornalismo impresso. A fortuna crítica do poeta na mídia escrita, ideia inicial do trabalho, foi atualizada e viabilizou apontar descrições que se destacaram e se repetiram. O banco de dados formado, com registros digitalizados, também possibilitou identificar os veículos que mais deram visibilidade ao escritor, principais comentadores e entrevistadores e o gancho das publicações. A proposta original era nos atermos ao material publicado entre os anos 1940 e 2020, porém o garimpo em museus e na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional localizou registros anteriores que justificaram incluir mais duas décadas na linha do tempo estudada.

A riqueza do conteúdo do inventário transformou em capítulos específicos as análises segmentadas das entrevistas e das colaborações (crônicas, colunas, poemas) do poeta na imprensa. As avaliações mais detidas das colaborações, em especial, entraram no planejamento durante a produção desta dissertação. No caso das entrevistas, a pesquisa seguiu o objetivo de catalogar questionários gravados ou respondidos por escrito, refletir sobre a entrevista poética e apontar aspectos autobiográficos divulgados por Manoel.

A feitura deste trabalho ampliou nosso repertório de leituras e reflexões. Para compreender quando, onde, quem assinou e o contexto das aparições do poeta, assim como a evolução das suas imagens, foi preciso uma abordagem complexa (Morin, 2011), conectando peças dispersas e diferentes saberes: comunicação/jornalismo, poesia/literatura, histórias de vida, imaginários, escritas de si. Desenvolvemos a pesquisa inspirados pelo afã dos biógrafos que procuram reunir, selecionar e compreender informações sobre a vida de um personagem, a fim de tentar captar e apresentar em texto o sentido dessa existência (Alberca, 2021). Não fizemos uma biografia de Manoel, mas executamos uma dissertação com farto material biográfico ao nos debruçarmos sobre a trajetória do escritor nas páginas dos periódicos, na “vida” contada em peças, fragmentos, hologramas pela mídia escrita.

Essa busca resultou em um trabalho que forneceu novos dados aos estudos barrianos. As apostas de perfis de poeta caramujo, rosiano e das infâncias servem de exemplo. Reunimos registros de diferentes períodos em três olhares acerca das representações de Manoel na imprensa. Os três perfis partem da ideia de que esse tipo de texto jornalístico escolhe ângulos para contar uma trajetória (Paniago, 2008). As apostas são possibilidades para um pesquisador ou repórter, na academia ou nas redações, retratar o artista diante da complexidade de uma história de vida, peculiaridade que exige a conjunção de fragmentos para formar imagens e compreender a trajetória da pessoa estudada.

Nesse exercício, concluímos que o perfil de poeta do Pantanal, embora muito representativo, não é o único caminho/ângulo para apresentar o escritor. A abordagem é legítima e compreensível, já que a vivência pantaneira serviu de lastro à criação estética, constou em livros e, de tempos em tempos, é repetida pela imprensa, mantendo a atmosfera que engloba e atualiza esse imaginário com novas imagens (Maffesoli, 2001). O poeta discordava do rótulo, mas foi uma descrição importante para viabilizar o reconhecimento tardio. O epíteto regional auxilia, até os dias atuais, a singularizar o artista, um valor-notícia que informa o leitor em poucas palavras de quem trata determinado registro jornalístico.

O Manoel pantaneiro, tímido, rosiano, saudoso da infância e ávido por explorar os sentidos das palavras aparece com diferentes intensidades no inventário, que também revela o autor dedicado à família e que vivia contradições entre o ser letral e o biológico. Metódico, disciplinado e sem pressa, o poeta desprezava a razão em seus versos, driblava a gramática e enaltecia o estilo de vida dos andarilhos e loucos. O apreço por seres que não se importam com bens materiais e ignoram o ritmo fabril da sociedade capitalista partiu de um ex-comunista que se tornou pecuarista de patrimônio milionário, um latifundiário de Mato Grosso do Sul. Um homem que pregava a comunhão à natureza, mas que preferia temporadas no próprio apartamento no Leblon aos dias isolados na fazenda da Nhecolândia. O ser biológico era urbano. O ser letral manteve o olhar na infância e nos seres pantaneiros.

O inventário comprovou a percepção sobre as aparições intermitentes do autor (Didi-Huberman, 2011). Um gráfico horizontal teria altos e baixos até a subida vertiginosa entre os anos 1980 e 2010 e a queda brusca nos anos 2020. O mato-grossense estreou como escritor na imprensa na década de 1930 e constou em registros escolares e militares dos anos 1920 a 1940. *Face imóvel*, lançado em 1942, rendeu curto momento de brilho como poeta, que se repetiu com os prêmios conquistados nos anos 1960. Os anos 1950 e 1970 foram de poucos registros. As fases de reconhecimento e consagração consolidaram Manoel entre os

expoentes da poesia brasileira, posição que almejou desde jovem. Essa evolução mostra que o artista não era um completo desconhecido até os anos 1980. Esquecido, marginalizado ou pouco conhecido são termos mais precisos para tratar do caminho até a fama.

A versão atualizada da fortuna crítica de Manoel mantém aspectos identificados por Bêda (2002) há 22 anos, quando a pesquisadora formou um inventário jornalístico e acadêmico do poeta. “Clichês” citados pela pesquisadora – poeta do Pantanal, Guimarães Rosa da poesia, poeta do chão – reapareceram no material que catalogamos nos anos 2010 e 2020. Outras características que permaneceram na maior parte dos registros foram as considerações rápidas à poética e as abordagens de personalidade, convívio social e trabalho. O texto jornalístico exige dos repórteres a mescla de vida pessoal de um escritor e obra, mas com poucas análises literárias aprofundadas em razão da limitação espacial das páginas.

Nosso levantamento mostrou que os espetáculos inspirados na obra do poeta foram o principal motivo para publicação de registros, à frente dos lançamentos de livros e dos prêmios e homenagens. Nas últimas duas décadas, encontramos ênfase no olhar infantil na cobertura e proliferação de conteúdo que não tratou diretamente de Manoel, mas que apenas o mencionou – elogios de outros escritores, comparações e epígrafes. Esse tipo de conteúdo reforça a conclusão sobre a consolidação da fama do artista na imprensa. O sucesso de público e crítica transformou o poeta em um valor-notícia próprio, capaz de justificar ou impulsionar as menções na imprensa, fenômeno observado com celebridades e autoridades.

As observações foram feitas porque apostamos em um olhar longitudinal, quantitativo e qualitativo. O banco de dados dá um panorama biográfico e municia futuros trabalhos acadêmicos, incentivando o enlace entre comunicação e poesia. O arquivo pode indicar episódios e opiniões que servirão de ponto de partida para novas abordagens. É possível escolher periódicos para comparar coberturas; mergulhar em um bloco temporal; aprofundar-se nos perfis em que apostamos; analisar autores mais citados pelo poeta (Padre Antônio Vieira, Rosa, Rimbaud) e os mais comparados a ele (Rosa, Drummond, Adélia Prado, João Cabral, Fernando Pessoa); tratar dos comentadores/divulgadores do escritor – Ubiratan Brasil e José Castello foram os principais no jornalismo impresso.

A pesquisa indica espaços a serem explorados nos estudos sobre Manoel. Abordamos de forma sucinta as fotografias, porém avançamos ao catalogarmos profissionais e veículos que retrataram o autor e contribuíram para fornecer ao público imagens iconográficas dele. Como o escritor obteve fama por volta dos 70 anos, a imprensa o fotografou idoso, de cabelos

e bigode brancos, óculos de aros grossos, um senhor ora sorridente, ora introspectivo, trajado de calça e camisa sociais largas. Esse foi o retrato preferencial do poeta.

Diferente de artistas, atletas e celebridades com sucesso longo, Manoel não foi visto pelo leitor desde a juventude. Foi possível, somente, observá-lo avançar na velhice, com poucas imagens de arquivo da infância, mocidade e idade adulta. A gama de imagens pode alimentar novas pesquisas. Pela ótica dos fotógrafos, da composição das imagens ou do diálogo com os poemas, as fotografias do autor mato-grossense são um campo aberto para estudos, já que o assunto não foi tratado de forma aprofundada até o momento.

Outro tema que pode ser pesquisado é a influência dos espetáculos inspirados na obra do poeta. Peças, musicais, filmes e documentários surgiram a partir do final dos anos 1980, parte voltada ao público infantil, com impacto na forma como Manoel e sua arte foram descritos. Nas duas últimas décadas, os espetáculos e filmes foram os principais motivadores de registros jornalísticos que citaram o escritor mato-grossense.

Esta dissertação também contribuiu para os estudos barrianos ao catalogar 114 entrevistas de Manoel publicadas por jornais e revistas, organização que ainda não havia sido feita. Não conseguimos reunir a totalidade das entrevistas, em especial pela dificuldade de acessar arquivos regionais, mas consideramos a amostra representativa do pensamento, dos relatos e do trabalho estético do autor. A organização do material facilita análises que tratem do conteúdo dos questionários nos campos da Comunicação e da Literatura. O inventário também incentiva a busca de entrevistas que não foram fichadas.

Esta pesquisa pode corrigir o comentário impreciso de que Manoel só dava entrevistas por escrito. Ele preferia esse método, porém concedeu dezenas de entrevistas pessoalmente ou por telefone no esforço acertado com editoras para divulgar seus livros. Por timidez e para ter maior controle das respostas a serem publicadas, o artista transformou entrevistas em poesia, agregando um valor-notícia que o distinguiu. Na condição de fonte, Manoel exercitou a criação poética, adaptou para arte um gênero informativo e se apresentou como escritor. Um estudo específico sobre as entrevistas é um campo a ser explorado. Uma abordagem possível é a criação do gênero da “entrevista poética” ou “entrevista-poema” por meio dos questionários respondidos por escrito, uma inovação por levar a arte à entrevista midiática, um texto de cunho referencial (Pucheu, 2015).

Nesta dissertação, o estudo das entrevistas reforçou a conclusão de que o poeta trabalhou para ser reconhecido desde o começo da carreira. Manoel contribuiu, na mocidade, com jornais de Mato Grosso, enviou poemas para seções literárias de jornais fluminenses e

remeteu livros para colunas literárias. O fato de não ter obtido fama de imediato não significa que ele não tenha batalhado pela chancela da mídia escrita. O poeta repetiu que lançava livros e se escondia, que não se esforçava para se autodivulgar, no entanto pagou a editora Civilização Brasileira, comandada por Ênio Silveira à época, para editar e lançar *Arranjos para assobio*, em 1982. A obra ganhou capa e elogios assinados por Millôr Fernandes. O escritor não aguardou impassível o sucesso; desejou ser aclamado por sua poesia. A timidez atrapalhou, mas não pode ser apontada como principal causa da demora. A dinâmica com que o poeta alcançou êxito na imprensa e a relação timidez/poesia também nos parecem objetos interessantes para análises acadêmicas.

Concluimos que Manoel usou as entrevistas para influenciar seu imaginário com dados que decidiu destacar ou esconder, operou na imprensa a “construção de uma imagem de si” (Arfuch, 2010, p. 178). Um relato publicado na imprensa é capaz de impactar a entrevista ou a notícia seguinte, já que repórteres recorrem às edições antigas de jornais no momento de preparar uma nova matéria, prática que se consolidou, também, com a formação de jornalistas profissionais nas faculdades de Comunicação. O poeta narrou episódios de timidez excessiva e passagens que o mostravam desde menino pender ao olhar artístico. Falou sobre a militância comunista e disse ser um homem com ideias políticas à esquerda. Não citou nem foi perguntado sobre a formação de oficial da reserva do Exército. Encerrada a ditadura (1964-1985), preferiu iluminar a imagem contestadora e sombrear a militar.

Durante a pesquisa, nos deparamos com inconsistências nos relatos feitos por Manoel, que aprimorou sua história de vida ao narrar à imprensa passagens fantásticas, entre as mais destacadas o episódio em que foi “guia pantaneiro” de Guimarães Rosa, narrado com diferentes datas. As versões exageradas e inventadas tiveram a ressonância ampliada, alcançaram grandes públicos e impregnaram no imaginário do autor dados imprecisos e falsos. O escritor praticou autoficção em entrevistas, valendo-se da dificuldade de checagem e da dinâmica da cobertura cultural na comparação com editoriais de *hard news* (Sá, 2010). O repórter, que não goza da liberdade criativa do romancista, entende que o artista não mentirá em uma matéria que divulgará seu trabalho e que pode elogiá-lo.

Jornais e revistas não inventaram atributos e acontecimentos sobre o autor mato-grossense, mas, em certos momentos, foram driblados pelo jogo de Manoel entre invenção e mentira, verdade e verossimilhança. A invenção é fruto da imaginação, e, no texto literário, o leitor está ciente da ficção. No texto jornalístico, que é referencial, o leitor não espera mentiras, que têm a finalidade de engano. O poeta, em diversas passagens contadas a

jornalistas, substituiu a verdade pela invenção e induziu leitores ao erro biográfico. O inventário que formamos auxilia a apurar essas passagens, porque possibilita checar datas, nomes, locais, declarações e outras informações de interesse biográfico.

Concluimos que contar a vida de Manoel exige uma maratona de *fact-checking*⁹⁵, prática utilizada na cobertura política para orientar o leitor sobre o que está correto, impreciso ou errado nas declarações de autoridades (Seibt, 2019). Após um debate eleitoral, plataformas de checagem dissecam o que cada candidato afirmou e foi transmitido ao vivo. A informação já alcançou o público, que precisa dos alertas do “jornalismo de verificação” para não reproduzir desinformação. Tais alertas se fazem necessários quando se trata da trajetória descrita pelo poeta, que tornou célebre o verso “noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira” (Barros, 2010, p. 389).

Propalados por Manoel, os relatos da amizade com Rosa se disseminaram 20 anos após a morte do escritor mineiro. Houve uma conexão literária da parte do poeta, que nas falas à imprensa se colocou em nível abaixo do romancista que admirava. Ele, contudo, incentivou na mídia a relação, fator que o beneficiou. Ser chamado de “Guimarães Rosa da poesia” foi um selo de qualidade, justificou o espaço recebido nos jornais e despertou a curiosidade do leitor. A dinâmica da disseminação de causos com Rosa, além de encontros com Vinicius de Moraes e trocas de cartas com Clarice Lispector, abre um flanco para estudos sobre Manoel ou a respeito da desinformação no jornalismo cultural.

Nossa pesquisa também pode inspirar pesquisadores a reforçar a atualização da bibliografia jornalística do poeta com a busca de registros antigos que não localizamos e de materiais a serem publicados. Seguimos Morin (2011, p. 7), que reconhece a “incompletude de qualquer conhecimento” e a permanente busca de novas informações. A fortuna crítica de Manoel nos jornais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul valeria garimpo em arquivos que ainda não estão digitalizados. Aparições no jornalismo na juventude e registros em *sites* e redes sociais merecem levantamentos exclusivos. O perfil no Instagram *Manoel de Barros – manoelismos* (@manoelismos), com 161 mil seguidores, publica versos, fotos e trechos de entrevistas do poeta para TVs. A conta mantém a circulação da obra e contribui para atualizar o imaginário do autor em um sistema no qual dialogam plataformas físicas e digitais.

As perspectivas abertas com esta dissertação nos estimulam a manter a atenção em Manoel nos estudos que abordam jornalismo e trajetórias biográficas. Desenvolver um

⁹⁵ *Fact-checking*, ou checagem dos fatos, é uma prática jornalística na qual o repórter checa o que foi dito pelas fontes e publicado. O “jornalismo de verificação” atesta a informação veiculada (Seibt, 2019, p. 27).

trabalho do gênero nos ofertou conhecimentos que aprimoraram a formação de um jornalista que atua no dia a dia como repórter e com experiência na apuração e redação de dois livros-reportagem. As obras, que trataram da trajetória de um clube de basquete gaúcho (União Corinthians), demandaram pesquisa biográfica sobre dezenas de personagens (atletas, técnicos, dirigentes, jornalistas, empresários, torcedores) e investigação mais profunda sobre a vida de Ary Vidal, técnico da equipe no título brasileiro de 1994.

Com o estofo teórico e de pesquisa adquiridos nesta dissertação, teria sido possível escrever melhores livros tanto na apuração quanto na forma. As discussões sobre os recortes da realidade no jornalismo, a relação verdade-verossimilhança, as dinâmicas do imaginário, a metodologia da complexidade, o olhar poético e o caráter híbrido das biografias nos deixam mais capacitados para futuras experiências acadêmicas, jornalísticas e literárias. As técnicas adotadas na organização e descrição do material coletado também ficam de legado.

Finalizamos esta dissertação esperançosos de que o resultado auxilie a compreender as aparições e a representação de Manoel na mídia escrita, a fim de oferecer uma visão crítica atualizada da vida e obra do artista mato-grossense. Pelo prisma do jornalismo impresso, entre os anos 1920 e 2020, concluímos que o autor pode ser visto por diferentes abordagens: poeta do Pantanal, da natureza, das infâncias, das coisas pequenas, do ínfimo, da insanidade dos verbos, da vanguarda primitiva, da palavra. A presença de Manoel nos jornais e revistas, ao longo de quase um século, ajuda a contar uma história de vida – com fatos verídicos, imprecisões, mentiras e interpretações – e influencia as imagens que o público processa de um dos maiores nomes da poesia contemporânea brasileira.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de. Partido Comunista do Brasil. *In: Dicionário histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2015. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/partido-comunista-do-brasil>. Acesso em: 24 set. 2024.
- ALBERCA, Manuel. **Maestras de vida** – Biografias y bioficciones. Málaga: Editorial Pálido Fuego, 2021.
- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos – Viagem e Narrativa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Trad. de Jacob Pierce. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANDRADE, Antonio. Manoel de Barros: o reconhecimento tardio de um Poeta Fazendeiro. **Santa Barbara Portuguese Studies**, Santa Barbara, v. 1, 2017.
- ANDRADE, Danusa Santana. **A cobertura dos jornais Correio do Estado, de Campo Grande, e o Estado de Mato Grosso, de Cuiabá, na criação de Mato Grosso do Sul: uma análise de conteúdo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 125-143, jul./dez. 2010.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas** – as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo. Leya, 2010.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. **O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou “Me encontrei no azul de sua tarde”**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2002.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. **A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a autobiografia**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

Bosi, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASILEIRO, Antônio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

CABALLÉ, Anna. **El saber biográfico** – Reflexiones de taller. Oviedo: Ediciones Nobel, 2021.

CAIN, Susan. **O poder dos quietos: como os tímidos e introvertidos podem mudar um mundo que não para de falar**. Trad. de Ana Carolina Bento Ribeiro. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. **A poética do fragmentário** – uma leitura da poesia de Manoel de Barros. 1996. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 1996.

CAMARGO, G. **Guimarães Rosa e Manoel de Barros: confluências de poética**. Vintém de Cobre. Goiás: UFGO, 1999.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo, Ática, 1987, p. 61-83.

CANDIDO, Antonio. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. *In*: CANDIDO, Antonio (et. al.). **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 13-22.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1951.

CASTRO, Afonso de. **A poética de Manoel de Barros**. 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 1991.

CASTRO, Gustavo de. **Mídia e imaginário**. São Paulo: Annablume, 2012.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CASTRO, Gustavo de. Em busca de Guimarães Rosa: o processo de construção de uma biografia. **Ecompós**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2018. DOI: 10.30962/ec.1587. Disponível em: <https://www.ecompos.org.br/e-compos/article/view/1587>. Acesso em: 24 set. 2024.

CASTRO; Gustavo de; DRAVET, Florence. **Comunicação e poesia**: itinerários do aberto e da transparência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito**: ciência e arte da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. **As árvores me começam**: o mundo por Manoel de Barros. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

CICERO, Antônio. **A poesia e a crítica**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COELHO, Maria Cláudia. **A experiência da fama**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

CORREIO DA MANHÃ. **Compromisso com a verdade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – A Secretaria, 2002.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. *In*: COUTINHO, Afrânio. (org.). **A Literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana. Vol. 6, 1997.

CYRUNILK, Boris. **Dizer é morrer** – a vergonha. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.

DAMASCENO, Diana. **Biografia jornalística**: o texto da complexidade. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002.

DAVID, Nismária Alves. “Avançar para o começo”: o mito na poesia de Manoel de Barros. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, n. 2, p. 135-146, jan/jun, jul/dez 2005.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, nov. 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Trad. de Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DOMINGOS, Gilson Lima. **Pantanal da Nhecolândia**: história, memória e a construção da identidade. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.

DOSSIÊ IPHAN. **Modo de fazer viola-de-cocho**. Brasília: Iphan, 2009.

EDEL, Leon. **Vidas ajenas**: Principia Biografica [1984]. Trad. de Evangelina Nuño de La Selva. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

FERNANDES, José. O tropicalismo telúrico de Manoel de Barros. **Revista do ICHL**, v. 3, n. 1, p. 55-78, jan/jun. 1983.

FRAGA, Rosidelma Pereira. A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros. **Revista Falas Breves**, Marajó, v. 4, p. 107-127, maio 2017.

GALHARTE, Julio Augusto Xavier. **Despalavras de efeito**: os silêncios na obra de Manoel de Barros. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GOFFMANN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada [1963]. Trad. Mathias Labert. Rio de Janeiro: LTC, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/308878/mod_resource/content/1/Goffman%20%20Estigma.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. **De corixos e de veredas**: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara/SP, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** [1992]. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e representação** [1997]. Trad. De Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JORGE, Thais de Mendonça. **Viver o jornalismo**: a entrevista no dia a dia da profissão. Brasília: Editora da UnB, 2019.

KINGLER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador, n. 12, p. 11-30, 2008.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em jornalismo literário avançado. **Revista Comunicarte**, Campinas, v. 19, n. 25, p. 93-107, 2002.

LINHARES, Andrea Regina Fernandes. **Memórias inventadas**: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel De Barros. 2006. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2006.

LOPES, Mana Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyote, 2003.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MAFFEI, Lamberto. **Elogio da lentidão**. Trad. de José Serra. Lisboa: Edições 70, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 4 ago. 2024.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-19, abril 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Editora Atica, 1986.

MARINHO, Marcelo; MAGALHÃES, Magda. A brasilidade em Manoel de Barros e Guimarães Rosa: do regional ao universal. **O guardador de inutensílios – Cadernos de Cultura**, Campo Grande, n. 5, p. 43-48, 2004.

MEDEIROS, Amanda Ferreira; BOCHEMBUZO, Daniela Pereira. Quinto jornalismo: perspectivas sobre a realidade atual da profissão. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 9282-9297, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23669>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

- MELO, José Marques de. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Em. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária** – Prosa. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. de Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. *In*: MOLES, Abraham A. *et al.* (org.). **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.
- MORIN, Edgar. **O Método IV**: A humanidade da humanidade. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgard de Assis Carvalho. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **O método 3** – conhecimento do conhecimento. Trad. de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MORIN, Edgar: **O método 4** – a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MOURA, Dione. O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário. *In*: MOULLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Ed. UnB, 2012, p. 323-340.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas contemporâneas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? *In*: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione; ADGHIRNI, Zélia Leal. (orgs.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Ed Insular, 2012, p. 219-242.
- MÜLLER, Adalberto; BARROS, Manoel de. (org.). **Manoel de Barros**: Encontros. Vol. 1. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.
- NETO, Lira. **A arte da biografia**: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- O Jornal**. Órgão líder dos Diários Associados / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.– A Secretaria, 2007.
- OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. 3. ed. Porto Alegre: EM Editores, 2008.

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior**: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIMENTEL, Brutus Abel Fratuze. **Paul Valéry**: estudos filosóficos. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19012009-162232/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

PUCHEU, Alberto. Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 281-293, 2015.

QUEIROZ, Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991). **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 1, n. 31, p. 229-252, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19137>. Acesso em: 8 jun. 2024.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

RODRIGUES, Adriano D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. *In*: MOULLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. (orgs). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Ed. UnB, 2012, p. 227-242.

RODRIGUES, Paulo Morgado. **Manoel de Barros**: confluência entre poesia e crônica. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; MENEGAZZO, Maria Adélia. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul**: histórias de vida. Campo Grande: Editora UFMS, 1992.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Trad. de Constança Egredas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SÁ, Sérgio de. **A reinvenção do escritor**: literatura e mass media. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHWENGBER, Isabela de Fátima. **Representações do MST na imprensa de Mato Grosso do Sul** (1995 a 2000). Dourados/MS: UFMS, Câmpus de Dourados, 2005.

SEIBT, Taís. **Jornalismo de verificação como tipo ideal**: a prática de fact-checking no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Kelcilene Grácia. **A poética de Manoel de Barros**: um jeito de olhar o mundo. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Joelma Santana. Fernando Ferreira de Loanda, poeta da geração de 45. **Revista da Anpoll**, Viçosa, v. 54, n. 1, e1821, 2023. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1821>. Acesso em: 2 out. 2023.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SOUZA, Elton Luiz Leite. **Manoel de Barros**: a poética do deslimite. 7Letras: Rio de Janeiro, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa e transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

TRILLING, Lionel. **Sinceridade e autenticidade**: a vida em sociedade e a afirmação do eu. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

VIANNA, Andrea Ramos Jubé. **O jornalismo em Guimarães Rosa**: aproximações. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2019.

VILAS-BOAS, Sergio. A Arte do Perfil. *In*: VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros/22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. revista e ampliada. Manole, 2014, p.271-287.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VOGEL, Daisi. **Escritores em entrevista**: co-autoria e disseminação. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II Nº 2 - 2º Semestre de 2005, p. 123-131.

VOGEL, Daisi. **Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista**. Tese (doutorado em Literatura) - Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

YAMAMOTO, Cícera Rosa. **Memória e identidade na poética de Manoel de Barros**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

Jornais e revistas

ABREU, Paulo Renato. Manoel de Barros: ‘deixei uma ave me amanhecer’. **O Povo**, Fortaleza, 14 de novembro de 2014. Caderno especial, p. 1.

ACCIOLY, Anna. A poesia em silêncio. **Correio da Manhã**, São Paulo, 5 de janeiro de 1992. Shopping News, p. 8.

ACCIOLY, Anna. O fazedor de ‘inutensílios’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de dez. de 1993.

ACCIOLY, Anna. Manoel de Barros: a palavra redescoberta. **Revista Goodyear**, São Paulo, abril de 1989, p. 48-53.

ACCIOLY, Anna. Manoel de Barros – O poeta. **Desfile**. Rio de Janeiro, setembro de 1990. Editora Bloch, p. 116-118.

ACCIOLY, Anna. A desconstrução da palavra. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, julho de 1994. Editora Terceiro Mundo, p. 17-19.

AFFONSO, Eduardo. O Brasil mais profundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de out. de 2022. Opinião, p. 3.

AGUALUSA, José Eduardo. Um poeta no Pantanal. **Público**, Lisboa (Portugal), 26 de junho de 1994. Público Magazine, p. 44-48.

ALBUQUERQUE, Lina. Um poeta sai da sombra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de out. de 1987. Caderno B, p. 4.

ALVES, Rogério Eduardo. Construtor de mitos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de maio de 2003. Ilustrada, E10.

ALVES, Rogério Eduardo. Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo”. **Folha de S. Paulo**, 28 de novembro de 2001. Ilustrada.

AMÂNCIO, Moacir. O caso literário do exímio poeta Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 de abril de 1989. Caderno 2, p. 5.

AMENDOLA, Gilberto. Os latidos de parabéns para São Paulo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 de jan. de 2023. Cultura, C2.

ANDRADE, Jeferson de. O homem que é um dialeto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 5 de fevereiro de 1998. Espetáculo/Especial, p. 5.

ANTÔNIO, João. Contradança de profetas, poetas, bêbados e bruxos: aleijadinando. **O Pasquim**, 12 de abril de 1984, p. 12.

ANTÔNIO, João. Aleijadinho: uma trama profética. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1984.

ANTÔNIO, João. Cartola ou a manipulação. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1984, p. 10.

APOLÔNIO de Carvalho morre no Rio aos 93. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 de setembro de 2005. Brasil, A10.

AQUINO, Vanessa. Conversa matreira. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 de novembro de 2014. Especial, p. 4.

AQUINO, Vanessa. O encantador de palavras. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 de novembro de 2014. Especial, p. 1.

ARAGÃO, Diana. Criador de pérolas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1987. Caderno B, B9.

ARAÚJO, Paulo César de. Prêmio literário não tem valor para editoras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 20 de set. de 1969, Suplemento do Livro, p. 7.

ASSUNÇÃO, Paulinho. Das artes do assobio. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1 de jan. de 1983, p. 11.

ASSUNÇÃO, Paulinho. As Pré-Coisas de Manoel de Barros. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 23 de janeiro de 1986. Autores e livros.

ASTRINI, Bruna; ARAÚJO, Patrícia. Educação pública para as infâncias. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 de outubro de 2023. A6.

AYALA, Walmir. Compêndio para uso dos pássaros. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 24. de out. de 1961. Primeiro Caderno, p. 6.

A GRANDE família. O Globo, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 2016. **Revista O Globo**, p. 10.

A POESIA chora por Manoel de Barros. **A Tribuna**, Santos, 14 de novembro de 2014. Bom programa, D4.

BARBOSA, Frederico. Poeta elabora a gramática das coisas inúteis. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º de dezembro de 1990. Letras, F7.

BARROS, André Luiz. ‘O tema da minha poesia sou eu mesmo’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1996. Ideias, p. 5.

BARROS, André Luiz. Inutilidades ‘impoéticas’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 de mai. De 1996. Ideias, p. 5.

BARROS, André Luiz. A ‘fortidão’ de Rosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1994. Caderno B, p. 1.

BARROS, Manoel. Mano. **Boletim da Nhecolândia**, Corumbá, setembro de 1934.

BARROS, Manoel. Campinas Velha. **Boletim da Nhecolândia**. Corumbá, 1934. *In*: MAGALHÃES, Luiz Alfredo. Mato Grosso do Sul – Fazendas. Uma memória fotográfica. Editora Alvorada, Campo Grande, 2012.

BARROS, Manoel. O tordo. **Boletim da Nhecolândia**, Corumbá, janeiro de 1935, p. 4.

BARROS, Manoel. Olhos Parados. O Jornal, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1944. **Revista do O Jornal**, p. 3.

BARROS, Manoel. Canção da menina, com luar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1945. Revista do O Jornal, p. 3.

BARROS, Manoel. Três Poemas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 de março de 1953. Primeiro Caderno, p. 7.

BARROS, Manoel. Rua Mário de Andrade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1955. Primeiro Caderno, p. 8.

BARROS, Manoel. Mancha Distante. *In*: BRAGA, Rubem. **Manchete**, Rio de Janeiro, 24 de março de 1956. Em Foco, p. 58.

BARROS, Manoel. O Abstrato e o Concreto. **Correio do Estado**, Campo Grande, 2 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. O Abstrato e o Concreto. **Correio do Estado**, Campo Grande, 3 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 5 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 6 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 7 de junho de 1961, p. 3.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 9 de junho de 1961, p. 3.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 10 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 17 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 20 de junho de 1961, p. 4.

BARROS, Manoel. Continho para a Maneira de Katharine Mansfield. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 24 de set. de 1961. Suplemento dominical, p. 5.

BARROS, Manoel. A boca. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 5 de nov. de 1961. Suplemento dominical, p. 5.

BARROS, Manoel. A volta. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 16 de nov. de 1961. Suplemento dominical, p. 8.

BARROS, Manoel. Duas poesias de Manoel de Barros. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 17 de fev. de 1963. Suplemento dominical, p. 3.

BARROS, Manoel. Do Pantanal: Loisa & Coisa. **Boletim do Fazendeiro**, Campo Grande, 2 de abril de 1981.

BARROS, Manoel. Os caramujos-flores. *In*: BRAGA, Rubem. A poesia é necessária. **Revista Nacional**, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1984, p. 2.

BARROS, Manoel. Abraço no poeta. Abraço no poeta. **Revista Nacional**, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1986, p. 2.

BARROS, Manoel. Paisagens de água e de árvores. **Veja Centro-Oeste**, São Paulo, 23 de out. de 1991, p. 6-10.

BARROS, Manoel. Como fiz um retrato de andarilhos. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, janeiro de 1993. Biblioteca Nacional, p. 213-214.

BARROS, Manoel. Primeiro encontro com Rosa. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 11.

BARROS, Manoel. Carta ao Joel. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 21.

BARROS, Manoel. Descascar palavras. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 22.

BARROS, Manoel. Brincadeira com as palavras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1997. Caderno B, p. 5.

BARROS, Manoel. Contravenção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1998. Caderno B, p. 10.

BARSANELLI, Maria Luísa. No teatro, Cássia Kiss escova poesia de Manoel de Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 de janeiro de 2019. Ilustrada, C5.

BERTOL, Rachel. Literatura para crianças e jovens é a grande vencedora do Jabuti 2002. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º de mai. De 2002. Segundo Caderno, p. 3.

BIRAM, Tagore. O desconsertador de linguagens. **Zero Hora**, Porto Alegre, 3 de setembro de 1994. Cultura, p. 8-9.

BITENCOURT, Luigy. Revista de poesia "Bric-a-brac" tem lançamento amanhã em Belo Horizonte. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 3 de agosto de 2022. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/08/03/interna_cultura,1384166/revista-de-poesia-bric-a-brac-tem-lancamento-amanha-em-belo-horizonte.shtml. Acesso em: 27 jun. 2024.

BORGES, João. A lírica concisa que vem do Pantanal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 de mar. De 1989. Caderno 2, p. 12.

BORGES, João. Gramática remota da pureza perdida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1993. Segundo Caderno, p. 1-4.

BORGES, João. A natureza de um amor ignorante. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de nov. de 1993. Segundo Caderno, p. 4.

BORGES, João; TURIBA; Luis. Manoel de Barros. **Bric-a-Brac**, Brasília, 1989. p. 34-49.

BOTELHO, Míriam. “Poesia é voar fora da asa”. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 2 de agosto de 1998. DC Ilustrado, E1.

BRAMBILLA, Márcia. Manoel de Barros: sou um tremendo Caramujo. **A Crítica**, Campo Grande, 1º de novembro de 1986. Jornal Moda Guaicurus, p. 10-11.

BRANCO, Lucia Castello. Palavra em estado de larva. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 de fev. de 1984, p. 1.

BRANCO, Lucia Castello. A poesia febril de Manoel de Barros. **O Tempo**, Belo Horizonte, 17 de agost. De 1997. Engenho&Arte, p. 8.

BRANDÃO, Liv. Quem é esta mulher? **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de nov. de 2017. Segundo Caderno, p. 5.

BRASIL, Ubiratan. Bilhetes poéticos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 4 de novembro de 2009. Caderno2, p. 1.

BRASIL, Ubiratan. Poeta dos detalhes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 de nov. de 2014. Caderno 2, p. 1.

BRASIL, Ubiratan. A eterna infância de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de abr. de 2006. Caderno 2, D12.

BRASIL, Ubiratan. Lusofonia inflama a discussão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 de ago. de 2010. Bienal, p. 4.

BRASIL, Ubiratan. Manoel por trás da poesia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 de jan. de 2010. Caderno 2, D10.

BRASIL, Ubiratan. Poesia da terra. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 de jan. de 2019. Caderno 1, p. 1.

BRASIL, Ubiratan. Manoel de Barros lança primeira obra em prosa. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17 de mai. De 2003. Caderno 2, D9.

BRASIL, Ubiratan. A volta da poesia indispensável de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 9 de abr. de 2016. Caderno C, p. 5.

BRASIL, Ubiratan. Pequenos tesouros de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 de marc. De 2015. Caderno 2, p. C5.

BRASIL, Ubiratan. Um prêmio para o ócio criativo de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 2002. Caderno 2, D3.

BRASIL, Rodrigo; AZEVEDO, Reinaldo. O traidor da natureza. **Bravo!**, São Paulo, junho de 1998, p. 27-32.

BUENO, Thaísa. Doutor em poesia. **Folha do Povo**, Campo Grande, 27 de out. de 2000. Cultura, p. 17.

BURNETT, Lago. Sugestões para leitura. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1983, p. 21.

BURNETT, Lago. Um poeta a favor e não contra o público. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de jun. de 1974. Economia & Finanças, p. 5.

CALÁBRIA, Mario. Poeta em Mato Grosso. **O Momento**, Corumbá, 1944.

CALDAS, Renata. O cantinho do poeta. **Correio Braziliense**, Brasília, 9 de abr. de 2006. Cultura, p. 1-3.

CAMPOS, Vanessa; FRANCISCO, Severino. Um poeta possuído pelas imagens. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 de novembro de 2014. Diversão & Arte, p. 3.

CARDIM, Ismael. Um poeta em Mato Grosso. **Crítica**, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1974, p. 15.

CASTELLO, José. A escolha de Manoel. **Valor Econômico**, São Paulo, 28 de fevereiro de 2014. Caderno Eu&, p. 34-35.

CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. **O Estado de S. Paulo, São Paulo**, 18 de outubro de 1997. Caderno 2, p. 1-3.

CASTELLO, José. O Pantanal – pensei na minha pressa de jornalista – é Manoel. **Revista Literária Pernambuco**, Recife, janeiro de 2015. Companhia Editora de Pernambuco, p. 10-15.

CASTELLO, José. Manoel de Barros busca o sentido da vida. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 3 de agosto de 1996. Caderno 2, D12.

CASTELLO, José. Manoel de Barros fotografa a poesia do invisível. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 de maio de 2000. Caderno 2, p. 3.

- CASTELLO, José. Poesia atônita. Rio de Janeiro, **O Globo**, 18 de janeiro de 2014. Prosa, p. 5.
- CASTELLO, José. Tudo o que não invento é falso. **Valor Econômico**, São Paulo, 2 de maio de 2003. Eu&Fim de Semana, p. 4-6.
- CASTRO, Antônio Carlos de Almeida; BOTTINI, Pierpaolo. Um sigilo escancarado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de nov. de 2015. Opinião, p. 18.
- CASTRO, Gustavo de. A casa da poesia. **Revista Piauí**, São Paulo, 30 de abr. de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/casa-da-poesia/>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- CAVALCANTI, Valdemar. Literatura brasileira: balanço de 1969. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, janeiro de 1970, p. 4.
- CAZES, Leonardo. Poeta com alma de criança. **O Globo**, 31 de março de 2012. Globinho, p. 1, 4-5.
- CECÍLIA, Cláudia. Alma infantil. **O Dia**, Rio de Janeiro, 1999.
- CERRO, Antonio Torres del. Inspirado em Goya e Henri Matisse. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 de jan. de 2021. Especial, H3.
- CHAMADAS para exames e outras informações. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 de março de 1940, p. 7.
- COELHO, Marcelo. Barros tem sabor artificial de caipira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 de dez. de 1993. Ilustrada, p. 12.
- COELHO, Marcelo. Manoel de Barros não é Shakespeare. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 de jan. de 1994. Ilustrada, p. 5.
- CORREIA, Tina. **O poeta do lixo**. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1º de dez. de 1990. Caderno B, p. 6.
- COM A palavra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de dez. de 2020. Ela, p. 43.
- COLLEGIO S. José. **Beira-Mar**, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1934, p. 2.
- COMPARECIMENTO de alunos ao CPOR da 1ª RM. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1941. Noticiário, p. 7.
- COM A PRIMEIRA apuração marcada para amanhã entra o nosso concurso em sua fase final. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1959. Primeiro Caderno, p. 3.
- CONDE, José. Poetas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 de nov. de 1956. IV Caderno, p. 12.
- COSTA, Thais. Manoel de Barros: o poeta do Pantanal. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1989, p. 68-73.

COSTA, Thais. **O universo de Manoel, segundo Joel**. Diário da Serra, Campo Grande, 5 de mai. De 1987. Vivarte, p. 16.

COSTA, Thaís. O poeta vive do mistério. **Executivo Plus**, Campo Grande, 1993.

COSTA, Luiz Antônio Costa; NASCIMENTO, Rafael. Morre Ziraldo, criador de ‘O Menino Maluquinho’, aos 91 anos. **G1**, São Paulo, 6 de abril de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/04/06/morre-ziraldo-criador-de-o-menino-maluquinho-aos-91-anos.ghtml>. Acesso em: 7 ago. 2024.

COUTO, José Geraldo. Manoel de Barros busca na ignorância a fonte da poesia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 de nov. de 1993. Mais!, p. 8-9.

COUTO, José Geraldo. A estética do ‘bom-gostismo’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 de jan. de 1994, Ilustrada, p. 6.

DIAS, Elaine. Inutilidades. **O Fluminense**, Niterói, 8 de jun. de 2002. Segundo Caderno, p. 1.

DIEGUES, Douglas. Conversa com o poeta que não degenerou em adulto. **Teyu’í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 4-7.

DIEGUES, Douglas. Tudo a Dizer. **Revista Cult**, São Paulo, dezembro 2012. Editora Bregantini, p. 12-18.

DISITZER, Marcia. Resumo da ópera. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de dez. de 2021. Ela, p. 21.

DOMINGOS, João. Palavras desconstruídas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 de nov. de 2014. Caderno 2, p. C6.

DR. MANOEL de Barros laureado o maior poeta de 1960. **Folha da Tarde**: Corumbá, 26 de jul. de 1960.

DUARTE, Marlene. O universo pantaneiro de Maria Baptista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1996. Segundo Caderno, p. 4.

ESCRITORES em Brasília prestigiam o debate. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 de jun. de 1969. Suplemento do Livro, p. 3.

FACE Imóvel. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 13 de dez. de 1942, p. 5.

FACE IMÓVEL: lançado um sugestivo caderno de poemas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 25 de nov. de 1942.

FACE Imóvel de Manuel de Barros. **Carioca**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 1942.

FAGÁ, Marcelo. Nasce um poeta, aos 72 anos. **Isto É Senhor**, São Paulo, 1º de março de 1989, p. 72-75.

FALLECE a los 61 años el traductor Mario Merlino, Premio Nacional em 2004. **El confidencial**, Madri, 28 de agosto de 2009. Disponível em: https://www.elconfidencial.com/cultura/2009-08-28/fallece-a-los-61-anos-el-traductor-mario-merlino-premio-nacional-em-2004_882322/. Acesso em: 16 jul. 2024.

FERNANDES, Millôr. No país dos Corredores (Apresentando um poeta). **Isto É**, São Paulo, 3 de outubro de 1984, p. 13.

FERNANDES, Millôr. Millôr. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1990. Primeiro Caderno, p. 11.

FRANÇA, Mirelle de. Manoel de Barros em versão inédita na TV. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de março de 2008. Segundo Caderno, p. 10.

FRANÇA, Paulo. Um poeta pantaneiro rebelde a métricas e rimas. **Correio Braziliense**, Brasília, 9 de dez. de 1990. Cadernos Dois, p. 4.

FRANCISCO, Severino. Êxtase da poesia de Manoel de Barros. **Jornal de Brasília**, Brasília, 6 de fev. de 1994. Caderno de cultura, p. 3.

Francisco, Severino. Desencontro com Manoel. **Jornal de Brasília**, Brasília, 28 de março de 1994. Caderno 2, p. 1.

FRANCISCO, Severino. Relembra a carreira e a obra de Reynaldo Jardim. **Correio Braziliense**, Brasília, 24 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/01/24/interna_diversao_arte,732523/quem-e-reynaldo-jardim.shtml. Acesso em: 19 jun. 2024.

FRAGA, Alex. A poética de Manoel de Barros. **Diário da Serra**, Campo Grande, 5 de abril de 1992. Caderno 2, p. 1.

FREITAS, Guilherme. O poeta que queria ser árvore. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de abr. de 2010. Segundo Caderno, p. 1.

FREITAS, Guilherme. Lições de ‘Manoêles’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de mar. De 2016. Segundo Caderno, p. 1.

FUCUTA, Brenda. O poeta expõe sua obra em paredes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 de mai. De 1990. Caderno 2, p. 3.

GABEIRA, Fernando. Perigoso mesmo é o homem. **Afinal**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1984.

GODOY, Heloísa; CÂMARA, Ricardo. Entrevista Manoel de Barros. **Revista Cult**, São Paulo, outubro de 1998. Editora Bregantini, p. 5-9.

GOIS, Ancelmo. O poeta pantaneiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de mar. De 2017. Rio, p. 18.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de brincar com as palavras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 de abril de 2024. Folhacorrida, B8.

GONÇALVES, Régis. Encantador de palavras. **O Tempo**, Belo Horizonte, 8 de novembro de 1998. Magazine, p. 1 e 3-6.

GONÇALVES FILHO, Antônio. Manoel de Barro sai do Pantanal por escrito. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 de abril de 1989. Letras, G-3.

GONÇALVES FILHO, Antônio. 'El Paseante' dedica edição ao Brasil. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de janeiro de 1989. Ilustrada, E1.

GRANATO, Fernando. A natureza poética de Manoel de Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 de ago. de 2019. Ilustríssima, A4 e A5.

GRÜNEWALD, José Lino. Poeta com máscara de filósofo popular. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de set. de 1996. Prosa & Verso, p. 4.

GUIMARÃES, Cleo. Imagens da liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 2014. Segundo Caderno, p. 3.

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros: sobreviver pela palavra. **Grifo**, Campo Grande, maio de 1979, p. 50-53.

GUTERMAN, Débora. Autores de adultos enveredam pelo mundo das crianças. **Valor Econômico**, São Paulo, 3 de outubro de 2000. Eu&Cultura, D9.

GUTKOSKI, Cris. Ao poeta, com carinho. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 de maio de 2000. Segundo Caderno, p. 7.

HOJE nas letras. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1956, p. 3

HORA de alçar voo maior. **A Gazeta**, Cuiabá, 14 de novembro de 2014. Vida, E3.

IACONELLI, Vera. Para ler. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 de abr. de 2020. Folhacorrida, B20.

IMPÉRIO Serrano vence na Série A e retorna à elite dos desfiles. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de mar. De 2017. Rio, p. 7.

INSTITUTO La-Fayette. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1929. Exames, p. 8.

INSTITUTO La-Fayette. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1929. Exames, p. 6.

IWASSO, Simone; MAZZITIELLI, Fabio. Programa de leitura de SP é revisto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 de maio de 2009. Vida, A21.

JABOR, Arnaldo. Brasileiros querem a poesia vital da lama. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 de setembro de 1992. Ilustrada, p. 8.

JANSEN, Roberta. Manoel de Barros salva palavras da mesmice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 de maio de 1995. Caderno 2, D1.

JUBÉ, Andrea. Presidenciáveis elegem as leituras de Natal. **Valor Econômico**, São Paulo, 21 de dezembro de 2021. Política, A12.

JUNIOR, Gonçalo. Morre Manoel de Barros, poeta maior da “vanguarda primitiva”. **Valor Econômico**, São Paulo, 14 de novembro de 2014. Brasil, A2.

JUNQUEIRA, Ivan. Adélia Prado. Um caso na poesia brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de jul. de 1978. Livros, p. 7.

KOGUT, Patrícia. Cláudio Savaget. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de fev. de 2008. Segundo Caderno, p. 8.

LAMEGO, Fernanda. Manoel de Barros ganha prêmio literário nacional. **O Tempo**, Belo Horizonte, 4 de outubro de 1998. Geral, p. 12.

LAUREADO o poeta Manoel de Barros – telegramas de felicitações que surpreendem o laureado em sua fazenda. **O Momento**: Corumbá, 26 de jul. de 1960, p. 1.

LEITE, Gervasio. Poesia. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 20 de dez. de 1942, p. 5.

LEONARDOS, Stella. Compêndio para uso dos pássaros. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 16 de jul. de 1961.

LICHOTE, Leonardo. Rapoesia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de set. de 2016. Segundo Caderno, p. 1.

LIMA, Abdias. Estante de livros. **A Fortaleza**, Fortaleza, 30 de nov. de 1974.

LIMA, Carlos Emílio Corrêa. Escritos para o conhecimento do solo. **El Paseante**, Madrid, nº 11, 1988, p. 124-128.

LIVROS e Autores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 de nov. de 1942, p. 4.

LIVROS novos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de nov. de 1956.

LOBATO, Eliane. Poeta de pés no chão. **O Globo**: Rio de Janeiro, 14 de jun. de 1990. Segundo Caderno, p. 1.

LOPES, Adélia Maria. Manoel de Barros, concerto a céu aberto para solo de poeta. **Revista Nicolau**: Curitiba, 1991, p. 4-6.

LOPES, Adélia Maria. Um filme para poemas do caramujo-flor. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 19 de julho de 1987.

- LOPES, Álvaro Augusto. À margem dos livros. **A Tribuna**, Santos, 1956, s/p.
- LUCINDA, Elisa. Poesia em comunhão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1997. Domingo, p. 3-5.
- MANOEL de Barros. **A Manhã**: Rio de Janeiro, 28 de marc. De 1946, p. 2.
- MANOEL de Barros não administra a própria glória. **Folha da Tarde**, Corumbá, 18 de set. de 1974.
- MANUEL de Barros. **Leia**, 18 de junho de 1987, p. 18-20.
- MAPPA geral dos exames de admissão, realizados em 1ª época de 1928. **Jornal do Comércio**, Campo Grande, 13 de dezembro de 1928. Diário da Manhã, p. 1.
- MARANHÃO, Raimundo. Uma carta expressiva. **A Cruz**, Cuiabá, 16 de outubro de 1938, p. 4.
- MARIA, Cleusa. ‘Gosto da palavra na ponta do lápis’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de março de 2002. Ideias, p. 3.
- MARINO, Alexandre. Revistas anunciam tempo bom para a cultura. **Correio Braziliense**, Brasília, 15 de fevereiro de 1989. Caderno Dois, p. 1.
- MARTINS, Ana Cecília. Dossiê Manoel de Barros. **Poesia Sempre**, Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2005, n° 21, p. 11.
- MARTINS, Bosco. Aos 92, Manoel de Barros celebra a cerimônia do adeus. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 8 de janeiro de 2009.
- Martins, Bosco; Trimarco, Cláudia; Diegues, Douglas. Três momentos de um gênio. **Caros Amigos**, São Paulo, dezembro de 2006, p. 29-34.
- MARTINS, Luiz. Versos rupestres. **Correio Braziliense**, Brasília, 29 de janeiro de 2005. Pensar, p. 8-9.
- MARTINS, Wilson. Caracteres. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 2000. Prosa & Verso, p. 4.
- MARTINS, Wilson. Ciclos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 de dez. de 1961. Suplemento Literário, p. 2.
- MATOS, Lobivar. Um poeta pacifista. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 20 de dez. de 1942, p. 5.
- MATTOS, Lauro. Guerra e paz. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 de março de 2022. Ilustrada, C2 e C3.
- MAUAD, Isabel Cristina. Poeta busca estética do ordinário. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de dez. de 1991. Livros, p. 5.

- MAYRINK, Geraldo. Com lama, suor e solidão. Veja, São Paulo, 5 de janeiro de 1994. Editora Abril, p. 96-97.
- MEDEIROS, Sérgio. A parábola do João de Barros. **Jornal da Cidade**, Campo Grande, 4 de dez. de 1983. Variedades.
- MEIRELES, Maurício. Exposição disseca poesia de Manoel de Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de fev. de 2019. Ilustrada, p. C3.
- MELLO, Paulo Thiago de. Casos e causos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de março de 2006. Prosa & Verso, p. 10.
- MENCARELLI, Fernando. Poetas convergem para São Paulo e quebram jejum de poesia no Masp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 de maio de 1990. Letras, F1.
- MENEZES, Carlos. Para quem gosta de saborear o 'prazer do texto'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1985. Segundo Caderno, p. 5.
- MENEZES, Cynara. Homem puro em estrofes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de novembro de 1998. Ilustrada, p. 1-3.
- MENEZES, Maira Eugênia de. Uma festa para Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 7 de setembro de 2013. Caderno 2, C9.
- ML. Sucesso de Pedro Bacurau. **Tribuna**, Mato Grosso, 1960.
- MILLEN, Mânia. Um poeta em plena infância. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de nov. de 1998. Prosa & Verso, p. 6.
- MILLEN, Mânia. Ondjaki. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de jul. de 2006. Prosa & Verso, p. 1.
- Ministério da Guerra. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 1º de março de 1941, p. 7.
- MONOMOTOR cai e mata dois. **A Tribuna**, Santos, 30 de março de 2007. Brasil, C2.
- MOREIRA, Carlos André. Um beijo para Manoel de Barros. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 de março de 2020. Segundo Caderno, p. 1.
- MORRE Manoel de Barros, um dos maiores poetas brasileiros. **O Fluminense**, Niterói, 14 de novembro de 2014, p. 8.
- MOURA, Sheila. A Personagem da Pré-Palavra. **Bravo!**, São Paulo, junho de 1998. Livros, p. 36.
- Müller, Adalberto. Eulogia para Manoel. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2014. Segundo Caderno, p. 2.

NAME, Daniela. Manoel de Barros diz ‘nada’ e Cony faz entrevista na entrega do Prêmio Nestlé. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de jun. de 1997. Segundo Caderno, p. 2.

NAME, Daniela. A vozes poéticas de uma guerra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de mar. De 1995. Livros, p. 6.

NAME, Daniela. ‘Só vejo exuberância no ínfimo’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1996. Segundo Caderno, p. 4.

Name, Daniela. Um inventor de palavras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de março de 1996. Segundo Caderno, p. 1.

NETO, Geneton Moraes. O repouso do poeta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1987. Ideias, p. 8-9.

NETO, Gualter Mathias. Caramujo do Pantanal. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de jul. de 1987. Segundo Caderno, p. 6.

NETO, Dib Carneiro. Manoel de Barros lança seu primeiro livro infantil. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 de novembro de 199. Caderno 2, D10.

NÊUMANNE, José. As veredas urbanas de Evandro Ferreira. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 de julho de 2003. Caderno 2, D4.

NOGUEIRA, Rui. O poeta-andarilho do Pantanal. **Correio Braziliense**, Brasília, 5 de jul. de 1987. Aparte, p. 6-7.

NOVA Suissa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1948, p. 21.

NO MINISTÉRIO da Guerra. **Correio da Manhã**, 26 de março de 1941, p. 8.

NO MINISTÉRIO da Guerra. **Correio da Manhã**, 24 de abril de 1945, p. 3.

NINA, Cláudia. Não dá para entender nonada no idiomaterno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 2001. Ideias, p. 4.

NINA, Cláudia. O apanhador de desperdícios. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de maio de 2003. Ideias, p. 5.

O CORUMBAENSE Manoel de Barros na Literatura Sul-Matogrossense. **O Momento**, Corumbá, 10 de jan. de 1979, p. 3.

OLIVA, Daigo. Criaturas ‘ready-made’ de Julio Villani ocupam Casa de Vidro de Lina Bo Bardi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 de setembro de 2023. Ilustrada, C5.

OLIVEIRA, Gabriel. O poeta democratizado. **O Fluminense**, Niterói, 27 de agosto de 2015, p. 1

OLIVEIRA, Isaac de. ‘Quero ganhar valorizando os resíduos’. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 de dez. de 2020. Economia, B13.

O GRANDE poeta das pequenas coisas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14/11/2014. Segundo Caderno, p. 1.

O MANUAL literário de Barros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2006. TV, B3.

O FAZEDOR de poemas se despede. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 de novembro de 2014. Segundo Caderno, p. 5.

PACHECO, Rosany Marques. A evolução literária em Mato Grosso. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 4 de fev. de 1979, p. 10.

PANTANAL Som e Imagem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de nov. de 1998. Exposições, p. 83.

PEN, Marcelo. Retrato do artista quando coisa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de novembro de 2004. Ilustrada, E4.

PEREIRA, Ana Cristina. ‘Gosto de usar os deslimites das palavras’. **Correio da Bahia**, Salvador, 11 de dezembro de 1998. Folha da Bahia, p. 6.

PEREIRA, Luís Araújo. Poesia de mais, poesia de menos. **O Popular**, Goiânia, 5 de fevereiro de 2002. Literatura, p. 2.

PINHEIRO, Márcio. ‘Conversamentos’ de Manoel de Barros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de março de 1994. Caderno B, p. 4.

PINTO, Manuel da Costa. Livros revelam regularidade de estilo de Manoel de Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 de abril de 2010. Ilustrada, E6.

PIZA, Daniel. O poeta que veio do chão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 de marc. De 2010. Sabático, S8.

POESIA em saquinho faz festa para o seu sétimo número. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1980, p. 6.

POETAS NOVOS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1948. Segunda Seção, p. 1.

PONTES, Eloy. O mundo das letras – Poetas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26/10/1942, p. 4.

PONTES, José Couto Vieira. Mato Grosso. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, dezembro de 1973. Segundo Caderno, p. 4.

PORTELLA, Cláudio; RANIERI, Gustavo. Manoel de Barros, 96 anos. **Revista da Cultura**, São Paulo, dezembro de 2012. Livraria Cultura.

PRADO, Ricardo; NÓBREGA, Maria José. O canto dentro das palavras. **Revista Leituras**, Brasília, março de 2007. Ministério da Educação, p. 14-16.

PRÊMIO Orlando Dantas é recompensa para o poeta. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 de set. de 1960. Primeira seção, p. 2.

PRÊMIO Orlando Dantas para poeta do M. Grosso. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 de jul. de 1960, p. 1.

PROGRAMAÇÃO tem retratos de quatro artistas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de março de 2009. Bairros, p. 7.

QUATRO autores para onze perguntas. **Terra e Gente: Mato Grosso Ilustrado**, Rio de Janeiro, janeiro de 1956, p. 109.

RAHE, Nina. Manoel de Barros tem um desvio de poeta na voz. **Revista Mood Life**, Campo Grande, abril de 2010. Idealiza Gráfica e Editora, p. 26-31.

RAMALHO, Cristiane. Pantanal: o paraíso ameaçado. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1990, p. 36-57.

RAMONEDA, Bianca. Manoel de Barros conversa com Bianca Ramoneda. **Cadernos de Leituras Compartilhadas**, Rio de Janeiro, 2001. Leia Brasil.

RESENDE, Otto Lara. De mais e de menos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de ago. de 1985. O País, p. 6.

RESENDE, Otto Lara. Vocês, Prestes, e o Doutor Jô. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de jun. de 1989. O País, p. 6.

ROCHA, Eduardo Fonseca da. A visão de um bugre. **Isto É Senhor**, São Paulo, 28 de novembro de 1990, p. 88.

RODRIGUES, Claufe. Versos e visões que perseguem a simples natureza das coisas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1994. Poesia, p. 8.

RODRIGUES, Karine. Palavra de poeta. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1 de fev. de 2014. Prosa, p. 1-3.

RODRIGUES, Renan. Campeã, Sossego vai desfilar na Sapucaí. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 2016. Bairros, p. 4.

RIZZO, Sérgio. Morre aos 97 anos Manoel de Barros, poeta das grandezas do ínfimo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 de nov. de 2014. Ilustrada, p. E1.

RUBIN, Nani. O ator relê o poeta. **O Globo**, 2 de out. de 2015. Segundo Caderno, p. 5.

SALDAÑA, Paulo. Para quem fez o exame, não houve grandes transtornos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 de novembro de 2012. Vida, A17.

SANTOS, Mario Vitor. Os críticos se explicam. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de jul. de 1997, Brasil, p. 6.

SECCHIN, Carlos; JUNQUEIRA, Ivan; VARGAS, Suzana; ARCHANJO, Neide; FELIX, Moacyr; WANDERLEY, Jorge. **Entrevista Manoel de Barros**. Poesia Sempre, outubro de 1999. Biblioteca Nacional, nº 11, p. 189-199.

SILVA, Domingos Carvalho da. Uma antologia nova. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 de jul. de 1951. Terceira seção, p. 1.

SOARES, Gabriela. Decidida, foi a inspiração do poeta e o esteio da família. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 de jan. de 2021. Cotidiano, p. A21.

SOARES, Jussara. E agora, Mané? **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 2017. País, p. 11.

SOARES, Ricardo. O poeta do Pantanal Mato-grossense. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 de fev. de 1989. Caderno B, p. 3.

SOTO, Pascoal. O menino que carregava água na peneira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de nov. de 2014. Prosa, p. 4.

SOUSA, Wilker. Voar fora da asa. **Revista Cult**, São Paulo, maio de 2010.

SPITZ, Eva. O poeta que poucos conhecem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 dez. de 1988. Caderno B, p. 1.

TEIXEIRA, Jerônimo. Uma poesia com a umidade da terra. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1994. Segundo Caderno, p. 1.

TEIXEIRA, Maria Célia. Elogiada. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 12 de mar. De 1997. Bis, p. 6.

TOLIPAN, Heloisa. Poesia santa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de mai. De 2010. Caderno B, p. 8.

TOSTÃO, Eduardo Gonçalves de Andrade. Fantasias de um colunista. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de maio de 2002. Esportes, p. 17.

TOSTÃO, Eduardo Gonçalves de Andrade. Ver, antever e transver. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 de ago. de 2022. Esporte, B2.

TURIBA, Luis. Manoel de Barros, o poeta vai sair do limbo. **Correio Braziliense**, Brasília, 26 de marc. De 1989. Caderno Dois, p. 4.

UM BEIJO para Manoel de Barros. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 de março de 2020. Segundo Caderno, p. 1.

UM POETA. **Correio do Estado**, Campo Grande, 27 de maio de 1961, p. 6.

UMA COREOGRAFIA ao pé da letra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º de set. de 2006. RioShow, p. 31.

VASCONCELLOS, Paulo. O poeta entortador de versos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de abril de 2000. Ideias, p. 4.

VASCONCELOS, Nelson. A liberdade da língua ‘desportuguesa’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 2021. Segundo Caderno, p. 5.

VASSALO, Márcio. Nada é tão poético quanto a inutilidade. **Lector**, Rio de Janeiro, 1996, p. 8-9.

VASSALLO, Márcio. Simples: Manoel de Barros exercita sua poesia de criança. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1999. Ideias Livros, p. 1.

VASSALLO, Márcio. O tempo feliz em que a lesma se entregava à pedra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de maio de 2003. Prosa & Verso, p. 4-5.

VENTURA, Mauro. “Minha velhice é infantil”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2006. Segundo Caderno, p. 1.

VEIGA, Edison. Poesia de Manoel de Barros encanta crianças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 de maio de 2017. Caderno 2, C3.

VERNIERI, Suzana. O íntimo da palavra. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2002. Cultura, p. 1, 4-5.

VIDA militar. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1944. Primeira seção, p. 7.

VIEGAS, Anderson. Tímido diante de multidões, Manoel de Barros era brincalhão entre amigos. **G1**, São Paulo, 13 de novembro de 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2014/11/amigo-revela-um-manoel-de-barros-alegre-e-brincalhao-na-intimidade.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

VIEIRA, José Carlos. Borquejos para uma história da literatura sul-matogrossense. **Correio do Estado**, Campo Grande, 7 de jan. de 1979.

VILARA, Paulo. Refinada sensibilidade. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 de junho de 1983.

WALDMAN, Berta. A poesia de Manoel de Barros: uma gramática expositiva do chão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de mai. De 1989. Ideias, p. 4.

WOLFF, Fausto. Desçam do palanque, crianças! **O Pasquim**, 5 de abril de 1984, p. 5.

YAHYA, Hanna. **Jornais em 2021**: impresso cai 13%; digital sobe 6%. Poder360, Brasília, 1º de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Zs7gE>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ZAPPA, Regina. Coisas do pantaneiro gentil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1998. Caderno B, p. 1.

Apêndice

Índice de autores que assinaram textos que citaram Manoel (529)

Abdias Lima (1)
Abílio Leite de Barros (1) *
AC (1)
Adair Oliveira (1)
Adalberto Müller (2) *
Adélia Maria Lopes (2)
Ademar Borges (1) *
Adriana Barsotti (1) *
Adriana Dal Ré (2) *
Adriana Ferreira (1)
Adriana Pavlova (1)
AF (1)
Ailton Magliogi (1)
Albana Xavier Nogueira (1) *
Alberto Pucheu (1) *
Alda Maria Quadros do Couto (1)
Alda Ribeiro (1) *
Alex Fraga (2)
Alexandra Ozorio de Almeida (1)
Alexandre Bossi (1) *
Alexandre Marino (3)
Alfredo Manevy (1) *
Alfredo Monte (1)
Alvaro Augusto Lopes (1)
Alvaro Costa e Silva (2)
Ana Beatriz Marin (1)
Ana Cécília Martins (2) *
Ana Cláudia Guimarães (1)
Ana Cláudia Souza (1)
Ana Cristina Pereira (1)
Ana Cristina Reis (2)
Ana Francisca Ponzio (1)
Ana Paula Lisboa (1)
Anabela Paiva (2)
Ancelmo Gois (7)
André Bernardo (1)
André Luiz Barros (4)
André Miranda (2)
André Pestana (1)
André Zahar (1)
Andrea Jubé (2)
Fernanda Lamego (1)
Fernando Eichenberg (1)
Fernando Gabeira (1)
Fernando Granato (1)
Fernando Mencareli (1)
Fernando Lopes (1)
Fernando Pestana (1)
Flavia Bemfica (1)
Flavia Guerra (1)*
Flávia Oliveira (1)
Francesca Angiolillo (1)
Francisco Quintero Pires (2)
Frederico Barbosa (1)
Gabriel Oliveira (1)
Gabriela Temer (1)
Gabriela Romeu (1) *
Gabriella Soares (1)
Geraldo Mayrink (1)
Gerana Damulakis (1)
Gervásio Leite (1)
Gilberto Amendola (1)
Gildázia Garcia Vitor (1)
Gilmar Marçílio (1)
Goiandira Ortiz de Camargo (1)
Gonçalo Junior (1)
Gualter Mathias Neto (1)
Guilherme Freitas (5)
Guilherme Genestreti (1)
Guilherme H. Pontes (1)
Guilherme Sobota (2)
Gustavo Bernardo (1)
Gustavo Leitão (1)
Gustavo Ranieri (1) *
Hamilton dos Santos (2)
Haroldo Ceravolo Sereza (1)
Heitor Humberto de Andrade (1)
Helena Katz (1)
Hélio Fernandes (1)
Heloísa Godoy (1) *
Heloisa Tolipan (4)
Henrique Araújo (1)*
Mariana Filgueiras (4)
Mariana Moreira (1)
Mariangela Alves de Lima (1)
Marici Salomão (1)
Marília Martins (1)
Marília Coelho Sampaio (1)
Marilene Weinhardt (1)
Marina Cohen (1)
Mário Calábria (1)
Mario Marques (1)
Marlene Duarte (1)
Martha Medeiros (3)
Maurício Dias (1)
Maurício Arruda Mendonça (1) *
Maurício Meireles (2) *
Maurício Melo Junior (1)
Mauro Dias (2)
Mauro Rasi (2)
Mauro Ventura (4)
Miguel Conde (3) *
Miguel Sanches Neto (1)
Millôr Fernandes (3)
Milly Lacombe (1)
Mirelle de França (1)
Miriam Botelho (1)
Mirian Goldenberg (2)
ML (1)
Moacir Amâncio (3)
Moacyr Felix (1) *
Mônica Bergamo (1)
Mônica Loureiro (1)
Mônica Riani (2) *
Mônica Rodrigues da Costa (1)
Mônica Torres Maia (1)
Mr. Milles (1)
Nahima Maciel (3) *
Naiefef Haddad (1)
Nani Rubin (2)
Napoleão Saboia (1)
Narciso de Andrade (4)
Natália Nora (1)

Ângelo Rabelo (1) *
 Anna Accioly (5)
 Anna Ramalho (1)
 Antônio C. de Almeida Castro (2) *
 Antônio Carlos Miguel (1)
 Antônio Freitas (1)
 Antonio Gonçalves Filho (12) *
 Antônio Houaiss (2) *
 Antônio Olinto (1)
 Antonio Torre del Cerro (1)
 Artistheu Bulhões (1)
 Armando Antenore (1)
 Arnaldo Bloch (1)
 Arnaldo Jabor (2)
 Arnaldo Niskier (1)
 Arnor Ribeiro (1)
 Artur Xexéo (1)
 Augusto César Proença (1) *
 Augusto Massi (1)
 Aurora F. Bernardini (1) *
 Barbara Heliodora (1)
 Beatriz Cardoso (1)
 Beatriz Coelho da Silva (1)
 Beatriz de Moraes Moreira (1)
 Berenice Seara (1)
 Berta Waldman (2) *
 Beth Capelache de Carvalho (1)
 Beth Néspoli (1)
 Bianca Magela Melo (2)
 Bianca Ramoneda (1)
 Bolívar Torres (3)
 Bosco Martins (2) *
 Brenda Fucuta (1)
 Brenda Melo Duarte (1)
 Bruna Astrini (1) *
 Bruno Natal (1)
 Bruno Porto (1)
 Bruno Zeni (1) *
 Caio Sarack (1)
 Camila Holanda (1) *
 Camila Molina (3)
 Carlos André Moreira (2)
 Carlos Augusto Viana (1)
 Carlos Ayres Britto (1)
 Carlos Eduardo Leal (1)
 Carlos Emílio Corrêa Lima (2) *
 Henrique Alves (1)
 Henrik Siewierski (1)*
 Heráclio Salles (1)
 Heraldo Póvoas de Arruda (1)
 Hildeberto Barbosa Filho (1)
 Hildegard Angel (2)
 Hugo Limarque (1)
 Huho Sukman (1)
 Ineide Souza Di Renzo (1)
 Igor Silveira (2) *
 Isaac de Oliveira (1)
 Irlam Rocha Lima (1)
 Isabel Cristina Mauad (1)
 Isabel Kopschitz (1)
 Ismael Cardim (3)
 Ivan Junqueira (2) *
 Jacqueline Costa (1)
 Jailton de Carvalho (1)
 Jamil Snege (1) *
 Jatiacy Francisco da Silva (1)
 Jean Douchet (1)
 Jerônimo Teixeira (1)
 Jeferson de Andrade (1)
 João Antônio (6)
 João Borges (4) *
 João Carlos Pedroso (1)
 João Domingos (2) *
 João Guilherme Ripper (1)
 João Luiz Sampaio (1)
 João Marcos Coelho (1)
 João Pulita (2)
 João Sette Câmara (1)
 Joaquim Ferreira dos Santos (10)
 Joel Silveira (1)
 Jorge Bastos Moreno (2)
 Jorge Leão Teixeira (1)
 Jorge Montesino (1)*
 Jorge Wanderley (1)*
 José Augusto Gayoso (1)
 José Carlos Avellar (2)
 José Castello (24) *
 José Conde (1)
 José Couto Vieira Pontes (3)
 José Eduardo Agualusa (8)
 José Geraldo Couto (7)
 José Lino Grünwald (1)
 Neide Archanjo (1) *
 Nelson Vasconcelos (1)
 Newton Correia Ramalho (1)
 Nina Rahe (1)
 Nívia Carvalho (1)
 Noemi Jafe (1) *
 Norma Couri (1)
 Nylson Macedo (1)
 Olga Maria Castrillon (3)
 Oswaldo França Junior (1)
 Otávio Dias (1)
 Otto Lara Resende (2)
 Pablo Rebello (1)
 Paloma Amado (1)
 Pascoal Soto (2)
 Patrícia Araújo (1) *
 Patrícia Kogut (4)
 Patrícia Mercês (1)
 Paula Lacerda (1)
 Paulinho Assunção (2)
 Paulo Betancourt (1)
 Paulo Casé (1)
 Paulo César de Araújo (1)
 Paulo França (2)
 Paulo Renato Abreu (1) *
 Paulo Roberto Pires (5) *
 Paulo Saldaña (1)
 Paulo Thiago de Mello (1)
 Paulo Vilara (1)
 Paulo Vasconcellos (1)
 Pedro Butcher (1)
 Pedro César (1) *
 Pedro Ivo Dubra (1)
 Pedro Maciel (1) *
 Pedro Diniz (1)
 Pedro Sá (1)
 Pedro Spíndola (1)
 Pierpaolo Bottini (1) *
 Priscilla Aguiar Litwak (1)
 Rachel Bertol (8) *
 Rafael Teixeira (1)
 Raymundo Maranhão (1)
 Regina Zappa (1)
 Reinaldo Azevedo (1) *
 Renan Rodrigues (1)
 Renata Caldas (1)

Carlos Marcelo (2)	José Maria Cançado (2) *	Renata Leal (1)*
Carlos Menezes (4)	José Mindlin (1) *	Renato Machado (1)
Carlos Secchin (1) *	José Nêumane (1)	Reynaldo Damazio (1)*
Carlos Tavares (2)	José Octávio Guizzo (1)	Ricardo Boechat (11)
Carlota Cafiero (1)	José Orenstein (1)	Ricardo Brandão (1)
Carmen Dora Guimarães (1)	José Rezende Jr (1)	Ricardo Câmara (1) *
Carolina Isabel Novaes (1)	Joselia Aguiar (1)	Ricardo de Souza (1)
Carolina Ribeiro (1)	Josenia Marisa Chisini (1)	Ricardo Prado (1)*
Cassiano Elek Machado (1) *	Jotabê Medeiros (2)	Ricardo Soares (1)
Catharina Wrede (1)	Juca Ferreira (1) *	Roberta Jansen (1)
Cecília Costa (7) *	Julia Pinno (1)	Roberta Oliveira (2)
Cesar Giobbi (2)	Julio Gama (2)	Roberta Pennafort (1)
Cesar Miranda (1)	Jussara Soares (1)	Roberto Muggiati (1) *
Cesar Tartaglia (9) *	Karine Rodrigues (1) *	Roberto Alvim Corrêa (1)
Chacal (1)	Katia Kishi (1)	Roberto Medina (2) *
Chico Buarque (1)	Kelvin Falcão Klein (1)	Rodolfo Mageste (1)
Christian Carvalho Cruz (1)	Klecius Henrique (1)	Rodrigo Brasil (1) *
Christovam de Chevalier (2)	Lago Burnett (2)	Rodrigo Fonseca (1)
Cícero Sandroni (1)	Lauro Mattos (1)	Rodrigo Garcia Lopes (1) *
Cida Sepúlveda (1)	Lauro Neto (1)	Rodrigo Penna (1)
Cláudia Cecília (1)	Leandro Nunes (1)	Rodrigo Suzuki Cintra (1)
Cláudio Neiva de Matos (1)	Leonardo Cazes (1)	Rogério Eduardo Alves (3) *
Cláudia Nina (4)	Leonardo Lichote (6)	Rogério Gonçalves (1)
Cláudia Trimarco (1) *	Letícia Novaes (1)	Rosana Statuto (1)
Cláudio Cordovil (1)	Letícia Nunes (1)	Rosane Preciosa (1)
Cláudio Figueiredo (1)	Lilian Fernandes (1)	Rosany Marques Pacheco (1)
Cláudio Motta (1) *	Lina de Albuquerque (1)	Rosiska Darcy de Oliveira (2)
Cláudio Pereira de Souza Neto (1) *	Liv Brandão (1)	Rosualdo Rodrigues (1)
Cláudio Portella (1) *	Lívia Deodato (5)	Ruan de Sousa Gabriel (1)
Claufe Rodrigues (2)	Lobivar Matos (1)	Rubem Braga (2)
Cleber Eduardo dos Santos (1)	Lorem Falcão (1)	Rui Nogueira (1)
Cléo Guimarães (7)	LUC (1)	Santos Moraes (2)
Cleusa Maria (2)	Luca Miranda (1)	Scarlet Moon de Chevalier (1)
Cora Ronai (1)	Lucas Nobile (3)	Sérgio Augusto (1)
Cris Gutkoski (2)	Lucas Oliveira (1)	Sérgio Brazil (1)
Cristiane Costa (2)	Lucia Castello Branco (2)	Sérgio de Carvalho (1)
Cristiane Ramalho (1)	Luciana Brafman (1)	Sérgio de Sá (3)
Cristina Iori (1)	Luciana Pessanha (1)	Sérgio Luz (1)
Cristina R. Durán (2)	Luciano Rosa (1)	Sérgio Maggio (1)
Cristina Zarur (1)	Luciano Trigo (3)	Sérgio Medeiros (6) *
Cynara Menezes (1)	Lucílio Medeiros (1)	Sérgio Sossélla (2) *
Daigo Oliva (1)	Lucineia Nunes (1)	Sérgio Rizzo (1) *
Daniel de Mesquita Benevides (1)	Luís Turiba (3) *	Severino Francisco (6) *
Daniel Piza (2)	Luiz André Helzer (1)	Sheila Kaplan (2)
Daniel Schenker Wajnberg (3)	Luiz Araujo Pereira (1)	Sheila Moura (1) *
Daniel Silveira (1)	Luiz Carlos Merten (2)	Silvia Caroni (1)

Daniela Amorim (1)	Luiz Carlos Prestes Filho (2)	Simone Iwasso (1) *
Daniela Birman (3)	Luiz Felipe Reis (2)	Sonia Racy (3)
Daniela de Castro (1)	Luiz Fernando Vianna (2)	Sônia Rodrigues Mota (1)
Daniela Name (8) *	Luiz Fernando Vieira (1)	Stéfano Salles (2)
Débora Álvares (2) *	Luiz Horácio (1)	Stella Leonardos (2)
Débora Guterman (2)	Luiz Martins (1)	Susana Vernieri (1)
Deborah Berman (1) *	Luiz Zanin Oricchio (4)	Suzana Vargas (1) *
Demitri Tulio (1) *	Luiza Fecarotta (1)	Suzana Velasco (3)
Denise Telles (1)	Luiza Gould (1)	Tagore Biram (2)
Diana Aragão (1)	Madô Martins (3)	Tania Neves (9)*
Dib Carneiro Neto (1)	Maksen Luiz (1)	Tarik de Souza (1)
Diego Viana (1)	Manuel da Costa Pinto (1)	Tatiana Salem Levy (1)
Domingos Carvalho da Silva (1)	Manoel Ricardo de Lima (1)	Teresa Cristina Pimenta (1)
Dorrit Harazim (1)	Mànya Millen (15) *	Terezinha Tagé (5)
Douglas Diegues (6) *	Marcelino Freire (1)	Thais Britto (2)
Douglas McMilan (1)	Marcella Franco (2)	Thais Costa (3)
Edilamar Galvão (1)	Marcelo Borgonino (1)	Thais Pompeo (1) *
Edsion Veiga (2)	Marcelo Coelho (3)	Thaísa Bueno (3)
Edson Silva (1)	Marcelo Fagá (1)	Thales de Menezes (1)
Eduardo Affonso (3)	Marcelo Pen (1)	Tina Correia (1)
Eduardo Fonseca da Rocha (1)	Marcelo Rezende (1)	Toni Marques (2)
Eduardo Prado Coelho (1)	Marcelo Rubens Paiva (1)	Tostão (9)
Eduardo Simões (2)	Márcia Abos (2)	Ubiratan Brasil (25)
Eduardo Sterzi (1)	Márcia Brambilla (1)	Valdemar Cavalcanti (5)
Elaine Barros (1)	Márcia Disitzer (1)	Vanessa Aquino (4) *
Eliane Dias (1)	Márcia Vieira (1)	Vanessa Camphos (2)
Eliane Lobato (2)	Marcio Barbuy (1)	Vera Fiori (1)
Elisa Lucinda (2)	Márcio Pinheiro (1)	Vera Iaconelli (1)
Elisabeth Orsini (9)	Márcio Vassallo (4)	Vera Leon (1)
Eloy Pontes (1)	Marco Antônio Coutinho (1)	Vera Regina Barros (1)
Elyandra Silva (1)	Marco Aurélio Chaudon (2)	Vicente Cecim (4)
Eva Spitz (1)	Marco Damiani (1)	Vinícius Sassine (2) *
Evandro Eboli (1) *	Marcos Sampaio (1) *	Waldomiro Vallezi (1) *
Everson Faganelo (1)	Maria Adélia Menegazzo (2) *	Wagner Teixeira (1)
Fabiano Moreira (2)	Maria Célia Teixeira (2)	Walcir Carrasco (1)
Fábio Lucas (1)	Maria da Glória Sá Rosa (1)	Walmir Ayala (1)
Fábio Madrigal Barreto (1)	Maria Eugênia de Menezes (2)	Washington Novaes (5)
Fábio Mazzitielli (1) *	Maria Fernanda Rodrigues (4)	Wilker Sousa (1)
Fabício Carpinejar (3) *	Maria Fortuna (1)	Wilson Bueno (1)
Fátima Nascimento (4)	Maria Hirszman (1)	Wilson Martins (6)
Fátima Sá (1)	Maria José Nóbrega (1) *	Zélia Duncan (3)
Fausto Wolff (3) *	Maria Luísa Barsanelli (1)	Zulcy Borges (1)
Felipe Mortara (1)	Maria Ribeiro (2)	
Felipe Sil (1)	Maria Silva Camargo (1)	

* Assinou textos com outro(s) autor(es)

Índice de fotógrafos com mais imagens em registros de Manoel (51)

Adriana Lorete (1)	Gustavo Stephen (1)	Mirian Fichtner (7)
Adriana Elias (1)	João Borges (1)	Orlando Brito (1)
Alaor Filho (4)	Jonne Roriz (5)	Paulo Cabral (1)
Alexis Prappas (1)	Jorge Cecílio (1)	Pedro Agílson (1)
Anna Accioly (2)	José Castello (1)	Pedro Cezar (1)
Ana Branco (7)	José Geraldo Couto (3)	Pedro Espíndola (1)
André Penner (2)	Lucas Barros (2)	Protásio Lemo (1)
Armando Araújo (1)	Luciana Leal (1)	Protásio Nêne (1)
Bosco Martins (1)	Luis Turiba (1)	Raimundo Alves Filho (1)
Carla Pauletti (1)	Luiz Morier (1)	Renata Caldas (6)
Casimiro Silva (1)	Marcelo Buainain (21)	Ricardo Miranda (2)
Chico Ribeiro (1)	Marcelo Carnaval (1)	Rosana Marinho (1)
Cristina Ribeiro (1)	Marcelo Carnova (1)	Sofia Mariutti (1)
Douglas Diegues (1)	Márcia Brambilla (1)	Stefan Hess (4)
Eder Chiodetto (1)	Marcia Kranz (1)	Tuca Vieira (6)
Fernando Rodrigues (1)	Marco Rodrigues (1)	Vera Gonçalves (1)
Fernando Rabelo (1)	Marlene Bergamo (5)	Warren Nabuco (3)

Incentivadores de Manoel citados nos registros publicados (182)

Abílio de Barros (1)
Adalberto Müller (4)
Adélia Prado (1)
Ademir Ribeiro (1)
Adonias Filho (1)
Adriana Rosset (1)
Adriano e Fernando Guimarães (41)
Alberto Pucheu (1)
Alexandre Varella (3)
Ana Miranda (1)
Ana Portich (16)
Analu Prestes (1)
André Gardenberg (44)
Antonio Calloni (6)
Antonio Cicero (1)
Antônio de Franceschi (1)
Antônio Houaiss (48)
Araquém Alcântara (2)
Arlindo Fernandez (1)
Armando Freitas Filho (1)
Augusto César Proença (1)
Augusto Massi (1)
Aurora Bernardi (1)
Batista Lima (1)
Beatriz Segall (2)
Benedito Nunes (1)
Berta Waldman (2)
Bianca Ramoneda (67)
Bosco Martins (2)
Britta Pimentel (1)
Camila Pitanga (1)
Carlos Ayres Britto (1)
Carlos Drummond de Andrade (29)
Carlos Lin (1)
Carlos Nejar (2)
Carlos Scliar (2)
Carlos Vergara (1)
Carmen Dora Guimarães (1)
Carol Castro (1)
Cassia Kis (36)
Cátia de França (2)
Celso Drum (1)
Chacal (5)
Fátima Nascimento (4)
Fausto Wolff (15)
Fê Lelot (5)
Felipe Filósofo (1)
Fernanda Takai (1)
Fernandinha (1)
Fernando Coutinho (1)
Fernando Gabeira (4)
Franklin Sousa (1)
Frederico Foroni (9)
Gabi Buarque (1)
Gabriel Leone (1)
Gabraz Sanna (2)
Gabriela Maciel (1)
Geraldo Carneiro (9)
Geraldo Mello Mourão (3)
Gervásio Leite (1)
Gilberto Chateaubriand (1)
Giovanni Ricciardi (2)
Glorinha Sá Rosa (1)
Gregório Duvivier (1)
Guimarães Rosa (2)
Henrique Valle (2)
Homero Homem (1)
Homero Icaza Sanches (1)
Idalberto Chiavenato (1)
Idra Novey (1)
Ignácio de Loyola Brandão (1)
Ismael Cardim (4)
Ítalo Moriconi (5)
Jaqueline Roversi (1)
Jamil Snege (1)
João Antônio (15)
João Borges (2)
João Elias Costa (1)
João Guilherme Ripper (2)
João Miguel (1)
Joel Pizzini (37)
Jonas Bloch (20)
José Carlos Machado (1)
José Castello (4)
José Eduardo Agualusa (2)
José Fernandes (1)
Magenta Dawning (1)
Mànya Millen (1)
Marcantônio Vilaça (1)
Marcelo Serrado (1)
Márcio Bulk (1)
Márcio de Camillo (11)
Marcela F. Medida de Aquino (1)
Marcelino Freire (3)
Marcelo Marinho (1)
Marilá Dardot (2)
Maria Rezende (1)
Mário Calábria (1)
Mário de Andrade (1)
Marlui Miranda (1)
Mia Couto (7)
Millôr Fernandes (71)
Míriam Leitão (1)
Ondjaki (6)
Paula Maracajá (4)
Paulinho Assunção (1)
Paulo Giannini (1)
Pedro Cezar (129)
Pedro Luís (1)
Plomb (1)
Rafa e Alice Braga (1)
Ramon Mello (1)
Regina Alonso (1)
Regina Bertola (2)
Regina Oliveira (2)
Regina Valter (1)
Renanto Martins (1)
Renato Vieira (9)
Reynaldo Jardim (2)
Ricardo Santoro (1)
Roberto Duailibi (1)
Roberto Paulo Cesar de Andrade (1)
Rodolfo Gutilla (1)
Rodrigo Bittencourt (1)
Rosângela Rennó (1)
Rubem Braga (3)
Ruth Rocha (1)
Sérgio Joca (1)
Sérgio Medeiros (1)

Cininha de Paula (3)
Cláudio Rodrigues (1)
Cláudio Savaget (5)
Claufe Rodrigues (1)
Clóvis Assumpção (2)
Cris Furtado (2)
Dandara Vital (1)
Denise Torbes (1)
Douglas Diegues (3)
Egberto Gismonti (9)
Elisa Lucinda (11)
Ênio Silveira (25)
Eucanaã Ferraz (2)
Evandro Mesquita (2)
Evandro Salles (1)
Fábio Borges (1)
Fabio Hacker (1)
Fábio Silva (1)

José Geraldo Couto (1)
José Hamilton Ribeiro (3)
José Manuel Lara (1)
José Maria Cançado (1)
José Octávio Guizzo (1)
José Paulo Cavalcanti (1)
Junior Barreto (1)
Julio Villani (1)
Karla Osório (1)
Lago Burnett (4)
Lêdo Ivo (1)
Letícia Sabatella (1)
Lobiar Matos (2)
Lu Lopes (1)
Lucia Castello Branco (4)
Luis Turiba (2)
Luiz Eduardo Rezende (1)
Luiz Melodia (3)

Siron Franco (2)
Socorro Acioli (1)
Sofia Mariutti (1)
Stella Leonardos (1)
Tania Pessanha (2)
Tato Taborda (3)
Tetê Spíndola (2)
Thiago Lacerda (1)
Tostão (9)
Tulipa Ruiz (2)
Valter Hugo Mãe (1)
Viviane Mosé (1)
Washington Novaes (9)
Yasmin Nadaf (1)
Zé Luiz Rinaldi (35)
Zuenir Ventura (1)

Autores citados ao lado de Manoel nos registros publicados (588)

A. da Silva Mello (1)	Fabio Giambiagi (1)	Marige Quirino Marchini (1)
Abgar Renault (2)	Fabrcio Carpinejar (1)	Marina Colasanti (2)
Abílio de Barros (2)	Fan Weixin (1)	Mário de Andrade (6)
Adelaide Carraro (1)	Fátima Pires dos Santos (1)	Mario Quintana (27)
Adélia Prado (44)	Fausto Wolff (2)	Mario Vargas Llosa (1)
Adelino Moreira Marques (1)	Federico García Lorca (4)	Marly de Oliveira (2)
Adolfo Bioy Casares (1)	Fernando Cardoso Pedrão (1)	Marques Rebelo (7)
Adriana Falcão (3)	Fernando Fortes (1)	Martha Medeiros (2)
Adriano Espínola (3)	Fernando Gabeira (2)	Martin Heidegger (1)
Affonso Romano (4)	Fernando Jorge (1)	Martins de Oliveira (1)
Afonso Avila (1)	Fernando Mendes Pinto (1)	Mary Shelley (1)
Afrânio Peixoto (1)	Fernando Mendes Viana (2)	Matilde Campilho (1)
Agenor Leão (1)	Fernando Pessoa (34)	Maureen Bisilliat (1)
Alain Robbe-Grillet (2)	Fernando Py (1)	Maurice Sendak (1)
Alain Touraine (1)	Fernani Lopes (1)	Maximiliano Campos (1)
Albert Camus (2)	Ferreira da Luz (1)	Menezes y Moraes (1)
Albert Ducrogg (1)	Ferreira Gullar (33)	Mercè Rodoreda (1)
Albert Hackett (1)	Filgueiras Lima (1)	Mia Couto (8)
Alberto da Costa (1)	Fiódor Dostoiévski (1)	Micheliny Verunschck (2)
Alberto da Cunha (1)	Flavio Costa (1)	Miguel Jorge Martinho (1)
Alberto Mussa (1)	Flávio Tavares (1)	Miguel Martini (1)
Aldir Blanc (4)	Foed Castro Chamma (2)	Milan Kundera (1)
Aleksiévitich (1)	Frances Godrich (1)	Millôr Fernandes (3)
Alex Scheffler (1)	Francisco Alvim (9)	Milton Hatoum (6)
Alexandre Rampazzo (1)	Francisco Dantas (1)	Milton Mendes (1)
Alexei Bueno (2)	Francisco Sabino (4)	Moacyr Félix (3)
Alfredo Mesquita (1)	Franz Kafka (3)	Moacyr Scliar (3)
Alice Ruiz (8)	Fred Uhlamn (2)	Monteiro Lobato (1)
Almeida Cousin (1)	Frederico Barbosa (1)	Murillo Araújo (1)
Altino Arantes (1)	Gabriel García Márquez (3)	Murilo Mendes (9)
Altino Caixeta de Castro (1)	Gabriela Mistral (1)	Nadine Gordimer (1)
Aluísio Azevedo (1)	Gaston Bachelard (2)	Natalia Borges Polesso (1)
Aluizio Medeiros (1)	Gelena de Irajá (1)	Natália Correia (1)
Alvarenga Borges (1)	Georg Friedrich Hegel (1)	Nauro Machado (1)
Alvaro Mendes (1)	George Chaves (1)	Nélida Piñon (2)
Alvim Barbosa (2)	George Orwell (1)	Nelson Ascher (1)
Amália Verlangieri (1)	George Tavares (1)	Nelson Rodrigues (7)
Amos Oz (1)	Geraldo Carneiro (2)	Nevil Shute (1)
Ana Cristina César (11)	Geraldo Santos (1)	Newton Alfredo (1)
Ana Maria Machado (3)	Gerd Bornhein (1)	Newton Belleza (1)
Ana Miranda (1)	Gil Vicente (1)	Nicolas Behr (1)
Anatole Ramos (1)	Gilberto Amado (1)	Nilo Aparecido Pinti (1)
André Carrazzoni (1)	Gilberto Freire (1)	Nina Horta (1)

André de Figueiredo (1)
 André de Melo (1)
 André Sant'Anna (1)
 Ane Rice (1)
 Angela Melin (1)
 Angélica Torres Lima (1)
 Angelo Lago (1)
 Aníbal Machado (1)
 Anna Cunha (1)
 Anna Flora (3)
 Antenor Nascentes (1)
 Antônio Calado (1)
 Antonio Candido (2)
 Antonio Cicero (3)
 Antonio Fernando de Franceschi (1)
 Antonio Olinto (1)
 Antonio Paulo Pavone (1)
 Antônio Prata (1)
 Antônio Ramos Rosa (1)
 Antônio Siqueira (1)
 Antônio Torres (2)
 Ariano Suassuna (7)
 Aristides Villas-Boas (1)
 Armando Freitas Filho (4)
 Arnaldo Antunes (5)
 Arnaldo Jabor (1)
 Arnaldo Rodrigues (1)
 Arnaldo Voygt (1)
 Arno J. Mayer (1)
 Arthur Benevides (1)
 Arthur Rimbaud (8)
 Artur Eduardo Benevides (1)
 Ascendido Leite (1)
 Ascenso Ferreira (2)
 Augusto de Campos (12)
 Augusto dos Anjos (2)
 Augusto Frederico Schmidt (1)
 Augusto Meira (1)
 Aurélio Buarque de Hollanda (1)
 Autran Dourado (1)
 Barbara Cantini (1)
 Barbosa Lima Sobrinho (1)
 Barcellos Sobral (1)
 Bartolomeu Campos de Queirós (2)
 Beatriz Bandeira (1)
 Berilo Wanderley (1)

Gilberto Gil (1)
 Gilberto Mendonça Teles (1)
 Gilberto Moog (1)
 Gilles Deleuze (1)
 Glauber Rocha (1)
 Glauco Matoso (2)
 Gonçalves Dias (3)
 Gonzaguinha (1)
 Graciliano Ramos (5)
 Gregório Maranon (1)
 Guido Van Genechten (1)
 Guilherme de Almeida (1)
 Guilherme Figueiredo (1)
 Guilherme Mansur (1)
 Guilherme Moniz (1)
 Guimarães Rosa (104)
 Gustave Flaubert (1)
 Gustavo Barroso (1)
 H. Dobal (1)
 Hannah Arendt (1)
 Haroldo de Campos (13)
 Helena Morely (1)
 Hélio Chaves (1)
 Hélio Melo (1)
 Hélio Ricciardi os Santos (1)
 Heloísa Maranhão (1)
 Heloísa Prieto (1)
 Henrique Pongetti (1)
 Henrique Valle (1)
 Henriqueta Lisboa (1)
 Herman Melville (1)
 Heródoto Barbeiro (1)
 Hilda Hilst (13)
 Homero (1)
 Humberto Bastos (1)
 Ignácio Loyola Brandão (3)
 Inês Pedrosa (2)
 Irena Freitas (1)
 Isabel Malzoni (1)
 Isak Dinesen (1)
 Iturbides Serra (1)
 Ivaldo Bertazzo (1)
 Ivan Junqueira (7)
 J.D. Salinger (1)
 Jacques Prévert (1)
 Jadir Vilela de Souza (1)

Nobrega de Siqueira (1)
 Octalio Costa (1)
 Odile Cisneros (1)
 Odylo Costa Filho (1)
 Olavo Bilac (4)
 Olga Savery (2)
 Oliveira e Silva (2)
 Oliveiros Litrento (1)
 Ondjaki (1)
 Orides Fontela (3)
 Oscar Niemeyer (1)
 Osman Lins (1)
 Osvaldo Regis (1)
 Oswald de Andrade (9)
 Oswaldino Marques (3)
 Otto Guerra (1)
 Pacífico Passos (1)
 Padre Antônio Vieira (2)
 Patativa do Assaré (1)
 Patricia Bins (1)
 Patricia Highsmith (1)
 Patrícia Melo (1)
 Paul Auster (1)
 Paul Valéry (1)
 Paula Faria (1)
 Paulina Chiziane (1)
 Paulo Afonso dos Santos (1)
 Paulo Bomfim (1)
 Paulo Franchetti (1)
 Paulo Henriques Britto (5)
 Paulo Leminski (15)
 Paulo Mendes (3)
 Paulo Renato Souza (1)
 Pedro Brando (1)
 Pedro Ferreira da Silva (1)
 Pedro Gabriel (1)
 Pedro Monteiro (1)
 Pedro Nava (2)
 Pedro Salomão (1)
 Pepetela (1)
 Péricles Eug. da Silva Ramos (6)
 Pérmino Afora (1)
 Peter Schossow (1)
 Petrarca Maranhão (1)
 Pierre Santos (1)
 Pierre Verger (2)

Bernardino José de Souza (1)	James Berry (1)	Pinto de Aguiar (1)
Bernardo Carvalho (3)	James Joyce (2)	Plinio Barreto (1)
Bernardo Coelho de Almeida (1)	Jamir Firmino Pinto (1)	Rachel de Queiroz (3)
Bob Wolfenson (1)	Javier Cercas (1)	Raduan Nassar (11)
Boris Fausto (1)	Javier Moro (1)	Raimundo Carrero (1)
Bráulio Bessa (1)	Jean-Claude Bernardet (1)	Raul Alves (1)
Braz do Amaral (1)	Jean-Claude Carrière (1)	Raul Bopp (7)
Bruno Tolentino (5)	Jean-Paul Sartre (1)	Raul Pitanga Santos (1)
Caetano Veloso (3)	Jessé Souza (1)	Raul Seixas (1)
Caio Fernando Abreu (3)	JG de Araújo (1)	Regina Bilac Pinto (1)
Calmon de Passos (1)	JHS Henriques (1)	Régis Bonvicino (1)
Camila Jabur (1)	Joanir de Oliveira (2)	Reinaldo Carleial (1)
Candice Millard (1)	João Antônio (3)	Renata Pallottini (1)
Carina Rissi (1)	João Cabral de Melo Neto (42)	Renato Almeida (1)
Carlito Azevedo (3)	João Felício dos Santos (1)	René Descartes (1)
Carlos Anísio (1)	João Gilberto Noll (3)	Ricardo Azevedo (1)
Carlos Ávila (1)	João Ubaldo Ribeiro (14)	Ricardo Máximo (1)
Carlos Devinelli (1)	Joel Rufino dos Santos (2)	Ricardo Silvestrin (1)
Carlos Drummond de Andrade (65)	Johan Friedmann (1)	Rita Lee (1)
Carlos Felipe Moisés (1)	Jorge Amado (4)	Robert Alley (1)
Carlos Heitor Cony (5)	Jorge de Lima (8)	Roberto Piva (1)
Carlos Lima (1)	Jorge Laclete (1)	Rodrigo de Souza Leão (1)
Carlos M. Damasceno Vieira Filho (1)	Jorge Luis Borges (1)	Rodrigo Lacerda (1)
Carlos Nejar (5)	Jorge Medauar (1)	Rodrigues Marques (4)
Casimiro de Abreu (2)	José Alencar (1)	Roger Penrose (1)
Cassiano Ricardo (3)	José Barrabás (1)	Rolando Roque da Silva (1)
Castro Alves (2)	José Borges (1)	Rosa Montero (2)
Cazuza (1)	José Chagas (1)	Roseane Murray (1)
Cecília Meireles (21)	José Codeceira Lopes (1)	Rubem Alves (2)
Cecílio Rocha (1)	José Craveirinha (1)	Rubem Braga (5)
Celina Ferreira (1)	José de Souza Alencar (1)	Rubem Fonseca (9)
Celso Brant (1)	José Eduardo Agualusa (1)	Rubem Nogueira (1)
Celso Furtado (2)	José Fernando Carneiro (2)	Rubens Figueiredo (1)
César Bisso (1)	José Geraldo Vieira (1)	Rui Barbosa (1)
César Vallejo (1)	José Godoy (1)	Rui Knopfli (1)
Chacal (2)	José Guilherme Melquior (1)	Ruth Rocha (9)
Charles Baudelaire (2)	José Kozer (1)	Ruy Duarte (1)
Charles Bukowski (1)	José Lezama Lima (1)	Ruy Espinheira (2)
Chico Buarque (9)	José Lino Grünwald (1)	Ruy Proença (1)
Chico César (1)	José Lopes Portillo (1)	Samuel Beckett (14)
Ciro de Matos (1)	Jose Mesquita Valença (1)	Samuel Guimarães da Costa (1)
Ciro Pimentel (1)	José Osório de Oliveira (1)	Samuel Rawet (1)
Clarice Lispector (27)	José Paulo Moreira da Fonseca (1)	Santos Morais (1)
Clea Marsiglia (1)	José Paulo Paes (7)	Scarlett Marton (1)
Cleber Teixeira (1)	José Pereira Rezende Filho (1)	Sebastião Leite (1)
Clemente Luz (1)	José Roberto Torero (1)	Sebastião Uchoa (1)

Clóvis Ramos (1)
 Cora Coralina (13)
 Corsíndio Monteiro (1)
 Costanza Pascolato (1)
 Crhistovam de Camargo (1)
 Cristiana Gomes (1)
 Cristiane Sobral (1)
 Cristina Borges (1)
 Cristina Porto (1)
 Cristovão Tezza (1)
 Cruz e Sousa (1)
 Cyro Armando Catta Preta (1)
 Cyro Pimentel (1)
 Dalton Trevisan (8)
 Daniel Kondo (1)
 Dantas Motta (1)
 Dante Milano (3)
 Darcy Ribeiro (2)
 David Grossman (1)
 David Walliams (1)
 Décio Pignatari (2)
 Denise Emmer (2)
 Deonísio da Silva (1)
 Dinah Silveira de Queiroz (6)
 Dionísio Cerqueira (1)
 Dom Helder Câmara (1)
 Domingos Carvalho da Silva (1)
 Domingos Paoliello (1)
 Donizete Galvão (1)
 Dora Ferreira (1)
 Dora Vasconcellos (1)
 Dorian Gray Caldas (1)
 Dorival Caymmi (1)
 Duarte Leite (1)
 Eder Chiodetto (1)
 Edith Wharton (1)
 Edla van Steen (1)
 Edmundo Lys (1)
 Edson Guedes de Morais (1)
 Eduardo Galeano (1)
 Eliane Zagury (1)
 Elisa Lucinda (3)
 Eliseu Maia (1)
 Elizabeth Bishop (1)
 Elomar (1)
 Elson Farias (1)

José Saramago (12)
 Josephine Hart (1)
 Josué Montello (2)
 Julia Cameron (1)
 Julia Donaldson (1)
 Júlia Lopes de Almeida (1)
 Júlio Cortázar (3)
 Kaká Werá (1)
 Kenzaburo Oe (1)
 Lago Burnett (1)
 Lao Tsé (1)
 Laura Esquivel (1)
 Laurentino Gomes (1)
 Lawrence Durrell (1)
 Leal de Queiroga (1)
 Leandro Dupre (1)
 Leda Tenório (1)
 Lêdo Ivo (4)
 Lenine Fiúza (2)
 Leo Godoy Otero (1)
 Leodegário Azevedo Filho (3)
 Leonardo Castelo Branco (1)
 Leonardo Padura (1)
 Leopoldo Braga (1)
 Lima Barreto (3)
 Lobivar Matos (3)
 Lourenço Diaféria (1)
 Lourival Fontes (1)
 Luandino Vieira (2)
 Lúcio Cardoso (1)
 Luís de Camões (1)
 Luis Fernando Veríssimo (7)
 Luiz Alfredo Garcia-Roza (1)
 Luiz Antonio de Assis Brasil (4)
 Luiz Fernando Valadares (1)
 Luiz Monteiro da Costa (1)
 Luiz Ney (1)
 Luiz Paiva de Castro (1)
 Lupe Cotrim Garaude (1)
 Lya Luft (1)
 Lygia Bojunga (1)
 Lygia Fagundes Telles (8)
 Machado de Assis (3)
 Maciel Oliveira (1)
 Malcolm Silverman (1)
 Manoel da Nóbrega (1)

Sêneca (1)
 Sérgio Buarque de Holanda (1)
 Sérgio Castro Pinto (1)
 Sérgio de Souza (1)
 Sérgio Millet (1)
 Sergio Porto (1)
 Sérgio Sant'Anna (4)
 Silviano Santiago (2)
 Silvio Castro (1)
 Silvio Freire (1)
 Simone de Beauvoir (1)
 Sindulfo Barreto Filho (1)
 Sophia de M.B. Andresen (3)
 Stanislaw Ponte Preta (1)
 Stella Leonardos (1)
 Stella Maris Rezende (1)
 Stendhal (1)
 Stéphane Mallarmé (3)
 Stephen King (1)
 Sylvia Orthof (1)
 Sylvie Debs (1)
 T. S. Eliot (2)
 Telmo Padilha (1)
 Teruko Oda (1)
 Thiago de Mello (4)
 Tiago de Melo Andrade (1)
 Tim Maia (1)
 Torquato Neto (1)
 Uchoa Leite (1)
 Ugo Giorgetti (1)
 Ulderico Amendola (1)
 Ulysses de Albuquerque (1)
 Umberto Peregrino (1)
 Unírio Machado (1)
 Valêncio Xavier (1)
 Valter Hugo Mãe (1)
 Vanna Vinci (1)
 Velimir Khlébnikov (4)
 Vera Americano (1)
 Vera Rezende (1)
 Victor de Sá (1)
 Victor Knoll (1)
 Vinicius de Moraes (8)
 Virgílio Ramos (1)
 Virginia Woolf (1)
 Vitor Nunes Leal (1)

Elvira Vigna (1)	Manoel Oliveira (1)	Viviane Mosé (1)
Emanuel Nery (1)	Manuel Bandeira (16)	Waldemar Lopes (1)
Emile Baas (1)	Marçal Aquino (1)	Walmir Ayala (1)
Emile Faguet (1)	Marcel Proust (2)	Walter Avancini (1)
Ênio Silveira (1)	Marcelo Mirisola (2)	Walter Benjamin (2)
Enrique Rodó (1)	Marcelo Rubens Paiva (1)	Walter Nogueira da Silva (1)
Erico Veríssimo (3)	Marcelo Tolentino (1)	Waly Salomão (3)
Ethos Albino de Souza (1)	Marcelo Xavier (1)	William Shakespeare (1)
Eucanaã Ferraz (2)	Márcia Cristina Silva (1)	Wilson Alvarenga Borges (2)
Euclides da Cunha (1)	Márcio Souza (1)	Wladimir Dias Pino (2)
Eugênio Bucci (1)	Marco Antonio Figueiredo (1)	Yeda Prates Bernis (1)
Eugenio Malanga (1)	Marco Lucchesi (1)	Zé da Luz (1)
Eunice Arruda (1)	Marcos José Konder Reis (1)	Zélia Gattai (1)
Ezechias da Rosa (1)	Maria Ângela Alvim (1)	Ziraldo (2)
Ezio Pires (1)	Maria Capri (1)	Zuenir Ventura (1)

Nomes citados como autores que Manoel leu a obra (113)

Adélia Prado (1)	Garcia Lorca (2)	Manuel Bernardes (1)
André Gide (1)	Georges Bernanos (1)	Marcel Proust (4)
Antonio Gamoneda (2)	Gertrude Stein (1)	Mário de Andrade (8)
Antônio Houaiss (1)	Gil Vicente (4)	Mario Quintana (1)
Antônio Vieira (53)	Gilberto Amado (1)	Marquês de Sade (1)
Arthur Rimbaud (43)	Graciliano Ramos (6)	Martin Heidegger (4)
Augusto de Campos (2)	Gregório de Matos (1)	Millôr Fernandes (4)
Augusto dos Anjos (2)	Guillaume Apollinaire (2)	Montesquieu (2)
Betty Mindlin (1)	Guimarães Rosa (52)	Murilo Mendes (3)
Blaise Pascal (1)	Guinther Anders (1)	Nikolai Gogol (2)
Camilo Castelo Branco (7)	Gustave Flaubert (6)	Oswald de Andrade (12)
Carlos Drummond de Andrade (9)	Gustavo Corção (1)	Ovídio (2)
Cavalcanti Proença (2)	Heráclito (1)	Paul Claudel (2)
Cecília Meireles (1)	Herbert Spencer (1)	Paul Klee (5)
César Vallejo (2)	Homero (4)	Paul Valéry (4)
Charles Baudelaire (17)	Immanuel Kant (3)	Pedro Xisto (1)
Charles Chaplin (3)	Jackson de Figueiredo (1)	Plínio Salgado (2)
Ciro dos Anjos (1)	James Joyce (2)	Rachel de Queiroz (1)
Clarice Lispector (9)	Jean-Jacques Rousseau (1)	Rainer Rilke (1)
Coelho Neto (1)	Jean-Paul Sartre (1)	Raul Bopp (6)
Conde de Lautréamont (3)	João Antônio (1)	Ricardo Guilherme Dicke (1)
Dalton Trevisan (4)	João Cabral de Melo Neto (10)	Roland Barthes (2)
Dante (1)	Johan von Goethe (1)	Rubem Braga (2)
Diogo Bernardes (2)	Jorge Amado (1)	Samuel Beckett (2)
Eça de Queiroz (4)	Jorge de Lima (3)	Santo Agostinho (1)
Edward Sapir (1)	Jorge Luis Borges (4)	Silva Freire (1)
Emily Dickinson (1)	Jorge Ribeiro (1)	Sócrates (1)
Euclides da Cunha (1)	José Gomes Ferreira (1)	Soren Kierkegaard (3)
Ezra Pound (9)	José Lins do Rego (1)	Stéphane Mallarmé (9)
Fernando Pessoa (14)	Júlio Cortázar (2)	T. S. Eliot (9)
Fiódor Dostoiévski (8)	Karl Marx (2)	Teilhard de Chardin (1)
Francis Ponge (1)	Leonardo Boff (1)	Theodor Adorno (1)
Francisco Alvim (1)	Lima Barreto (1)	Tristão Athayde (2)
Francisco Quevedo y Villegas (1)	Lobivar Matos (1)	Vinicius de Moraes (1)
François Rabelais (2)	Lúcia Machado de Almeida (1)	Voltaire (1)
Franz Kafka (4)	Luís de Camões (12)	Walter Benjamin (5)
Frei Domingos Vieira (1)	Machado de Assis (11)	William Shakespeare (3)
Friederich Nietzsche (1)	Manuel Bandeira (10)	

Jornais e revistas com entrevistas de Manoel de Barros publicadas (46)

A Cidade	Folha de S. Paulo	O Povo
A Crítica	Folha do Povo	O Tempo
Bravo!	Grifo	Poesia Sempre
Bric a Brac	IstoÉ Senhor	Público Magazine
Cadernos de Leituras Compartilhadas	Jornal da USP	Revista Cult
Cadernos do Terceiro Mundo	Jornal de Brasília	Revista da Cultura
Caros Amigos	Jornal do Brasil	Revista Goodyer
Correio Braziliense	Lector	Revista Palavra
Correio da Bahia	Leia	Terra e Gente
Desfile	Leituras	Teyu'í
Diário de Cuiabá	Manchete	Valor Econômico
Diário de Notícias	Mood Life	Veja
El Paseante	Nicolau	Visão
Estado de Minas	O Dia	Zero Hora
Estado de Minas / Brasileiros	O Estado de S. Paulo	
Executivo Plus	O Globo	

Entrevistadores de Manoel de Barros nos registros de jornais e revistas (95)

Adélia Maria Lopes	Elisabeth Orsini	Martha Barros
Alexandra Ozorio de Almeida	Eva Spitz	Mauro Ventura
Ana Accioly	Fábio Madrigal Barreto	Miriam Botelho
Ana Cecília Martins	Fabício Carpinejar	Moacyr Felix *
Ana Cristina Pereira	Fernanda Lamego	Mônica Rodrigues da Costa
Anabela Paiva	Fernando Mencarelli	Neide Archanjo *
André Luis Barros	Geraldo Mayrink	Nina Rahe
Antonio Gonçalves Filho	Guilherme Freitas	Otávio Dias
Bianca Magela Melo	Gustavo Ranieri *	Paulo Cesar de Araújo
Bianca Ramoneda	Heloisa Godoy *	Paulo França
Bosco Martins *	Isabel Cristina Mauad	Paulo Vasconcellos
Brenda Fucuta	Ivan Junqueira *	Pedro Maciel
Carlos Emílio Corrêa Lima	Jeferson de Andrade	Regina Zappa
Carlos Marcelo	João Borges *	Reinaldo Azevedo *
Carlos Secchin *	João Domingos	Renata Caldas
Cláudia Cecília	Jorge Wanderley *	Ricardo Câmara *
Cláudia Nina	José Castello	Ricardo Prado *
Cláudia Trimarco *	José Eduardo Agualusa	Roberta Jansen
Cláudio Portella *	José Geraldo Couto	Rodrigo Brasil *
Cleusa Maria	José Maria Caçado	Rogério Eduardo Alves
Cristiane Ramalho	José Octávio Guizzo	Rogério Gonçalves
Cristina Iori	Luciana Pessanha	Sergio Medeiros
Cynara Menezes	Luis Turiba *	Severino Francisco
Daniel Piza	Mãnya Millen	Susana Vernieri
Daniela Name	Marcelo Fagá	Suzana Vargas *
Débora Guterman	Marcelo Pen	Tagore Biram
Demitri Túlio	Márcia Brambilla	Thaís Bueno
Dib Carneiro Neto	Márcio Pinheiro	Thais Costa
Douglas Diegues *	Márcio Vasallo	Ubiratan Brasil
Eduardo Fonseca da Rocha	Maria José Nóbrega *	Vera Fiori
Eliane Lobato	Mariana Filgueiras	Wilker Sousa
Elisa Lucinda	Marlene Duarte	

* Fez a entrevista junto com outro(s) entrevistador(es)

Entrevistas de Manoel de Barros publicadas por jornais e revistas (114)

QUATRO autores para onze perguntas. **Terra e Gente: Mato Grosso Ilustrado**, Rio de Janeiro, janeiro de 1956, p. 109.

PRÊMIO Orlando Dantas é recompensa para o poeta. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1960. Primeira seção, p. 2.

ARAÚJO, Paulo César de. Prêmio literário não tem valor para editoras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 20 de set. de 1969, Suplemento do Livro, p. 7.

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros: sobreviver pela palavra. **Grifo**, Campo Grande, maio de 1979, p. 50-53.

BRAMBILLA, Márcia. Manoel de Barros: sou um tremendo Caramujo. **A Crítica**, Campo Grande, 1º de novembro de 1986. *Jornal Moda Guaicurus*, p. 10-11.

CANÇADO, José Maria. O escárnio e a ternura. **Leia**, São Paulo, junho de 1987, p. 19-20.

NOGUEIRA, Rui. O poeta-andarilho do Pantanal. **Correio Braziliense**, Brasília, 5 de julho de 1987. *Aparte*, p. 6.

ANÔNIMA flor do Pantanal. **Visão**, São Paulo, 2 de setembro de 1987, p. 93-94.

IORI, Cristina. Surrealista, primitivo. O cinema descobre Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de setembro de 1987. *Jornal da Tarde*, p. 16.

LIMA, Carlos Emílio Corrêa. Escritos para o conhecimento do solo. **El Paseante**, Madrid, nº 11, 1988, p. 124-128.

SPITZ, Eva. O poeta que poucos conhecem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1988. *Caderno B*, p. 1.

BORGES, João; TURIBA; Luis. Manoel de Barros. **Bric-a-Brac**, Brasília, 1989. p. 34-49.

FAGÁ, Marcelo. Nasce um poeta, aos 72 anos. **IstoÉ Senhor**, São Paulo, 1º de março de 1989. *Cultura*, p. 72-74.

BORGES, João. A lírica concisa que vem do Pantanal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 de março de 1989. *Caderno 2*, p. 12.

TURIBA, Luis. Manoel de Barros, o poeta vai sair do limbo. **Correio Braziliense**, Brasília, 26 de março. de 1989. *Caderno Dois*, p. 4.

ACCIOLY, Anna. Manoel de Barros - a palavra redescoberta. **Revista Goodyear**, São Paulo, abril de 1989, p. 49-53.

GONÇALVES FILHO, Antonio. Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 de abril de 1989. *Letras*, G-3.

COSTA, Thais. Manoel de Barros: o poeta do Pantanal. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1989. *Editora Bloch*, p. 68-73.

- MENCARELLI, Fernando. Poetas convergem para São Paulo e quebram jejum de poesia no Masp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 de maio de 1990. Letras, F1.
- FUCUTA, Brenda. O poeta expõe sua obra em paredes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 de maio de 1990. Caderno 2, p. 3.
- LOBATO, Eliane. Poeta de pés no chão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1990. Segundo Caderno, p. 1.
- RAMALHO, Cristiane. Pantanal: O paraíso ameaçado. **Manchete**, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1990. Editora Bloch, p. 50-57.
- ACCIOLY, Anna. Manoel de Barros - O poeta. **Desfile**. Rio de Janeiro, setembro de 1990. Editora Bloch, p. 116-118.
- LOBATO, Eliane. O murmúrio das palavras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1990. Segundo Caderno, p. 1.
- ROCHA, Eduardo Fonseca da. **A visão de um bugre**. IstoÉ Senhor, São Paulo, 28 de novembro de 1990, p. 88 e 89
- POEMAS contra a fragmentação. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 de novembro de 1990. Caderno 2, p. 4.
- FRANÇA, Paulo. Um poeta pantaneiro rebelde a métricas e rimas. **Correio Braziliense**, Brasília, 9 de dezembro de 1990. Cadernos Dois, p. 4.
- LOPES, Adélia Maria. Manoel de Barros: concerto a céu aberto para solo de poeta. **Nicolau**, Curitiba, agosto de 1991, nº 40, p. 4 a 6.
- MAUAD, Isabel Cristina. Poeta busca estética do ordinário. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1991. Segundo Caderno, p. 5
- MEDEIROS, Sérgio. Manoel de Barros: o poeta que responde com poesia. **Jornal da USP**, São Paulo, 27 de abril de 1992.
- COSTA, Thaís. O poeta vive do mistério. **Executivo Plus**, Campo Grande, 1993.
- BORGES, João. Gramática remota da pureza perdida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1993. Segundo Caderno, p. 1 e 4.
- Medeiros, Sérgio. Novos poemas de Manoel ganham edição de luxo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 de setembro de 1993. Caderno 2, p. 1.
- COUTO, José Geraldo. Manoel de Barros busca na ignorância a fonte da poesia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 de novembro de 1993. mais!, p. 8 e 9
- BORGES, João. A natureza num amor de ignorante. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1993. Segundo Caderno, p. 4.
- ACCIOLY, Anna Regina. O fazedor de 'inutensílios'. **Jornal do Brasil**, **Rio de Janeiro**, 14 de dezembro de 1993. Caderno B, p. 8.
- MAYRINK, Geraldo. Com lama, suor e solidão. **Veja**, São Paulo, 5 de janeiro de 1994. Editora Abril, p. 96-97.

- PINHEIRO, Márcio. 'Conversamentos' de Manoel de Barros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de março de 1994. Ideias, p. 4.
- FRANCISCO, Severino. Desencontro com Manoel. **Jornal de Brasília**, Brasília, 28 de março de 1994. Caderno 2, p. 1.
- AGUALUSA, José Eduardo. Um poeta no Pantanal. **Público**, Lisboa (Portugal), 26 de junho de 1994. Público Magazine, p. 44-48.
- ACCIOLY, Anna. A desconstrução da palavra. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, julho de 1994. Editora Terceiro Mundo, p. 17-19.
- BARROS, André Luiz. A 'fortidão' de Rosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1994. Caderno B, p. 1.
- BIRAM, Tagore. O desconsertador de linguagens. **Zero Hora**, Porto Alegre, 3 de setembro de 1994. Cultura, p. 8-9.
- DIEGUES, Douglas. Conversa com o poeta que não degenerou em adulto. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 4-7.
- ORSINI, Elisabeth. Manoel de Barros sai do retiro para encontrar Rasi. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1995. Segundo Caderno, p. 3.
- JANSEN, Roberta. Manoel de Barros salva palavras da mesmice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 de maio de 1995. Caderno 2, D1.
- COUTO, José Geraldo. Poesia de Manoel de Barros está de volta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de fevereiro de 1996. Ilustrada, p. 5.
- NAME, Daniela. Um inventor de palavras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de março de 1996. Segundo Caderno, p. 1.
- CASTELLO, José. Manoel de Barros busca o sentido da vida. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 3 de agosto de 1996. Caderno 2, D12.
- DIAS, Otávio. Manoel de Barros mostra o nada. **Folha de S. Paulo**, 21 de agosto de 1996. Ilustrada, p. 1.
- BARROS, André Luis. 'O tema da minha poesia sou eu mesmo'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1996. Ideias, p. 5.
- DUARTE, Marlene. O universo pantaneiro de Maria Baptista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1996. Segundo Caderno, p. 4.
- NAME, Daniela. 'Só vejo exuberância no ínfimo'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1996. Segundo Caderno, p. 4.
- ORSINI, Elisabeth. A descoberta da precisão de um verso carioca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1996. Segundo Caderno, p. 3.
- VASSALLO, Márcio. Nada é tão poético quanto a inutilidade. **Lector**, Rio de Janeiro, 1996, p. 8-9.

- LUCINDA, Elisa. Poesia em comunhão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1997. Domingo, p. 3-5.
- PAIVA, Anabela. O encanto luxuoso de Manoel de Barros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1997. Caderno B, p. 2.
- CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 de outubro de 1997. Caderno 2, p. 1-3.
- ALMEIDA, Alexandra Ozorio de Almeida. Sociedade dos poetas novos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 de novembro de 1997. Revista da Folha, p. 8-13.
- ANDRADE, Jeferson de. O homem que é um dialeto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 5 de fevereiro de 1998. Espetáculo/Especial, p. 5.
- BRASIL, Rodrigo; AZEVEDO, Reinaldo. O traidor da natureza. **Bravo**, São Paulo, junho de 1998, p. 29-32.
- BOTELHO, Míriam. “Poesia é voar fora da asa”. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 2 de agosto de 1998. DC Ilustrado, E1.
- ZAPPA, Regina. Coisas do pantaneiro gentil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1998. Caderno B, p. 1.
- GODÓI, Heloísa; CÂMARA, Ricardo. Entrevista Manoel de Barros. Cult – **Revista Brasileira de Literatura**, São Paulo, outubro de 1998. Editora Bregantini, p. 5-9.
- LAMEGO, Fernanda. Manoel de Barros ganha prêmio literário nacional. **O Tempo**, Belo Horizonte, 4 de outubro de 1998. Geral, p. 12.
- MILLEN, Mânia. Um poeta em plena infância. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1998. Prosa & Verso, p. 6.
- GONÇALVES, Régis. Encantador de palavras. **O Tempo**, Belo Horizonte, 8 de novembro de 1998. Magazine, p. 3, 4, 5-6.
- MENEZES, Cynara. Homem puro em estrofes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de novembro de 1998. Ilustrada, p. 1-3.
- PEREIRA, Ana Cristina. 'Gosto de usar os deslimites das palavras'. **Correio da Bahia**, Salvador, 11 de dezembro de 1998. Folha da Bahia, p. 6.
- CECÍLIA, Cláudia. Alma infantil. **O Dia**, Rio de Janeiro, 1999.
- BARRETO, Fábio Madrigal. Barros quer relançar sua poesia pantaneira. **O Estado de S. Paulo**, 16 de abril de 1999. Caderno 2, D5.
- MEU clássico. Manoel de Barros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 de julho de 1999. Prosa & Verso, p. 5.
- VASSALLO, Márcio. Simples: Manoel de Barros exercita sua poesia de criança. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1999. Ideias Livros, p. 1.

SECCHIN, Carlos; JUNQUEIRA, Ivan; VARGAS, Suzana; ARCHANJO, Neide; FELIX, Moacyr; WANDERLEY, Jorge. Entrevista Manoel de Barros. **Poesia Sempre**, outubro de 1999. Biblioteca Nacional, nº 11, p. 189-199.

CARNEIRO NETO, Dib. Manoel de Barros lança seu primeiro livro infantil. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 de novembro de 1999. Caderno 2, D10.

COSTA, Mônica Rodrigues da. Poeta estreia na literatura infantil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 de novembro de 1999. Ilustrada, p. 8.

VASCONCELLOS, Paulo. O poeta entortador de versos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de abril de 2000. Ideias, p. 4.

GUTERMAN, Débora. Autores de adultos enveredam pelo mundo das crianças. **Valor Econômico**, São Paulo, 3 de outubro de 2000. Eu&Cultura, D9.

MACIEL, Pedro. Deslimites da poesia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2000. Caderno B, p. 1.

RAMONEDA, Bianca. Manoel de Barros conversa com Bianca Ramoneda. **Cadernos de Leituras Compartilhadas**, Rio de Janeiro, 2001. Leia Brasil.

BUENO, Thaísa. Manoel de Barros para crianças. **Folha do Povo**, Campo Grande, 31 de maio de 2001. Tempo Livre, p. 17.

NINA, Cláudia. Não dá para entender nonada no idiomaterno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 2001. Ideias, p. 5.

ALVES, Rogério Eduardo. Manoel de Barros cisca "Grandezas do Ínfimo". **Folha de S. Paulo**, 28 de novembro de 2001. Ilustrada.

VERNIERI, Suzana. O íntimo da palavra. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2002. Cultura, p. 1, 4-5.

MARIA, Cleusa. 'Gosto da palavra na ponta do lápis'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de março de 2002. Ideias, p. 3.

FIORI, Vera. Divina Adélia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 de abril de 2002. Suplemento Feminino, F8 e F9.

BRASIL, Ubiratan. Um prêmio para o ócio criativo de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 2002. Caderno 2, D3.

CASTELLO, José. Tudo o que não invento é falso. **Valor Econômico**, São Paulo, 2 de maio de 2003. Eu&Cultura, p. 4-6.

ALVES, Rogério Eduardo. Construtor de mitos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de maio de 2003. Ilustrada, p. 10.

BRASIL, Ubiratan. Manoel de Barros lança primeira obra em prosa. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17 de maio de 2003. Caderno 2, D9.

CARPINEJAR, Fabrício. A linguagem é minha concubina. **Zero Hora**, Porto Alegre, 21 de junho de 2003. Cultura, p. 1, 4-5.

- PEN, Marcelo. Retrato do artista quando coisa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de novembro de 2004. Ilustrada, E4.
- MARTINS, Ana Cecília. A prática poética da infância. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, 2005. Biblioteca Nacional, nº 21, p. 11-17.
- BRASIL, Ubiratan. A eterna infância de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de abril de 2006. Caderno 2, D12.
- CALDAS, Renata. O cantinho do poeta. **Correio Braziliense**, Brasília, 9 de abril de 2006. Cultura, p. 1-3.
- Martins, Bosco; Trimarco, Cláudia; Diegues, Douglas. Três momentos de um gênio. **Caros Amigos**, São Paulo, dezembro de 2006, p. 29-34.
- FILGUEIRAS, Mariana. Noventa anos de tardes e garças no Pantanal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2006. Ideias, p. 3.
- VENTURA, Mauro. Minha velhice é infantil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2006. Segundo Caderno, p. 1.
- PRADO, Ricardo; Nóbrega, Maria José Nóbrega. O canto dentro das palavras. **Leituras**, Brasília, março de 2007. Ministério da Educação, p. 14-16.
- MARTINS, Bosco. Aos 92, Manoel de Barros celebra a cerimônia do adeus. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 8 de janeiro de 2009.
- BRASIL, Ubiratan. Bilhetes poéticos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 4 de novembro de 2009. Caderno2, p. 1.
- PESSANHA, Luciana. 'A palavra transcende'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 2010. Revista O Globo, p. 18-19.
- PIZA, Daniel. O poeta que veio do chão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 de março de 2010. Sabático, S8.
- RAHE, Nina. Manoel de Barros tem um desvio de poeta na voz. **Revista Mood Life**, Campo Grande, abril de 2010. Idealiza Gráfica e Editora, p. 26-31.
- FREITAS, Guilherme. O poeta que queria ser árvore. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de abril de 2010. Segundo Caderno, p. 1.
- MARCELO, Carlos. 'Esse escudo é poesia'. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 de abril de 2010. Esporte, p. 4-5.
- SOUSA, Wilker. Voar fora da asa. **Revista Cult**, São Paulo, maio de 2010. Editora Bregantini.
- ENTREVISTA Manoel de Barros. **Revista Palavra**, Rio de Janeiro, julho de 2011.
- CASTELLO, José. O presente de um poeta. **Valor Econômico**, 16 de março de 2012. Eu&Cultura, p. 26-28.
- DIEGUES, Douglas. Tudo a Dizer. **Revista Cult**, São Paulo, dezembro 2012. Editora Bregantini, p. 12-18.

PORTELLA, Claudio; RANIERI, Gustavo. Manoel de Barros, 96 anos. **Revista da Cultura**, São Paulo, dezembro de 2012. Livraria Cultura.

MELO, Bianca Magela. Lirismo dos Dias - Aos 97 anos, Manoel de Barros mantém rotina de trabalho criativo e prepara novo livro de poemas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 8 de junho de 2013. Caderno Pensar, p. 1-3.

DOMINGOS, João. Palavras desconstruídas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 de novembro de 2014. Caderno 2, C6.

TÚLIO, Demitri. Conversa entre passarinhos. **O Povo**, Fortaleza, 14 de novembro de 2014. Caderno Manoel de Barros, p. 4.

Colaborações de Manoel de Barros para jornais e revistas (31)

BARROS, Manoel. Mano. **Boletim da Nhecolândia**, Corumbá, setembro de 1934.

BARROS, Manoel. Campinas Velha. **Boletim da Nhecolândia**, Corumbá, 1934. In: MAGALHÃES, Luiz Alfredo. Mato Grosso do Sul – Fazendas. Uma memória fotográfica. Editora Alvorada, Campo Grande, 2012.

BARROS, Manoel. O tordo. **Boletim da Nhecolândia**, Corumbá, janeiro de 1935, p. 4.

BARROS, Manoel. Olhos Parados. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1944. Revista do O Jornal, p. 3.

BARROS, Manoel. Canção da menina, com luar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1945. Revista do O Jornal, p. 3.

BARROS, Manoel. Três Poemas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 de março de 1953. Primeiro Caderno, p. 7.

BARROS, Manoel. Rua Mário de Andrade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1955. Primeiro Caderno, p. 8.

BARROS, Manoel. Mancha Distante. In: BRAGA, Rubem. **Manchete**, Rio de Janeiro, 24 de março de 1956. Em Foco, p. 58.

BARROS, Manoel. O Abstrato e o Concreto. **Correio do Estado**, Campo Grande, 2 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. O Abstrato e o Concreto. **Correio do Estado**, Campo Grande, 3 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 5 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 6 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 7 de junho de 1961, p. 3.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 9 de junho de 1961, p. 3.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 10 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 17 de junho de 1961, p. 2.

BARROS, Manoel. Viola de Côcho. **Correio do Estado**, Campo Grande, 20 de junho de 1961, p. 4.

BARROS, Manoel. Continho para a Maneira de Katharine Mansfield. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 24 de set. de 1961. Suplemento dominical, p. 5.

BARROS, Manoel. A boca. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 5 de nov. de 1961. Suplemento dominical, p. 5.

BARROS, Manoel. A volta. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 16 de nov. de 1961. Suplemento dominical, p. 8.

BARROS, Manoel. Duas poesias de Manoel de Barros. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 17 de fev. de 1963. Suplemento dominical, p. 3.

BARROS, Manoel. Do Pantanal: Loisa & Coisa. **Boletim do Fazendeiro**, Campo Grande, 2 de abril de 1981.

BARROS, Manoel. Os caramujos-flores. In: BRAGA, Rubem. A poesia é necessária. **Revista Nacional**, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1984, p. 2.

BARROS, Manoel. Abraço no poeta. Abraço no poeta. **Revista Nacional**, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1986, p. 2.

BARROS, Manoel. Paisagens de água e de árvores. **Veja Centro-Oeste**, São Paulo, 23 de out. de 1991, p. 6-10.

BARROS, Manoel. Como fiz um retrato de andarilho. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, janeiro de 1993. Biblioteca Nacional, p. 213-214.

BARROS, Manoel. Primeiro encontro com Rosa. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 11.

BARROS, Manoel. Carta ao Joel. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 21.

BARROS, Manoel. Descascar palavras. **Teyu'í**, Ponta Porã, abril de 1995, p. 22.

BARROS, Manoel. Brincação com as palavras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1997. Caderno B, p. 5.

BARROS, Manoel. Contravenção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1998. Caderno B, p. 10.